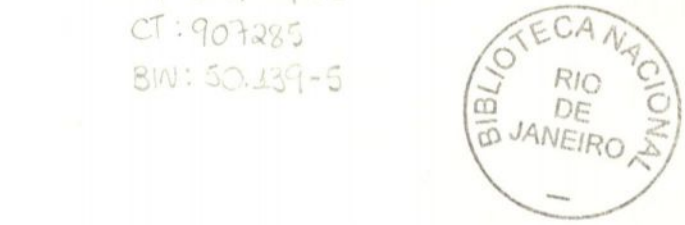
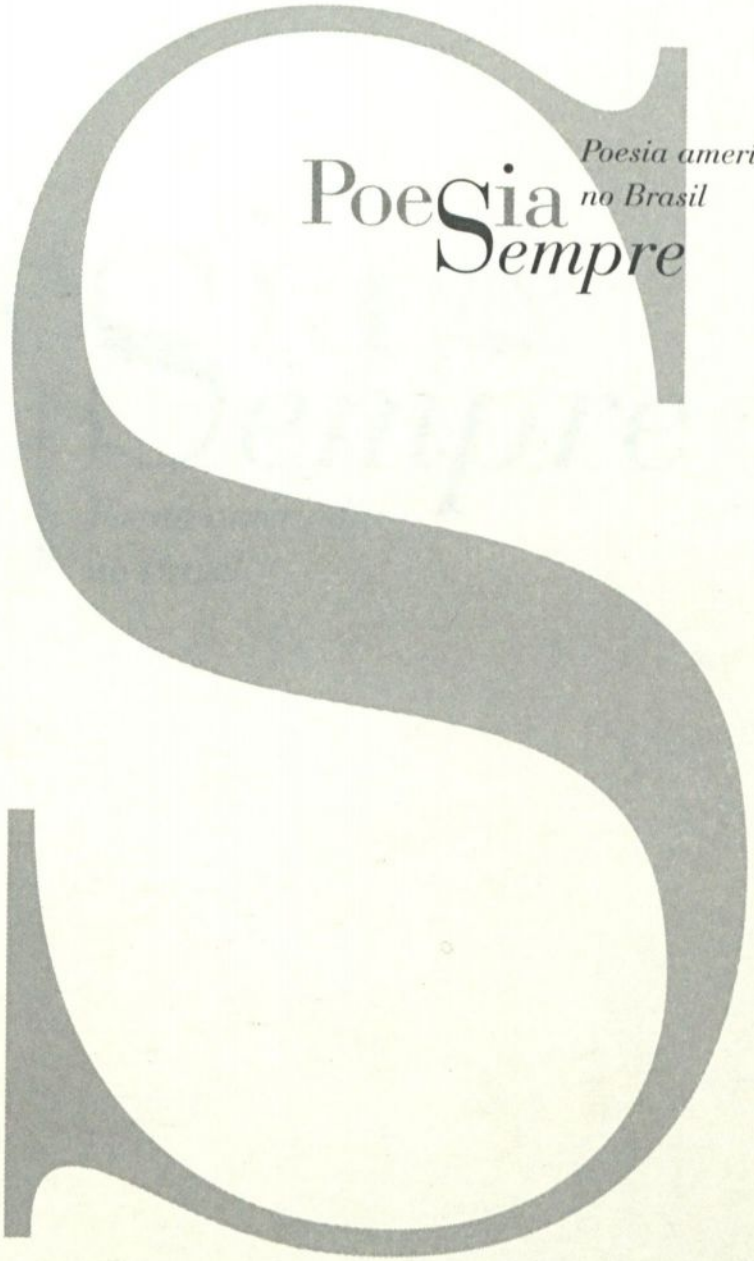
Poesia Sempre

Número 37 • Ano 19 / 2013

Poesia ameríndia no Brasil

1,502,01,23
CT: 907285
BIN: 50.139-5





Poesia Sempre

Poesia ameríndia no Brasil

PoeSia Sempre

Número 37

Ano 19 / 2013

Poesia ameríndia no Brasil

Rio de Janeiro

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Marta Suplicy

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente
Renato Lessa

Diretoria Executiva
Maristela Rangel

Centro de Pesquisa e Editoração
José Eisenberg

Coordenadoria de Editoração
Marcus Venicio Toledo Ribeiro

EDITORIAL

Editor
Afonso Henriques Neto

Editor Adjunto
Alberto Pucheu

Coordenação Editorial
Simone Muniz

Preparação de Originais
Francisco Madureira
Rosanne Pousada
Valéria Pinto

Pesquisa Iconográfica
Raquel Fabio

Projeto Gráfico Original
Victor Burton

Projeto Gráfico Adaptado
Adriana Moreno

Diagramação e Tratamento de Imagens
Eliane Alves
Joyce Braga

Digitalização de Imagens
Otávio Oliveira

Conselho Editorial
Alberto Pucheu
Adauto Novaes
Anderson Braga Horta
André Seffrin
Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Antonio Carlos Secchin
Carlos Lima
Claudio Willer
Cleber Teixeira (in memoriam)
Floriano Martins
Ivo Barroso
Sergio Cohn

Capa:
[Índio mura]. Desenho em nanquim. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, [17--].

Quarta capa:
[Artefatos indígenas: adornos 02]. Gravura. Coleção Comissão Científica de Exploração do Ceará, Seção Etnográfica, [1859-1861].

Orelhas:
Mata à margem do Rio Amazonas. In: *Tabulae physiognomicae Brasiliae regions*, de Carl Friedrich Philip von Martius, 1840.

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Sumário

Palavras iniciais | 7

ENSAIOS
Poéticas ameríndias | 9

Linjaguar: os ameríndios na literatura no Brasil
Sergio Cohn | 11

Desafios das poéticas ameríndias
Pedro de Niemeyer Cesarino | 27

Direitos autorais e culturas ameríndias: uma conversa com Carlos Fausto
Por José Eisenberg e Sergio Cohn | 35

TRÊS TEXTOS HISTÓRICOS | 43

***Resumo da história literária do Brasil* (1826)**
Ferdinand Denis | 45

***Ensaio sobre a história da literatura do Brasil* (1836)**
Domingos José Gonçalves de Magalhães | 79

***Bosquejo da história da poesia brasileira* (1841)**
Joaquim Norberto de Souza e Silva | 137

OS POETAS BRASILEIROS E OS TEMAS INDÍGENAS | 149

ENTREVISTA
Lúcia Sá
Realizada por Sergio Cohn | 249

TRADUÇÕES
Três poemas de John Keats | 257

RESENHAS | 267

***Wilmar Silva:* Estilhaços no lago de púrpura *e* Arranjos de pássaros e flores**
Claudio Willer | 269

A poesia de José Santiago Naud
Floriano Martins | 273

Palavras iniciais

Em prosseguimento à ideia de se perseguir o caminho inaugurado na edição anterior, dirigido à poesia no estado de Minas Gerais, de uma dedicação integral à poesia brasileira, o Conselho Editorial da revista *Poesia Sempre* percebeu a importância de se construir um número por inteiro voltado à poesia indígena em terras nacionais. Afinal, a tradição dos cantos ameríndios remonta a um longo tempo precedente ao descobrimento do país, quando se deu a consequente fixação da língua portuguesa entre nós. Neste ponto há que se colocar o antigo problema: sempre que se fala de uma história da poesia brasileira, o primeiro nome arrolado é o do padre José de Anchieta, uma vez que os cantos poéticos ameríndios, formulados oralmente nas várias línguas indígenas, não são considerados "poesia brasileira", ou seja, versos escritos em português. Portanto, este número da *Poesia Sempre* apresenta o viés, a meu ver corajoso, de propugnar pela inserção dos cantos ameríndios na história da poesia no Brasil.

Contudo, dificuldades relativas aos direitos autorais desde logo se tornaram graves problemas para nós. Os cantos ameríndios pertencem aos diferentes povos indígenas que, desde tempos imemoriais até a atualidade, os vêm tecendo por meio de incessantes mutações. Assim, para a publicação teria que haver uma complexa e extensa negociação entre a Fundação Biblioteca Nacional e as lideranças das várias etnias, o que inviabilizaria a presente edição. A saída encontrada foi a publicação de dois ensaios, de Sergio Cohn e de Pedro Cesarino, em torno da estrutura geral dessa poética, inclusive com a apresentação de importantes fragmentos dos cantos, seguida de uma entrevista com o antropólogo Carlos Fausto, quando se discute, entre outras coisas, o problema dos direitos autorais em relação aos indígenas.

Para complementar a seção dedicada aos cantos ameríndios, incluímos três textos de grande importância histórica. Em primeiro lugar, apresentamos, do livro *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, de Ferdinand Denis (Paris, 1826), o trecho que se refere à produção de uma poesia genuinamente brasileira, com cópia fotográfica do original ao lado da respectiva tradução. Esta é a primeira publicação a discorrer sobre a possibilidade de criação de uma nova poética brasileira a partir da força cultural de nossos índios. A seguir, junto com as transcrições atualizadas dos textos, reproduzimos o "Ensaio sobre a história da literatura do Brasil", de Domingos José Gonçalves de Magalhães, publicado em *Nitheroy: revista brasiliense, sciencias, letras e artes* no ano de 1936, e pequeno trecho do livro *Modulações poéticas, precedido*

de um bosquejo da história da poesia brasileira, de Joaquim Norberto de Souza e Silva, editado no Rio de Janeiro em 1841.

Logo após, organizamos uma coletânea de poemas sobre a temática indígena em língua portuguesa, a começar com Gregório de Matos na época barroca, passando pelos românticos até atingirmos os dias de hoje. Vale ressaltar que entre os poetas atuais estão índios que já escrevem em português e que revelam proximidade com o estilo poético encontrado de modo geral nos cantos ameríndios, ou seja, textos que guardam estreita ligação com o universo indígena. É necessário também dizer que insolúveis problemas relativos às cessões de direitos autorais não permitiram a publicação dos poemas modernistas de Raul Bopp, autor de *Cobra Norato*, onde encontramos referências aos índios brasileiros como nesta passagem:

> Pajé faz uma benzedura de destorcer
> [quebranto
>
> E depois fuma e defuma
> Fumaça de mucurana
> gervão com cipó-titica
> e favas de cumaru
>
> [...]
>
> — Compadre, vamos também
> [experimentar uma fumadinha?
>
> Pajé tonteou Se acocorou Foi-se
> [sumindo
> assobiando baixinho *fiu...fiu...fiu...*
>
> Então
> contrata o mato pra fazer mágica

de Cassiano Ricardo, autor de *Martim Cererê*, de onde retiramos:

> A onça pintada saltou tronco acima
> [que nem um relâmpago
> de rabo comprido e cabeça amarela:
> Zás!
> Mas uma flecha ainda mais rápida
> [que o relâmpago fez
> rolar ali mesmo
> Aquele matinal gatão elétrico e
> [bigodudo
> Que ficou estendido no chão feito um
> [fruto de cor
> que tivesse caído de uma árvore!

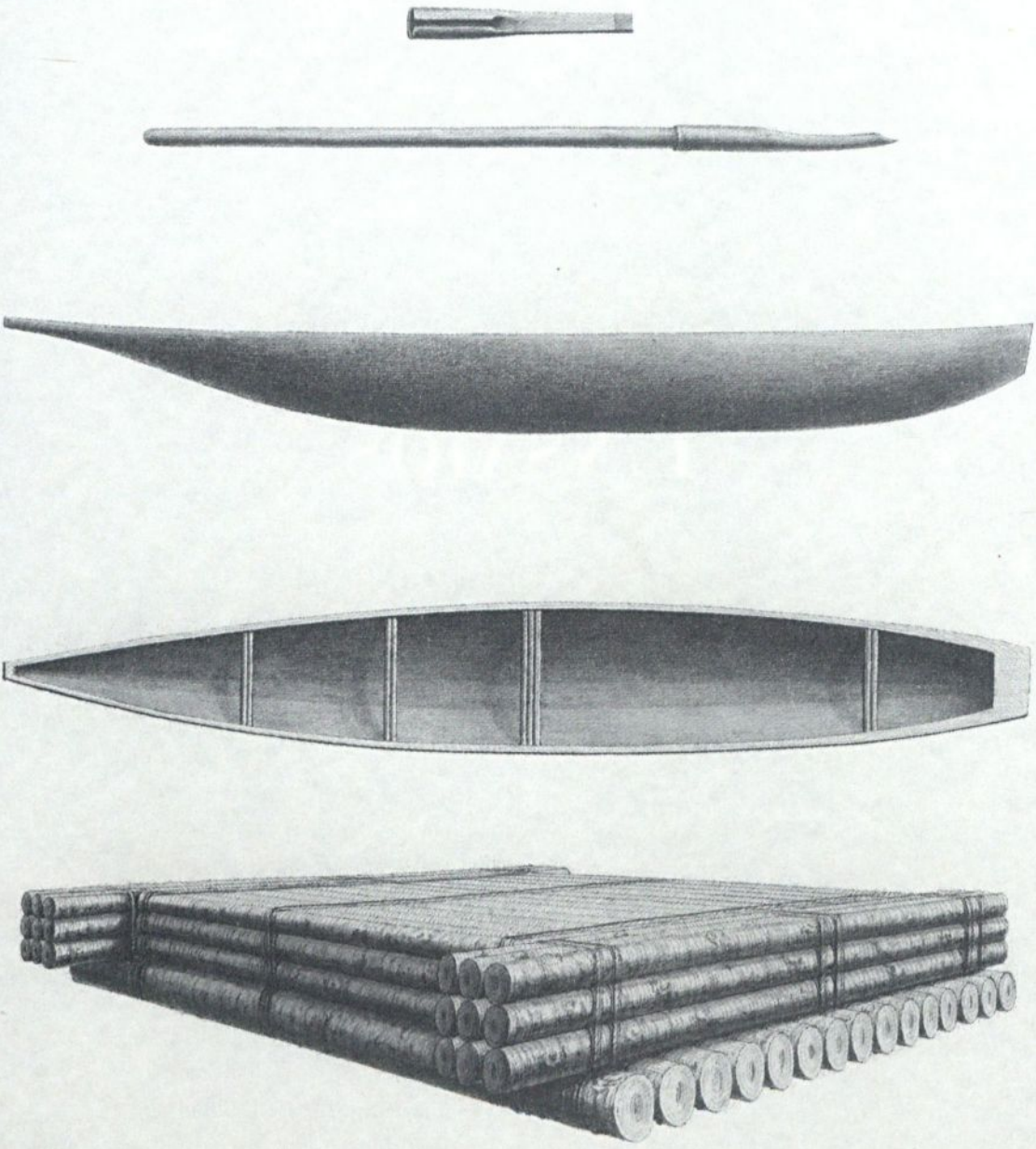
e de Oswald de Andrade.

Há que se destacar, ainda, a entrevista com a professora Lucia Sá, realizada por Sergio Cohn, quando variados temas relativos à cultura indígena são debatidos. Na parte referente à poesia traduzida, se mostram três conhecidos poemas do romântico inglês John Keats. Por fim, na seção de resenhas, Claudio Willer e Floriano Martins discorrem sobre as obras dos poetas Wilmar Silva e José Santiago Naud.

Afonso Henriques Neto

Ensaios

Poéticas ameríndias



[EMBARCAÇÃO INDÍGENA]. DESENHO EM NANQUIM. COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, [17--].

Linjaguar: os ameríndios na literatura no Brasil

Sergio Cohn

... estranho
– e muito –
o meu e teu
linjaguar
(Antonio Risério)

1

"Nós somos brasileiros, não somos guaranis". O lema de Joaquim Nabuco denuncia o confronto e muito explica da errática presença e absorção da cultura ameríndia na nossa literatura. Tirando alguns breves momentos – o primeiro romantismo, o modernismo da década de 1920 e começo da seguinte, alguns poucos autores de nossa contracultura e uma salutar retomada atual –, os índios brasileiros estiveram praticamente ausentes das manifestações literárias da nossa história.

É impressionante, para um país marcado pela forte presença dessas etnias, que o primeiro esforço sistemático de inserção de suas culturas na nossa literatura só tenha ocorrido no século XIX, estimulado pelo trabalho de um francês, Ferdinand Denis. É claro que os tupinambás podem ser encontrados nos relatos dos primeiros viajantes, como Jean de Léry, ainda no final do século XVI, ou na biografia do padre capuchinho Claude d'Abbeville, no começo do século seguinte. E os índios foram tema de alguns textos e poemas dos jesuítas ou de autores coloniais, como Gregório de Matos. Mas era uma presença efêmera.

Antes de Denis houve também um pequeno esboço de inserção do índio durante o arcadismo, nas Minas Gerais do fim do século XVIII, como bem relata Antonio Risério:

> Embora, ao contrário dos românticos, os árcades, como todos os seus companheiros "inconfidentes", não exibam nem o mais ligeiro ou simples sinal de simpatia por qualquer outro povo ou cultura que não seja de origem europeia, vamos encontrar no arcadismo traços lítero-nativistas que antecipam preocupações do romantismo. A figura do índio chegou a ser pensada ali, por Alvarenga Peixoto, como possível símbolo da luta da elite mineira contra o colonialismo. Nos limites de um esquematismo mistificador que seria retomado pelos românticos, concebeu-se a fabricação de um elemento "nativo" como precursor

do independentismo "inconfidente". Também o índio desfigurado e idealizado por Claudio Manoel da Costa vem para reforçar a tese de que o indianismo romântico foi um aprofundamento do indianismo árcade.

Minas Gerais, naquele fim do século XVIII, ainda era uma terra povoada por índios. Caso os árcades desejassem, poderiam ir atrás das fontes culturais dessas etnias sem problemas. Mas não o fizeram. Assim como os românticos, que tanto lamentariam que os primeiros missionários não colecionaram em seus tempos os textos tupis, mas também não se aventuraram em viagens ao interior do país, para colecionar eles próprios textos de outros povos. Continua Risério:

> A sensibilidade de Claudio Manoel, diante da sorte indígena, nunca passou de licença poética. Mesmo Tomás Antonio Gonzaga, que recriminou a violência da caça aos índios no período da conquista bandeirante do território mineiro, jamais se interessou pelos índios que foram seus coetâneos. E isto quando o "problema indígena" era um dado real da vida mineira, bastando lembrar que, ainda depois da morte de Claudio Manoel, um confuso João VI, já no Brasil com a família real, declarou guerra aos botocudos de Minas Gerais.

Se o interesse dos árcades era genérico, ele toma corpo mais específico com a publicação de *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, livro que Ferdinand Denis escreveu após uma estada no país, entre 1816 e 1819. Influenciado pelo nacionalismo que ganhava força no romantismo europeu, Denis defende traços de independência da literatura brasileira em relação à portuguesa, e fala pela primeira vez de uma poesia indígena, "essa poesia primitiva, jamais levada à escrita, e que nem por isso oferece menos belezas de primeira ordem".

O momento então é outro. A independência do Brasil havia se realizado e, dentro de um país novo, nada melhor que ideias nacionalistas que pudessem ajudar a consolidar sua identidade. Uma nação que se forma e começa a ganhar contornos novos pede, mais do que nunca, a afirmação de uma cultura própria. E então o espírito de época coincidiu perfeitamente com o momento do país. As ideias de Denis foram rapidamente repercutidas, inclusive em textos importantes, como o manifesto fundante de nosso romantismo, publicado por Gonçalves de Magalhães, o Visconde de Uruguai, na revista *Nitheroy*, em 1836. E, cinco anos depois, no *Bosquejo da história da poesia brasileira*, de Joaquim Norberto. Esses dois textos ecoam e tentam aprofundar, dentro do possível para a época, a ideia de uma literatura indígena, realizada a partir de seus cantos, e a presença do índio na literatura brasileira.

É principalmente com o texto de Gonçalves de Magalhães que surge o indianismo romântico do século XIX. Foi certamente o período mais forte e duradouro da presença do índio na nossa literatura: durou cerca de 50 anos e produziu em torno de 30 obras, algumas até hoje vistas como clássicas, como as *Poesias americanas* de Gonçalves Dias (1846), os romances de José de Alencar *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), e o poema épico de Gonçalves de Magalhães *A confederação dos Tamoios* (1856). Este último, embora seja hoje visto como

obra literária menor, por seus problemas estruturais e até por sua resolução excessivamente católica (embora o livro trate da confederação que entre 1554 e 1557 uniu tupinambás, goitacazes, guaianás e tamoios contra os invasores portugueses, de certa forma os jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega acabam sendo os heróis da história), repercutiu de tal forma na época que o imperador dom Pedro II o nomeou o "poema nacional" brasileiro.

Se Gonçalves de Magalhães é hoje visto como um poeta menor, Gonçalves Dias é um autor de inegável talento. Os poemas reunidos em *Poesias americanas* fazem um retrato bem informado pelos cronistas dos tupinambás, criando um olhar atento à cultura ameríndia. Como ressalta Lucia Sá,

> o uso que Gonçalves Dias faz das fontes coloniais vai muito além das descrições de rituais indígenas e traduções literárias do tupi utilizadas por José de Alencar. Gonçalves Dias incorpora em sua poesia vários dos gêneros mencionados pelos cronistas: jactância, sonhos xamânicos, canções para recém-nascidos. Além disso, exatamente como nos textos dos cronistas, seus poemas enfatizam a coragem e a belicosidade dos tupinambás e de seus inimigos, a qual, no entanto, tem sido atribuída pelos críticos a um mero desejo, por parte do poeta, de equiparar os indígenas brasileiros aos europeus medievais, como Alencar faria posteriormente.

Gonçalves Dias não é meritório apenas na boa interpretação dos textos dos cronistas. Seus poemas, como "Tabira", "I-Juca Pirama" e o épico inacabado "Os timbiras", impressionam também pela alta qualidade poética dos seus versos.

Entender o que significava o indianismo naquele momento é importante. A questão do índio na literatura ganhava tamanha relevância que Alexandre Herculano, pensador de grande penetração na época, ao saudar o aparecimento de Gonçalves Dias de *Primeiros cantos* como "a inspiração de um grande poeta", lamentou apenas a pequena quantidade de poemas indianistas no livro. O tema estava em voga, e precisava de um poeta de fôlego que o tirasse da teoria para a concreção de uma obra. Em 1875, Capistrano de Abreu escreveu que o indianismo é

> um dos primeiros pródromos visíveis do movimento que enfim culminou na independência: o sentimento de superioridade a Portugal. Efetivamente era necessária grave mudança nas condições da sociedade, para que a inspiração se voltasse para as florestas e íncolas primitivos, que até então evitara, mudança tanto mais grave quanto o indianismo foi muito geral para surgir de causas puramente individuais.

Um caso singular é Sousândrade. Nascido, assim como Gonçalves Dias, no Maranhão, o poeta também atentou, como outros contemporâneos românticos, para a existência de um texto criativo ameríndio, e aproveitou do lugar onde morava para ter um conhecimento direto da vida indígena. Sousândrade foi um dos primeiros poetas a dar atenção ao mito do Jurupari, que depois faria sucesso entre os autores modernos. Sobre esse interesse de Sousândrade às línguas indígenas, Augusto de Campos já observou que o poeta maranhense pré-enunciou e

incorporou à sua poesia a matriz do canto ameríndio, em passagens de textos como o "Taturema":

> – A grinalda teçamos
> Às cabeças de lua:
> *Oaca! Yací-lalá!*
> *Tatá-yrá*
> Glórias da carne crua!

Autores de maior e menor envergadura continuariam a trabalhar a temática indígena com alguma frequência, até a metade da década de 1880. Então, novamente o tema iria lentamente submergir, para só ser retomado mais de 40 anos depois, com os poetas modernos. Naquele momento, a situação já é outra. Os poetas modernos encontram um material mais extenso de cantos e mitos indígenas para trabalhar sobre, coletado por nomes como Theodor Koch-Grünberg e conde Ermanno Stradelli. Esses mitos foram algumas vezes coletados utilizando o que havia de mais avançado na tecnologia da época, como é o caso de Koch-Grünberg usando o fonógrafo para gravar os mitos de Makunaíma que posteriormente seriam recriados por Mário de Andrade.

Se os "Mitos e lendas dos índios Taulepangue e Arekuná", de Koch-Grünberg, onde se encontram os mitos de Makunaíma, só seriam publicados pela primeira vez em 1917, a lenda do Jurupari coletada por Stradelli, uma longa cosmogonia dos índios do rio Negro, já havia sido publicada em 1890. O Jurupari circulou pelos poetas modernistas principalmente através dos manuscritos das "Lendas em nheengatu e em português", de Brandão de Amorim, que foi colega de Stradelli no Museu Botânico de Manaus. Publicado apenas após a morte do autor, em 1926, o livro de Amorim virou referência entre todos os interessados em cultura amazônica, um grupo que incluía os poetas Mário de Andrade, Raul Bopp, Oswald de Andrade e Cassiano Ricardo.

O interesse no livro de Amorim estava no uso criativo e coloquial da linguagem, que tirava o caráter puramente documental dos relatos, e na incorporação do caráter lúdico das lendas. Lucia Sá faz uma bela análise da importância que os artifícios utilizados por Amorim iriam conquistar na nossa literatura:

> A repetição de sílabas junto aos verbos de movimento – uma influência do nheengatu – é um dos traços poéticos do linguajar amazônico popular que Amorim emprega com frequência, como podemos ver nos seguintes exemplos: "a pele dos peixes brilhabrilhava", do nheengatu oueráuerá; "elas nadanadavam", do nheengatu oytáuytá; "as mulheres boiaboiavam perto dele", do nheengatu opuápuámo; e assim por diante. Em todos esses casos, a natureza repetitiva e hesitante do movimento em questão é reforçada pelas sílabas duplicadas – um recurso poético muito econômico e eficaz, usado mais tarde por Raul Bopp em *Cobra Norato* e por Guimarães Rosa.

No fim da década de 1920, dois movimentos literários antagônicos surgem no modernismo paulista. De um lado, o verde-amarelo do Grupo Anta, formado por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado, com forte tendência nacionalista, e, de outro, a Antropofagia de Oswald de Andrade, Raul Bopp e Alcântara Machado, mais irreverente e internacionalista.

O Grupo Anta lança em 1929 o manifesto "Nhengaçu verde-amarelo" (o título já demonstra a importância da leitura de Amorim), no qual afirma que

> a descida dos tupis do planalto continental no rumo do Atlântico foi uma fatalidade histórica pré-cabralina, que preparou o ambiente para as entradas no sertão pelos aventureiros brancos desbravadores do oceano. A expulsão, feita pelo povo tapir, dos tapuias do litoral, significa bem, na história da América, a proclamação de direitos das raças e a negação de todos os preconceitos.

E continua:

> Os tupis desceram para serem absorvidos. Para se diluírem no sangue de gente nova. Para viver subjetivamente e transformar numa prodigiosa força a bondade do brasileiro e o seu grande sentimento de humanidade.

Dentro desse olhar verde-amarelo, sincrético e idealizado, Cassiano Ricardo iria publicar em 1931 um interessante livro de poemas, *Martim Cererê*, com influências de temáticas afro-brasileiras e ameríndias.

A escolha da anta como símbolo do grupo foi provavelmente também resultado das leituras da coletânea de Amorim. Em uma das histórias lá narradas, o personagem declara: "Somos Gente-Anta". Na briga entre os dois grupos, isso rendeu algumas boas *boutades*. Na *Revista de Antropofagia*, Oswald assinou mais de uma vez os textos com o pseudônimo de Poronominare, o trapaceiro matador de antas da mesma história. E contou também com o apoio de outros modernistas, como Tasso da Silveira, que escreveu um texto na revista *Festa* onde pergunta:

> A anta, por quê? Porque vara as florestas em linha reta, abrindo caminho, derrubando obstáculos sem nunca desviar-se, invencível na sua teimosia? Isso é cegueira e não inteligência. A inteligência vai por uma via sinuosa. Porque sabe para onde vai. Não avança nunca sem finalidade. Não dispersa inutilmente suas forças. Além disso, a anta é o mais inestético dos nossos animais. Disforme, deselegante, pesadona...

Por trás da ironia do texto de Tasso, a evidência dos conflitos que estavam a acontecer dentro do modernismo. O Grupo Anta seguia um caminho (em linha reta) para o conservadorismo, que chegaria ao integralismo de Plínio Salgado na década seguinte.

Foi a Antropofagia que conseguiu uma reflexão e uma obra de muito maior alcance, trabalhando com as mesmas bases de referência. O "Manifesto antropófago", publicado por Oswald de Andrade em 1928, é até hoje um dos grandes clássicos de nosso pensamento. Nele, defende Oswald:

> Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. *Tupy or not tupy, that is the question*. Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Se Oswald, para além do manifesto, não trabalharia em profundidade com a cultura ameríndia em seus poemas e textos em prosa, Raul Bopp publicou em 1931 o que talvez seja a mais bem acabada absorção da cultura ameríndia em nossa poesia: *Cobra Norato*. Bopp também se declara abertamente devedor da leitura de Amorim:

> Uma ocasião Alberto Andrade Queiroz mostrou-me trabalhos avulsos de Antonio Brandão Amorim, de um forte sabor indígena. Foi uma revelação. Eu não havia lido nada mais delicioso. Era um idioma novo. A linguagem tinha às vezes uma grandiosidade bíblica. Essas leituras me conduziram a um novo estado de sensibilidade. Alarguei instintivamente a visão que formava das coisas. Abeirei-me das falas rurais, de uma deliciosa formação sintática.

Cobra Norato é uma rapsódia sobre a Amazônia, que utiliza um personagem bastante popular das histórias locais, mas que não se encontra de forma substancial na coletânea de Amorim. Provavelmente, Bopp ouviu a história pessoalmente, nas suas viagens por lá. Como ele mesmo relata,

> a maior volta ao mundo que eu dei foi na Amazônia. Canoa de vela. Pé no chão ouvindo aquelas Mil e uma noites tapuias. Febre e cachaça. O mato e as estrelas conversando em voz baixa. Para mim o livro vale como a tragédia da maleita, cocaína amazônica. Eu quero é a filha da rainha Luiza. Obsessão sexual. Druídica. Esotérica. Tem o ar de um livro de criança. Quente e colorido. Mas no fundo representa a minha tragédia de febres.

De qualquer forma, Bopp conseguiu absorver de maneira exemplar as estruturas e sabores das narrativas ameríndias. Como declarou Oswald de Andrade,

> em *Cobra Norato*, pela primeira vez, se realizou a poesia brasileira grandiosa e sem fraude. Bopp fez o que Gonçalves Dias não conseguiu e o que mais de um modernista, viciado nos conchavos eleitorais do talento, teima em fracassar. Aventura perigosa de trazer o Brasil nos dentes. E portanto aventura de alto sentido. Bopp a realizou.

Infelizmente, a partir do começo da década de 1930, novamente o Brasil volta as costas para os seus territórios "selvagens", e busca inspiração na contemporaneidade dos europeus. Com os projetos desenvolvimentistas do Estado Novo, não interessava mais a busca de um "Brasil profundo", mas cantar o urbano cotidiano das cidades que se modernizavam (ou a nostalgia rural dos trabalhadores que para ela migravam). Com isso, o interesse pelas culturas ameríndias e afro-brasileiras que estava ganhando corpo no modernismo é deixado para trás. Os índios iriam praticamente desaparecer da nossa literatura, a não ser em algumas narrativas dispersas (e de grande qualidade), como o "Meu tio o Iauaretê", de Guimarães Rosa, *Maira*, de Darcy Ribeiro, e *Quarup*, de Antonio Callado.

Na poesia, um caso interessante da segunda metade do século XX, como lembra Claudio Willer em ensaio recente ("O valor poético"), é Manoel de Barros,

na sua releitura e invenção a partir dos guatós e kadiweus, como é o caso do poema "Inutensílios de Aniceto", que possui a seguinte nota de rodapé:

> Estes inutensílios foram colhidos entre os mitos cadiuéus, narrados pelo professor Darcy Ribeiro. Resguardando-se petulância e distância, exercitou-se aqui a moda posta em prática por Eliot incorporando à sua obra versos de Shakespeare, Dante, Baudelaire. E o que fez um pouco James Joyce aproveitando-se de Homero. E ainda o que fez Homero aproveitando-se dos rapsodos gregos.
>
> Ai pobres cadiuéus! Esse bugre Aniceto aí em cima é que vai perpetuar vocês? Nem xum.

– O homem deixou o filho num cisco
[e saiu de
a pé comendo fruta do mato
Tem certidão desse homem por tudo
[quanto
é vereda
Tem tapera e osso de caititu por tudo
[quanto
é lugar.

[...]

– Todas as coisas têm serventia
[sinimbus arvoredos
[...]
de noite os passarinhos não têm onde
[descansar.
– As nações já tinham casa, máquina
[de fazer pano,
de fazer enxada, fuzil etc
Foi uma criançada mexeu na tampa
[do vento.
Isso que destelhou as nações.

Duas outras exceções iriam surgir a partir da nossa contracultura: Gramiro de Matos e Roberto Piva. O primeiro surgiu em 1972, com o livro *Urubu rei*. No ano seguinte, publicou *Os morcegos estão comendo os mamãos maduros*. Ao seu nome real (Ramiro Matos), incluiu um "G" e o "de", como explica, "por encantamento de Gregório de Matos poeta y cae-cancioneiro lembruxas de mediekabala velha baía lu'ervilhas dos deuses navivos". A experimentação formal é o marco da sua prosa poética, altamente fragmentária, que mistura a influência de Guimarães Rosa, Sousândrade e James Joyce com a busca de uma absorção das estruturas narrativas e linguísticas ameríndias. Os seus livros, hoje pouco conhecidos, tiveram ampla repercussão crítica na época, por nomes do porte de Silviano Santiago, que escreveu:

> em Gramiro o uso de tupi-guarani forma o arcabouço ideológico e linguístico do livro, na medida em que é de capital importância para ele o aproveitamento de lendas indígenas *no original* (e desde já *Urubu Rei* fica à espera do seu Cavalcanti Proença). Sobressai do todo o extraordinário capítulo intitulado e traduzido "Mai Pituna Oiuquau ãna/ Quando a noite apareceu", não só pela mistura homogênea dos textos em tupi e português, mas porque fez com que a língua portuguesa se conformasse sintaticamente ao tupi, dentro do que se poderia chamar uma tradução literal. Seu projeto se instala, pois, como antípoda das realizações, por exemplo, de José de Anchieta, no seu teatro catequético, onde também houve a mistura das línguas.

Roberto Piva é um caso à parte. Mais conhecido por seus primeiros livros, como *Paranoia*, onde fez uma renovação do nosso melhor modernismo urbano ao fazer uma leitura delirante de São Paulo, dialogando com a poesia beat e o surrealismo, Piva, a partir da década de 1980, começou uma pesquisa bastante fértil sobre cantos ameríndios, criando poemas de grande beleza nessa temática. São poemas marcados pela liberdade e sensibilidade do poeta, interessado então em cantos xamânicos, mas que merecem um estudo mais aprofundado pela capacidade que tiveram em absorver as imagens e estruturas (como o paralelismo) dos cantos ameríndios brasileiros. Piva mesmo declara que o seu interesse no xamanismo está marcado pela liberdade expressiva possível dentro do tema:

> Meu relacionamento é com o xamanismo, que é uma religião de poesia, não de teologia. De certa forma, até o candomblé é uma religião organizada. E o xamanismo, você pode realizar em qualquer parte, dentro de um trem, dentro de um ônibus. Você tem uma relação não organizada com o sagrado.

2

A partir da segunda metade da década de 1980, começa a surgir no Brasil um trabalho de valorização da literatura ameríndia, através de traduções qualificadas, muitas vezes realizadas em parceria com membros das etnias, de seus cantos e narrativas. Essas traduções, ao contrário dos esforços anteriores realizados por etnólogos, buscam manter as particularidades literárias e formais dos originais, e não apenas realizar uma versão literal dos seus conteúdos. Realizadas muitas vezes por poetas, com amplo domínio da linguagem, enfrentam os difíceis desafios de trabalhar com termos irredutíveis para a tradução, contextos muito diversos da nossa cultura e a redução para a linguagem escrita de expressões que no seu original utilizavam também do canto, da performance e de ferramentas visuais, entre outras.

Se pensarmos que o Brasil possui ao menos 180 línguas indígenas, e que ainda é escasso o trabalho de afirmação da literatura desses povos (os exemplos anteriores são poucos, como os já citados mitos do Jurupari e Makunaíma, e o "Rã Txa Huni Kui", as narrativas kaxinawá coletadas por Capistrano de Abreu, além da "Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro"), a publicação de diversos livros sobre os cantos ameríndios nos últimos 20 anos é salutar, e digna de um estudo mais alentado. Por enquanto, fazemos uma breve apresentação de alguns dos principais volumes lançados, e o esboço de algumas questões que eles apresentam.

Em 1993, Antonio Risério publicou *Textos e tribos*, livro seminal sobre o tema. Reunião de ensaios sobre literatura ameríndia e afro-brasileira, a edição foi assim saudada pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro:

> O que se encontrará nestas páginas alegremente veementes, cheias de um salubérrimo desrespeito às verdades adquiridas, é essencialmente um programa. Em primeiro lugar, convida-se a uma re-visão da literatura brasileira a partir de uma de suas exclusões constitutivas, a da alteridade poética dos índios e africanos, reduzidos a pretexto em detrimento de texto. Defende-se, em seguida, uma aliança entre

etnografia e poesia, que avance além do necessário mas insuficiente ataque antropológico – onde o texto é geralmente subordinado ao contexto –, em direção a uma retomada propriamente poética das textualidades extraocidentais (e o autor nos dá alguns bons exemplos de como fazê-lo). Propõe-se, sobretudo, uma presentificação desta palavra alheia, tradicionalmente neutralizada por sua remissão a um passado histórico (alegorização do índio quinhentista) ou simbólico (folclorização das tradições negras e ameríndias). E se indicam, por fim, os rumos de uma análise dos procedimentos específicos de cada uma destas muitas poéticas, capaz de apreciar as lições que ali se encontram para os problemas universais da expressão criativa humana.

Textos e tribos traz, além dos ensaios, uma versão do "Canto da castanheira", cantado pelo pajé araweté Kãñipayero e originalmente publicado no livro *Araweté: os deuses canibais*, de Eduardo Viveiros de Castro. A tradução do canto foi retrabalhada por Antonio Risério, que ressalta:

> É claro que não falo araweté. O que o leitor vai ler é, fundamentalmente, a versão de Viveiros. Fiz algumas alterações, abrasileirando os nomes dos personagens (em função tanto do "estranhamento" quanto do estrato sonoro do texto), enxugando algumas frases, procurando acumular determinados grupos fonéticos (nasais, por exemplo), etc, mas sem arriscar muito no jogo.

O "Canto da castanheira", na versão de Risério, foi um dos primeiros exercícios de divulgação para um público amplo e não-especialista de tradução de cantos ameríndios:

> Nai dai dai
> Por que você empluma a grande
> [castanheira?
> Por que os Maí emplumam a grande
> [castanheira, Modidaro?
> Por que os Maí solteiros emplumam a
> [face da castanheira?
> Eis aqui os Maí, Ararinhano,
> [emplumando a face da
> castanheira.
> Eis aqui os Maí emplumando a
> [grande castanheira.
> Nai dai daí
> Kadine-kanhí
> Aqui aqui os Maí, emplumando a
> [face da castanheira.
> Por que fazem assim os Maí –
> Kadine-kanhí – emplumando a
> [grande castanheira?
> Aqui aqui os Maí – Kadine-kanhí –
> [emplumando a face da
> [castanheira, aqui aqui os Maí.

Quatro anos depois, Antonio Risério editou, em parceria com Roberto Pinho, a revista *Invenção do Brasil*, uma publicação do Museu Aberto do Descobrimento. Nela, incluiu traduções de *tólo* kuikúros, realizadas pela linguista Bruna Franchetto, em um ensaio com o belo nome de "Diga cantando o que não pode ser dito falando". Como afirma Bruna, "a palavra *tólo* na língua kuikúro significa 'canto' e 'pássaro'. Assim os cantos voam, ou melhor, são feitos para voar". A edição desses poucos cantos kuikúros, de grande beleza, é significativa de um dos procedimentos adotados desde então para a publicação de cantos

ameríndios: conhecimento da língua, relação direta com membros da etnia, através de longos trabalhos de campo, e ampla contextualização.

Essa contextualização muitas vezes é fundamental. Sem ela, perdemos a compreensão de alguns termos ou versos das traduções. Um exemplo está nos cantos reproduzidos abaixo. Em seu texto, Bruna Franchetto conta que

> muitos dos cantos *tólo* têm como tema sentimentos ligados às paixões clandestinas dos *adyó*, "amantes". É a melancolia da saudade, é o impulso para a fuga. As relações extraconjugais formam uma complexa rede de trocas: sexo feminino versus "presentes" e "pagamentos" masculinos ("a vagina é cara e querida"). Os bens adquiridos pelas mulheres em seus encontros amorosos são, em seguida, imediatamente colocados em circulação numa espécie de mercado ritualizado, o *uluki*, exclusivamente feminino. O homem, personagem do último canto, pede a sua ansiosa *adyó* para que espere ele se fazer bonito; só depois ela poderá "queimá-lo", ou seja, fazer sexo com ele. Se o penis "fura" a vagina, ele é, por sua vez, "queimado" por ela:

Que nasçam asas em nós
para aportar atrás da beira d'água
irei feita beija-flor

Não podes ficar aqui
para namorarmos
leve-me contigo
vamos para tua aldeia

"Vou contigo"
disse-me a mulher
de canoa ela se foi
na nossa frente

Lá, em Aitolóu
sentirei saudade de ti
lá, na terra dos bakairí
sentirei saudade de ti
Sim, vamos botar nossos colares
só depois você poderá me queimar
espere
quero banhar-me
quero pintar-me
só depois você poderá me queimar
não agora
sim, vamos botar nossos colares
só depois de enfeitar-me com meu
[colar.

Os trabalhos pioneiros de Bruna e Risério trouxeram frutos, e um paradigma de como tratar os cantos e as narrativas ameríndias se criou. A virada do século trouxe um aumento de iniciativas de traduções de cantos e narrativas ameríndias, em edições muito bem cuidadas e na maioria das vezes seguindo o mesmo modelo de relação direta com as etnias, contextualização ampla e conhecimento da língua. É o caso dos dois livros de cantos maxakalis organizados por Rosângela de Tugny, *Cantos e histórias do gavião-espírito* e *Cantos e histórias do morcego-espírito e do Hemex*, publicados em 2009. Neles, além da contextualização em ensaios sobre a etnia maxakali e em notas específicas, a reprodução de desenhos originais dos índios (entre eles, dos animais citados nos cantos, muitas vezes desconhecidos dos leitores) e a inclusão de DVDs com as gravações dos cantos possibilitam uma maior compreensão dos cantos editados. As centenas de cantos maxakalis traduzidos por Rosângela, que se enfeixam em narrativas, utilizam de

diversos procedimentos sonoros e formais, como o paralelismo e o uso de fonemas não-semantizados, como é o caso de "Japu":

penas negras penas negras penas
[negras
cauda púrpura cauda púrpura cauda
[púrpura
olhos azuis olhos azuis olhos azuis
bico branco bico branco bico branco

muita saudade
seu canto triste traz saudade

penas negras penas negras penas
[negras
cauda púrpura cauda púrpura cauda
[púrpura
olhos azuis olhos azuis olhos azuis
bico branco bico branco bico branco

muita saudade
seu canto triste traz saudade

diac haa

Rosângela de Tugny adotou outro procedimento comum nos diversos trabalhos de tradução de cantos ameríndios que estão vindo a público: a manutenção de termos originais. Segundo ela,

> após alguns ensaios, optamos por manter uma série de termos na língua original. Geralmente, são os termos que remetem aos povos-espíritos. Traduzi-los seria propor aos leitores uma solução de facilidade que negaria e estas subjetividades o que elas possuem de irredutível. Mas também mantivemos termos que sempre me pareceram muito marcados na expressão dos Tikmun'un [maxakalis] quando eles falam português.

Um glossário foi incluído no final dos volumes, para possibilitar uma compreensão do leitor.

Mas não foi apenas Rosângela de Tugny que decidiu por incluir outras linguagens que não apenas a escrita nos livros de cantos ameríndios. O volume *Kosmofonia mbya guarani*, organizado por Douglas Diegues e Guillermo Sequera em 2006, traz um CD com os cantos. E os livros organizados por Pedro Cesarino sobre cantos e narrativas marubo, *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia* (2011) e *Quando a terra deixou de falar* (2013), são enriquecidos com uma série de desenhos originais dos marubos. *Kosmofonia*, como o nome indica, traz a tradução de cantos mbya guaranis, com forte preocupação ao aspecto sonoro. O paralelismo de certos cantos os aproxima de mantras:

Viemos aqui nos alegrar
Viemos aqui nos deliciar
Vamos todos nos maravilhar
Viemos aqui nos encantar

Viemos aqui nos alegrar
Vamos todos nos maravilhar
Viemos aqui nos encantar
Viemos aqui nos deliciar

Viemos nos alegrar

O menino cor de palmeira cor de
[sol resplandecente – o menino
[cor de folhagem morena
[brilhante – vai fazer você
[chorar

Viemos aqui nos encantar
Viemos aqui nos maravilhar

Viemos aqui nos deliciar

O menino cor de palmeira cor de
[sol resplandecente – o menino
[cor de folhagem morena
[brilhante – vai fazer você
[sofrer

Viemos aqui nos alegrar

O menino cor de palmeira cor de
[sol resplandecente – o menino
[cor de folhagem morena
[brilhante – vai fazer você se
[decepcionar

Já os textos marubos coletados por Pedro Cesarino impressionam pelo perspectivismo. Como Cesarino explicou em entrevista recente, para os marubo os cantos tem função diplomática, mediando a relação com o ambiente ao redor:

> A floresta, as árvores, os animais, todos eles têm seu próprio ponto de vista. A humanidade está distribuída. Para eles, uma sucuri pode ser gente e uma multidão de araras pode ser um monte de espíritos de povos do ar. O rio, por exemplo, não é apenas um reservatório de água, é a morada em que vive o povo subaquático:

É assim, escute.
Serpente-espírito, jaboti, espírito,
[Jaboti Branco,
Toda essa gente vive junta para
[crescer,
Assim é esta gente invisível, serpente-
[espírito, grande sucuri-espírito,
Toda essa gente vive junta para criar
[seus filhos,
Fazendo crianças, ali mesmo onde a
[criança nasce,
Ela por si mesma cresce pensante,
[por si mesma já fala como
gente velha.
Vão crescendo, por si mesmas
[cantam, vão imitando cantos,
Os soprocantos, crescem pensando
[nos soprocantos,
Mas são crianças, são mesmo
[crianças.

Um caso a parte é o livro *Roça barroca*, de Josely Vianna Baptista, onde ela retrabalha os cantos mbya guarani coletados pelo paraguaio León Cadogan nos anos 1940, e publicados originalmente em 1959, em *Ayvu rapyta*. Esses cantos já haviam sido vertidos para o francês por Pierre Clastres, em 1974, no livro *Le grand parler*, que só foi publicado no Brasil em 1990, com tradução de Nícia Adam Bonatti e o título de *A fala sagrada*. Como diz Clastres no prefácio ao volume,

> As Belas Palavras: assim os índios guarani denominam as palavras que lhes servem para se dirigir a seus deuses. Bela linguagem, fala sagrada, agradável ao ouvido dos divinos, que se consideram dignas de si. Rigor de sua beleza na boca dos sacerdotes inspirados que as pronunciam; embriaguez de sua grandeza no coração dos homens e das mulheres que os escutam. Essas *ñe ë porá*, essas Belas Palavras, ecoam ainda nos lugares mais secretos da floresta que, desde sempre, abriga aqueles que, autonomeando-se, *Ava*, os Homens, se afirmam assim depositários absolutos do humano.

A comparação da tradução de um trecho do primeiro canto do livro, sobre o colibri, entre Clastrers-Bonatti e Vianna

Baptista, pode nos mostrar o tratamento apurado que as versões dos cantos ameríndios têm recebido atualmente:

Nosso pai, o último, nosso pai, o
[primeiro,
fez com que seu próprio corpo
[surgisse
da noite originária.

A divina planta dos pés,
o pequeno traseiro redondo:
no coração da noite originária
ele os desdobra, desdobrando-se.

Divino espelho do saber das coisas,
compreensão divina de toda coisa,
divinas palmas das mãos,
palmas divinas de ramagens floridas:

ele os desdobra, desdobrando a si
[mesmo, Ñamandu,
no coração da noite originária.

No cimo da cabeça divina
as flores, as plumas que a coroam,
são gotas de orvalho.
Entre as flores, entre as plumas da
[coroa divina,
o pássaro originário, Maino, o colibri,
esvoaça, adeja.
(Clastres-Bonatti)

Nosso primeiro Pai, sumo, supremo,
a sós foi desdobrando a si mesmo
do caos obscuro do começo.

As celestes plantas dos pés,
o breve arco do assento,
a sós foi desdobrando, ereto,
do caos obscuro do começo.

O lume de seus olhos-de-céu,
os divinos ouvidos,
as palmas celestes arvorando o cetro,
as mãos celestes com os brotos
floridos
abriu Ñamandauí, desabrochando
do caos obscuro do começo.

Sobre a fronte do deus
as flores do cocar
– olhos de orvalho
entre as corolas do cocar sagrado
o Colibri, pássaro original,
pairava, esvoaçante.
(Vianna Baptista)

Essas diversas edições de cantos ameríndios, realizadas com apuro, conquistaram reconhecimento crítico – inclusive prêmios literários. Mas ainda estão distantes do conhecimento de um público mais amplo, mesmo entre os leitores habituais de poesia. Exercícios de aproximação estão ocorrendo nos últimos anos. Em 2012, Max de Carvalho publicou uma ampla antologia de poesia brasileira na França, denominada *Le poésie du Brésil*, onde inclui algumas narrativas orais do Xingu, recolhidas durante os séculos XVI, XIX e XX. E no ano seguinte, realizei uma antologia de dez volumes de poesia brasileira, *Poesia.br*, com um dos volumes dedicado aos cantos ameríndios. Nos dois casos, a busca de um diálogo entre esses cantos e a poesia brasileira, colocando-os em pé de igualdade com autores consagrados, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, e contemporâneos.

A antologia *Poesia.br* trouxe, além da seleção de alguns cantos de livros de Risério, Josely Vianna, Douglas Diegues e outros, traduções inéditas. É o caso dos cantos kashinawá traduzidos por Daniel Bueno em parceria com diversos membros da etnia, e a tradução de Sergio Medeiros para um canto bororo. Sergio Medeiros

organizou em 2002 o importante volume *Makunaíma e Jurupari: cosmogonias ameríndias*, com ensaios e novas traduções das narrativas, realizadas por Aurora Fornoni Bernardini (Jurupari) e Henrique Roenick (Makunaíma). Para o *Poesia.br*, retrabalhou o "Canto da anta", presente na *Enciclopédia bororo*:

[...]
Voz das antas:
Sou a anta: meu choro está nas cores
[do caçador.
Sou a anta: meu choro está no enfeite
[do caçador.
Sou a anta: meu choro está nas cores
[vermelhas do caçador.
Sou a anta: meu choro está na branca
[penugem do caçador.
Sou a anta: meu choro está na pena
[do caçador.
Sou a anta: meu choro está na coroa
[do caçador.
Sou a anta: meu choro está nos
[cabelos presos do caçador.

As flechas dele são tão belas como
[um dourado.
As flechas dele são tão belas como
[uma flor.
As flechas dele são tão belas como
[uma arara.
As flechas dele são tão belas como
[um gavião.
As flechas dele são tão belas como
[um gavião.
As flechas dele são tão fatais como
[uma cascavel.
As flechas dele são tão belas como
[um gavião.
[...]

Uma questão apresenta-se sempre que se trata de publicar cantos ameríndios: Deve-se buscar sempre a contextualização? Nas duas antologias supracitadas, estas não ocorreram. E há motivos para isso. Segundo Max de Carvalho, "a poesia faz suas próprias leis". A contextualização de poemas de qualquer literatura não é automática. Ou a exigência de explicitar-se o contexto se generaliza ou se cria uma diferença artificial entre os cantos ameríndios a os poemas da literatura brasileira corrente. Em segundo lugar, oferecer diretamente ao leitor a fluência do texto, sem a obrigação de passar por vastos ensaios introdutórios e explicativos, é importante para a construção de um diálogo mais amplo entre as culturas envolvidas.

3

Em 2013, se comemorou os dez anos do I Encontro de Escritores Indígenas, reunindo nomes como Daniel Munduruku, Graça Graúna e Eliane Potiguara. Esses escritores indígenas contemporâneos estão criando uma linguagem própria, livre, lidando com as suas tradições e também com uma relação aberta com as outras culturas. E, dentro de uma tendência importante, sem necessitar de intermediários, tradutores, antropólogos ou acadêmicos para isso. São autores de grande qualidade e importância. Mergulhar em suas obras permite não apenas uma maior compreensão sobre as suas etnias, mas também sobre os desafios que estão enfrentando atualmente.

O surgimento de escritores indígenas, de traduções qualificadas de cantos e narrativas ameríndias e de livros que se relacionam com essas culturas é muito salutar. Essa reconquista da importância dos povos da floresta na cultura brasileira, não apenas na literatura, mas nas suas diversas manifestações, é um

fato novo, e que precisa ser atentado. A importância disso não pode ser medida: como registro e afirmação – especialmente num momento político em que os direitos indígenas conquistados durante a Constituição de 1988 são colocados em risco pelas políticas governamentais – e também como potência de transformação da nossa própria cultura, tão domesticada no urbano cotidiano. Já lembrava Ezra Pound que todo período de grande invenção foi precedido de um tempo de trocas culturais, ou seja, de contato com o alheio que permite que a cultura respire e se reinvente.

Desafios das poéticas ameríndias

Pedro de Niemeyer Cesarino

Esquece-se com frequência que o Brasil é um dos países com a maior diversidade linguística do mundo, pois aqui se fala grande parte das línguas ameríndias existentes (274, segundo censo recente do IBGE).[1] Pouco conhecidas para além dos círculos restritos de linguistas e etnólogos, tais línguas se dividem em dois grandes troncos (Tupi e Macro-Jê), dez outras famílias (Tukano, Pano, Karib e Arawak, entre outras menores) e várias línguas isoladas. Esse panorama bastante vasto indica o tamanho do desafio de compreensão das línguas ameríndias e de seus universos criativos. Afinal, trata-se de um desconhecimento que ultrapassa o mero aspecto comunicacional, uma vez que cada língua implica em um mundo e suas formas de expressão, tais como aquelas relacionadas às poéticas da palavra. Apresento aqui algumas de suas direções principais, visto que merecem mais atenção dos interessados por outras formas de concepção da linguagem poética.

Há toda uma variedade de modos pelos quais essas poéticas se exprimem. Eles possuem uma série de traços distintivos, muito embora não sejam isolados uns dos outros e se articulem através de relações interverbais constantes. São comuns os cantos envolvidos em sistemas de cura ou em outras formas de ação ritual relacionadas ao xamanismo, notáveis nas artes verbais de povos como os falantes de línguas tukano (Alto Rio Negro), pano (Amazônia ocidental) e arawak (diversas regiões da Amazônia), entre outros.[2] Esses cantos costumam

[1] Dados sobre o número de línguas divergem. O censo mais recente do IBGE fala em 274, mas até pouco tempo atrás a referência aceita por linguistas era de aproximadamente 150. Para o censo do IBGE, veja http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1 (acesso em 10/12/2012). Para uma apresentação linguística, consulte FRANCHETTO, Bruna, "O trabalho dos linguistas", 2008 (disponível em http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/o-trabalho-dos-linguistas, acesso em 10/12/2012). A autora observa que apenas cerca de 20 línguas possuem descrições mais completas, ainda que quase uma centena tenha sido objeto de estudos linguísticos mais ou menos bem elaborados.

[2] Exemplos de cantos de cura referentes a povos pano podem ser encontrados em um artigo de Graham Townsley sobre o xamanismo dos Yaminawa ("Song paths: the ways and means of Yaminawa shamanic knowledge". *L'Homme*, 1993, nº 126-8, p. 449-468), no

ser marcados pelo aprendizado rigoroso de uma linguagem ritual constituída por metáforas, fórmulas fixas, léxicos especiais, enunciações polifônicas complexas e outras características. Ao longo de sua execução, um pajé pode convocar a ajuda de espíritos auxiliares ou de determinados agenciamentos responsáveis pela cura de um doente: daí a presença de imperativos e da cadência encantatória notável nesses cantos que, com frequência, são bastante extensos e de difícil tradução. Veja a seguinte estrofe de um canto de cura dos Marubo (falantes de pano da Amazônia ocidental), na qual um pajé rezador busca restabelecer a leveza em seu paciente:

1. vari tawa shataki
mĩki shata keviai
vari chapo shataki
mĩki shata keviai
5. shokô moshô shataki
mĩki shata keviai
mapo shakĩ tiomai
shata kova ipaki
venẽ kaya tiomai
10. shata kova ipawẽ!
meta shata apawẽ!
shata mane ipawẽ!
shata navetsenãki
shakĩ shata apaki
15. shata txĩshã ipawẽ!
shakĩ ewe awãi
pae wení nonĩsho
shata navetsenãki
shakĩ shata apawẽ!
20. shata txĩshã apawẽ!
vene teke tiomai
shata kova ipawẽ!
shata tani ipawẽ!

leve taboca-sol
por ti leve chamo
leve gavião-sol[3]
por ti leve chamo
leve envira-descamar
por ti leve chamo
por dentro da cabeça
leve descendo lave
pelo corpo do homem
leve lavando desça!
o braço leve deixe!
leve vertendo desça!
leve se alastrando
leve o ventre fica
leve pelas costas desça!
do ventre peso tirando
a droga embora foi
leve mesmo alastrando
pelo ventre leve vá!
pelas costas leve vá!
pela perna do homem
leve lavando desça!
leve pelos pés desça![4]

Esse fragmento extraído de um original composto por mais de dois mil versos é um bom exemplo do que, entre os etnólogos, costuma ser

trabalho de Pierre Déléage sobre o xamanismo Sharanawa (*Le chant de l'anaconda: l'apprentissage du chamanisme chez les Sharanahua, Amazonie occidentale*. Nanterre: Société d'Ethnologie, 2009.) e em meu trabalho sobre os Marubo (CESARINO, Pedro. *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2011), entre outros. Para o caso tukano, o interessado pode se reportar ao trabalho de Dominique Buchillet ("Nobody is there to hear". In LANGDON, J. & BAER, G. (Org.). *Portals of Power*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997. p. 211-231.).

3 Uma hárpia grande.

4 Tradução de Pedro Cesarino. Versão original integral publicada em CESARINO, Pedro de Niemeyer. *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp. p. 232 e seg.

chamado de uma terapia estética: neste caso, uma terapia verbal que se dá a partir da comunicação entre o cantador, seus espíritos auxiliares e as entidades agressoras. As artes verbais relacionadas à cura se associam aos chamados cantos de pajé, que são, na realidade, cantados por espíritos através do corpo dos xamãs ou pajés, os especialistas rituais das sociedades ameríndias. Os cantos de pajé oscilam entre o uso da linguagem cotidiana e da ritual, mas também podem ser marcados pelo uso de fórmulas verbais e de metáforas, muito embora tendam a ser mais sintéticos e imagéticos. Em geral, destacam-se também por uma estrutura enunciativa polifônica, que se refere à multiplicidade de vozes de mortos e espíritos transmitidas pelos cantadores. São presentes em diversos dos xamanismos ameríndios, muito embora os estudos e traduções mais detalhados estejam por conta dos cantos maraká, de povos falantes de tupi, e de cantos de falantes de línguas pano. No seguinte exemplo proveniente do xamanismo marubo (falante de pano da Amazônia ocidental), o espírito do Gavião-Névoa canta as seguintes palavras através do corpo do pajé Armando Cherõpapa.

koĩ rome owaki
menokovãini
naí koĩ shavaya
shavá avainĩta
ave noke pariki
yove mai matoke
koĩ mai matoke
shokoivoti

flor de tabaco-névoa
caindo e planando
à morada do céu-névoa
vai mesmo voando
assim sempre fomos
na colina da terra-espírito
na colina da terra-névoa
há tempos vivemos[5]

Ele fala aí sobre sua morada, localizada no último patamar celeste da cosmografia marubo (a Morada da Terra-Névoa) e sobre o seu processo de surgimento (os espíritos se desprendem das flores de tabaco caídas e, em seguida, se dirigem às suas casas). Através de tais palavras, a audiência termina por formar uma imagem, um tanto quanto nostálgica, dos habitantes de outras referências longínquas (mas melhores do que esta em que estamos), que vêm com frequência ensinar e curar os viventes. Há outras modalidades das artes da palavra, tais como as falas de chefe e os discursos cerimoniais. Caracterizadas pelas referências aos modos dos antigos, elas são constituídas por uma complexa opacidade semântica decorrente do privilégio da intensidade e da potência oratória, referentes aos duelos verbais de caráter político e diplomático em que costumam ser executadas. São notáveis entre os povos do Alto Xingu, mas também entre os Yanomami, os Jivaro e outros.[6]

---

5 Tradução de Pedro Cesarino originalmente publicada em CESARINO, Pedro de Niemeyer, "Poéticas indígenas". São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009 (disponível em http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/as-poeticas-indigenas).

6 Bons estudos e traduções sobre tais falas cerimoniais no Alto Xingu podem ser encontradas nos trabalhos de Bruna Franchetto ("Rencontres rituelles dans le Haut Xingu: la parole du chef". In: MONOD, A. Becquelin & ERIKSON, P. (Org.). *Les rituels du dialogue: promenades ethnolinguistiques en terres amérindiennes*. Nanterre: Société d'Ethnologie,

Essas três modalidades estão assentadas sobre as narrativas míticas, o referencial principal dos universos intelectuais ameríndios. Cantos de cura, por exemplo, vão procurar nos episódios míticos o processo de formação de entidades agressoras capazes de atormentar os viventes (tais como sucuris, porcos do mato e outros animais dotados de espíritos potencialmente agressivos). Os cantos de pajé são, mais propriamente, atualizações dos tempos míticos através do trabalho de mediação dos pajés, que conectam outras referências a esta. É por aí que as pessoas comuns têm acesso às paisagens celestes visitadas pelos duplos (ou almas) de tais especialistas rituais, bem como notícias de outros agentes do cosmos que vêm em pessoa falar sobre seus conhecimentos e mundos. Por conta disso, tornou-se comum escutar na Amazônia que os pajés são como rádios, ou seja, transmissores de notícias e de formas outras de se viver. Também as falas cerimoniais de chefes e de lideranças procuram nas narrativas míticas seus exemplos de condutas éticas, conhecidas pelos antigos e necessárias para a continuidade dos laços sociais.[7]

Nas sociedades ameríndias, a elaboração da palavra é, portanto, central para sistemas cosmológicos que variam praticamente na mesma quantidade de línguas existentes. Através da palavra, torna-se possível pensar na relação com a morte e as doenças, na paisagem e nas transformações do que chamamos de natureza, no surgimento das cidades, dos brancos e das destruições trazidas pela sociedade industrial. Muitas das poéticas indígenas elaboram uma ética da palavra fundamental para a constituição da pessoa e sua relação com os mortos, os espíritos e o mundo desolado em que vivemos. Sem esse conhecimento, tudo se passa como se a pessoa permanecesse vazia. Não por acaso, Ñamandu, o demiurgo da mitologia guarani-mbyá, decide fazer a fala antes que qualquer outra coisa fosse formada no mundo primeiro, como lemos nos seguintes versos:

> Antes de a Terra existir,
> no caos obscuro do começo,
> tudo oculto em sombras,
> Ñamandu, Pai verdadeiro, o primeiro,

2000. p. 481-510.) e de Antonio Guerreiro Jr. (*Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia kalapalo e seu ritual mortuário*. Tese de doutorado, UNB, 2012).

7 A arte narrativa ameríndia se aproxima mais da poesia dramática do que da prosa corrida, como sugeriu Dennis Tedlock (*The spoken word and the work of interpretation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983). Sua redução à prosa corrida é uma constante em diversas publicações, que foi revisada e criticada da década de 1980 em diante por uma série de autores (entre os quais Tedlock) especializados em antropologia linguística e etnologia. No Brasil, pouco desses *corpus* narrativos tem sido estudado, traduzido e editado. As exceções ficam por conta das narrativas do Alto Rio Negro, cuja complexa mitologia vem sendo publicada pela iniciativa dos próprios cantadores da região nos oito volumes da Coleção Narradores Indígenas, editados desde a década de 1990. Sérgio Medeiros também tem se dedicado aos ciclos narrativos da América do Sul e da América Central (*Makunaíma e Jurupari*. São Paulo: Perspectiva, 2002; *Popol Vuh*. São Paulo: Iluminuras, 2007, em colaboração com Gordon Brotherston). Vale também lembrar dos trabalhos de Alberto Mussa sobre a mitologia tupinambá (*Meu destino é ser onça*. Rio de Janeiro: Record, 2009) e de Josely Vianna Baptista sobre os Guarani (*Roça barroca*, São Paulo: Cosac Naify, 2011), entre outros poucos tais como os publicados por Betty Mindlin.

aflorou-se a fonte da fala e fez com
[que fluísse por seu ser,
[divinizando-a.

A fonte da futura palavra tendo
[aflorado,
com o saber contido em seu ser-de
[céu,
e sob o sol de seu lume criador,
de si foi aflorando a fonte do amor.[8]

Para a metafísica guarani, que se expressa de maneira tão eloquente nesta e em outras passagens do *Ayvu Rapyta*, as palavras verdadeiras não são apenas uma forma de fruição estética mas, também, um instrumento fundamental de transformação ritual e de superação das mazelas do mundo. De fato, alguns povos ameríndios se destacam por suas ricas e diversificadas tradições orais e, também, por desenvolverem algo como uma teoria da linguagem. Este é precisamente o caso dos cantos guarani acima referidos. O lirismo de suas belas ou verdadeiras palavras (*nhe'e porã*), dizia Pierre Clastres, "designa ao mesmo tempo a eclosão de um pensamento no sentido ocidental do termo", um pensamento que "pensa o mundo e a infelicidade do mundo". Para Clastres, esse pensamento "tenta uma arqueologia do mal, quer fazer uma genealogia da infelicidade".[9]

Com essa aproximação ao Ocidente, o antropólogo francês pretendia marcar o estatuto "positivo" das formas ameríndias de reflexão poética, tão eclipsadas pelas imagens genéricas do mito e da tradição que sobre elas ainda costumam ser projetadas (a ausência de capacidade de reflexão crítica, o enraizamento no contexto sociológico como empecilho à universalidade, a repetitividade e a circularidade, a falta de elaboração, a rusticidade, entre outras falsas características dadas pelo contraste com a literatura "propriamente dita"). Se é inegável o caráter positivo dessas poéticas, devemos, no entanto, atentar para sua originalidade e diferença com relação à episteme ocidental moderna. Algo que deve ser feito em diálogo com aspectos diversos dos pensamentos da floresta estudados por antropólogos tais como Claude Lévi-Strauss, Eduardo Viveiros de Castro, Manuela Carneiro da Cunha e Philippe Descola.

Uma das principais matrizes do universo intelectual em questão pode ser encontrada na sua concepção alternativa de humanidade que, para as sociedades ameríndias, não é prerrogativa exclusiva de alguma espécie determinada. Humanidade é uma qualidade ou uma posição, passível de ser distribuída por infinitas subjetividades espalhadas pelo cosmos. Subjetividades essas que sempre existiram (é o que dizia o espírito Gavião-Névoa na tradução acima), mas que, em um determinado momento, passaram a adotar posições corporais diversas tais como as de jaguares, sucuris, porcos do mato, gaviões etc. Não por acaso, dizia Viveiros de Castro:

> as palavras indígenas que se costumam traduzir por "ser humano", e que entram na composição das tais designações etnocêntricas [do tipo, "nós, os seres humanos verdadeiros"], não denotam

8 Tradução de Josely Vianna Baptista (op. cit., p. 31-32).

9 CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios guarani.* Campinas: Papirus, 1990. p. 13.

> a humanidade como espécie natural, mas a condição social de pessoa, e, sobretudo quando modificadas por intensificadores do tipo "de verdade", "realmente", "genuínos", funcionam, pragmática quando não sintaticamente, menos como *substantivos* que como *pronomes*.[10]

Isso quer dizer que é humano aquele que ocupa a posição de enunciador, ou seja, que se torna capaz de produzir linguagem e, potencialmente, linguagem adensada, poesia. Em situações liminares características da doença e das crises acarretadas pela transformação ritual, a pessoa passará a interagir com essas outras gentes "de verdade" – será forçada a reconhecer o excesso de gente de que se faz o mundo. Aos poucos, alguma comunicação se estabelecerá através de uma linguagem reconhecível, de um conjunto de hábitos próximos àqueles presentes na relação entre seus parentes dessa nossa posição visível, mas referente a outras gentes e outros saberes.

É sobre isso, aliás, que fala grande parte da mitologia ameríndia: sobre os infortúnios e os resultados do cruzamento de perspectivas, de convivências e de relações estabelecidas entre as múltiplas humanidades existentes (algo impensável em nossa ontologia secular antropocentrada). É por conta disso, também, que os Marubo (um povo falante de língua pano com o qual trabalho) dizem que seus pajés vivem para "ligar ou conectar pensamento" (*chinã ãtinãnãi*), entre si e com a miríade de outros espíritos que povoam o seu mundo, de modo que as falas e pensamentos melhores de tais agentes venham favorecer as nossas. São pessoas que "vivem juntas para pensar" (*chinãyai shokosho*) através do aprendizado e da execução de cantos e falas elaboradas. Suas fórmulas poéticas são, a rigor, pensadas pelos espíritos – magníficos, fulgurantes, perfumados e infinitos – que desde sempre existiram e que surgem a todo instante. Ao aprendê-las, um pajé se torna capaz também de "pensar tudo", isto é, de recuperar o modo de formação e de composição de tudo aquilo que há, pois os espíritos primeiros de fato fizeram este e outros mundos com o poder de suas palavras-pensamento, de sua *poiesis* primeira.[11]

Aos pajés cantadores cabe, assim, tanto a tarefa de mimetizar tal potência poética quanto a de conectar essas subjetividades outras com o tempo presente. A forma de subjetividade criadora em questão se afasta radicalmente, portanto, daquele fechamento tão característico da metafísica do sujeito solipsista moderno e de suas transformações na figura do autor-criador individualizado. Aqui, a questão é estabelecer formas de conexão pela multiplicidade, de fazer com que a pessoa seja um veículo ou uma forma de relação com outras tantas pessoas e seus saberes, que terminam por incidir nas belas palavras cantadas (e raramente bem traduzidas ou estudadas). Ora, para que essa condição seja conquistada, o sujeito deve destruir a sua própria individualidade e ultrapassar o registro vazio da linguagem ordinária, sem o

10 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 371.

11 Mais detalhes a respeito de tal teoria da linguagem podem ser encontrados em meu livro sobre a poética xamanística marubo citado acima.

qual jamais conseguirá compreender e transportar o sentido da experiência extra-humana. É o que vemos nessa bela passagem, na qual o pajé yanomami Davi Kopenawa fala sobre sua lenta aproximação dos espíritos *xapiri*:

> "*Awe*! Desta vez ele nos respondeu direito!" As vozes deles me pareciam bastante claras. Satisfeito, me esforcei sem descanso por imitá-los, muitas e muitas vezes. Por conta desse esforço, eles vieram ao meu auxílio. E diziam entre si: "Ele de fato não nos escuta muito bem! Recomecemos! Como fazer para que nossas palavras se tornem audíveis?" Então, eles retomavam seus cantos com as vozes ainda mais fortes e potentes. Foi assim que eu terminei por escutá-los verdadeiramente e por cantar como eles. Se nos esforçamos a responder aos *xapiri*, as imagens do melro *yõrixiama* e da árvore de cantos *reã hi* começa a descer rapidamente para nós. Eles nos emprestam suas gargantas e consolidam a nossa língua. A partir daí, as palavras dos cantos dos espíritos aumentam rapidamente em nós como em um gravador. [...] Foi isso que aconteceu comigo.[12]

O esforço realizado pelo pajé para ser reconhecido pelos espíritos como um potencial parente e, consequentemente, como um potencial interlocutor-aprendiz, é diretamente derivado da alteração de seu corpo, que deve perder todos os vestígios de substâncias provenientes dessa nossa humanidade a fim de que se transforme em outro. Uma vez conquistada tal capacidade de aprendizado e de transporte das palavras alheias, frequentemente enriquecidas pelo sentido e pela experiência do próprio cantador, haverá ainda o desafio de transmiti-las para os jovens que, em sociedades indígenas diversas, costumam padecer com o limbo social e existencial. Uma condição que lhes tem sido imposta pela vida nas margens das cidades e outros espaços devastados pelo avanço das pessoas que têm "olhos de espectro", como diz o próprio Kopenawa em algum outro lugar.

Mas há, ainda, outro desafio não menos difícil: o de fazer com que suas palavras "se tornem audíveis" para os brancos, tão congelados em suas ideias prontas sobre si mesmos e sobre os outros. Afinal, o xamanismo é uma forma de diplomacia e de tradução que envolve outros interlocutores além dos próprios indígenas, ainda mais quando estes últimos têm que lidar com a voracidade e a indiferença alheias. Do lado urbano letrado, são poucos os que souberam efetivamente transformar a linguagem através do estudo dessas palavras, ultrapassando a camisa de força do imaginário indigenista romântico e do primitivismo modernista: Mário de Andrade e seu *Macunaíma*, Guimarães Rosa e seu "Meu tio o Iauaretê", e não muito mais do que isso. Os brasileiros de fato têm se esquecido dos diversos continentes que sempre existiram por aqui. Imaginar uma nova interlocução com esses registros de pensamento implicaria, também, em traçar outras cartografias da imaginação e da poesia.

---

12 KOPENAWA, Davi. *La chute du ciel: paroles d'un chaman yanomami* (em colaboração com Bruce Albert). Paris: Plon, 2010. p. 136. A tradução do trecho citado é minha.

Direitos autorais e culturas ameríndias: uma conversa com Carlos Fausto

Por José Eisenberg e Sergio Cohn

Poesia Sempre: Um dos motivos desta entrevista é discutir a questão dos direitos autorais em relação à cultura ameríndia. É um assunto complexo. No presente número da *Poesia Sempre*, por exemplo, havia a intenção de reproduzir uma série de cantos ameríndios, mas não foi possível por conta da portaria 177/2006 da Funai, que trata desse assunto. Por ela, seria necessário um esforço enorme de acessar os representantes das etnias para conseguir a autorização de reprodução desses textos, o que acaba sendo quase impossível se você não é alguém que já trabalha na área. Nas últimas décadas aconteceu este fenômeno interessante: enquanto a nossa cultura começou a buscar novas formas de lidar com o direito autoral, a criar novas ferramentas, como o Creative Commons e outras licenças abertas, para torná-lo mais flexível, os ameríndios têm procurado um acirramento das regras dos direitos autorais, dentro das leis mais tradicionais, ampliando as restrições de circulação das suas culturas. É claro que existem motivos para isso, como as apropriações que se faziam de suas manifestações culturais sem créditos ou retornos financeiros para os representantes dessas etnias. Como você vê essa questão?

Carlos Fausto: Há realmente um paradoxo. Ele é muito evidente na prática cotidiana dos antropólogos. Existe um capítulo no *Tristes trópicos*, chamado "Um pequeno copo de rum", em que Lévi-Strauss diz que nós, antropólogos, somos normalmente progressistas em relação à nossa sociedade e conservadores em relação às sociedades dos outros. No movimento que pode ser chamado de patrimonialização da cultura, havia a ideia de que era preciso não apenas documentar a riqueza das culturas ameríndias, principalmente no caso do patrimônio imaterial, mas também garantir que ela não fosse usada indevidamente. "Indevidamente" era o termo genérico que utilizávamos para usos que nós achávamos incorretos, no

sentido de que ou auferiam-se lucros que não eram repassados aos índios, ou que de alguma maneira eram utilizados de um modo não respeitoso. Nos últimos 25 anos, muita gente se engajou nesse processo de patrimonialização da cultura. Até porque os índios quiseram que isso fosse feito.

No meu caso, quando comecei a trabalhar com antropologia, fiz uma pesquisa com os índios parakanã, que a rigor não têm cultura, no sentido de que eles não identificam, não reificam alguma coisa como sendo a "cultura" deles. Toda a lógica dos cantos rituais parakanã, por exemplo, é de produção contínua; não existe um *corpus* transmitido entre gerações. O que há é um esquema gerativo que é aprendido na prática, na própria participação no ritual, e que permite, o que seria no nosso ponto de vista, a produção desses cantos. Do ponto de vista deles, não há produção, e sim apropriação, já que é através dos sonhos que eles acessam os cantos que moverão novos rituais infinitamente.

Mas, no começo dos anos 2000, quando fui trabalhar no Alto Xingu com os kuikuro, eles tinham claramente a ideia de que era preciso registrar o conhecimento ritual deles. E os kuikuro empregavam um termo para designar o que deveria ser "guardado", cuja tradução mais próxima é cultura. E este projeto era claro para eles – o chefe disse-me que queria que gravasse todo o acervo de cantos rituais existentes então, porque tinha clareza de que isso ia acabar. Levam-se anos e anos para se transmitir esse conhecimento, que tem uma dimensão semelhante às epopeias cantadas africanas ou a uma *Ilíada*, e essa transmissão exige um trabalho de memória enorme. A transmissão se dá, ademais, mediante pagamento, entre um mestre e um aprendiz. Isto, de saída, coloca uma questão sobre a transmissão, porque, se o conhecimento confere prestígio, a partir do momento em que for muito difundido, esse prestígio se perderá, e, se não for, há o risco dos cantos desaparecerem. Então, havia a ideia de que era preciso o registro, a gravação, e também que era preciso impedir que houvesse o uso indevido desse conhecimento. É uma questão complexa, que está instalada na própria relação entre índios e antropólogos.

E não tem uma saída definida, uma formulação pronta. Cada caso é um caso. É preciso, pois, analisar com que caso se está lidando, quais são os anseios de cada população. E isso é complicado, porque, quando se faz um CD de cantos, por exemplo, é preciso utilizar as regras de direitos autorais presentes na norma brasileira. No caso de nosso CD "A Dança dos Sopros", assegurar os direitos "autorais" era fundamental, para preservar os cantos de qualquer uso indevido. Essa tensão e esse paradoxo é algo que vivemos hoje, pois existem imensas possibilidades de difusão, com o meio digital, e o conhecimento virtual passou a ter um valor enorme. Não existe mais a possibilidade da informalidade, como existia tempos atrás. E os povos indígenas estão tentando se inserir nisso, para ter uma relação mais simétrica com as normas vigentes na sociedade envolvente. O que também cria uma série de problemas.

PS: No caso dos cantos ameríndios, duas outras questões se somam: o fato de a autoria muitas vezes ser coletiva, ou não definida, e de que há uma atuação muito maior do tradutor, já que não é apenas uma transposição de uma língua para outra, mas de um canto que se utiliza,

além da palavra, de performance, música e ferramentas visuais, para a escrita.

CF: Quando falamos do registro de uma tradição oral, estamos num campo em que o direito patina. O direito indígena e o direito autoral, da forma que estão estipulados no Brasil, não conversam entre si, e as soluções acabam desembocando de alguma maneira na criação de mecanismos institucionais, associações criadas dentro do direito brasileiro, capazes de escoar a necessidade de resolver a tensão entre as maneiras de conceber o valor dentro de uma sociedade indígena e a maneira como nós o concebemos.

PS: É preciso que alguém seja definido como detentor dos direitos autorais do produto determinado, e para isso é escolhida uma entidade, na falta de possibilidades melhores...

CF: Sim. E, quando pensamos no ponto de vista da tradução para a escrita de algo que provém da tradição oral, se introduz um novo elemento que é a figura do tradutor. Ele adquire um protagonismo na construção ou na reconstrução de uma determinada tradição oral pelo papel que exerce. E o nosso direito é muito claro ao estipular os direitos autorais do tradutor. Agora, é evidente que isso traz novos desafios para se criar uma equação entre o que é direito do tradutor e o que é direito do índio. Do índio como figura genérica, no caso. Essa equação é mais complicada do que no caso de tradução de um poema escrito originalmente, por exemplo, no alemão ou no árabe. Essa tradução possui uma equivalência de gênero, enquanto a dos cantos ameríndios implica uma operação muito mais radical.

PS: Em que sentido?

CF: Bem, em primeiro lugar, não se trata originalmente de um poema. E isso já coloca uma questão, porque, ao se transformar em poema, em literatura, em arte, que é algo que possui um lugar específico no nosso campo social, está se dando uma legitimidade àquele canto que não é de mesma ordem daquela que possui em seu campo original. Essa já é uma primeira operação enorme. Em segundo lugar, na maioria dos casos, não se trata apenas de um poema, mas são cantos, com um padrão melódico, rítmico, que pode se tentar reproduzir no papel, mas que não é de simples tradução. Claro que se pode colocar o texto acompanhado de uma partitura, mas aí entram as dificuldades de notação, já que as notações ocidentais, cromáticas, não funcionam perfeitamente para esse trabalho. Então, há necessariamente uma perda nesse processo. Em terceiro lugar, há uma questão semântica. Porque, quando traduzimos algo do inglês, estamos trabalhando com conceitos que pertencem à tradição judaico-cristã. Mas, quando trabalhamos com cantos ameríndios, estamos tratando de outras tradições, cujos referenciais e equivalentes no nosso mundo muitas vezes não existem. Evidentemente a descontinuidade entre os parakanã ou os marubo e nós é muito maior do que aquela entre os alemães ou italianos e nós. Então esse processo tradutivo implica uma passagem muito maior. O que não quer dizer que seja impossível. Tanto é assim que estão se produzindo traduções. No passado, havia a tendência de se fazer traduções simples e bastante literais de artes verbais ameríndias, em que se perdia tudo aquilo que era mais do que uma simples fala. Hoje isso

mudou. A tradução visa à aproximação com a poesia, com o modo-poema característico de nosso universo. É uma tradução que tende a enriquecer o processo tradutivo, mas que também cria outros riscos.

PS: Que riscos?

CF: Como disse, o mais evidente é colocar a poesia sobre os ombros dos índios. Assim como é possível colocar a filosofia sobre os ombros dos índios. Não dá para se definir *a priori* se isso é bom ou ruim. Isso pode ser benfeito ou malfeito. Vamos pegar o caso do Pedro Cesarino traduzindo os cantos marubo. Ali há um certo tipo de interferência. Assim como a tradução antropológica que Eduardo Viveiros de Castro fez dos araweté tendia a valorizá-los do ponto de vista ocidental (pois Eduardo elevou a cosmologia araweté a uma filosofia), Pedro faz uma operação que valoriza os cantos xamânicos marubo, porque os insere no grande discurso da estética ocidental. Ambas as operações são politicamente incríveis, estética e conceitualmente incríveis, mas trazem consigo as suas próprias ambiguidades, seus próprios paradoxos, seus próprios equívocos. Só com o tempo saberemos se disso sairá uma estética com impacto geral. A operação de Eduardo teve sim um impacto bastante grande não apenas na produção nacional, mas também internacional, e não só antropológica. Então é possível que a operação do Pedro possa ser uma dessas fontes de produção compartilhada, de tradução de cantos que são também, num certo sentido, autorais.
Esse é um primeiro problema. O outro é exatamente em relação à autoria. Porque a presença do tradutor nessa operação é de outra escala do que num texto de Ezra Pound, por exemplo. Algumas pessoas, hoje, começam a investir na formação de tradutores indígenas, possibilitando que eles façam traduções ou versões dos cantos. O pulo do gato será quando nós, antropólogos, deixarmos de ser os únicos tradutores dessa história. E isso nas duas direções.

PS: Estamos falando aqui sobre a criação de novos registros. E a circulação dos já existentes? Os cantos que tentamos reproduzir no presente número da *Poesia Sempre* já haviam sido publicados em livros, e não foi possível mesmo assim. Qual é a ferramenta possível para isso?

CF: Se vocês ficarem na ânsia de ter um contrato que, uma vez assinado, funcione, esqueçam. Por uma razão simples: a não ser que as sociedades indígenas mudem de maneira muito radical, o problema deles até hoje não é fechar um contrato e pronto; é como manter uma relação. Os contratos determinam o início e o fim de uma relação. Toda a nossa lógica de contrato é de assegurar por escrito, convencionalizar quais são os termos da relação do seu começo até o seu fim. O ponto é que para eles não é para terminar a relação. O interesse dessas populações é produzir relações que se estendam no tempo, e não que se cortem abruptamente porque o contrato foi realizado, foi terminado, perdeu a sua validade. Então, eles vão pedir novas coisas, vão requisitar, vão querer manter a relação. Eu não acredito que seja possível uma fórmula genérica, e, cada vez que se tenta normatizar, se cria uma cascata de outros problemas. É o exemplo da definição da Funai dos

direitos autorais indígenas. Vale para todas as populações indígenas? Não. Do ponto de vista do funcionamento interno delas, não vale. É preciso saber com quem negociar, porque o ponto é justamente negociar, é estar dentro da relação.

PS: Um ponto importante é que, ao falar de cultura indígena, muita gente pensa em culturas estanques, quando não é bem o caso...

CF: Essa questão é cara para nós, antropólogos, porque o nosso próprio ponto de vista vem mudando. Não dá para saber qual será o nosso norte daqui a quinze anos. Quando eu comecei na profissão, havia muita clareza de que lutávamos não apenas pela preservação dos territórios indígenas, mas também de suas culturas. Nós estávamos afetivamente ligados à ideia de que era preciso preservar a cultura indígena. Essa era uma ideia-chave, que, com a crítica à noção estática de cultura – dominante na antropologia dos anos 1980 e começo dos 1990 –, de alguma maneira nós tivemos que recriar, insistindo que não defendíamos o caráter estanque da cultura, a sua simples continuidade, mas na verdade defendíamos que as culturas indígenas se transformassem segundo seus próprios modos de transformação. Aí estava presente a ideia de que estas são culturas abertas para o exterior (a famosa abertura ao outro de Lévi-Strauss), e que, de certa maneira, ainda que entre aspas, a coisa mais tradicional que se podia esperar delas é que se transformassem, que se apropriassem do universo que lhes rodeia (no caso, a chamada"sociedade envolvente"). Essa ideia um tanto otimista parece ter ido longe demais. Ela acompanhava, nos termos de Marshall Sahlins, a ideia da indigenização: enquanto os antropólogos viviam um certo pessimismo sentimental, segundo o qual os índios estariam sempre perdendo a sua cultura, na verdade eles estariam processando, digerindo, canibalizando todo o universo ao seu redor. Em um texto que escrevi há alguns anos, eu falava justamente sobre as armadilhas da indigenização, que havia o perigo de se começar apropriando e acabar sendo apropriado. E hoje o pessimismo sentimental não é só dos antropólogos, há muitos povos indígenas que tem nesse mote da perda da cultura um dos centros de suas reivindicações presentes. E isso causa uma profunda angústia. E é aí que os mediadores aparecem.
Eu me envolvi em diversos projetos de "preservação cultural" entre os kuikuro (este é um tema muito forte para eles), ao mesmo tempo em que me envolvia igualmente em projetos de "produção cultural", empregando novas mídias. Eu me instalei na própria tensão entre "guardar a cultura" (como eles dizem) e "virar branco". Eu me aproximei deste último tema com uma ideia de que o "virar branco" sobre o qual falam insistentemente é uma doença crônica. Na maioria das sociedades indígenas da Amazônia, há essa ideia de que você adoece pela agressão de um espírito, e então vai se afastando da sua comunidade e se transformando na "espécie" desse espírito. Torna-se parente desse espírito e deixa de ser parente do seu povo. Isso é traduzido como um sentimento de orfandade, de perda. É justamente esse o pessimismo sentimental. Só que a doença de se tornar branco, que é um tema obsessivo nas aldeias hoje, é uma doença crônica,

porque eles estão o tempo inteiro virando brancos, mas o processo nunca acaba, a doença não chega a um fim. Você não vira branco lá no final. E esse processo produz muita angústia. Daí porque acredito que está na hora de nós, antropólogos, revermos essa ideia otimista da qual fomos tomados, de que as sociedades indígenas sempre estiveram em transformação, e que está tudo certo que continuem se transformando ainda hoje. A questão é que nem todas as transformações são iguais. Algumas delas não valem a pena.

PS: Como é a questão da circulação de informação entre as diversas etnias ameríndias?

CF: Não podemos pensar que o mundo indígena é o mundo da liberdade, simplesmente. Senão bastava ler Rousseau que a gente já saberia como era. Existem sociedades nas quais há um regime de muita restrição de transmissão de conhecimento, internamente e também em relação às populações vizinhas. Em geral, isso está ligado ao conhecimento xamânico e ritual.

PS: Como comentário apenas, eles podem não conhecer *a priori* uma categoria que é do nosso direito romano, de propriedade, *dominium*, mas eles conhecem a ideia de patrimônio. De uma certa maneira eles não são desvestidos da ideia de alguma coisa que tenha sentido patrimonial.

CF: Sendo um pouco cabotino, eu escrevi um texto chamado *Donos demais* que fala justamente sobre isso: o fato de não existir propriedade privada exclusiva nas sociedades indígenas não significa que não existam conceitos que impliquem outra modalidade de domínio. Não é a mesma coisa, os resultados são diferentes, mas saibam que numa aldeia indígena a única coisa que não existe é a propriedade coletiva. Justamente porque o que é de todo mundo não é de ninguém, e logo ninguém cuida. Eu me lembro que uns quinze anos atrás visitei uma aldeia que tinha uma escola super-malcuidada. Perguntei por que estava naquele estado e a resposta foi "a escola não tem dono". Nas aldeias kuikuro, por exemplo, as estruturas coletivas sempre têm dono e ser dono implica uma relação ritual, pois "dono" é o cara que vai produzir comida para alimentar quem fará o trabalho coletivo. Sem isso não se cuida de nada.

Há donos também de coisas intangíveis, como o conhecimento musical. Mas aqui o termo kuikuro *oto* se traduz melhor por mestre: um grande conhecedor de cantos é um mestre-dono dos cantos e só os transmitirá mediante pagamento. Este fato colocava um problema para nosso projeto, não apenas porque era preciso pagar, como também porque não era claro para quem se estava transmitindo esse conhecimento.

Mas a questão não acaba aí. Quando fui trabalhar no Xingu com a documentação do conhecimento músico-ritual, apareceu uma outra questão. Os brancos podem ouvir o material gravado sem problemas, porque eles nunca irão aprender. Para os kuikuro, esta não é a questão. O problema é se outro povo do Alto Xingu aprender os cantos kuikuro, sendo que os cantos kuikuro e os cantos dos wauja, para ficar apenas num exemplo, são extremamente parecidos, tendo apenas pequenas distinções, que são o suficiente para se estabelecer uma unidade político-musical autônoma que pode ser representada musicalmente num

ritual intertribal. Então, havia também essa preocupação com a restrição da circulação dos cantos, que não era em relação à sociedade envolvente, mas aos povos próximos. E era muito séria. Mas, é claro, como disse anteriormente, existem outros regimes. Entre os parakanã não há propriamente a ideia de dono dos cantos de um conjunto ritual: há sim os mestres-donos dos cantos, aqueles que os receberam em sonho, mas que devem obrigatoriamente transmiti-los a um terceito para serem executados ritualmente. Como mestre desses cantos, ele mesmo não pode cantar-matá-los. Esses cantos uma vez cantados em um ritual estão mortos, foram literalmente executados. Você pode cantá-los por aí, mas eles já não são mais efetivos, já não fazem mais nada. Então é preciso capturar novos cantos em sonhos, com estrangeiros, para mover a máquina ritual. É absolutamente uma outra lógica.

PS: Para encerrar, como podemos trabalhar na construção de leis que assegurem os direitos dos ameríndios às suas culturas, mas permitam também a sua circulação?

CF: Nós estamos vivendo um momento de enorme e rápida transição; não dá para ficar prevendo muita coisa. Mas acredito que é preciso se preocupar menos com a normatização e trabalhar com os casos exemplares, para se ter um rol das diferenças existentes entre os povos. Essas diferenças não têm a ver apenas com as características intrínsecas de cada grupo, mas também com as suas experiências históricas com diferentes mediadores. Acredito que esse é o melhor caminho, trabalhar caso a caso, e criar um rol de exemplos e possibilidades.

PRÉPARATION DU CAOUIN. GRAVURA DE LEBAS. IN: *BRÉSIL, COLOMBIE ET GUYANES*, DE FERDINAND DENIS E M. C. FAMIN, 1846.

Três textos históricos

RÉSUMÉ

DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE

DU

PORTUGAL,

SUIVI DU

RÉSUMÉ DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE

DU BRÉSIL;

PAR FERDINAND DENIS.

PARIS,

LECOINTE ET DUREY, LIBRAIRES,

QUAI DES AUGUSTINS, N° 49.

1826

Resumo da história literária do Brasil (1826)

Primeiro capítulo: Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve tomar no Novo Mundo

Ferdinand Denis

Tradução de Afonso Henriques Neto

RÉSUMÉ

DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE

DU

BRÉSIL.

CHAPITRE PREMIER.

Considérations générales sur le caractère que la poésie doit prendre dans le Nouveau-Monde.

Pendant long-temps l'Amérique méridionale, soumise au joug de deux puissances européennes, sembla condamnée à leur fournir des richesses sans partager leur gloire. Avec le besoin de la liberté on a senti dans le Nouveau-Monde un désir ardent d'accroître ses connaissances. Nous ne sommes plus au temps où l'on pouvait retenir les Américains sous la dépendance par les liens

Primeiro capítulo: Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve tomar no Novo Mundo

Durante longo tempo submetida ao jugo de duas potências europeias, a América Meridional parecia condenada a fornecer-lhes riquezas, sem partilhar de sua glória. Com a necessidade da liberdade, passou-se a sentir nesse Novo Mundo um desejo ardente de maiores conhecimentos. Não estamos mais no tempo em que se podiam conservar os americanos subjugados, sob a dependência dos laços

politiques et par ceux de l'ignorance. Où nous avons arraché de l'or, nous avons laissé échapper le germe de toutes les connaissances; nous verrons ce que produira cet échange, qui se faisait souvent malgré nous, puisque dans la plupart des états de l'Amérique du sud les livres étaient prohibés, ou venaient s'enfouir dans les bibliothèques des moines, et que là trop souvent une oisive ignorance les dédaignait.

Il faut convenir cependant que le Portugal mit bien moins de rigueur dans ces mesures que les états limitrophes, et que l'ancien gouvernement, en transportant son siége à Rio-Janeiro, apporta aussi le goût des sciences et des arts, et facilita même leur culture; le Brésil cessait alors d'être une colonie; l'odieux système tombait de lui-même : quelques années plus tard les Brésiliens l'eussent anéanti.

Néanmoins, au commencement du siècle, le vaste empire du Brésil empruntait encore au Portugal quelques faibles rayons de son ancienne gloire littéraire pour s'en parer; les succès que les Brésiliens eussent pu acquérir étaient comptés pour rien; comme les richesses de la terre, ils allaient grossir le

políticos e da ignorância. Nos lugares de onde arrancávamos o ouro, deixamos escapar o germe de todos os conhecimentos; vamos ver o que produzirá essa troca, feita tantas vezes à nossa revelia, visto que na maior parte dos países da América do Sul os livros estavam proibidos, ou se enterravam nas bibliotecas dos monges, e lá, muitas vezes, uma ociosa ignorância os desdenhavam.

No entanto, é necessário convir em que Portugal possuía menos rigor em tais medidas do que os países limítrofes, e que o antigo governo, ao transferir sua sede para o Rio de Janeiro, trouxe também o gosto pelas ciências e artes, e facilitou mesmo sua cultura; o Brasil deixou então de ser uma colônia; o odioso sistema tombava por si mesmo: alguns anos mais tarde os brasileiros o aniquilariam.

Contudo, no princípio de século, o vasto império do Brasil ainda tomava de empréstimo a Portugal alguns frágeis raios de sua antiga glória literária para com eles se enfeitar; os êxitos que os brasileiros houvessem adquirido contavam muito pouco; igual às riquezas da terra, iam engordar o

trésor de la métropole : le reste du monde les ignorait, et les Américains eux-mêmes savaient à peine s'ils devaient s'en glorifier; et cependant, l'amour malheureux, la découverte de ce beau pays, les conquêtes des Européens, avaient déjà inspiré les hommes du Nouveau-Monde; un climat délicieux les entraînait à leur insu : poètes de la nature, ils en avaient célébré la beauté; soumis aux passions nobles et ardentes, ils chantaient leur pouvoir.

Le Brésil, qui a senti la nécessité d'adopter des institutions différentes de celles qui lui avaient été imposées par l'Europe, le Brésil éprouve déjà le besoin d'aller puiser ses inspirations poétiques à une source qui lui appartienne véritablement; et dans sa gloire naissante, il nous donnera bientôt les chefs-d'œuvre de ce premier enthousiasme qui atteste la jeunesse d'un peuple.

Si cette partie de l'Amérique a adopté un langage qu'a perfectionné notre vieille Europe, elle doit rejeter les idées mythologiques dues aux fables de la Grèce : usées par notre longue civilisation, elles ont été portées sur des rivages où les nations ne pouvaient bien les comprendre, où elles auraient

tesouro da metrópole: o resto do mundo os ignorava, e os próprios americanos mal sabiam se deviam exaltá-los; e, no entanto, o amor infeliz, a descoberta desta deslumbrante região, as conquistas dos europeus, já haviam inspirado aos homens do Novo Mundo; sem o perceber, deixavam-se arrastar por um ambiente delicioso: poetas da natureza, haviam celebrado a beleza; submetidos às paixões nobres e ardentes, cantavam o seu poder.

O Brasil, que sentiu a necessidade de adotar instituições diferentes daquelas que lhes haviam sido impostas pela Europa, já experimenta a necessidade de ir buscar suas inspirações poéticas em uma fonte que verdadeiramente lhe pertença; e nessa glória nascente, cedo nos dará as obras-primas desse primeiro entusiasmo que atesta a juventude de um povo.

Se essa parte da América adotou uma língua que nossa velha Europa aprimorara, deve rejeitar as ideias mitológicas devidas às fábulas da Grécia: usadas por nossa longa civilização, elas são levadas para os extremos onde as nações não as podiam bem compreender, onde elas deveriam

dû toujours être méconnues; elles ne sont en harmonie, elles ne sont d'accord ni avec le climat, ni avec la nature, ni avec les traditions. L'Amérique, brillante de jeunesse, doit avoir des pensées neuves et énergiques comme elle; notre gloire littéraire ne peut toujours l'éclairer d'une lueur qui s'affaiblit en traversant les mers, et qui doit s'évanouir complètement devant les inspirations primitives d'une nation pleine d'énergie.

Dans ces belles contrées si favorisées de la nature, la pensée doit s'agrandir comme le spectacle qui lui est offert; majestueuse, grâce aux anciens chefs-d'œuvre, elle doit rester indépendante, et ne chercher son guide que dans l'observation. L'Amérique enfin doit être libre dans sa poésie comme dans son gouvernement.

Le Nouveau-Monde ne peut manquer d'imposantes traditions; dans quelques siècles, l'époque où nous sommes parvenus, l'époque où se fonda son indépendance, lui donnera de nobles et touchans souvenirs. Son temps des fables mystérieuses et poétiques, ce seront les siècles où vivaient des peuples que nous avons anéantis, qui nous

por sempre ser desconhecidas; não conseguem se harmonizar, não estão de acordo nem com o clima, nem com a natureza, muito menos com as tradições. A América, ardente de juventude, deve ter pensamentos novos e enérgicos iguais a ela; nossa glória literária não pode sempre iluminá-la com um clarão que se enfraquece ao atravessar os mares, e que deve desvanecer-se completamente diante das inspirações primitivas de uma nação plena de energia.

Nessas belas regiões tão favorecidas pela natureza, o pensamento deve se ampliar na mesma medida do espetáculo que lhe é ofertado; majestoso, graças às antigas obras-primas, tal pensamento deve permanecer independente, não buscando guia senão na observação. A América, enfim, deve ser livre na poesia como no seu governo.

O Novo Mundo não poderá passar sem respeitáveis tradições; em alguns séculos, a época a que chegamos, na qual se fundou a sua independência, lhe dará nobres e tocantes recordações. A sua idade das fábulas misteriosas e poéticas serão séculos em que viveram os povos que aniquilamos e que nos

étonnent par leur courage, et qui ont retrempé peut-être les nations sorties du vieux monde : le souvenir de leur grandeur sauvage remplira l'âme de fierté, leurs croyances religieuses animeront les déserts ; les chants poétiques, conservés chez quelques nations, embelliront les forêts. Le merveilleux, si nécessaire à la poésie, se trouvera dans les antiques coutumes de ces peuples comme dans la force incompréhensible d'une nature variant continuellement ses phénomènes : si cette nature de l'Amérique a plus de splendeur que celle de l'Europe, qu'ont-ils donc d'inférieur aux héros des temps fabuleux de la Grèce, ces hommes à qui l'on ne pouvait arracher une plainte au milieu d'horribles supplices, et qui demandaient à leurs ennemis de nouveaux tourmens, parce que les tourmens ajoutaient à la gloire? Leurs combats, leurs sacrifices, nos conquêtes, tout présente de brillans tableaux. A l'arrivée des Européens, ils croient, dans leur simplicité, se confier à des dieux ; mais quand ils sentent qu'ils doivent combattre des hommes, ils meurent et ne sont pas vaincus. La voix de leur dieu, c'était la foudre ; leur temple, c'était le désert ; chez eux, mille

espantam por sua coragem, e que fortaleceram talvez as nações saídas do Velho Mundo: a recordação de sua grandeza selvagem preencherá a alma de orgulho, suas crenças religiosas animarão os desertos; os cantos poéticos, conservados em algumas nações, embelezarão as florestas. O maravilhoso, tão necessário à poesia, encontrar-se-á nos antigos costumes desses povos como na força incompreensível de uma natureza a variar de modo contínuo em seus fenômenos: se essa natureza da América é mais fulgurante que a da Europa, que terão, assim, de inferior aos heróis dos tempos legendários da Grécia esses homens de quem não se podia arrancar nenhuma queixa, em meio a terríveis torturas, e que pediam novos tormentos a seus inimigos, porque os tormentos tornam a glória maior? Seus combates, seus sacrifícios, nossas conquistas, tudo apresenta esplendoroso teor. À chegada dos europeus, acreditaram, na sua simplicidade, que se confiavam à proteção de deuses; mas, quando perceberam que os combates eram contra homens, morreram sem ser vencidos. A voz de seu deus era o raio; seu templo, o deserto; para eles, mil

génies fantastiques animaient la nature favorisaient les hommes ou s'en faisaient redouter. Qu'on étudie les faibles tributs échappés à trois siècles de destruction, on y verra encore toutes les pensées primitives qui excitent fortement l'imagination; mais pour les trouver dans toute leur énergie, ces pensées, il ne faut pas les aller demander aux peuplades que la civilisation détruit lentement et qui cachent les malheurs de la race américaine sur des rivages où on les a confinés : qu'on pénètre au sein des forêts, qu'on interroge les nations libres, leurs campagnes sont encore animées de pensées vraiment poétiques.

D'un autre côté, tout l'héroïsme du moyen âge, tout l'esprit ardent et aventureux des temps de chevalerie, ne paraissent-ils pas avec une teinte particulière dans ces voyages des premiers explorateurs, s'avançant au sein des forêts vierges, sans crainte, attaquant avec audace des animaux inconnus, visitant des nations qui pouvaient les anéantir? Ils ne voulaient que de l'or; mais on ne peut leur refuser quelque gloire : la poésie peut s'emparer de leurs courses lointaines.

gênios fantásticos animavam a natureza, favoreciam os homens ou destes se faziam temidos. Ao se estudar os frágeis vestígios que restaram de três séculos de destruição, aí se encontrarão ainda todos os pensamentos arcaicos que excitam fortemente a imaginação; porém, para que se vejam tais pensamentos em toda a sua energia, não será necessário buscá-los aos povos primitivos que a civilização destruiu lentamente, os quais ocultam as desgraças da raça americana nas margens em que foram confinados: ao mergulhar no seio das florestas, ao interrogar as nações livres, poder-se-á enxergar os campos ainda animados por pensamentos verdadeiramente poéticos.

Por outra parte, todo o heroísmo da Idade Média, todo o espírito ardente e venturoso dos tempos da cavalaria, não se mostra com um colorido particular nessas viagens dos primeiros exploradores, avançando na profundidade das florestas virgens, enfrentando sem temor animais desconhecidos, visitando nações que poderiam destruí-los? Não desejavam nada além do ouro; contudo, não podemos lhes negar alguma glória; a poesia pode se apoderar de suas longínquas correrias.

Et que veut-on que l'Américain fasse de nos comparaisons puisées dans une nature usée par le travail des siècles? Éprouve-t-on dans ses forêts vierges les mêmes impressions que dans nos bois sapés continuellement par le bûcheron? Les animaux qui parcourent les campagnes n'ont-ils pas plus de force et de liberté? L'Océan ne roule-t-il pas ses flots sur des rivages plus imposans? L'aurore de la Grèce ouvrira-t-elle avec ses doigts de roses ce ciel éclatant de splendeur, et dont les feux feraient pâlir l'Apollon? Que les poètes de ces contrées contemplent la nature, qu'ils s'animent de sa grandeur, en peu d'années ils deviendront nos égaux, peut-être nos maîtres. Cette nature si favorable aux développemens du génie, elle étale partout ses charmes, elle entoure même les cités de ses plus belles productions; et ce n'est point comme dans nos villes, où elle est méconnue, où souvent on ne peut la connaître.

Que le poète de ces belles contrées célèbre dès à présent les heureux événemens du siècle; mais qu'il n'oublie pas les fautes du passé; qu'il attache un moment sa lyre aux rameaux de ces arbres antiques dont les

Que se imagine venha o americano a fazer de nossas comparações retiradas de uma natureza já exaurida pelo trabalho de séculos? Experimenta o homem na floresta virgem as mesmas impressões que nos bosques continuamente devastados pelo lenhador? Os animais que percorrem as campanhas não têm mais força e liberdade? O oceano não lança suas vagas contra um litoral mais imponente? A aurora da Grécia abrirá com seus dedos de rosa aquele céu ofuscante de esplendor, e cujo brilho empalideceria o próprio Apolo? Se os poetas dessas plagas contemplarem a natureza, se se deixarem tomar pela grandeza oferecida, em poucos anos deverão ser nossos iguais, quem sabe nossos mestres. Essa natureza tão favorável ao desenvolvimento do gênio espalha por tudo seus encantos, circunda as cidades com as mais belas dádivas; e não é como no interior de nossas cidades, onde não a conhecem, onde tanta vez não a percebem.

Que o poeta dessas formosas regiões celebre desde agora os felizes acontecimentos do século; mas não esqueça de modo algum os erros do passado; suspenda a sua lira por instantes nos galhos dessas antigas árvores cujas

sombres ombrages cachèrent tant de scènes de persécutions; qu'après avoir jeté un regard de compassion sur les siècles écoulés, il la saisisse; qu'il plaigne les nations anéanties, qu'il excite une pitié tardive, mais favorable aux restes des tribus indiennes; et ce peuple exilé, différent par sa couleur et par ses mœurs, qu'il ne soit point oublié dans les chants du poète; qu'il adopte une patrie nouvelle, et qu'il la chante lui-même, qu'il se console au souvenir d'autres infortunes, qu'il se réjouisse avec la brillante espérance que lui donne un peuple humain.

Je ne crains point de le dire, l'Américain en qui tant de races se sont confondues, l'Américain, fier de son climat, de sa richesse, de ses institutions, viendra un jour visiter l'Europe comme nous portons nos pas vers les ruines de l'antique Egypte. Il demandera alors des souvenirs poétiques à cette terre qui aura brillé de tant d'éclat; il lui paiera un juste tribut de reconnaissance. L'Europe a fondé la grandeur du Nouveau-Monde, mais ce sera peut-être un jour son plus beau titre de gloire.

Qu'il descende de l'Européen, qu'il se soit allié au noir ou à l'habitant primitif de

sombrias ramagens escondem tantas cenas de perseguição; retome-a, depois de haver lançado um olhar de compaixão sobre os séculos transcorridos; lastime as nações aniquiladas, excite uma piedade tardia, porém favorável aos restos das tribos indígenas; e que este povo exilado, diferente por sua cor e costumes, jamais seja esquecido nos cantos do poeta; que adote uma nova pátria e cante-a ele mesmo; que se console à recordação de outros infortúnios, e rejubile-se com a cintilante esperança que lhe dá um povo humano.

Não temo dizê-lo, o americano, no qual tantas raças se confundem, o americano, orgulhoso de seu território, de sua riqueza, de suas instituições, virá um dia visitar a Europa da mesma maneira que nos encaminhamos na direção das ruínas do antigo Egito. Pedirá então as recordações poéticas a esta terra que brilhará com tanto fulgor; pagar-lhe-á um justo tributo de reconhecimento. A Europa fundamentou a grandeza do Novo Mundo, e este será talvez, um dia, seu mais belo título de glória.

Seja descendente do europeu, seja ligado ao negro ou ao primitivo habitante da

l'Amérique, le Brésilien est naturellement disposé à recevoir des impressions profondes; et pour se livrer à la poésie, il n'est pas nécessaire qu'il ait reçu l'éducation des villes; il semble que le génie particulier de tant de races différentes se montre chez lui: tour à tour ardent comme l'Africain, chevaleresque comme le guerrier des bords du Tage, rêveur comme l'Américain, soit qu'il parcoure les forêts primitives, soit qu'il cultive les terres les plus fertiles du monde, soit qu'il garde ses troupeaux dans d'immenses pâturages, il est poète : aussi le voyageur voit-il continuellement des groupes se former dans les cités ou dans les campagnes pour entendre un récit merveilleux, un chant mélancolique, une relation des terres lointaines; sur les rivages, dans les forêts, au sein des villes, vous voyez ce besoin de satisfaire l'imagination. Le repos du Brésilien n'est jamais le repos d'une complète indolence : il chante, ou les accords d'une guitare suivent les rêveries de sa méditation; alors qu'il est plongé dans le repos sans que la réflexion y prenne part, peut-être il contemple ce que la nature a prodigué de richesses autour de lui. Et

América, o brasileiro possui de um modo natural a disposição para receber impressões profundas; e para se entregar à poesia, não necessita da educação das cidades; parece que o gênio peculiar de tantas raças diferentes nele se mostra: sucessivamente exaltado, tal o africano; cavalheiresco, como o guerreiro das margens do Tejo; sonhador, igual ao americano, seja percorrendo as florestas primitivas, seja cultivando as terras mais férteis do mundo, seja ainda guardando seus rebanhos nas imensas pastagens, é poeta: também o viajante vê, com frequência, grupos formados nos centros urbanos ou nas campinas para ouvir uma narrativa maravilhosa, um canto melancólico, um relato de terras longínquas; à beira d'água, nas florestas, no interior das cidades, vereis essa necessidade de satisfazer a imaginação. O repouso do brasileiro não é jamais uma completa indolência: canta, ou os acordes de um violão acompanham os devaneios da sua meditação; porém, se submerge no descanso livre de pensamentos, talvez consiga contemplar tudo quanto a natureza ofereceu de opulência em torno dele. E

quel spectacle! comment ne pas l'admirer Sur le bord de la mer, au sein des baies profondes, où les flots paisibles meurent sur le rivage, presque toujours les cocotiers se balancent doucement, la pervenche rose ou l'ipomæa tapissent les sables arides du rivage, le manglier forme ses labyrinthes de verdure; et si les yeux se portent vers quelque île lointaine, à l'aspect de ces forêts verdoyantes, de ces frais rivages, de ces collines fertiles qui se déroulent aux regards, l'imagination ajoute l'idée de la retraite la plus paisible, d'une solitude qui n'est jamais troublée. Souvent à la brise de l'Océan se joignent les odeurs de la terre, et si un vent frais vient à courber les bois d'oranger, il répand dans l'atmosphère un léger parfum qui caresse l'odorat, se dissipe un moment, se fait sentir encore, et se perd dans l'espace. Sous ce climat délicieux tout se réunit donc pour charmer; et le temps de la sécheresse interrompt seul pendant quelques mois la beauté du paysage. Mais dans l'intérieur, sur les bords de ces fleuves immenses qui arrosent le pays, une humidité bienfaisante entretient presque toujours la splendeur de la végétation. Dans cette grandeur de la nature, dans le désordre de ses productions,

que espetáculo, e como não admirá-lo! Nas bordas do mar, no coração das baías profundas, onde as calmas ondas morrem na praia, quase sempre os coqueiros se balançam docemente, a pervinca-rosa ou a ipomeia recobrem as áridas areias do litoral, o mangueiral forma labirintos de verdura; e se os olhos se dirigem para alguma ilha distante, à configuração dessas florestas verdejantes, dessas frescas praias, dessas férteis colinas que se desdobram diante dos olhos, a imaginação se soma à ideia do mais tranquilo retiro, de uma solidão que nada viria perturbar. Muitas vezes à brisa do oceano se vêm juntar os odores da terra, e, se um vento fresco faz curvar o laranjal, espalha-se no ar um leve perfume que acaricia o olfato, dissipa-se por momentos, se faz sentir outra vez, e se perde no espaço. Sob essa deliciosa atmosfera tudo se reúne para nos encantar; e o tempo da seca interrompe por poucos meses a beleza da paisagem. Porém, no interior, à margem desses rios imensos que banham o país, uma umidade benfazeja mantém quase sempre o esplendor da vegetação. Neste vigor da natureza, na desordem de suas produções,

dans cette fertilité sauvage qui se montre à côté de la fertilité de l'art, dans cet espoir que donne l'abondance de la terre, au mugissement des forêts primitives, au bruit des chutes d'eau qui se lancent de rochers en rochers, aux cris des animaux sauvages, qui semblent braver l'homme dans les déserts, la pensée du Brésilien prend une énergie nouvelle; et cela est si vrai que le voyageur se sent naturellement disposé à faire retentir les forêts de ses chants, et que de merveilleuses histoires des temps de la découverte charment les loisirs des caravanes. A la manière de raconter, à celle d'écouter et de comprendre, vous pouvez reconnaître ces hommes si différens de mœurs et de caractère, séparés jadis par des espaces immenses, et réunis maintenant par la Providence pour former un peuple de frères. L'Américain écoute avec mélancolie, une lente tristesse se peint souvent dans ses regards; s'il prend la parole, sa voix est basse, ses mots ont un accent plaintif; il s'anime rarement, il a son ardeur au fond de l'âme; elle est toute pour l'indépendance, elle est toute pour la liberté des forêts. Le noir a besoin de s'abandonner au feu de son ima-

nessa fertilidade selvagem que se mostra ao lado da fertilidade da arte, na esperança provinda da abundância da terra, ao mugido das florestas primitivas, ao fragor das quedas d'água que se lançam de rochedo em rochedo, aos rugidos dos animais selvagens, que parecem desafiar o homem no sertão, o pensamento do brasileiro ganha uma nova energia; e tanto isso é verdade que o viajante sente-se naturalmente disposto a povoar as florestas com os seus cantos, e quantas maravilhosas histórias dos tempos do descobrimento encantam o descanso das caravanas. De acordo com o modo de contar, de escutar e de compreender, reconhecereis esses homens tão diversos nos costumes e no caráter, separados outrora por espaços imensos, e reunidos agora pela Providência para formar um povo de irmãos. O americano escuta com melancolia, uma vagarosa tristeza se mostra muita vez no olhar; se fala, a voz é baixa, com um acento lamentoso nas palavras; raramente se anima, guardando todo o ardor no fundo da alma, que é toda pela independência, pela liberdade existente nas florestas. O negro tem a necessidade de se abandonar ao fogo de sua

gination, il faut qu'on partage sa pensée; ses paroles rapides ne suffisent pas à l'abondance des idées, il excite les spectateurs par ses gestes, sa voix part en éclats, ses yeux animés indiquent le feu de son âme. Mobile dans ses sentimens, mais toujours crédule, le surnaturel embellit ses récits, il anime des traditions poétiques de son pays une patrie nouvelle. Il gémit sans doute au souvenir d'anciennes infortunes, mais malgré les douleurs de l'esclavage, le présent, en captivant l'ardeur de son imagination, l'entraîne et détourne ses yeux de l'avenir; et le blanc, qui partage souvent les travaux de ces deux hommes, fier d'être de la race des vainqueurs, il s'est fait des traditions nouvelles, mais il tient à celles du vieux temps; sa pensée erre quelquefois sur les bords de ce Tage qu'il n'a jamais vu; son imagination est aux terres lointaines, mais son cœur est à sa patrie: dans ses récits, dans ses chants l'histoire des deux contrées se mêle. Quant à l'homme dont la mère est indienne, il a je ne sais quelle énergie d'indépendance qui lui fait sentir le besoin d'élever sa patrie avant tout; il cherche les aventures au sein des forêts; il a la persévérance du blanc,

imaginação, e é necessário que compartilhemos de seu pensamento; suas rápidas palavras não são suficientes para a abundância de ideias; excita os espectadores com os gestos, a voz é pura estridência, os olhos acesos demonstram o ardor que lhe vai na alma. Inconstante nos sentimentos, mas sempre crédulo, o sobrenatural embeleza os relatos; anima, com as tradições poéticas da terra natal, uma nova pátria. Sem dúvida, geme ainda na recordação dos antigos infortúnios, mas, apesar das dores da escravidão, o presente, arrebatando-lhe a intensidade da imaginação, o arrasta e desvia-lhe os olhos do futuro; e o branco, que partilha tanta vez o trabalho daqueles dois homens, orgulhoso de pertencer à raça dos vencedores, se constrói em tradições novas, mas retém aquelas dos velhos tempos; o seu pensamento erra algumas vezes sobre as bordas daquele Tejo jamais visto; a imaginação está em terras distantes, porém o coração pertence à pátria: nas suas narrativas, nos seus cantos, mescla-se a história de ambos os países. Quanto ao homem cuja mãe é indígena, possui não se sabe que energia de independência que o faz sentir a necessidade da exaltação de sua pátria antes de tudo; busca aventuras no âmago da floresta; possui a perseverança do branco

et le courage de l'homme cuivré : son âme est énergique et son esprit rêveur ; de grandes choses sortiront de cette race [1].

Le fils d'un Européen et d'une noire, le mulâtre rappelle l'Arabe par ses traits, par sa couleur, par son caractère : l'amour, en exaltant son âme, le rend enthousiaste ; sa pensée est rapide, son imagination variée, son cœur ardent. Il est poète, la nature l'a créé tel.

Il me semble que dans le temps où une lutte héroïque développa tous les caractères, à l'époque où la Hollande fut vaincue par le Brésil, la nature offrit au monde un spectacle nouveau qui put faire comprendre ses desseins. Fernand Vieyra, plein d'héroïsme chevaleresque, donna l'exemple du courage que les Européens allient à la méditation. Le noir Henrique Dias eut l'ardente bravoure qui dédaigne la réflexion. Calabar, né d'un blanc et d'une Africaine, doué d'une inconcevable imagination, d'une admirable persévérance, eût été aussi grand

[1] *Voyez* ce que dit Koster dans son *Voyage au Brésil ;* le Mamaluco est presque toujours le héros des histoires poétiques inventées dans le pays.

e a coragem do homem acobreado: a alma é enérgica e o espírito sonhador; grandes coisas sairão desta raça.[1]

O filho de um europeu com uma negra, o mulato, recorda o árabe nos traços, na cor e no caráter: o amor, exaltando-lhe a alma, o faz entusiasta; o pensamento é rápido, a imaginação variada, o coração impetuoso. É poeta, do jeito que a natureza o criou.

Parece-me que, no tempo em que uma luta heroica desenvolveu todos os caracteres, época em que a Holanda foi vencida pelo Brasil, a natureza ofereceu ao mundo um espetáculo novo que fez com que fossem compreendidos seus desígnios. Fernandes Vieira, pleno de heroísmo cavalheiresco, deu um exemplo de coragem sobre o qual os europeus tiveram que meditar. O negro Henriques Dias teve a arrebatadora bravura que desdenha a reflexão. Calabar, nascido de pai branco e mãe africana, dotado de uma incrível imaginação, de uma admirável perseverança, teria sido tão notável

---

1 Veja o que diz Koster em *Viagem ao Brasil*: o mameluco é quase sempre o herói das histórias poéticas inventadas no país.

qu'eux tous, s'il n'eût été un traître ; et enfin ce Cameran, ce chef célèbre des Indiens, alors qu'il avait sauvé les colons, et qu'il pouvait s'égaler à eux, voulut toujours s'isoler : il se montra le type de la race américaine par son courage terrible, par sa lenteur persévérante.

Que l'on me pardonne cette longue digression, mais il m'a semblé qu'avant tout il fallait faire connaître ces traits caractéristiques qui distinguent les races, qui se modifieront un jour, mais qu'il est important de ne pas oublier.

Dans ce pays, où la nature déploie tant de pompe, où les esprits sont si ardens, rien ne peut donc rester faible, tout doit s'élever rapidement.

Mais une chose vraiment remarquable, c'est l'influence qu'exerce maintenant notre littérature sur celle des Brésiliens. Ils sont fiers des auteurs qui ont fixé leur langue ; mais ils lisent les poètes français, et les connaissent presque tous. Le rôle qui nous reste à jouer dans ce pays est encore assez beau, et si les Anglais ont plus que nous cette influence commerciale que leur assigne partout leur activité, nous devons être satisfaits

quanto os outros, se não fora um traidor; e por fim o Camarão, célebre chefe indígena, depois de haver socorrido os colonos, aos quais se igualara, quis sempre levar vida isolada: ele mostrou toda a força da raça americana pela temível coragem, pela impassível perseverança.

Perdoem-me esta longa digressão, mas me pareceu ser necessário, antes de tudo, tornar conhecidos aqueles traços característicos que distinguem as raças, que mesmo se modificando um dia é de grande importância não os esquecer.

Nesse país, onde a natureza denota tanta pompa, onde os espíritos são tão exaltados, nada, pois, permanece sem energia, tudo cresce com rapidez.

Porém, o dado verdadeiramente notável é a influência que nossa literatura exerce agora sobre a dos brasileiros. Eles se orgulham dos autores que fixaram a sua língua; mas leem os poetas franceses, e os conhecem quase todos. O papel que nos resta representar nesse país é ainda bastante expressivo, e, se os ingleses têm, mais que nós, a influência comercial que em toda parte consigna sua atividade, devemos contentar-nos

de voir une nation brillante de jeunesse et de génie s'attacher à nos productions littéraires, en modifier ses propres productions, et resserrer par les liens de l'esprit ceux qui doivent exister par la politique[1].

Le commencement de la littérature brésilienne ne date pas d'une époque très-reculée, et cependant il est assez difficile d'assigner sa véritable origine, puisque nous la séparons pour quelques instans de la littérature portugaise. Il est certain qu'elle a commencé par quelques relations imparfaites du seizième siècle, qui sont venues s'enfouir pour la plupart dans les archives de la Torre do Tombo.

En même temps qu'il y eut des historiens il y eut des poètes, et il est probable que les premiers explorateurs, remplis d'enthousiasme pour le beau pays qu'ils voyaient, le célébrèrent plus d'une fois. La langue portugaise se prête, comme l'italien, aux inspirations soudaines. Les loisirs des voyages s'allient avec la réflexion: de nos jours, les

1 *Voyez* ce que j'ai dit, dans les Scènes de la nature sous les tropiques, sur le gout que montre la société brésilienne pour la poésie.

por ver a nação resplandecente de juventude e de engenho se ligar às nossas produções literárias, e em razão delas modificar as próprias produções, e estreitar por meio de vínculos do espírito os que devem existir no campo político.[1]

O começo da literatura brasileira não data de época muito recuada; contudo, é bastante difícil designar a verdadeira origem, uma vez que a separamos, por instantes, da literatura portuguesa. É certo que começou com alguns imperfeitos relatos do século XVI, os quais se enterraram, na maior parte, nos arquivos da Torre do Tombo.

Ao mesmo tempo em que apareceram os historiadores, surgiram os poetas, e é provável que os primeiros exploradores, plenos de entusiasmo pela aprazível região que contemplavam, a tenham louvado mais de uma vez. A língua portuguesa se presta, assim como a italiana, às súbitas inspirações. As lentidões das viagens se aliam à meditação: hoje os

---

1 Veja o que eu disse, em *Cenas da natureza sob os trópicos*, acerca do gosto que a sociedade brasileira mostra pela poesia.

paysans du Brésil nous donnent une idée de ce qu'était cette poésie primitive, qui n'est jamais confiée à l'écriture, et qui pour cela n'en offre pas moins des beautés du premier ordre. Dans les campagnes, il n'est point rare de rencontrer des improvisateurs exercés. Comme on a pu le sentir, il ne faut pas confondre le cultivateur brésilien de race blanche avec celui de l'Europe; il est étranger à beaucoup d'idées d'industrie, son ignorance est quelquefois profonde, la superstition le tient sous son joug, mais sa pensée est prompte comme l'éclair, ses réflexions sont justes, ses idées s'élèvent, l'enthousiasme s'empare facilement de son âme, et si l'éducation développe dans les villes ces heureuses dispositions, il peut en résulter de puissans avantages pour la littérature.

camponeses do Brasil concedem a nós uma ideia do que era esta poesia primitiva, nunca confiada à escrita, e que nem por isso deixa de oferecer menos belezas de primeira ordem. Nos campos, não é raro encontrar repentistas competentes. Conforme já se observou, não há que confundir o lavrador brasileiro de raça branca com o da Europa; ao brasileiro são estranhas muitas formulações industriais, e sua ignorância é por vezes profunda; a superstição o tem sob jugo, mas o pensamento é tão rápido quanto o relâmpago, as reflexões são justas, as ideias se elevam, o entusiasmo se apodera facilmente da alma, e se a educação vier a desenvolver essas felizes disposições nas cidades, poderosas vantagens resultarão para a literatura.

NITHEROY,

REVISTA BRASILIENSE.

SCIENCIAS, LETTRAS, E ARTES.

Tudo pelo Brasil, e para o Brasil.

Tomo Primeiro.

Nº. Iº.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
DO RIO DE JANEIRO

Paris.

DAUVIN ET FONTAINE, LIBRAIRES,

PASSAGE DES PANORAMAS, Nº 35.

1836.

Ensaio sobre a história da literatura do Brasil (1836)

Estudo preliminar

Domingos José Gonçalves de Magalhães

ENSAIO

SOBRE A HISTORIA DA LITTERATURA

DO BRASIL.

ESTUDO PRELIMINAR.

A Litteratura de um povo é o desenvolvimento do que elle tem de mais sublime nas ideias, de mais philosophico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais bello na Natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e de suas paixoens, o despertador de sua gloria, e o reflexo progressivo de sua intelligencia. E quando esse povo, ou essa geração desaparece da superficie da Terra com todas as suas instituiçoens, suas crenças, e costumes, a Littératura só escapa aos rigores do tempo, para annunciar ás geraçoens futuras qual fôra o caracter do povo, do qual é ella o unico representante na posteridade; sua vóz como um echo immortal repercute por toda a parte, e diz: em tal épocha, de baivo de tal constellação, e sobre tal ponto da terra um povo existia, cujo nome eu so conservo, cujos heroes eu só conheço; vos porêm si pertendeis tambem conhecel-o, consultai me, por que eu sou o espirito desse povo, e uma sombra viva do que elle foi.

Cada povo tem sua Litteratura, como cada homem o seu caracter, cada arvore o seu fructo. Mas

Estudo preliminar

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais belo na natureza, é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória e o reflexo progressivo de sua inteligência. E quando esse povo ou essa geração desaparece da superfície da Terra com todas as suas instituições, suas crenças e costumes, a literatura só escapa aos rigores do tempo, para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter do povo, do qual é ela o único representante na posteridade; sua voz como um eco imortal repercute por toda a parte, e diz: em tal época, debaixo de tal constelação, e sobre tal ponto da Terra um povo existia, cujo nome eu só conservo, cujos heróis eu só conheço; vós porém se pretendeis também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo e uma sombra viva do que ele foi.

Cada povo tem sua literatura, como cada homem o seu caráter, cada árvore o seu fruto. Mas esta verdade, que para os primitivos

esta verdade, que para os primitivos povos é incontestavel, e absoluta, todavia alguma modificação experimenta entre aquelles, cuja civilisação apenas é um reflexo da civilisação de outro povo. Então similhante as arvores enxertadas, vem-se pender dos galhos de um mesmo tronco fructos de diversas especies, e posto que não degenerem aquelles, que do enxerto brotaram, comtudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco, que lhes dá o nutrimento, as quaes os distinguem dos outros fructos de sua mesma especie. Em tal caso porêm as duas Litteraturas marcham a par, e conhecer-se pode qual a indigena, qual a estrangeira. N'outras circunstancias, como as agoas de dous rios, que n'um confluente se annexam, e confundidas em um só leito se deslisam, as duas Litteraturas de tal geito se alliam, que impossivel é o separal-as. A Grecia, por exemplo, tinha uma Litteratura, que lhe era propria, que explica suas crenças, sua moral, seus costumes, uma Litteratura toda filha de suas ideias, uma Litteratura emfim toda Grega.

A Europa de hoje, ou tomemos a França, ou a Inglaterra, ou a Hespanha, ou Portugal, apresenta o exemplo da segunda proposição; alem da Litteratura, que lhe é propria, desta Litteratura filha de sua civilisação originaria do Christianismo, nós ahi vemos outra Litteratura, que chamamos enxertada, que não é mais do que uma lembrança da mythologia antiga, e uma recordação de costumes, que ella não possue; e não só as duas Litteraturas marcham

povos é incontestável e absoluta, todavia alguma modificação experimenta entre aqueles cuja civilização apenas é um reflexo da civilização de outro povo. Então semelhante às árvores enxertadas, vêm-se pender dos galhos de um mesmo tronco frutos de diversas espécies e, posto que não degenerem aqueles que do enxerto brotaram, contudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco, que lhes dá o nutrimento, as quais os distinguem dos outros frutos de sua mesma espécie. Em tal caso porém as duas literaturas marcham a par, e conhecer-se pode qual a indígena, qual a estrangeira. Em outras circunstâncias, como as águas de dois rios, que num confluente se anexam, e confundidas em um só leito se deslizam, as duas literaturas de tal jeito se aliam que impossível é o separá-las. A Grécia, por exemplo, tinha uma literatura, que lhe era própria, que explica suas crenças, sua moral, seus costumes, uma literatura toda filha de suas ideias, uma literatura enfim toda grega.

A Europa de hoje, ou tomemos a França, ou a Inglaterra, ou a Espanha, ou Portugal, apresenta o exemplo da segunda proposição; além da literatura, que lhe é própria, desta literatura filha de sua civilização originária do cristianismo, nós aí vemos outra literatura, que chamamos enxertada, que não é mais do que uma lembrança da mitologia antiga e uma recordação de costumes, que ela não possui; e não só as duas literaturas

apar, como muitas vezes um mesmo Poeta se vota á cultura de ambas, e como diz Tasso fallando do magico Ismeno.

> Anzi sovente in uso empio e profano
> Confonde le due leggi a se mal note.

Para prova da terceira proposição, no caso em que as Litteraturas de modo tal se mesclam, que se não pode separal-as, nós vemos na Litteratura Romantica de Hespanha uma mistura de ideias cavalherescas, e Arabes, restos da antiga civilisação dos Arabes; algumas vezes si ella é christã no seu fundo, é ella Arabe quanto a forma.

Mas não são estas as unicas modificaçoens, que entre os diversos povos experimenta a Litteratura; outras ha, que da natureza mesmo do homem, da civilisação, e do progresso dependem; por que seja qual for a modificação, que a Litteratura soffra, em accordo acha-se sempre esta modificação com o caracter, e estado de civilisação desse povo. Assim a Litteratura é variavel como são os seculos, similhante ao Thermometro, que sóbe ou desce segundo o estado da atmosphera.

Por uma especie de contagio, uma ideia lavra entre os homens de uma epocha; reune-os todos n'uma mesma crença; seus pensamentos se harmonisam, e para um só fim tendem. Cada época representa então uma ideia, que marcha escoltada d'outras, que lhe são subalternas, como Saturno rodeiado de seus satellites; ella contem, e explica

marcham a par, como muitas vezes um mesmo poeta se volta à cultura de ambas, e como diz Tasso falando do mágico Ismeno

Anzi sovente in uso empio e profano
Confonde le due leggi a se mal note.

Para prova da terceira proposição, no caso em que as literaturas de modo tal se mesclam, que se não pode separá-las, nós vemos na literatura romântica de Espanha uma mistura de ideias cavalheirescas e árabes, restos da antiga civilização dos árabes; algumas vezes se ela é cristã em seu fundo, é ela árabe quanto à forma.

Mas não são estas as únicas modificações que entre os diversos povos experimenta a literatura; outras há, que da natureza mesmo do homem, da civilização e do progresso dependem; porque seja qual for a modificação que a literatura sofra, em acordo acha-se sempre esta modificação com o caráter e estado de civilização desse povo. Assim a literatura é variável como são os séculos, semelhante ao termômetro, que sobe ou desce segundo o estado da atmosfera.

Por uma espécie de contágio, uma ideia lavra entre os homens de uma época; reúne-os todos numa mesma crença; seus pensamentos se harmonizam, e para um só fim tendem. Cada época representa então uma ideia, que marcha escoltada de outras, que lhe são subalternas, como Saturno rodeado de seus satélites;

as outras ideias como as primissas no raciocinio contem, e explicam a conclusão. Essa ideia é o espirito, e o pensamento mais intimo de sua epocha, é a razão occulta de todos os factos contemporaneos. A Litteratura abrangendo grande parte de todas as Sciencias, e Artes, e sendo ella só filha, e representante moral da civilisação, é mister um concurso de extênsos conhecimentos para poder-se traçar sua historia geral, ou particular, e jamais perder-se de vista a ideia predominante do seculo, luminoso guia na indagação, e cóordenação dos factos, sem o que a historia é nulla, e sua missão illudida.

Applicando-nos agora especialmente ao Brasil; as primeiras questoens, que se nos apresentam são: qual é a origem de sua Litteratura? Qual seu progresso, seu caracter, que phases tem tido? Quaes os que a cultivaram, e as circunstancias, que em differentes tempos favoreceram, ou tolheram seu florecimente? Havemos pois mister remontarmo-nos ao estado do Brasil de pois de seu descobrimento, d'ahi pedindo conta á historia, e á tradição viva dos homens do como se passaram as cousas, seguindo a marcha do desenvolvimente intellectual, e pesquizando o espirito que a presidia, poderemos livremente mostrar, não acabado, mas ao menos verdadeiro quadro historico da nossa Litteratura.

Mas antes de encetar a materia, uma consideração aqui nos demóra, e pede o caso que a explanemos. Lugar é este de expormos as difficuldades, que na execução desta obra encontrámos. Aquelles, que alguns lumes de conhecimentos possuem sobre a

ela contém, e explica as outras ideias, como as premissas no raciocínio contêm e explicam a conclusão. Essa ideia é o espírito e o pensamento mais íntimo de sua época, é a razão oculta de todos os fatos contemporâneos. A literatura abrangendo grande parte de todas as Ciências e Artes, e sendo ela só filha e representante moral da civilização, é mister um concurso de extensos conhecimentos para poder-se traçar sua história geral, ou particular, e jamais perder-se de vista a ideia predominante do século, luminoso guia na indagação e coordenação dos fatos, sem o que a história é nula e sua missão iludida.

Aplicando-nos agora especialmente ao Brasil; as primeiras questões que se nos apresentam são: qual é a origem de sua literatura? Qual seu progresso, seu caráter, que fases tem tido? Quais os que a cultivaram, e as circunstâncias que em diferentes tempos favoreceram ou tolheram seus florescimento? Havemos pois mister remontarmo-nos ao estado do Brasil depois de seu descobrimento, daí pedindo conta à história e à tradição viva dos homens de como se passaram as coisas, seguindo a marcha do desenvolvimento intelectual, e pesquisando o espírito que a presidia, poderemos livremente mostrar, não acabado, mas ao menos verdadeiro quadro histórico da nossa literatura.

Mas antes de encetar a matéria, uma consideração aqui nos demora, e pede o caso que a explanemos. Lugar é este de expormos as dificuldades que na execução desta obra encontramos. Aqueles que alguns lumes de conhecimentos

Litteratura Brasileira sabem, que mesquinhos e exparsos são os documentos, que sobre ella consultar-se podem. Nenhum nacional, que nós conheçamos, occupado se tem até hoje com tal objecto. Dos estrangeiros, MM. Bouterwech, Sismonde de Simondi, e Ferdinand Diniz alguma cousa disseram. O primeiro apenas conhecia Claudio Manoel da Costa, de quem alguns pedaços apresenta, o segundo enteiramente pautûa-se sobre o primeiro; e a menção, que faz de alguns Brasileiros fôra mesmo excluida do plano de sua obra sobre a Litteratura do Meio-dia da Europa, si n'ella não entrasse como um appendece á historia da Litteratura Portugueza. No resumo da historia Litteraria de Portugal, e Brasil, por M. Ferdinand Diniz, posto que separadas estejam ellas, e por ventura mais extenso desenvolvimento esta ultima offereça, com tudo, basta uma vista d'olhos para ver-se que ainda longe está de ser completa, servindo apenas para dár uma ideia a estrangeiros. Eis tudo o que sobre a Litteratura do Brasil se tem escripto; e si por isto so nos guiassemos, na impossibilidade em que ficariamos de nada podermos ajunctar, teriamos prefferido o traduzir, o que de bem pouca monta fôra para á historia, Empenhados em dar alguma cousa mais meritoria, começámos por estudar a nossa historia, e desde ahi deparámos com grandes embaraços para o nosso escopo. Necessario nos foi a leitura do immenso trabalho biographico do Abade Barbosa, para podermos achar aqui e alli o nome de um Brasileiro distincto, no meio dessa alluvião de nomes colleccionados ás

possuem sobre a literatura brasileira, sabem que mesquinhos e esparsos são os documentos que sobre ela consultar-se podem. Nenhum nacional, que nós conheçamos, ocupado se tem até hoje com tal objeto. Dos estrangeiros, MM. Bouterwech, Sismonde de Simondi e Ferdinand Denis alguma coisa disseram. O primeiro apenas conhecia Claudio Manoel da Costa, de quem alguns pedaços apresenta, o segundo inteiramente pauta-se sobre o primeiro; e a menção que faz de alguns brasileiros fora mesmo excluída do plano de sua obra sobre a literatura do meio-dia da Europa; se nela não entrasse como um apêndice à historia da literatura portuguesa. No resumo da história literária de Portugal e Brasil, por M. Ferdinand Denis, posto que separadas estejam elas, e por ventura mais extenso desenvolvimento esta última ofereça, contudo basta uma vista de olhos para ver-se que ainda longe está de ser completa, servindo apenas para dar uma ideia a estrangeiros. Eis tudo o que sobre a literatura do Brasil se tem escrito; e se por isto só nos guiássemos, na impossibilidade em que ficaríamos de nada podermos ajuntar, teríamos preferido o traduzir, o que de bem pouca monta fora para a história. Empenhados em dar alguma coisa mais meritória, começamos por estudar a nossa história, e desde aí deparamos com grandes embaraços para o nosso escopo. Necessário nos foi a leitura do imenso trabalho biográfico do abade Barbosa, para podermos achar aqui e ali o nome de um brasileiro distinto, no meio dessa aluvião de nomes colecionados às vezes com bem pouca crítica.

vezes com bem pouca critica. Ainda assim convinha-nos ler suas obras; eis ahi uma quasi insuperavel barreira; embalde por algumas dellas, de que tinhamos noticia, investigámos todas as Bibliothecas de Paris, de Roma, de Florença, de Padua e de outras principaes cidades de Italia, que vesitámos: foi-nos preciso contentar-nos com o que podemos obter. Acresse mais que dos nossos primeiros Poetas ignoramos as epochas de seus nascimentos, que tanto apreço damos nós aos grandes homens, que nos honram, desses homens cuja heranca é hoje nossa unica gloria. Esta difficuldade foi já reconhecida pelo illustre Edictor do Parnasso Brasileiro, cujo trabalho tão digno de louvor, assaz servio-nos. Em fim, de pois de um longo e enfadonho estudo, vimo-nos quasi redusidos sem outro guia, que o nosso proprio juiso, a lermos, e analysarmos os auctores, que obter podemos, esperando que o tempo nos facilite os meios para o fim aque nos propomos. Todos estes trabalhos, e obstaculos indicamos, não com o fito de realçar o merito deste nosso bosquejo, mas sim para podermos merecer des-culpa de faltas, e penurias, que borbulhar devem de todos os lados, e outro sim para que, á vista de tal incuriá, e mendiguez, mais zelozos sejamos em pesquirar, e conservar os monumentos de nossa gloria para as raças futuras, a fim que não nos exprobrem nosso desmazelo, e de barbaros não nos accusem, como fariamos com justa causa dos nossos maiores. Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A gloria de uma Nação, que existe, ou que já existira, não é senão

Ainda assim convinha-nos ler suas obras; eis aí uma quase insuperável barreira; embalde por algumas delas, de que tínhamos notícia, investigamos todas as bibliotecas de Paris, de Roma, de Florença, de Pádua e de outras principais cidades de Itália, que visitamos: foi-nos preciso contentar-nos com o que podemos obter. Acresce mais que dos nossos primeiros poetas ignoramos as épocas de seus nascimentos, que tanto apreço damos nós aos grandes homens, que nos honram, desses homens cuja herança é hoje nossa única glória. Esta dificuldade foi já reconhecida pelo ilustre editor do Parnaso Brasileiro, cujo trabalho tão digno de louvor assaz serviu-nos. Enfim, depois de um longo e enfadonho estudo, vimo-nos quase reduzidos sem outro guia, que o nosso próprio juízo, a lermos e analisarmos os autores, que obter podemos, esperando que o tempo nos facilite os meios para o fim a que nos propomos. Todos estes trabalhos e obstáculos indicamos, não com o fito de realçar o mérito deste nosso bosquejo, mas sim para podermos merecer desculpa de faltas e penúrias, que borbulhar devem de todos os lados e outrossim para que, à vista de tal incúria e mendiguez, mais zelosos sejamos em pesquisar e conservar os monumentos de nossa glória para as raças futuras, a fim de que não nos exprobrem nosso desmazelo e de bárbaros não nos acusem, como faríamos com justa causa dos nossos maiores. Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A glória de uma nação, que existe, ou que já existira, não é senão

um reflexo da gloria de seus grandes homens; de toda a antiga grandeza da patria dos Ciceros, e dos Virgilios apenas restam suas immortaes obras, e essas ruinas, que tanto attrahem a vista do estrangeiro, e no meio das quaes Roma se sustenta, e se enche de orgulho. Que cada qual se convença do que diz Madama de Staël que: » A gloria dos gran» des homens é o patrimonio de um paiz livre; de » pois de sua morte todos partecipam d'ella. » O aparecimento de um grande homem é uma epocha para a historia, e similhante a uma joia preciosa, que só possuimos quando a podemos possuir, o grande homem jamais se apresenta quando nós não o merecemos. Elle existe no meio de nós sem ser conhecido, sem se conhecer a si mesmo, como o ouro nas entranhas da terra, e so espera que o desencavem para adquerir seu valor. Empreguemos os meios necessarios, e nós possuiremos grandes homens. Si é verdade que a paga anima o trabalho, a recompensa do Genio é a gloria, e segundo o bello pensamento de M^me^ *de Staël*: « O Genio no meio da sociedade é uma dor, uma febre interior de que se deve tractar como verdadeira molestia, si a recompensa da gloria não lhe adoça as penas.»

O Brasil descoberto em 1500, jazeo trez seculos esmagado de baixo da cadeira de ferro, em que se recostava um Governador colonial com todo o peso de sua insufficiencia, e de sua imbecilidade. Misquinhas intençoens politicas, por não avançar outra cousa, leis absurdas, e iniquas dictavam, que o progresso da civilisação, e da industria entorpeciam. Os

um reflexo da glória de seus grandes homens; de toda a antiga grandeza da pátria dos Cíceros e dos Virgílios apenas restam suas imortais obras, e essas ruínas, que tanto atraem a vista do estrangeiro, e no meio das quais Roma se sustenta e se enche de orgulho. Que cada qual se convença do que diz Madame de Staël que: "A glória dos grandes homens é o patrimônio de um país livre; depois de sua morte todos participam dela." O aparecimento de um grande homem é uma época para a história e semelhante a uma joia preciosa, que só possuímos quando a podemos possuir, o grande homem jamais se apresenta quando nós não o merecemos. Ele existe no meio de nós sem ser conhecido, sem se conhecer a si mesmo, como o ouro nas entranhas da terra, e só espera que o desencavem para adquirir seu valor. Empreguemos os meios necessários, e nós possuiremos grandes homens. Se é verdade que a paga anima o trabalho, a recompensa do gênio é a glória, e segundo o belo pensamento de Mme. De Staël: "O gênio no meio da sociedade é uma dor, uma febre interior de que se deve tratar como verdadeira moléstia, se a recompensa da glória não lhe adoça as penas."

O Brasil descoberto em 1500, jazeu três séculos esmagado debaixo da cadeira de ferro, em que se recostava um governador colonial com todo o peso de sua insuficiência e de sua imbecilidade. Mesquinhas intenções políticas, por não avançar outra coisa, leis absurdas e iníquas ditavam que o progresso da civilização e da indústria entorpeciam. Os melhores gênios em

melhores genios em flor morriam, faltos deste orvalho protector, que os desabrocha; um ferete ignominoso de desapprovação, na fronte gravado do Brasileiro, indigno o tornava de altos e civís empregos. Para elle obstruidas, e feixadas estavam todas as portas, e estradas que á illustração o conduzir podiam; umas ó porta ante seus passos se abria, era a porta do convento, do retiro, e do esquecimento. A Religião franqueava esta porta, a Religião a feixava sobre seus pa sos; e o sino, que o chamava ao Claustro, annunciava tambem sua morte para o mundo. O genio em vida sepultado, cercado de mysticas imagens, apenas saïa para catequisar os Indios no meio dos desertos, ou para pregar aos fieis as austeras verdades do Evangelio. Mas em vão; as virtudes do Christianismo não podiam domiciliar nos coraçoens embebidos nos vivios desses homens, pela mor parte tirados das cadeias de Lisbôa, para vir povoar o Novo Mundo. Que Deos nos preserve de lançar o opprobrio sobre ninguem. Era então um systema de fundar colonias com homens destinados ao patibulo; era basear uma Nação nascente sobre todos os generos de vicios, e crimes; é ainda por um systema igual que nós reservamos para deffensores da Patria, para sustentaculos dos nossos direitos, e guardas das nossas cidades os homens mais ignobeis, corrompidos pela devassidão.

Taes homens (os primeiros habitadores do Brasil) de seu lado para seus proprios filhos olhavam como para uma raça degenerada, inepta para tudo; fatal preconceito, que ainda hoje medra entre alguns

flor morriam, faltos deste orvalho protetor, que os desabrocha; um ferrete ignominioso de desaprovação, na fronte gravado do brasileiro, indigno o tornava de altos e civis empregos. Para ele obstruídas e fechadas estavam todas as portas e estradas que à ilustração o conduzir podiam; uma só porta ante seus passos se abria, era a porta do convento, do retiro e do esquecimento. A religião franqueava esta porta, a religião a fechava sobre seus passos; e o sino, que o chamava ao claustro, anunciava também sua morte para o mundo. O gênio em vida sepultado, cercado de místicas imagens, apenas saía para catequizar os índios no meio dos desertos, ou para pregar aos fiéis as austeras verdades do Evangelho. Mas em vão; as virtudes do cristianismo não podiam domiciliar nos corações embebidos nos vícios desses homens, pela mor parte tirados das cadeias de Lisboa, para vir povoar o Novo Mundo. Que Deus nos preserve de lançar o opróbrio sobre ninguém. Era então um sistema de fundar colônias com homens destinados ao patíbulo; era basear uma nação nascente sobre todos os gêneros de vícios e crimes; é ainda por um sistema igual que nós reservamos para defensores da pátria, para sustentáculos dos nossos direitos, e guardas das nossas cidades os homens mais ignóbeis, corrompidos pela devassidão.

Tais homens (os primeiros habitadores do Brasil) de seu lado para seus próprios filhos olhavam como para uma raça degenerada, inepta para tudo; fatal preconceito, que ainda

Portuguezes. Quanto aos Indios, esses perseguidos eram com ferro, e fogo, como se fossem animaes ferozes; nem elles em outra cathegoria eram considerados. Sabe-se que necessario foi, que uma Bula do Papa Paulo, 3º declarasse que eram os Indios verdadeiros homens, e capazes por isso da fé de Christo; sem o que os Europeos talvez os houvessem de todo exterminado. Da barbaridade de taes homens traça-nos Vasconcellos[1] um quadro, quando nos diz: « os Portuguezes, que alli já estavam, e começavam a povoar esses lugares, viviam a modo de gentios; e os gentios com o exemplo destes iam fazendo menos conceito da lei dos Christãos: e sobre tudo, que viviam aquelles Portuguezes de um tracto vilissimo salteando os pobres Indios, ou nos caminhos, ou em suas terras, servindo-se d'elles, e avexando-os contra todas as leis da razão. » E mais abaixo diz ainda: « viviam (os Portuguezes) do rapto dos Indios, e era tido o officio de assalteal-os por valentia; e por elle eram os homens estimados. » Tal era o estado d'aquelles tempos. Que podemos nós ajunctar a estas citaçoens? Tal era toda a industria, a arte, e a sciencia dos primeiros habitantes do Brasil. Triste é sem duvida a recordação dessa epocha, em que o Brasileiro, como lançado em uma terra estrangeira, duvidoso em seu proprio paiz vagava, sem que dizer podesse: isto é meu, neste lugar nasci. Envergonhava-se de ser Brasileiro, e muitas vezes com o nome Portuguez se acobertava, para ao

[1] Chronica da companhia de Jésus, liv. 1, pag. 56.

hoje medra entre alguns portugueses. Quanto aos índios, esses perseguidos eram com ferro e fogo, como se fossem animais ferozes; nem eles em outra categoria eram considerados. Sabe-se que necessário foi que uma bula do papa Paulo 3° declarasse que eram os índios verdadeiros homens e capazes por isso da fé de Cristo; sem o que os europeus talvez os houvessem de todo exterminado. Da barbaridade de tais homens traça-nos Vasconcellos[1] um quadro, quando nos diz: "os Portugueses, que ali já estavam, e começavam a povoar esses lugares, viviam a modo de gentios; e os gentios com o exemplo destes iam fazendo menos conceito da lei dos cristãos: e, sobretudo, que viviam aqueles portugueses de um trato vilíssimo salteando os pobres índios, ou nos caminhos, ou em suas terras, servindo-se deles, e avexando-os contra todas as leis da razão." E mais abaixo diz ainda: "viviam (os portugueses) do rapto dos índios, e era tido o ofício de assaltá-los por valentia; e por ele eram os homens estimados." Tal era o estado daqueles tempos. Que podemos nós ajuntar a estas citações? Tal era toda a indústria, a arte, e a ciência dos primeiros habitantes do Brasil. Triste é sem dúvida a recordação dessa época, em que o brasileiro, como lançado em uma terra estrangeira, duvidoso em seu próprio país vagava, sem que dizer pudesse: isto é meu, neste lugar nasci. Envergonhava-se de ser brasileiro, e muitas vezes com o nome português se acobertava, para ao menos

1 Crônica da companhia de Jesus, liv. 1, pág. 56

menos apparecer como um ente da especie humana, e poder alcançar um lugar em seu paiz. Dest'arte circunscripto em tão curto estadio, extranho á nacionalidade, sem o incentivo da gloria, este novo povo vegetava. Quem não dirá, que Portugal, com este systema exterminador só curava de atenuar, e enfraquecer esta immensa colonia, por que conhecia sua propria fraqueza, e ignorava seus mesmos interesses? Quem não dirá, que elle temia que a mais alto ponto o Brasil se erguesse, e a gloria lhe offuseasse? Assim é que um barbaro senhor algema seu escravo, receoso que elle se escape, e so lhe desprende um braço ou outro quando delle algum trabalho requer. A Economia Politica tem combatido victoriosamente o erro, que desde muito lavrava na politica, que um povo não se póde engrandecer senão a custa de outro povo, e com o sacrificio de tudo que o rodeia. Politica esta, que, à imitação dos Romanos, e de todos os povos dos baixos tempos, Portugual exerceo sobre o Brasil.

O tempo sanccionou estas-verdades, que a historia, e a memoria de recentes factos nos indicam, e o tempo, em sua marcha proseguindo, irá mostrando aos homens qual é o destino, que a Providencia tem marcado a este Imperio da America. A Deos prasa, que este perigioso fermento, que entre nós gyra, este germe de discordia, resaibo ainda da não apurada educação, e sobre tudo a escravidão, tão contraria ao desenvolvimento da industria, e das artes, e tão perneciosa á moral, não empeçam sua marcha, e seu engrandecimento.

aparecer como um ente da espécie humana, e poder alcançar um lugar em seu país. Destarte circunscrito em tão curto estádio, estranho à nacionalidade, sem o incentivo da glória, este novo povo vegetava. Quem não dirá que Portugal, com este sistema exterminador, só curava de atenuar e enfraquecer esta imensa colônia, porque conhecia sua própria fraqueza, e ignorava seus mesmos interesses? Quem não dirá que ele temia que a mais alto ponto o Brasil se erguesse, e a glória lhe ofuscasse? Assim é que um bárbaro senhor algema seu escravo, receoso que ele se escape, e só lhe desprende um braço ou outro quando dele algum trabalho requer. A Economia Política tem combatido vitoriosamente o erro, que desde muito lavrava na política, que um povo não se pode engrandecer senão à custa de outro povo, e com o sacrifício de tudo que o rodeia. Política esta que, à imitação dos romanos, e de todos os povos dos baixos tempos, Portugal exerceu sobre o Brasil.

O tempo sancionou estas verdades, que a história e a memória de recentes fatos nos indicam, e o tempo, em sua marcha prosseguindo, irá mostrando aos homens qual é o destino que a Providência tem marcado a este império da América. A Deus praza que este perigoso fermento, que entre nós gira, este germe de discórdia, ressaibo ainda da não apurada educação, e, sobretudo a escravidão, tão contrária ao desenvolvimento da indústria e das artes, e tão perniciosa à moral, não impeçam sua marcha e seu engrandecimento.

Estas consideraçoens parecerão talvez fora do objecto a que nos propomos; mas ellas intimamente a elle se ligam, e o explicam : ainda uma vez, e por outras palavras diremos, que o nosso fim não é traçar a biographia chronologica dos Auctores Brasileiros, mas sim a historia da Litteratura do Brasil, que toda a historia, como todo o drama, supõe lugar da scena, actores, paixoens, um facto progressivo, que se desenvolve, que tem sua razão, como tem uma causa, e um fim. Sem estas condiçoens nem há historia, nem drama.

Ao travez porêm das espessas trevas em que estavam mergulhados os homens no novo continente, viram-se alguns genios superiores brilhar de passagem, bem similhantes a essas luzes errantes, que o peregrino investigador admira em solitaria noite nos desertos do Brasil; sim, elles eram como os Pyrilampos, que no meio das trevas phosphoream. E poder-se-ha com razão accusar o Brasil de não ter produzido genios de mais subido quilate? Mas que povo escravisado pode cantar com harmonia, quando o retinido das cadeias, e o ardor das feridas sua existencia torturam? Que colono tão feliz, inda com o peso sobre os ombros, e curvado para a terra, o vóz erguêo no meio do Universo, e gravou seu nome nas paginas da memoria? Quem, não tendo o conhecimento de sua propria existencia, e só de scenas de miseria rodeiado, póde soltar um riso de alegria, e exhalar o pensamento de sua individualidade? Não; as Sciencias, a Poesia e as Artes, filhas da Liberdade, não são partilhas do es-

Estas considerações parecerão talvez fora do objeto a que nos propomos; mas elas intimamente a ele se ligam, e o explicam: ainda uma vez, e por outras palavras diremos, que o nosso fim não é traçar a biografia cronológica dos autores brasileiros, mas sim a história da literatura do Brasil, que toda a história, como todo o drama, supõe lugar da cena, atores, paixões, um fato progressivo, que se desenvolve, que tem sua razão, como tem uma causa e um fim. Sem estas condições nem há história, nem drama.

Ao través porém das espessas trevas em que estavam mergulhados os homens no novo continente, viram-se alguns gênios superiores brilhar de passagem, bem semelhantes a essas luzes errantes, que o peregrino investigador admira em solitária noite nos desertos do Brasil; sim, eles eram como os pirilampos, que no meio das trevas fosforejam. E poder-se-á com razão acusar o Brasil de não ter produzido gênios de mais subido quilate? Mas que povo escravizado pode cantar com harmonia, quando o retinido das cadeias e o ardor das feridas sua existência torturam? Que colono tão feliz, inda com o peso sobre os ombros, e curvado para a terra, a voz ergueu no meio do Universo, e gravou seu nome nas páginas da memória? Quem não tendo o conhecimento de sua própria existência e só de cenas de miséria rodeado, pode soltar um riso de alegria e exalar o pensamento de sua individualidade? Não; as Ciências, a Poesia e as Artes, filhas da liberdade, não são

cravo; Irmaes da gloria, fogem do paiz amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com o Liberdade habitar podem.

Si refletirmos, veremos que não são poucos os escriptores para um paiz que foi colonia Portugueza, para um paiz no qual ainda hoje o trabalho dos Litteratos, longe deassegurar lhes, com a gloria, uma independencia individual, e um titulo de mais, ao contrario parece desmerecel-os, e desvia-los da liga dos homens *positivos*, que desdenhosos dizem: é um Poeta; sem destinguir si apenas é um trovista, ou um homem de genio; como si dissessem: Eis-ahi um ocisso, um parasita, que não pertence a este mundo; deixai-o na sua mania. Ahi canta o Vate por mera inspiração celeste, por esta necessidade de cantar, para dar um desafogo a seu coração. Ao prencipio cantava-se para louvar a belleza, a virtude, e seus amores; cantava-se ainda para adoçar as amarguras d'alma; e tanto que a ideia de Patria appareceo aos Poetas, começaram elles a invocal-a para objecto de seus canticos. Mas sempre, como o peregrino no meio dos bosques, que canta sem esperar recompensa, o Poeta Brasileiro, não é guiado pelo interesse, e só o Amor mesmo da Poesia, e de sua Patria o arrasta. Elle pode dizer com o Epico Portuguez.

> Vereis amor da Patria, nao movido
> De premio vil.

Si em total esquecimento muitos d'elles existem, provêm isto em parte da Lingoa em que escre-

partilhas do escravo; irmãs da glória, fogem do país amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com a liberdade habitar podem.

Se refletirmos, veremos que não são poucos os escritores para um país que foi colônia portuguesa, para um país no qual ainda hoje o trabalho dos literatos, longe de assegurar-lhes, com a glória, uma independência individual, e um título de mais, ao contrário parece desmerecê-los, e desviá-los da liga dos homens *positivos*, que desdenhosos dizem: é um poeta; sem distinguir se apenas é um trovista ou um homem de gênio; como se dissessem: Eis aí um ocioso, um parasita, que não pertence a este mundo; deixai-o na sua mania. Aí canta o Vate por mera inspiração celeste, por esta necessidade de cantar, para dar um desafogo a seu coração. A princípio cantava-se para louvar a beleza, a virtude e seus amores; cantava-se ainda para adoçar as amarguras da alma; e tanto que a ideia de pátria apareceu aos poetas, começaram eles a invocá-la para objeto de seus cânticos. Mas sempre, como o peregrino no meio dos bosques, que canta sem esperar recompensa, o poeta brasileiro não é guiado pelo interesse, e só o amor mesmo da poesia e de sua pátria o arrasta. Ele pode dizer com o épico português.

Vereis amor da Pátria, não movido
De prêmio vil.

Se em total esquecimento muitos deles existem, provêm isto em parte da língua em que escreveram, que tão pouco conhecido é o

veram, que tão pouco conhecida é o Idioma Luso na Europa, e particularmente em França, Inglaterra, e Alemanha, onde mais alto sôa o brado da fama, e colossal reputação se adquire; em parte sobre nós deve recaïr a sensura, que tão prodigos somos em louvar, e admirar os estranhos, quão mesquinhos nos mostramos para com os nossos, e deste geito visos damos de que nada possuimos. Não que pertendamos, que á esmo se louve tudo que nos pertence, só por que nos pertence, fora insuportavel; mas porventura vós, que consumistes vossa mocidade no estudo dos classicos Latinos ou Gregos, vós que ledes Voltaire, Racine, Camoens ou Filynto, e não cessais de admiralo-os muitas vezes mais por imitação, que por propria critica, apreciais vós as bellezas naturaes de um Sancta Rita Durão, de um Basilio da Gama, de um Caldas?

Toca ao nosso seculo restaurar as ruinas, e reparar os erros dos passados seculos. Cada Nação livre reconhece hoje, mais que nunça, a necessidade de marchar. Marchar para uma Nação é engrandecer-se, é desenvolver todos os elementos da civilisação. Ha mister reunir todos os titulos de sua existencia, para tomar o posto, que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos de sua genealogia, para em face do Rei fazer-se credor de uma nova graça. Si o futuro só póde sair do presente, a grandeza d'aquelle se medirá pela deste. O Povo que se olvida a sí mesmo, que ignora o seu passado, como o seu presente, como tudo o que em sí se passa, esse Povo ficará

idioma luso na Europa, e particularmente em França, Inglaterra e Alemanha, onde mais alto soa o brado da fama, e colossal reputação se adquire; em parte sobre nós deve recair a censura, que tão pródigos somos em louvar e admirar os estranhos, quão mesquinhos nos mostramos para com os nossos, e deste jeito visos damos de que nada possuímos. Não que pretendamos que a esmo se louve tudo que nos pertence, só porque nos pertence, fora insuportável; mas porventura vós que consumistes vossa mocidade no estudo dos clássicos latinos ou gregos, vós que ledes Voltaire, Racine, Camões ou Filinto, e não cessais de admirá-los muitas vezes mais por imitação, que por própria crítica, apreciais vós as belezas naturais de um Santa Rita Durão, de um Basílio da Gama, de um Caldas?

Toca ao nosso século restaurar as ruínas, e reparar os erros dos passados séculos. Cada nação livre reconhece hoje, mais que nunca, a necessidade de marchar. Marchar para uma nação é engrandecer-se, é desenvolver todos os elementos da civilização. Há mister reunir todos os títulos de sua existência, para tomar o posto, que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos de sua genealogia, para em face do rei fazer-se credor de uma nova graça. Se o futuro só pode sair do presente, a grandeza daquele se medirá pela deste. O povo que se olvida a si mesmo, que ignora o seu passado, como o seu presente, como tudo o que em si se passa, esse povo ficará sempre

sempre na immobilidade como o Imperio Indo-Chinez.

Nada de exclusão, nada de deprezo. Tudo oque poder concorrer para o esclarecimento da historia geral dos progressos da humanidade merecer deve nossa consideração. Jamais uma Nação poderá prever o seu futuro, quando ella não conhece o que ella é, comparativamente com o que foi. Estudar o passado, é ver melhor o presente, é saber como se deve marchar. Nada de exclusão; a exclusão é dos espiritos apoucados, que em pequena orbita gyram, sempre satellites, e brilhandes com luz emprestada. O amante da verdade porem, per caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse, e objecto de profunda meditação. Como o viajor naturalista, que se extasia na consideração de uma florzinha desconhecida, que o homem bronco tantas vezes vira com desprezo. O que era ignorado, ou esquecido romperá dest'arte o envoltorio de trevas, e achará divido lugar entre as cousas já conhecidas. Depois de tantos systemas exclusivos, o espirito eclectico anima o nosso seculo, elle se levanta como um immenso colosso vivo, tendo diante dos olhos os annaes de todas as geraçoens, n'uma mão o archote da Philosophia acceso pelo genio da investigação, com a outra aponta a esteira luminosa, onde se convergém todos os raios de luz, escapados do brandão que sustenta. Luz, e progresso; eis sua diviza. Não, oh Brazil, no meio do geral movimento, tu não deves ficar immovel e tranquillo como o colono sem ambição e sem esperanças. O germen da civili-

na imobilidade como o império indo-chinês.

Nada de exclusão, nada de desprezo. Tudo o que pode concorrer para o esclarecimento da história geral dos progressos da humanidade merecer deve nossa consideração. Jamais uma nação poderá prever o seu futuro, quando ela não conhece o que ela é, comparativamente com o que foi. Estudar o passado é ver melhor o presente, é saber como se deve marchar. Nada de exclusão; a exclusão é dos espíritos apoucados, que em pequena órbita giram, sempre satélites, e brilhantes com luz emprestada. O amante da verdade, porém, por caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse e objeto de profunda meditação. Como o viajor naturalista, que se extasia na consideração de uma florzinha desconhecida, que o homem bronco tantas vezes vira com desprezo. O que era ignorado ou esquecido romperá destarte o envoltório de trevas, e achará devido lugar entre as coisas já conhecidas. Depois de tantos sistemas exclusivos, o espírito eclético anima o nosso século, ele se levanta como um imenso colosso vivo, tendo diante dos olhos os anais de todas as gerações, numa mão o archote da filosofia aceso pelo gênio da investigação, com a outra aponta a esteira luminosa, onde se convergem todos os raios de luz, escapados do brandão que sustenta. Luz e progresso; eis sua divisa. Não, oh, Brasil, no meio do geral movimento, tu não deves ficar imóvel e tranquilo como o colono sem ambição e sem esperanças. O germe da civilização depositado em teu seio

sação depositado em teu seio pela Europa, não tem dado ainda todos os frutos, que deveria dar; vicios radicaes tem tolhido seu desenvolvimento. Tu afastaste de teu collo a mão extranha, que te suffocava, respira livemente, respira, cultiva as sciencas, as artes, as lettras, a industria, e combate tudo, que entreval-as póde.

Não se póde lisongear muito o Brasil de dever a Portugal sua primeira edução, que tão mesquinha foi ella, que bem parece ter sido dada por mãos avaras e pobres; com tudo bôa ou mà delle herdou, e o confessamos, a Litteratura, e a Poesia, que chedagas á America não perderam seu caracter Europeo. Com a Poesia vieram todos o Deoses do paganismo, espalharam-se pelo Brasil, e dos céos, das florestas, e dos rios se apoderaram. A Poesia do Brasil não é uma indigena civilisada, é uma Grega, vestida á Franceza, e á Portugueza, e climatisada no Brasil; é uma Virgem do Helicon, que, peregrinando pelo Mundo, estragára seu manto, talhado pelas mãos de Homero, e sentada á sombra das Palmeiras da America, se apraz ainda com as reminiscencias da Patria, cuida ouvir o doce murmurio da Castalia, e o trepido susurro do Lodon, e do Ismeno, e toma por um rossinol o sabiá, que gorgeia entre os galhos da larangeira. Encantados por este nume seductor, por esta bella Estrangeira, os Poetas Brasileiros se deixaram levar pelos seus canticos, e olvidaram as simples imagens, que uma Natureza virgem com tanta proffusão lhes offerecia; similhante a Armida de Tasso, cuja belleza, arteficios, e

pela Europa, não tem dado ainda todos os frutos, que deveria dar; vícios radicais têm tolhido seu desenvolvimento. Tu afastaste de teu colo a mão estranha, que te sufocava, respira livremente, respira, cultiva as ciências, as artes, as letras, a indústria, e combate tudo, que entrevá-las pode.

Não se pode lisonjear muito o Brasil de dever a Portugal sua primeira educação, que tão mesquinha foi ela que bem parece ter sido dada por mãos avaras e pobres; contudo boa ou má dele herdou, e o confessamos, a literatura, e a poesia, que chegadas à América não perderam seu caráter europeu. Com a poesia vieram todos os deuses do paganismo, espalharam-se pelo Brasil, e dos céus, das florestas, e dos rios se apoderaram. A poesia do Brasil não é uma indígena civilizada, é uma grega, vestida à francesa, e à portuguesa, e climatizada no Brasil; é uma Virgem do Helicon, que, peregrinando pelo mundo, estragara seu manto, talhado pelas mãos de Homero, e sentada à sombra das palmeiras da América se apraz ainda com as reminiscências da pátria, cuida ouvir o doce murmúrio da Castalia, e o trépido sussurro do Lodon, e do Ismeno, e toma por um rouxinol o sabiá, que gorjeia entre os galhos da laranjeira. Encantados por este nume sedutor, por esta bela estrangeira, os poetas brasileiros se deixaram levar pelos seus cânticos, e olvidaram as simples imagens, que uma natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia; semelhante a Armida de Tasso, cuja beleza, artifícios e doces palavras atraíram,

doces palavras attrahiram, e desorientaram os principaes guerreiros de Goffredo. É rica a mythologia, são bellas suas ficçoens, mas á força de serem repetidas, e copiadas vão desmerecendo, alem de que, como o passaro da fabula, despimos nossas plumas para apavonar-mo-nos com antigas gallas, que não nos pertencem. Em Poesia requer-se mais que tudo invenção, genio, e nuvidade; repetidas imitaçoens o espirito embrutecem, como a muita arte, e preceitos tolhem, e suffocam o genio; as primeiras verdades da sciencia, como os mais bellos ornamentos da Poesia, quando a todos pertencem, a ninguem honram. O que dá realce, e nomeada a alguns dos nossos Poetas não é certamente o uso destas ficçoens; mas sim outro genero de bellezas naturaes, não colhidas nos livros, mas que só a Pátria lhes inspirára. Ora tão grande foi a influencia, que sobre o Genio Brasileiro exercêo a Grega mythologia transportada pelos Poetas Portuguezes, que muitas vezes Poetas Brasileiros em pastores se metamorphoseam, e vão apassentar seu rebanho nas margens do Tejo, e cantar á sombra da faias.

Mas existe no homem um instincto occulto, que, em despeito dos calculos da educação, o dirige; e de tal modo este instincto aguilhôa o homem, que em seus actos imprime um certo caracter de necessidade, a que nós chamamos ordem, ou natureza das cousas. O homem collocado diante de um vasto mar, ou no cume de uma alta montanha, ou no meio de uma virgem e enmaranhada floresta, certo, não poderá ter os mesmos pensamentos, as mesmas ins-

e desorientaram os principais guerreiros de Goffredo. É rica a mitologia, são belas as ficções, mas à força de serem repetidas e copiadas vão desmerecendo, além de que, como o pássaro da fábula, despimos nossas plumas para apavonar-mo-nos com antigas galas, que não nos pertencem. Em poesia requer-se mais que tudo invenção, gênio e novidade; repetidas imitações o espírito embrutecem, como a muita arte, e preceitos tolhem, e sufocam o gênio; as primeiras verdades da ciência, como os mais belos ornamentos da poesia, quando a todos pertencem, a ninguém honram. O que dá realce e nomeada a alguns dos nossos poetas não é certamente o uso destas ficções; mas sim outro gênero de belezas naturais, não colhidas nos livros, mas que só a pátria lhes inspirará. Ora, tão grande foi a influência que sobre o gênio brasileiro exerceu a grega mitologia transportada pelos poetas portugueses, que muitas vezes poetas brasileiros em pastores se metamorfoseiam, e vão apascentar seu rebanho nas margens do Tejo, e cantar à sombra das faias.

Mas existe no homem um instinto oculto que, em despeito dos cálculos da educação, o dirige; e de tal modo este instinto aguilhoa o homem, que em seus atos imprime um certo caráter de necessidade, a que nós chamamos ordem, ou natureza das coisas. O homem colocado diante de um vasto mar, ou no cume de uma alta montanha, ou no meio de uma virgem e emaranhada floresta, certo, não poderá ter os mesmos pensamentos, as mesmas

piraçoens, como se elle assistisse aos olympicos jogos, ou na pacifica Arcadia habitasse. Alem destas materiaes circunstancias, variaveis nos diversos paizes, que assaz influem sobre a parte descriptiva, e caracter da paysagem poetica; um elemento ha, sublime por sua natureza, poderoso por sua inspiração, variavel porem quanto a sua forma, que é a base da moralidade Poetica, que empluma as azas ao Genio, que o abala, e o fortifica, e ao travez do mundo physico até Deos o eleva; este elemento é a Religião. Si sobre taes pontos meditassan um só instante os primeiros Poetas Brasileiros, certo que logo teriam abandonado esta Poesia estrangeira, que destruía a sublimidade de sua Religião, paralisavalhes o Genio, e os cegava na contemplação de uma Natureza grandiosa, reduzindo-os a final a meros imitadores. Não; elles não meditaram, nem meditar podiam; no principio das cousas obra-se primeiro, depois reflecte-se. Acreditava-se então que mythologia, e Poesia uma e a mesma cousa eram. O instincto porem guiou-os; e posto que lentamente, as encanecidas montanhas da Europa humilharam-se diante das sempre verdes e alterosas montanhas do Novo-Mundo; a virgem Homerica, similhante a convertida Esposa de Eudoro [1] abraça o Christianismo, e neophyta ainda, mal iniciada nos mysteriosos arcanos de sua nova Religião, resvala ás vezes, e no enlevo d'alma, no meio de seus sagrados

[1] modoce, esposa de Eudoro, dos *Martyres* de M. de Chateaubriand.

inspirações, como se ele assistisse aos olímpicos jogos, ou na pacífica Arcádia habitasse. Além destas materiais circunstâncias, variáveis nos diversos países, que assaz influem sobre a parte descritiva, e caráter da paisagem poética; um elemento há, sublime por sua natureza, poderoso por sua inspiração, variável porém quanto a sua forma, que é a base da moralidade poética, que empluma as asas ao gênio, que o abala, e o fortifica, e ao través do mundo físico até Deus o eleva; este elemento é a religião. Se sobre tais pontos meditassem um só instante os primeiros poetas brasileiros, certo que logo teriam abandonado esta poesia estrangeira, que destruía a sublimidade de sua religião, paralisava-lhes o gênio, e os cegava na contemplação de uma natureza grandiosa, reduzindo-os afinal a meros imitadores. Não; eles não meditaram, nem meditar podiam; no princípio das coisas obra-se primeiro, depois reflete-se. Acreditava-se então que mitologia e poesia uma e a mesma coisa eram. O instinto porém guiou-os; e posto que lentamente as encanecidas montanhas da Europa humilharam-se diante das sempre verdes e alterosas montanhas do Novo Mundo; a virgem homérica, semelhante à convertida esposa de Eudoro[1] abraça o cristianismo e, neófita ainda, mal iniciada nos misteriosos arcanos de sua nova religião, resvala às vezes, e no enlevo d'alma, no meio de seus sagrados cânticos,

1 Imodoce, esposa de Eudoro, dos *Martyres* de M. de Chateubriand.

canticos, se olvida, e a dormentada sonha com as graciosas mentiras, que o berço lhe embalaram. Não, ella não pode ainda, posto que naturalisada na America, esquecer-se dos sagrados bosques do Parnaso, á cuja sombra se recreara desde o albor de seus annos; dir-se-hia que ella é combatida pela molestia da Patria, e que nos assomos da Nostalgia á Grecia transportada se julga, e com seus Deoses delira. Saudosa molestia, que só o tempo curar pode. Mas emfim é já um grande passo; e prasa ao cêo que a conversão seja completa, e que os vindouros vates Brasileiros achem no puro céo de sua Patria um sol mais luminoso que Phebo, Angelicos Genios, mais sublimes que as Pieredes, que os inspirem.

Se comparamos o actual estado da civilisação do Brasil com o das anteriores epochas, tão notavel differença encontramos, que cuidar-se-hia que entre o passado seculo, e o nosso tempo ao menos um seculo madiára. Devido é isto á causas, que ninguem hoje ignora. Com a expiração do dominio Portuguez, desenvolveram-se as ideias. Hoje o Brasil é filho da civilisação Franceza; e como Nação é filho desta revolução famosa, que balançou todos os thronos da Europa, e repartio com os homens a purpura, e os sceptros dos Reis. O Gigante da nossa idade até a extremidade da Peninsula enviou o susto, e o neto dos Afonsos aterrorisado como um menino temêo que o braço do Arbitro dos Reis cair fizesse sobre sua cabeça o palacio de seus avós. Elle foge, e com elle toda a sua corte, deixam o natal Paiz, e trazem ao solo Brasileiro o aspecto novo de um Rei, e os

se olvida, e adormentada sonha com as graciosas mentiras, que o berço lhe embalaram. Não, ela não pode ainda, posto que naturalizada na América, esquecer-se dos sagrados bosques do Parnaso, a cuja sombra se recreara desde o albor de seus anos; dir-se-ia que ela é combatida pela moléstia da pátria, e que nos assomos da nostalgia à Grécia transportada se julga, e com seus deuses delira. Saudosa moléstia, que só o tempo curar pode. Mas enfim é já um grande passo; e praza ao céu que a conversão seja completa, e que os vindouros vates brasileiros achem no puro céu de sua pátria um sol mais luminoso que Febo, angélicos gênios, mais sublimes que as Pieredes, que os inspirem.

Se comparamos o atual estado da civilização do Brasil com o das anteriores épocas, tão notável diferença encontramos, que cuidar-se-ia que entre o passado século e o nosso tempo ao menos um século mediara. Devido é isto a causas que ninguém hoje ignora. Com a expiração do domínio português, desenvolveram-se as ideias. Hoje o Brasil é filho da civilização francesa; e como nação é filho desta revolução famosa, que balançou todos os tronos da Europa, e repartiu com os homens a púrpura, e os cetros dos reis. O gigante da nossa idade até a extremidade da península enviou o susto, e o neto dos Afonsos aterrorizado como um menino temeu que o braço do árbitro dos reis cair fizesse sobre sua cabeça o palácio de seus avós. Ele foge, e com ele toda a sua corte deixam o natal país, e trazem ao solo brasileiro o aspecto novo de um rei,

restos de uma grandeza sem brilho. Eis aqui como o Brasil deixou de ser colonia, eá cathegoria de Reino Irmão foi elevado. Sem a Revolução Franceza, que tanto esclareceo os povos, este passo tão cedo se não daria. Com este facto uma nova ordem de cousas abrio-se para o Brasil. Aqui deve parar a primeira epocha da Historia do Brasil. Começa a segunda, em que elle collocado sobre mais ampla estrada, se apresta para conquistar a liberdade, consequencia necessaria do seu estado de civilisação. As epochas da Historia do Brasil são como especies de contra pancadas, ou echos dos grandes fastos modernos da Europa. O primeiro, como vimos, divido foi á Revolução Franceza, o segundo á promulgação da constituição em Portugal, e apressado pela volta do Rei á Lisboa. O Brasil então não podia mais viver de baixo da tutela de uma metropole, que de suas riquezas se nutria, e o pertendia reduzir o ao antigo estado de colonia. Necessario era a Independencia; todos a desejavam, empossivel era suffocar o grito unaneme dos coraçoens Brasileiros avidos de Liberdade, e de progresso. E quem pode oppor-se á marcha impetuosa de um Povo, que conhece sua propria força, e firma sua vontade? A Independencia foi proclamada em 1822, e reconhecida 3 annos depois. Mas tarde a experiencia mostrou que tudo não estava feito; cousas, ha que se não podem prever. O Brasil, que parece pautar suas acçoens, e siguir as pegadas da Nação Franceza, no anno seguinte ao de 1830 em que caio do throno da França o Rei, que o occupava, accorde

e os restos de uma grandeza sem brilho. Eis aqui como o Brasil deixou de ser colônia, e à categoria de Reino Irmão foi elevado. Sem a Revolução Francesa, que tanto esclareceu os povos, este passo tão cedo se não daria. Com este fato uma nova ordem de coisas abriu-se para o Brasil. Aqui deve parar a primeira época da História do Brasil. Começa a segunda, em que ele colocado sobre mais ampla estrada se apresta para conquistar a liberdade, consequência necessária do seu estado de civilização. As épocas da História do Brasil são como espécies de contrapancadas, ou ecos dos grandes fastos modernos da Europa. O primeiro, como vimos, devido foi à Revolução Francesa, o segundo, à promulgação da constituição em Portugal, e apressado pela volta do rei a Lisboa. O Brasil então não podia mais viver debaixo da tutela de uma metrópole, que de suas riquezas se nutria, e o pretendia reduzir ao antigo estado de colônia. Necessário era a Independência; todos a desejavam, impossível era sufocar o grito unânime dos corações brasileiros ávidos de liberdade e de progresso. E quem pode opor-se à marcha impetuosa de um povo, que conhece sua própria força e firma sua vontade? A Independência foi proclamada em 1822, e reconhecida 3 anos depois. Mais tarde a experiência mostrou que tudo não estava feito; coisas há que se não podem prever. O Brasil, que parece pautar suas ações, e seguir as pegadas da nação francesa, no ano seguinte ao de 1830 em que caiu do trono da França o rei, que o ocupava, acorde movimento experimentou ele;

movimento experimentou elle; e a corôa, que cingia a fronte de um Principe Portuguez, reservado pela Providencia para assignalar-se na terra de sua Patria, e cujo coração não palpitava de amor por sua Patria adoptiva, passou para o Joven Imperador, que fôra ao nascer pelas auras da America bafejado, e pelo sol dos tropicos aquecido. Assim tem sempre o Brasil medrado, olhando para a França, e nós nos lisongeamos que elle não retrogradará, tomando esta grande mestra por guia.

De duas destinctas partes consta a historia do Brasil, comprehendendo a primeira os seculos XVI, XVII e XVIII; a segunda o curto espaço, que de 1808 até os nossos dias decorre. Examinaremos agora quaes os escriptores são destes differentes tempos, qual o caracter, e o progresso, que a Litteratura tem feito. No seculo XVI, que é o do descobrimento, nenhum escriptor existio de que noticia tenhamos. No seculo XVII alguns appareceram Poetas, e Prosadores, de que fallaremos em particular em um artigo consagrado a este objecto. Em geral diremos que, como debaixo dos auspicios da Religião, e trabalhos dos Jesuitas as primeiras povoaçoens se fundaram, a Litteratura nesse seculo notavel propensão Religiosa mostra, particularmente a prosa, que toda consiste de oraçoens sagradas. É no seculo XVIII que se abre a carreira Litteraria no Brasil, sendo a do seculo anterior tão mingoada, que apenas serve para a historia. Neste seculo os moços, que a Europa colher íam os fructos da sapiencia, trouxeram para o seio da Patria os germens de todas as Scien-

e a coroa, que cingia a fronte de um príncipe português, reservado pela Providência para assinalar-se na terra de sua pátria, e cujo coração não palpitava de amor por sua pátria adotiva, passou para o jovem imperador, que fora ao nascer pelas auras da América bafejado, e pelo sol dos trópicos aquecido. Assim tem sempre o Brasil medrado, olhando para a França, e nós nos lisonjeamos que ele não retrogradará, tomando esta grande mestra por guia.

De duas distintas partes consta a história do Brasil, compreendendo a primeira os séculos XVI, XVII e XVIII; a segunda o curto espaço, que de 1808 até os nossos dias decorre. Examinaremos agora quais os escritores são destes diferentes tempos, qual o caráter, e o progresso, que a literatura tem feito. No século XVI, que é o do descobrimento, nenhum escritor existiu de que notícia tenhamos. No século XVII alguns apareceram poetas, e prosadores, de que falaremos em particular em um artigo consagrado a este objeto. Em geral diremos que, como debaixo dos auspícios da religião, e trabalhos dos jesuítas, as primeiras povoações se fundaram, a literatura nesse século notável propensão religiosa mostra, particularmente a prosa, que toda consiste de orações sagradas. É no século XVIII que se abre a carreira literária no Brasil, sendo a do século anterior tão minguada que apenas serve para a história. Neste século, os moços, que à Europa colher iam os frutos da sapiência, trouxeram para o seio da pátria os germes de todas as Ciências e Artes; aqui

cias, e Artes; aqui benigno acolhimento acharam nos espiritos avidos de saber, e dest'arte se propagaram as luzes, dado que a estrangeiros, e álguns livros empedido fosse o ingresso. É innegavel que com a França o nosso commercio scientifico, e litterario particularmente tem existido. Originaes, ou tradusidos deram os Auctores Francezes á Portugal no seculo XVIII as Sciencias, e as Lettras, e por consiguinte ao Brasil. Então vasto campo Litterario abrio-se no Brasil, todos os ramos da Litteratura ahi foram cultivados; homens de subida tempera mostraram que os genios dos incultos sertoens da America podiam dilatar seu vôo até as margens do Tejo, e emparelhar com as Tagides no canto. No seculo XIX com as mudanças, e reformas politicas, que tem o Brasil experimentado, nova face Litteraria apresenta. Uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma nova ideia até alli desconhecida, é a ideia da Patria; ella domina tudo, tudo se faz por ella, ou em seu nome. Independencia, Liberdade, instituiçoens sociaes, reformas, politica em fim, taes são os objectos, que attrahem a attenção de todos, e os unicos, que ao povo interessam. Tem-se convindo, e com que razão que contrarias á Poesia são as epochas revolucionarias. Em taes crises a Poesia, que nunca morre, so falla a lingoagem do enthusiamo Patriotico, e das paixoens, é a epocha aos Tyrteos. Mas longe estamos por isso de amaldiçoarmos as Revoluçoens; nós conhecemos sua missão na historia da humanidade; ellas são uteis, por que meios são indispensaveis para o progresso de genero humano,

benigno acolhimento acharam nos espíritos ávidos de saber, e destarte se propagaram as luzes, dado que a estrangeiros, e a alguns livros impedido fosse o ingresso. É inegável que com a França o nosso comércio científico e literário particularmente tem existido. Originais ou traduzidos deram os autores franceses a Portugal no século XVIII as Ciências e as Letras, e por conseguinte ao Brasil. Então vasto campo literário abriu-se no Brasil, todos os ramos da literatura aí foram cultivados; homens de subida têmpera mostraram que os gênios dos incultos sertões da América podiam dilatar seu voo até as margens do Tejo, e emparelhar com as Tágides no canto. No século XIX com as mudanças, e reformas políticas, que tem o Brasil experimentado, nova face literária apresenta. Uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma nova ideia até ali desconhecida é a ideia da pátria; ela domina tudo, tudo se faz por ela, ou em seu nome. Independência, liberdade, instituições sociais, reformas, política enfim, tais são os objetos que atraem a atenção de todos, e os únicos que ao povo interessam. Tem-se convindo, e com que razão, que contrárias à poesia são as épocas revolucionárias. Em tais crises a poesia, que nunca morre, só fala a linguagem do entusiasmo patriótico, e das paixões, é a época aos Tirteus. Mas longe estamos por isso de amaldiçoarmos as revoluções; nós conhecemos sua missão na história da humanidade; elas são úteis, porque meios são indispensáveis para o progresso do gênero humano, e até mesmo para o movimento, e

e até mesmo para o movimento, e progresso Litterario. Quando ellas agitam as sociedades, é verdade, a cansada Litteratura pára um pouco, e desmaiar parece, mas é para de novo continuar mais bella e remoçada em sua carreira, como o viajor repousa assustado, quando negras nuvens trovejam, e propincua tempestade ameacam; mas, finda ella, continua sua marcha, gozando a perspectiva de um céo puro e sereno, de um ar suave, e de um campo por uma nova vegetação esmaltado.

Aqui terminamos a vista geral sobre a historia da Litteratura do Brasil, desta Litteratura não no Paiz nascida. Antes porem de entrarmos na descripção, e analyse dos escriptores, uma questão se levanta, e requer ser aqui tratada, questão toda concernente ao Paiz, e aos seus indigenas. Pode o Brasil inspirar a imaginação dos Poetas? E os seus indigenas cultivaram por ventura a Poesia? Examinemos.

Tão geralmente conhecida é hoje esta verdade, que a disposição, e caracter de um paiz a mais decisiva influencia exerce sobre o physico, e moral de seus habitantes, que nós a passamos como um principio, e cremos inutil insistir em demonstral-a com argumentos, e factos por tantos Naturalistas, e Philosophos apresentados. Ahi estão Buffon, e Montesquieu, que assaz a demonstram. Ainda hoje Poetas Europeos vão beber no Oriente suas mais bellas inspiraçoens. Byron, Chateaubriand, e Delamartine sobre seus tumultos meditaram. Ainda hoje se admira o tão celebrado céo da Grecia, o céo que inspirára a Homero, e a Pindara, e o céo que inspirára a Virgilio

progresso literário. Quando elas agitam as sociedades, é verdade, a cansada literatura para um pouco, e desmaiar parece, mas é para de novo continuar mais bela e remoçada em sua carreira, como o viajor repousa assustado, quando negras nuvens trovejam, e propínqua tempestade ameaçam; mas, finda ela, continua sua marcha, gozando a perspectiva de um céu puro e sereno, de um ar suave, e de um campo por uma nova vegetação esmaltado.

Aqui terminamos a vista geral sobre a história da literatura do Brasil, desta literatura não no país nascida. Antes porém de entrarmos na descrição e análise dos escritores, uma questão se levanta, e requer ser aqui tratada, questão toda concernente ao país, e aos seus indígenas. Pode o Brasil inspirar a imaginação dos poetas? E os seus indígenas cultivaram por ventura a poesia? Examinemos.

Tão geralmente conhecida é hoje esta verdade, que a disposição e caráter de um país a mais decisiva influência exerce sobre o físico e moral de seus habitantes, que nós a passamos como um princípio, e cremos inútil insistir em demonstrá-la com argumentos e fatos por tantos naturalistas e filósofos apresentados. Ali estão Buffon, e Montesquieu, que assaz a demonstram. Ainda hoje poetas europeus vão beber no Oriente suas mais belas inspirações. Byron, Chateubriand e Delamartine sobre seus tumultos meditaram. Ainda hoje se admira o tão celebrado céu da Grécia, o céu que inspirara a Homero e a Pindaro, e o céu

e Horacio. Nos vimos o céo, que cobre as ruinas do Capitolio, e as do Colisêo, sim, elle é bello; mas oh! que o do Brasil não lhe cede em belleza! fallem por nós todos os viajores, que, por estrangeiros, de suspeitos não serão taxados. Sem duvida fazem elles justiça, e o coração do Brasileiro, não tendo muito de ensuberbar-se quanto aos productos das humanas fadigas, que só com o tempo se adquirem, enche-se, e palpita de satisfação, vendo as sublimes paginas de Langsdorff. Nisved, Spixet et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e uma multidão d'outros viajores, que as bellezas de sua Patria conhecidas fizeram á Europa.

Este immenso e rico paiz da America, debaixo do mais bello céo situado, cortado de tão pujantes rios, que sobre leitos d'ouro, e pedras preciosas rolam suas agoas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas, onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores, que em chuveiros se despencam dos verdes docéis pelo entrelaçamento formados dos ramos de mil especies; estes desertos, remansos, onde se annuncia a vida por esta voz solitaria da cascata, que se despenha, por este doce murmurio das auras, que se embalançam nas folhas das palmeiras, por esta harmonia grave e melancolica das aves, e dos quadrupedes; este vasto Eden separado por inormissimas montanhas sempre esmaltadas de verdura, em cujo tope, collocado se crê o homem no espaço, mais chegado ao céo, que á terra, e debaixo de seus pés vendo desnovelar-se as nuvens, roncar as tormentas, e

que inspirara a Virgílio e Horácio. Nós vimos o céu, que cobre as ruínas do Capitólio e as do Coliseu, sim, ele é belo; mas oh! Que o do Brasil não lhe cede em beleza! Falem por nós todos os viajores que, por estrangeiros, de suspeitos não serão taxados. Sem dúvida fazem eles justiça, e o coração do brasileiro, não tendo muito de assoberbar-se quanto aos produtos das humanas fadigas, que só com o tempo se adquirem, enche-se, e palpita de satisfação, vendo as sublimes páginas de Langsdorff, Nisved, Spixet et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e uma multidão de outros viajores, que as belezas de sua pátria conhecidas fizeram à Europa.

Este imenso e rico país da América, debaixo do mais belo céu situado, cortado de tão pujantes rios, que sobre leitos de ouro e pedras preciosas rolam suas águas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas, onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores, que em chuveiros se despencam dos verdes dosséis pelo entrelaçamento formados dos ramos de mil espécies; estes desertos, remansos, onde se anuncia a vida por esta voz solitária da cascata, que se despenha, por este doce murmúrio das auras, que se embalançam nas folhas das palmeiras, por esta harmonia grave e melancólica das aves e dos quadrúpedes; este vasto Éden separado por enormíssimas montanhas sempre esmaltadas de verdura, em cujo topo, colocado se crê o homem no espaço, mais chegado ao céu que à terra, e debaixo de seus pés vendo desnovelar-se as nuvens, roncar

disparar o raio; com tão felizes disposiçoens da Natureza o Brasil necessariamente inspirar devera seus primeiros habitadores; os Brasileiros musicos, e poetas nascer deviam. Quem o duvida? Elles o foram, elles ainda o são. Por alguns escriptos antigos sabemos que varias tribus indias pelo talento da da musica, e da Poesia se avantajavam. Entre todas, os Tamoyos, que mais perto das costas habitavam, eram tambem os mais talentosos; em suas festas, e per occasião de combates, inspirados pelas scenas, que os torneavam, guerreiros hymnos improvisavam, com que accendiam a coragem nas almas dos combatentes, ou cantavam em córos alternados de musica, e dansa hymnos herdados dos seus maiores.

Em um manuscripto antigo, cujo Auctor ignoramos quem seja [1], lemos o seguinte: « São havidos estes Tamoyos por grandes musicos, entre o gentio e bailadores, os quaes são muito respeitados dos gentios por onde quer que vão, » Mas não só a raça dos Tamoyos ás outras superava pelo genio musical e poetico; os Caités, e mais ainda os Tupinambás, que em paz veviam com os primeiros, e em costumes a elles se assimilhavam, tambem cultivavam a poesia. No mesmo manuscripto lemos ainda: » Os Tupinambás se presam de grandes musicos, e ao seu modo cantam com soffrivel tom, os quaes tem bôas vozes, mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que

[1] *Roteiro do Brasil*, manuscripto pertenceste á Bibliotheca real de Paris.

as tormentas, e disparar o raio; com tão felizes disposições da natureza o Brasil necessariamente inspirar deverá seus primeiros habitadores; os brasileiros músicos e poetas nascer deviam. Quem o duvida? Eles o foram, eles ainda o são. Por alguns escritos antigos sabemos que várias tribos índias pelo talento da música e da poesia se avantajavam. Entre todas, os tamoios, que mais perto das costas habitavam, eram também os mais talentosos; em suas festas, e por ocasião de combates, inspirados pelas cenas, que os torneavam, guerreiros hinos improvisavam, com que acendiam a coragem nas almas dos combatentes, ou cantavam em coros alternados de música e dança hinos herdados dos seus maiores.

Em um manuscrito antigo, cujo autor ignoramos quem seja,[1] lemos o seguinte: "São havidos estes tamoios por grandes músicos, entre o gentio, e bailadores, os quais são muito respeitados dos gentios por onde quer que vão." Mas não só a raça dos tamoios as outras superava pelo gênio musical e poético; os caetés, e mais ainda os tupinambás, que em paz viviam com os primeiros, e em costumes a eles se assemelhavam, também cultivavam a poesia. No mesmo manuscrito lemos ainda: "Os tupinambás se prezam de grandes músicos, e ao seu modo cantam com sofrível tom, os quais tem boas vozes, mas todos cantam por um tom, e os músicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante

1 *Roteiro do Brasil*, manuscrito pertencente à Biblioteca Real de Paris.

acabam no consoante do mote, os quaes cantam e bailam junctamente em roda. « Do respeito religioso que taes barbaros consagravam aos seus homens inspirados uma prova dá-nos o mesmo Auctor, quando diz : » Entre os Gentios são os musicos muito estimados, e por onde quer que vão são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrarios sem lhes fazerem mal. » Tal veneração para os poetas, e musicos, lembra-nos esses Trovadores, que de Estado em Estado livremente peregrinavam, e ante quem se abriam as portas dos castellos dos senhores da media idade; e ainda a respeitosa magnanimidade do grande conquistador antigo para a familia do Lyrico Grego. E', que á Poesia eá Musica é dado o assenhorear-se da liberdade humana, vibrar as fibras do coração, abalar, e extasiar o espirito. Por meio destas duas potencias, sabiamente empregadas pelos Jesuitas missionarios do Brasil, os selvagens abandonavam seus desertos, e amoldavam-se ao Christianismo, e á civilisação [1]. Só as theorias de alguns homens positivos, que

[1] Em cousas de factos de anteriores seculos nada podemos avancar sem documentos. Em Simão de Vasconcellos lemos as seguintes linhas. Estavam estes (os filhos dos selvagens) já bastantemente instruidos na Fé, ler, esccever, e contar: foi traça de José, que viessem estes meninos para os campos encorporar-se com seus discipolos em favor, e ajuda dos Páis, com o effeito, que logo veremos. Continuavam estes na nova Aldea sua escola, ajudavam a beneficiar os officios divinos em canto de orgam, e instrumentos musicos (o mor gosto e incitamento, que podia haver para os Pais, que já alli estavam, vindos de seus sertoens). Espalhavam-se á noite pelas casas de seus parentes, a cantar as cantigas pias de José em propria lingoa contrapostas as que elles costumavam cantar vans e gentilicas. Vida do Padre Jose de Anchieta; cap. VI, pag. 29.

do mote, os quais cantam e bailam juntamente em roda." Do respeito religioso que tais bárbaros consagravam aos seus homens inspirados uma prova dá-nos o mesmo autor, quando diz: "Entre os gentios são os músicos muito estimados, e por onde quer que vão são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrários sem lhes fazerem mal." Tal veneração para os poetas e músicos lembra-nos esses trovadores, que de estado em estado livremente peregrinavam, e ante quem se abriam as portas dos castelos dos senhores da média idade; e ainda a respeitosa magnanimidade do grande conquistador antigo para a família do lírico grego. É que à poesia e à música é dado o assenhorear-se da liberdade humana, vibrar as fibras do coração, abalar e extasiar o espírito. Por meio destas duas potências, sabiamente empregadas pelos jesuítas missionários do Brasil, os selvagens abandonavam seus desertos, e amoldavam-se ao cristianismo e à civilização.[1]
Só as teorias de alguns homens positivos, que mal estudam a

---

1 Em coisas de fatos de anteriores séculos nada podemos avançar sem documentos. Em Simão de Vasconcellos lemos as seguintes linhas. Estavam estes (os filhos dos selvagens) já bastantemente instruídos na fé, ler, escrever e contar: foi traça de José, que viessem estes meninos para os campos encorporar-se com seus discípulos em favor e ajuda dos pais, com o efeito, que logo veremos. Continuavam estes na nova aldeia sua escola, ajudavam a beneficiar os ofícios divinos em canto de órgão e instrumentos músicos (o mor gosto e incitamento, que podia haver para os pais, que já ali estavam, vindos de seus sertões). Espalhavam-se à noite pelas casas de seus parentes, a cantar as cantigas pias de José em própria língua contrapostas às que eles costumavam cantar vãs e gentílicas. Vida do padre José de Anchieta; cap. VI, pág. 29.

mal estudam a Natureza, desmerecer podem a importancia destas duas sublimes Irmães na sociedade, e apenas consideral-as como meras artes de luxo, e de recreação de ociosos. Mas não é nosso coso agora tecer seu panegyrico.

Os Apostolos do Novo Mundo, tão solicitos nos desertos do Brasil na propaganda da Fé catholica, compunham em lingoagem Tupica alguns hymnos da Igreja[1] para substituir a seus canticos selvagens; mas não consta que ao trabalho se dessem de verter em lingoagem vulgar os canticos dos Indios. Posto que nenhum documento sobre isto possuimos, toda via, talvez que nas bibliothecas conventuaes, com espicialidade as da Bahia, se achem a todo o tempo algumas instruçoens. Que precioso monumento não fôra para nós desses Povos incultos, que quasi tem desaparecido da superficie da Terra, sendo tão amigos da liberdade, e da independencia, que com preferencia ao captiveiro em cardumes caiam debaixo das espadas dos Portuguezes, que embalde tentavam submettel-os a seu jugo tyrannico. Talvez tivessem ellas de influir sobre a actual Poesia Brasilica, como os canticos do Bardo da Escossia sobre a Poesia influiram do Norte da Europa, e hoje, harmonisando seus melancolicos accentos com a sublime gravidade do Christianismo, em toda a Europa dominam. Do que dito havemos, concluimos, que á

[1] Traduzia a doutrina Christã, e myterios da Fé dispostos a modo de Dialogos, em beneficio dos Indios cathecumenos, e fez tratado, e interrogatorios, e avisos necessarios para os que houvessem de confessar, e confessar-se. Simaode Vasconcellos. Vida do P. Anchieta. L. I, p. 25.

natureza, desmerecer podem a importância destas duas sublimes irmãs na sociedade, e apenas considerá-las como meras artes de luxo e de recreação de ociosos. Mas não é nosso caso agora tecer seu panegírico.

Os apóstolos do Novo Mundo, tão solícitos nos desertos do Brasil na propaganda da fé católica, compunham em linguagem túpica alguns hinos da igreja[1] para substituir seus cânticos selvagens; mas não consta que ao trabalho se dessem de verter em linguagem vulgar os cânticos dos índios. Posto que nenhum documento sobre isto possuímos, todavia, talvez que nas bibliotecas conventuais, com especialidade as da Bahia, se achem a todo o tempo algumas instruções. Que precioso monumento não fora para nós desses povos incultos, que quase têm desaparecido da superfície da Terra, sendo tão amigos da liberdade e da independência, que com preferência ao cativeiro em cardumes caíam debaixo das espadas dos portugueses, que embalde tentavam submetê-los a seu jugo tirânico. Talvez tivessem elas de influir sobre a atual poesia brasílica, como os cânticos do bardo da Escócia sobre a poesia influíram no norte da Europa, e hoje, harmonizando seus melancólicos acentos com a sublime gravidade do cristianismo, em toda a Europa dominam. Do que dito havemos, concluímos que à poesia não se opõe o país, antes

1 Traduzia a doutrina cristã, e mistérios da fé dispostos a modo de diálogos, em benefício dos índios catecúmenos, e fez tratado, e interrogatórios, e avisos necessários para os que houvessem de confessar e confessar-se. Simão de Vasconcellos. Vida do p. Anchieta. L. I, p. 25.

Poesia não se oppõe o paiz, antes pelas suas disposiçoens physicas muito favonêa o desenvolvimento intellectual; e si até hoje a nossa Poesia não offerece um caracter inteiramente novo e particular, é que os Poetas, dominados pelos preceitos, atados pela imitação dos Antigos, que como diz Pope, é imitar mesmo a Natureza (como si a Natureza se ostentasse sempre a mesma nas regioens polares, e nos Tropicos, e diversos sendo os costumes, as leis, e as crenças, só a Poesia não partilhase essa diversidade) não tiveram bastante força para despojarem-se do jugo dessas leis, as mais das vezes arbitrarias, da quelles, que se arrogam o direito de torturar o Genio, arvorando-se Ligisladores do Parnaso. Depois que Homero, inspirado pelo seu Genio, sem o apôio de alheia critica, elevou-se á grandeza da Epopeia, creação sua, e Pindaro pelo mesmo caminho á sublimadade da Lyrica, vieram então os criticos, e estabeleceram regras. Convem estudar os Antigos, e os modellos dos que nas diversas compoziçoens poeticas se avantajaram, mas não escravisar se. « O Poeta independente, dîz Schiller, não reconhece por lei senão as inspiraçoens de sua alma, e por suberano o seu Genio. » Só póde um Poeta chamar-se grande si elle é original, si de seu proprio Genio recebe as inspiraçoens. O que imita alheios pensamentos nada é mais que um tradutor salteado, como é o tradutor um imitador seguido; e igual é o merito e talento de ambos; e por mais que se esforcem, por mais que com seus modellos emparelhem, ou mesmo que os superem, pouca gloria por isso

pelas suas disposições físicas muito favorece o desenvolvimento intelectual; e se até hoje a nossa poesia não oferece um caráter inteiramente novo e particular é que os poetas, dominados pelos preceitos, atados pela imitação dos antigos, que como diz Pope, é imitar mesmo a natureza (como se a Natureza se ostentasse sempre a mesma nas regiões polares e nos trópicos, e diversos sendo os costumes, as leis e as crenças, só a poesia não partilhasse essa diversidade) não tiveram bastante força para despojarem-se do jugo dessas leis, as mais das vezes arbitrárias, daqueles que se arrogam o direito de torturar o gênio, arvorando-se legisladores do Parnaso. Depois que Homero, inspirado pelo seu gênio, sem o apoio de alheia crítica, elevou-se à grandeza da Epopeia, criação sua, e Pindaro pelo mesmo caminho à sublimidade da Lírica, vieram então os críticos e estabeleceram regras. Convém estudar os antigos, e os modelos dos que nas diversas composições poéticas se avantajaram, mas não escravizar-se. "O poeta independente, diz Schiller, não reconhece por lei senão as inspirações de sua alma, e por soberano o seu gênio." Só pode um poeta chamar-se grande se ele é original, se de seu próprio gênio recebe as inspirações. O que imita alheios pensamentos nada é mais que um tradutor salteado, como é o tradutor um imitador seguido; e igual é o mérito e talento de ambos; e por mais que se esforcem, por mais que com seus modelos emparelhem, ou mesmo que os superem,

lhes toca, tendo só afinal augmentado a d'aquelles. Como nós estudamos a historia, não com o unico fito de conhecer o passado, mas sim para tirarmos uteis liçoens para o presente, assim no estudo do que chamamos modellos não nos devemos limitar a sua reproducção imitativa. A estrada pelos nossos illustres maiores aberta, que podemos consideradal-a traçada em caracol n'uma montanha, não tocou ainda ao seu cume; si intentamos chegar a elle, o mais curto caminho é trilhal-a, mas com o cuidado que não nos deixemos incantar pela harmonia das vozes dos cysnes, que a ladeam, ouvindo-os para adocarmos a fadiga, admirando-os, porem marchando sempre, empenhemo-nos por prolongar a estrada; si faltos de força, em seu meio ficamos, outro que nos preceder, por que desejará proseguir, nos arredará; nós recuaremos; e certas aves mordazes, que sobre o caminho esvoaçam, que nada ousam, mas que de tudo grasnam, contentes com a nossa queda, se amontoarão sobre nós, tomando-nos para objecto de sua sombaria. Oh como é incantada essa estrada! De um lado e d'outro esses aves nos gritam: tomai por esta pare, não subais mais, que vos arriscais a cair; á directa, á esquerda. Si as escutamos, si o nosso Genio não nos guia, grande é o risco, segura é a queda. Quanto a nós, a nossa convicção é, que nas obras de genio o unico guia é o genio, que mais vale um vôo arrojado deste, que a marcha reflectida e regular da servil imitação.

D. J. G. DE MAGALHAENS.

pouca glória por isso lhes toca, tendo só afinal aumentado a daqueles. Como nós estudamos a história, não com o único fito de conhecer o passado, mas sim para tirarmos úteis lições para o presente, assim no estudo do que chamamos modelos não nos devemos limitar a sua reprodução imitativa. A estrada pelos nossos ilustres maiores aberta, que podemos considerá-la traçada em caracol numa montanha, não tocou ainda ao seu cume; se intentamos chegar a ele, o mais curto caminho é trilhá-la, mas com o cuidado que não nos deixemos encantar pela harmonia das vozes dos cisnes, que a ladeiam, ouvindo-os para adoçarmos a fadiga, admirando-os, porém marchando sempre, empenhemo-nos por prolongar a estrada; se faltos de força, em seu meio ficamos, outro que nos preceder, porque desejará prosseguir, nos arredará; nós recuaremos; e certas aves mordazes, que sobre o caminho esvoaçam, que nada ousam, mas que de tudo grasnam, contentes com a nossa queda, se amontoarão sobre nós, tomando-nos para objeto de sua zombaria. Oh como é encantada essa estrada! De um lado e de outro essas aves nos gritam: tomai por esta parte, não subais mais, que vos arriscais a cair; à direita, à esquerda. Se as escutamos, se o nosso gênio não nos guia, grande é o risco, segura é a queda. Quanto a nós, a nossa convicção é que nas obras de gênio o único guia é o gênio, que mais vale um voo arrojado deste que a marcha refletida e regular da servil imitação.

D. J. G. de Magalhães.

MODULAÇÕENS

POETICAS.

PRECEDIDAS DE UM

BOSQUEJO DA HISTORIA DA POESIA BRASILEIRA,

POR

Joaquim Norberto de Souza Silva.

Est quadam prodire tenus, si non datur ultra.
HORATIUS.

RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA FRANCEZA, RUA DE S. JOSÉ N. 64.

1841.

Bosquejo da história da poesia brasileira (1841)

I. Introdução

Joaquim Norberto de Souza e Silva

I.

INTRODUCÇÃO.

De todos os povos americanos é sem exageração alguma o brasileiro o mais digno da veneração dos estrangeiros. O primeiro que conheceu a necessidade de sua independencia, que intentou per vezes sacudir o jugo da escravidão e constituir-se nação livre e independente, foi tambem o primeiro que ensaiou-se nos diversos ramos da litteratura. Ainda não eramos nação e ja tinhamos historiadores, que memorassem as glorias da patria, e poetas que celebrassem as victorias de seus concidadãos, recommendando seus nomes e feitos á posteridade; ainda não eramos nação, mas uma colonia avexada pelo captiveiro, onde a instrucção era um delicto e os livros expressamente prohibidos, e da patria tam somente o nome conhecido pela fama das producçoens selectas de suas magestosas mattas, pelos diamantes de seus serros e preciosos metaes de suas minas; enfim pela doçura de seu clima, pela belleza de seu ceo e fertilidade de seu terreno, cortado pelos maiores rios do mundo, e ja possuiamos uma litteratura, sinão legitimamente nacional, — que raras o são —, ao menos em parte, e que ao prezente constitue-nos como nação litteraria uma das primeiras das duas

I. Introdução

De todos os povos americanos é sem exageração alguma o brasileiro o mais digno da veneração dos estrangeiros. O primeiro que conheceu a necessidade de sua independência, que intentou por vezes sacudir o jogo da escravidão e constituir-se nação livre e independente, foi também o primeiro que ensaiou-se nos diversos ramos da literatura. Ainda não éramos nação e já tínhamos historiadores que memorassem as glórias da pátria, e poetas que celebrassem as vitórias de seus concidadãos, recomendando seus nomes e feitos à posteridade; ainda não éramos nação, mas uma colônia avexada pelo cativeiro, onde a instrução era um delito e os livros expressamente proibidos, e da pátria tão somente o nome conhecido pela fama das produções seletas de suas majestosas matas, pelos diamantes de seus cerros e preciosos metais de suas minas; enfim pela doçura de seu clima, pela beleza de seu céu e fertilidade de seu terreno, cortado pelos maiores rios do mundo, e já possuíamos uma literatura, senão legitimamente nacional – que raras o são –, ao menos em parte, o que ao presente constitui-nos como nação literária, uma das primeiras das duas Américas e a

Americas e a unica da meridional. Abra-se a historia do Brasil; eis-ahi a cada pagina uma facção brilhante, eis-ahi a cada periodo um povo magnanimo, apezar da escravidão que o oprime, arrancando um brado heroico, dando um signal de sua existencia! Si extrangeiros ousam de invadir as terras da patria, hardidos são os primeiros que se apresentam para rechaçal-os. Os nomes de um bravo D. Antonio Felippe Camarão, de um intrepido Rabellinho, de un impavido Negreiros, de hum corajoso Henrique Dias, de dous terriveis Martim-Affonsos, de um forte Jorge de Albuquerque Coelho, a quem as grandes emprezas tanto enthusiasmavam, que se deixou arrastar pelo seu mau fado ás campinas ensanguentadas de Alcacerquiver, de uma valente fluminense, como fôra D. Maria Ursula de Abreu Alencastre, de uma brava pernambucana, como se mostrára D. Clara Felippa Camarão, de uma destimida paulistana, como se destinguira D. Rosa Maria de Siqueira, e de tantos outros valerosos Brasileiros, estão ligados aos mais memoraveis acontecimentos, que esmaltam as laudas de nossa historia e eternisados em versos de ouro por nossos melhores poetas.

Antes que vencidos fossem pelos conquistadores portuguezes, por um punhado de heroes saïdos de um cantinho da Europa, os selvagens brasileiros, cujo Deus era *Tupá*, essa excellencia, essa potencia espantosa, que lhes fallava pelo *tupaçununga*, que era o trovão; que se lhes revelava pelo *tupaberaba*, que era o relampago; cujo templo eram as magestosas florestas, elevavam-se á cima dos povos americanos pela sua imaginação ardente e poetica. As incantadores scenas, que em quadros portentosos offerece a natureza por todos os sitios de nossa patria, os inspirava, e de povos rudes e barbaros os faziam povos poetas. Os Tamoyos, que habitavam o Rio de Janeiro, os Tupinambás que em costumes a elles se assimilhavam, e os famosos Caethés, sempre que voavam a guerra, antes que o canglor horrivel das guerreiras *inúbias*, os sons confusos dos *marakas*, e suas hor-

única da meridional. Abra-se a história do Brasil, eis aí a cada página uma facção brilhante, eis aí a cada período um povo magnânimo, apesar da escravidão que o oprime, arrancando um brado heroico, dando um sinal de sua existência! Se estrangeiros ousam invadir as terras da pátria, ardidos são os primeiros que se apresentam para rechaçá-los. Os nomes de um bravo d. Antonio Felipe Camarão, de um intrépido Rabelinho, de um impávido Negreiros, de um corajoso Henrique Dias, de dois terríveis Martim-Afonsos, de um forte Jorge de Albuquerque Coelho, a quem as grandes empresas tanto entusiasmavam, que se deixou arrastar pelo seu mau fado às campinas ensanguentadas de Alcácer-Quibir, de uma valente fluminense, como fora d. Maria Ursula de Abreu Alencastre, de uma brava pernambucana, como se mostrara d. Clara Felipa Camarão, de uma destemida paulistana, como se distinguira d. Rosa Maria de Siqueira, e de tantos outros valorosos brasileiros, estão ligados aos mais memoráveis acontecimentos, que esmaltam as laudas de nossa história e eternizados em versos de ouro por nossos melhores poetas.

Antes que vencidos fossem pelos conquistadores portugueses, por um punhado de heróis saídos de um cantinho da Europa, os selvagens brasileiros, cujo Deus era *Tupã*, essa excelência, essa potência espantosa, que lhes falava pelo *tupaçununga*, que era o trovão; que se lhes revelava pelo *tupaberaba*, que era o relâmpago; cujo templo eram as majestosas florestas, elevavam-se acima dos povos americanos pela sua imaginação ardente e poética. As encantadoras cenas, que em quadros portentosos oferece a natureza por todos os sítios de nossa pátria, os inspiravam, e de povos rudes e bárbaros os faziam povos poetas. Os Tamoios, que habitavam o Rio de Janeiro, os Tupinambás que em costumes a eles se assemelhavam, e os famosos Caetés, sempre que voavam a guerra, antes que o clangor horrível das guerreiras *inúbias*, os sons confusos dos *marakas*, e suas horríssonas

risonas vociferações, cadenciassem o hymno da guerra, annunciassem o combate; antes que inflammadas as suas settas levassem a morte aos contrarios e o incendio as suas *tabas*, recebiam inspirações de valor e de constancia pelos canticos de guerra que celebravam seus Tyrteus aos sons de suas *murémurés*, e quando a victoria lhes era propicia, cançoens de gloria lhes voavam d'entre os labios. Conquistados, submettidos ao jugo, desappareceram de sobre a face da terra, como desapparecem as naçoens bellicosas.

Então vieram novos Brasileiros, filhos dos conquistadores portuguezes, que bem que inspirados pelas picturescas payzagens brasilicas, pelo ceo dos tropicos, pelo sol fulgente da America, não os souberam cantar, antes exemplo abriram, que por desgraça seguido foi por longo tempo. Quando deviam se apoderar dos patrios costumes, das usanças e dos preconceitos populares, das tradicçoens das tribus, que as nossas florestas povoaram, com que dessem cores e feiçoens nacionaes á poesia, abraçaram as ideias do grego polytheismo, que ás nossas praias abordaram com as armas portuguezas; deixaram-se fascinar das bellezas dos gregos e romanos poetas, e imitar procuraram de Camões, de Bernardes, de Caminha, de Fernão Alvares do Oriente e tantos outros bucolicos portuguezes, e metamorphoseados em pastores iam ás margens de Tejo, do Mondego ou do Douro, pascer seus rebanhos! Falta de reflexão, erro gravissimo, que tanta quebra dá em suas melhores composiçoens! Mas nem todos; alguns houve, si bem que em diminuto numero, que admiradores das acçoens gloriosas, que illustram as paginas de nossa historia, cantaram, e cantaram como o vate lusitano, não movidos de premio vil, mas pelo amor da patria, sem almejar outro galardão sinão a gloria. E d'esses cantos, inspirados pelos mais nobres assumptos, movidos pela mais heroica paixão, dignos dos premios que ambicionavam seus auctores, raros chegaram a nossos dias, at-

vociferações, cadenciassem o hino da guerra, anunciassem o combate; antes que inflamadas as suas setas levassem a morte aos contrários e o incêndio às suas *tabas*, recebiam inspirações de valor e de constância pelos cânticos de guerra que celebravam seus Tyrteus aos sons de suas *murémurés*, e quando a vitória lhes era propícia, canções de glória lhes voavam dentre os lábios. Conquistados, submetidos ao jugo, desapareceram de sobre a face da terra, como desaparecem as nações belicosas.

Então vieram novos brasileiros, filhos dos conquistadores portugueses, que bem que inspirados pelas pitorescas paisagens brasílicas, pelo céu dos trópicos, pelo sol fulgente da América, não os souberam cantar, antes exemplo abriram, que por desgraça seguido foi por longo tempo. Quando deviam se apoderar dos pátrios costumes, das usanças e dos preconceitos populares, das tradições das tribos que as nossas florestas povoaram, com que dessem cores e feições nacionais à poesia, abraçaram as ideias do grego politeísmo, que às nossas praias abordaram com as armas portuguesas; deixaram-se fascinar das belezas dos gregos e romanos poetas, e imitar procuraram de Camões, de Bernardes, de Caminha, de Fernão Alvares do Oriente e tantos outros bucólicos portugueses, e metamorfoseados em pastores iam às margens de Tejo, do Mondego ou do Douro, pascer seus rebanhos! Falta de reflexão, erro gravíssimo, que tanta quebra dá em suas melhores composições! Mas nem todos; alguns houve, se bem que em diminuto número, que admiradores das ações gloriosas, que ilustram as páginas de nossa história, cantaram, e cantaram como o vate lusitano, não movidos de prêmio vil, mas pelo amor da pátria, sem almejar outro galardão senão a glória. E desses cantos, inspirados pelos mais nobres assuntos, movidos pela mais heroica paixão, dignos dos prêmios que ambicionavam seus autores, raros

travessando as ondas de tam ditalados annos! Todo este mal emana da tyrannia que sobre a patria imperou; colonos, como eramos, não podiamos estabelecer, como adiante veremos, officinas typographicas, que multiplicassem as copias das obras devidas á penna de nossos auctores: embalde se procurará hoje pela *Brasilia*, por esse poema, cujo assumpto é a primeira pagina da historia da conquista do Brasil! Embalde se buscará os preciosos manuscriptos de outros muitos illustrados Brasileiros. Todos esses ensaios, todos esses esforços de um povo que ja na infancia se dava ao cultivo dos diversos ramos da litteratura, e luctava com a hydra da invasão hollandeza, barreteando com tam denodados guerreiros a vida pela liberdade, e o mais é, vencendo-os, derrotando-os e exterminando-os, se perderam ao meio das trevas da ignorancia; as raras publicadas, em tam pequeno numero de exemplares o foram, que poucas chegaram aos nossos dias.

Releva ainda notarmos a mania que dominou os nossos poetas e que não deixa de ser fatal á nossa litteratura, pois que de algumas obras a defrauda.

Antes que o jugo de ferro dos tyrannos Philippes subjugasse a Lusitania, poetas e escriptores houve, bem que em não notavel numero, que surdos aos brados de Ferreira, escreveram em extrangeiros idiomas e principalmente no castelhano, como ninguem ignora pelas obras que o comprovam; porém depois que Portugal sentiu o pezo dos grilhoens, que lhe lançara a prepotencia hespanhola, e viu domado o valor de seus soldados e cabos, portuguezes appareceram, — aliaz benemeritos! — que não se envergonharam de honrar a lingua de seus oppressores, menos rica e suave do que a sua; — falha de patriotismo, falha vergonhosa de pundonor nacional!

E essa epidemia, que no pobre e envilecido Portugal grassava, não deixou de accommetter aos poetas brasileiros. Ver-

chegaram a nossos dias, atravessando as ondas de tão dilatados anos! Todo este mal emana da tirania que sobre a pátria imperou; colonos, como éramos, não podíamos estabelecer, como adiante veremos, oficinas tipográficas, que multiplicassem as cópias das obras devidas à pena de nossos autores; embalde se procurará hoje pela *Brasília*, por esse poema, cujo assunto é a primeira página da história da conquista do Brasil! Embalde se buscará os preciosos manuscritos de outros muitos ilustrados brasileiros. Todos esses ensaios, todos esses esforços de um povo que já na infância se dava ao cultivo dos diversos ramos da literatura, e lutava com a hidra da invasão holandesa, bareteando [sic] com tão denodados guerreiros a vida pela liberdade, e o mais é, vencendo-os, derrotando-os e exterminando-os, se perderam ao meio das trevas da ignorância; as raras publicadas, em tão pequeno número de exemplares o foram, que poucas chegaram aos nossos dias.

Releva ainda notarmos a mania que dominou os nossos poetas e que não deixa de ser fatal à nossa literatura, pois que de algumas obras a defrauda.

Antes que o jugo de ferro dos tiranos Filipes subjugasse a Lusitânia, poetas e escritores houve, bem que em não notável número, que surdos aos brados de Ferreira, escreveram em estrangeiros idiomas e principalmente no castelhano, como ninguém ignora pelas obras que o comprovam; porém depois que Portugal sentiu o peso dos grilhões, que lhe lançara a prepotência espanhola, e viu domado o valor de seus soldados e cabos, portugueses apareceram – aliás beneméritos! – que não se envergonharam de honrar a língua de seus opressores, menos rica e suave do que a sua; – falha de patriotismo, falha vergonhosa de pundonor nacional!

E essa epidemia, que no pobre e envilecido Portugal grassava, não deixou de acometer aos poetas brasileiros. Verdade é que dois

dade é que dous ou trez de nossos auctores em castelhano compozeram, mas outros vieram que acharam que se lhes não levaria em mal o escrever em diversas linguas, como Claudio Manuel da Costa, que cabalmente conhecendo o portuguez, brindou per vezes o italiano com bonitas cançonetas e sonetos; como Manuel Botelho de Oliveira, que querendo dar provas de saber portuguez, castelhano, latim e italiano deu á luz um volume de poesias n'estes idiomas escriptas, a fim de estimar-se, quando não pola elegancia dos conceitos ao menos pola multiplicidade das linguas! (*) E como outros muitos que se entregaram de todo ao latim, olvidando-se de honrar o portuguez com as suas composições, por ir augmentar o exercito de latinos poetas, e alguns sabe Deus como!.....

Hoje, por ventura, essa mania, esse pedantismo dissipou-se com os brados do celebre Francisco Manuel, mais activos e fortes que os de Ferreira, e feliz de nós si os deuses do paganismo não mais inspirarem aos poetas de nossa patria! Por ventura não nos approximamos a essa epocha? O genio fluminense, o auctor dos *Suspiros poeticos e saudades*, ja deu o signal para a reforma. Com o seu estandarte elle marcha a frente da esperançosa mocidade brasileira, bradando-lhe: « — A vante, que a posteridade é nossa! — » Chefe de uma revolução toda litteraria, elle marcou nos annaes da litteratura do novo mundo uma epocha brilhante de poesia.

Dando de rosto a esses auctores de estrangeiras obras, passaremos os olhos pelos passados tempos, mencionando os auctores que mais se distinguiram, esboçando rapidamente a biographia de cada um, e analysando as suas obras. Mas antes de entrarmos em tam penoso trabalho, confessamos que sobre muitas obras não emittiremos o nosso juizo, por não nos ser possivel obtel-as, não obstante os grandes esforços per nós feitos.

(*) Veja-se prologo da *Musica do Parnaso*.

ou três de nossos autores em castelhano compuseram, mas outros vieram que acharam que se lhes não levaria em mal o escrever em diversas línguas, como Claudio Manuel da Costa, que cabalmente conhecendo o português, brindou por vezes o italiano com bonitas cançonetas e sonetos; como Manuel Botelho de Oliveira, que querendo dar provas de saber português, castelhano, latim e italiano deu à luz um volume de poesias nestes idiomas escritas, a fim de estimar-se, quando não pela elegância dos conceitos ao menos pela multiplicidade das línguas! (*) E como outros muitos que se entregaram de todo ao latim, olvidando-se de honrar o português com as suas composições, por ir aumentar o exército de latinos poetas, e alguns sabe Deus como!

Hoje, por ventura, essa mania, esse pedantismo dissipou-se com os brados do célebre Francisco Manuel, mais ativos e fortes que os de Ferreira, e felizes de nós se os deuses do paganismo não mais inspirarem os poetas de nossa pátria! Por ventura não nos aproximamos a essa época? O gênio fluminense, o autor dos *Suspiros poéticos e saudades*, já deu o sinal para a reforma. Com o seu estandarte ele marcha à frente da esperançosa mocidade brasileira, bradando-lhe: " – Avante, que a posteridade é nossa!" Chefe de uma revolução toda literária, ele marcou nos anais da literatura do novo mundo uma época brilhante de poesia.

Dando de rosto a esses autores de estrangeiras obras, passaremos os olhos pelos passados tempos, mencionando os autores que mais se distinguiram, esboçando rapidamente a biografia de cada um, e analisando as suas obras. Mas antes de entrarmos em tão penoso trabalho, confessamos que sobre muitas obras não emitiremos o nosso juízo, por não nos ser possível obtê-las, não obstante os grandes esforços por nós feitos.

(*) Veja-se prólogo da *Música do Parnaso*.

[UTENSÍLIOS INDÍGENAS]. DESENHO EM NANQUIM. COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, [17--].

Os poetas brasileiros e os temas indígenas

Gregório de Matos

José de Santa Rita Durão

Basílio da Gama

Gonçalves Dias

Bernardo Guimarães

José de Alencar

Castro Alves

Luiz F. Papi

Jorge Tufic

Gilberto Mendonça Teles

Walmir Ayala

Olga Savary

Affonso Romano de Sant'Anna

Roberto Piva

Graça Graúna

Bernardo Vilhena

Eliane Potiguara

Chacal

Ailton Krenak

André Vallias

Gregório de Matos (1636-1696)

Aos mesmos Caramurus

Há cousa como ver um Paiaiá
Mui prezado de ser Caramuru
Descendente de sangue de Tatu,
Cujo torpe idioma é Cobepá?

A linha feminina é carimá,
moqueca, pititinga, caruru,
mingau de puba, vinho de caju
pisado num pilão de Piraguá.

A masculina é um Aricobé,
Cuja filha Cobé c'um branco Paí
Dormiu no promontório de Passé.

O Branco é um marau que veio aqui:
Ela era uma Índia de Maré:
Cobepá, Aricobé, Cobé, Paí.

José de Santa Rita Durão (1722-1784)

Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia (excertos)

Canto II

XLIV
Estando a turba longe de cuidá-lo,
fica o bárbaro ao golpe estremecido,
e cai por terra, no tremendo abalo
da chama, do fracasso, e do estampido;
qual do hórrido trovão com raio e estalo
algum junto a quem cai, fica aturdido,
tal Gupeva ficou, crendo formada
no arcabuz do Diogo uma trovoada.
[...]

XLV
Toda uma terra prostrada, exclama e grita
a turba rude, em mísero desmaio,
e faz o horror, que estúpida repita
— Tupá, Caramuru! — temendo um raio.
Pretendem ter por Deus, quando o permita,
o que estão vendo em pavoroso ensaio,
entre horríveis trovões do márcio jogo,
vomitar chamas, e abrasar com fogo.

XLVI
Desde esse dia, é fama que por nome
do grão Caramuru foi celebrado
o forte Diogo; e que, escutado, dome
este apelido o bárbaro espantado.
Indicava o Brasil no sobrenome,
que era um dragão dos mares vomitado:
nem doutra arte entre nós a antiga idade
tem Jove, Apolo, e Marte por deidade.
[...]

LXI

Dentro da grã choupana a cada passo
pende de lenho a lenho a rede extensa;
ali descanso toma o corpo lasso;
ali se esconde a marital licença:
repousa a filha no materno abraço
em rede especial, que tem suspensa:
nenhum se vê (que é raro) em tal vivenda,
que a mulher de outrem nem a filha ofenda.

LXII

Ali chegando a esposa fecundada
a termo já feliz, nunca se omite
de pôr na rede o pai a prole amada,
onde o amigo e parente o felicite:
e como se a mulher sofrera nada,
tudo ao pai reclinado então se admite,
qual fora, tendo sido em modo sério,
seu próprio, e não das mães, o puerpério.

LXIII

Quando na rede encosta o tenro infante,
pinta-o de negro todo, e de vermelho;
um pequeno arco põe, frecha volante,
e um bom cutelo ao lado; e em tom de velho,
com discurso patético, e zelante,
vai-lhe inspirando o paternal conselho;
que seja forte, diz, (como se o ouvisse)
que se saiba vingar, que não fugisse.

LXIV

Dá-lhe depois o nome, que se apropria
por semelhança que ao Infante iguala,
ou com que o espera célebre algum dia,
senão é por defeito que o assinala:
a algum na fronte o nome se imprimia,
ou pintam no verniz, que têm por gala;
e segundo a figura se lhe observa,
dão-lhe o nome de fera, fruto, ou erva.

Basílio da Gama (1741-1795)

O Uraguai (excertos)

Canto II

[...]
Setas de novo agora recebia,
para dar outra vez princípio à guerra.
Quando o ilustre Espanhol, que governava
Montevidio alegre, airoso, e pronto
as rédeas volta ao rápido cavalo,
e por cima de mortos, e feridos,
que lutavam co'a morte, o Índio afronta.
Cepé, que o viu, tinha tomado a lança,
e atrás deitando a um tempo o corpo, e o braço,
a despediu. Por entre o braço, e o corpo
ao ligeiro Espanhol o ferro passa:
rompe, sem fazer dano, a terra dura,
e treme fora muito tempo a hástea.
Mas de um golpe a Cepé na testa, e peito
fere o governador, e as rédeas corta
ao cavalo feroz. Foge o cavalo,
e leva involuntário, e ardendo em ira
por todo o campo a seu Senhor; e ou fosse
que regada de sangue aos pés cedia
a terra, ou que pusesse as mãos em falso,
rodou sobre si mesmo, e na caída
lançou longe a Cepé. Rende-te, ou morre,
grita o Governador; e o Tape altivo,
sem responder, encurva o arco, e a seta
despede, e nela lhe prepara a morte.
Enganou-se esta vez. A seta um pouco
declina, e açouta o rosto a leve pluma.
Não quis deixar o vencimento incerto
por mais tempo o Espanhol, e arrebatado
com a pistola lhe fez tiro aos peitos.
Era pequeno o espaço, e fez o tiro
no corpo desarmado estrago horrendo.
Viam-se dentro pelas rotas costas
palpitar as entranhas. Quis três vezes

levantar-se do chão: caiu três vezes,
e os olhos já nadando em fria morte
lhe cobriu sombra escura, e férreo sono.
[...]

Canto III

[...]
Acorda o Índio valeroso, e salta
longe da curva rede, e sem demora
o arco, e as setas arrebata, e fere
o chão com o pé: quer sobre o largo rio
ir peito a peito a contrastar co'a morte.
Tem diante dos olhos a figura
do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as várias penas,
e o arco, e as setas, e a sonora aljava;
e onde mais manso, e mais quieto o rio
se estende, e espraia sobre a ruiva areia,
pensativo, e turbado entra; e com água
já por cima do peito as mãos, e os olhos
levanta ao Céu, que ele não via, e às ondas
o corpo entrega. [...]

Gonçalves Dias (1823-1864)

I-Juca-Pirama

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis:
Os velhos sentados praticam d'outrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em torno dum índio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribo não diz: — de um povo remoto
Descende por certo — dum povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil muçulmano
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro
Nas mãos dos Timbiras: — no extenso terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribos dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das cores,
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda de embira ligeira,
Adorna-se a maça com penas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vário matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,
Afeitas ao rito da bárbara usança,
O índio já querem cativo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil canitar.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:
Somente ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que ele caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe as honras.
Na fronte o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na destra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda chorem
Serem glória e brasão d'imigos feros.

"Eis-me aqui", diz ao índio prisioneiro;
"Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
As nossas matas devassaste ousado,
Morrerás morte vil da mão de um forte."

Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a muçurana desce:
"Dize-nos quem és, teus feitos canta,
"Ou se mais te apraz, defende-te." Começa
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.
Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!

De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessossego
Do pai fraco e cego,

Enquanto não chego,
Qual seja — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

V

Soltai-o! — Diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pôde nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

— Timbira, diz o índio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam:
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,

Chore a morte do filho o pai cansado,
Que somente por seu na voz conhece,
— És livre; parte.
— E voltarei.
— Debalde.
— Sim, voltarei, morto meu pai.
— Não voltes!
É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
— Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer!
— És livre; parte!
— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... Parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: — arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precípite. — Do rosto afogueado
Gélidas bagas de suor corriam:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... Que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quase bradar-lhe ouvia: — Ingrato! Ingrato!
Curvado o colo, taciturno e frio.
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?
— Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas forças restaurar perdidas,
E a caminho, e já!
— Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,

Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!
— Que novos males
Nos resta de sofrer? — Que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?
— As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
— Mas tu tremes!
— Talvez do afã da caça...
— Oh filho caro!
Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —
E com mão trêmula, incerta
Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma ideia fatal correu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: — Foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!...
Recua aflito e pávido, cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados,
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Ele o via; ele o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós o dissestes.

— Dos índios?

— Sim.

— De que nação?

— Timbiras

— E a muçurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...
— Nada fiz... aqui estou.

— Nada! —

Emudecem;

Curto instante depois prossegue o velho:
— Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não foras vivo!

— Nada fiz; mas souberam da existência
De um pobre velho, que em mim só vivia...
— E depois?...

— Eis-me aqui.

— Fica essa taba?

— Na direção do sol, quando transmonta.
— Longe?

— Não muito.

— Tens razão: partamos.

— E quereis ir?...

— Na direção do ocaso.

VII

"Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis — e mais foram
Senhores em gentileza.

"Eu porém nunca vencido,
Nem os combates por armas
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,

Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrifício
E a muçurana ligeira:
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie;
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane!"

Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo acento:

— Nada farei do que dizes:
É teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.

"Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

"Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

"Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde festas como asco e terror!

"Sempre o céu, como um teto incendido,
Creste e punja teus membros malditos
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

"Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és."

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma! Alarma! — O velho para!
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
Noutra quadra melhor. — Alarma! Alarma!
— Esse momento só vale a pagar-lhe
Os tão compridos transes, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — Vale, e de sobra.
Ele que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem.
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! Clama o chefe dos Timbiras,
— Basta, guerreiro ilustre! Assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister forças. —
O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:

"Este, sim, que é meu filho muito amado!
"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
"Corram livres as lágrimas que choro,
"Estas lágrimas, sim, que não desonram."

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: — "Meninos, eu vi!

"Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi.

"Eu disse comigo: que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!"

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: "meninos, eu vi!"

Bernardo Guimarães (1825-1884)

O elixir do pajé

Que tens, caralho, que pesar te oprime
Que assim te vejo murcho e cabisbaixo
Sumido entre essa basta pentelheira,
Mole, caindo pela perna abaixo?

Nessa postura merencória e triste,
Para trás tanto vergas o focinho,
Que eu cuido vais beijar, lá no traseiro,
Teu sórdido vizinho!

Que é feito desses tempos gloriosos
Em que erguias as guelras inflamadas,
Na barriga me dando, de contínuo,
Tremendas cabeçadas?

Qual hidra furiosa, o colo alçando,
Co'a sanguinosa crista açoita os mares,
E sustos derramando
Por terras e por mares,
Aqui, e além atira mortais botes,
Dando co'a cauda horríveis piparotes,
Assim tu, ó caralho,
Erguendo o teu vermelho cabeçalho,
Faminto e arquejante,
Dando em vão rabanadas pelo espaço,
Pedias um cabaço!

Um cabaço! Que era este o único esforço,
Única empresa digna de teus brios;
Porque surradas conas e punhetas
São ilusões, são petas,
Só dignas de caralhos doentios.

Quem extinguiu-te assim o entusiasmo?
Quem sepultou-te nesse vil marasmo?
Acaso pra teu tormento,
Indefluxou-te algum esquentamento?

Ou em pívias estéreis te cansaste,
Ficando reduzido a inútil traste?
Porventura do tempo a destra irada
Quebrou-te as forças, envergou-te o colo,
E assim deixou-te pálido e pendente,
Olhando para o solo,
Bem como inútil lâmpada apagada
Entre duas colunas pendurada?

Caralho sem tesão é fruta chocha,
Sem gosto nem cheirume,
Linguiça com bolor, banana podre,
É lampião sem lume
Teta que não dá leite,
Balão sem gás, candeia sem azeite.

Porém não é tempo ainda
De esmorecer,
Pois que teu mal inda pode
Alívio ter.

Sus, ó caralho meu, não desanimes,
Que ainda novos combates e vitórias
E mil brilhantes glórias
A ti reserva o fornicante Marte,
Que tudo vencer pode co'engenho e arte.

Eis um santo elixir miraculoso,
Que vem de longes terras,
Transpondo montes, serras,
E a mim chegou por modo misterioso.

Um pajé sem tesão, um nigromante
Das matas de Goiás,
Sentindo-se incapaz
De bem cumprir a lei do matrimônio,
Foi ter com o demônio,
A lhe pedir conselho
Para dar-lhe vigor ao aparelho,
Que já de encarquilhado,
De velho e cansado,
Quase se lhe sumia entre o pentelho.
À meia-noite, à luz da lua nova,
Co'os manitós falando em uma cova,
Compôs esta triaga

De plantas cabalísticas colhidas,
Por suas próprias mãos às escondidas.

Esse velho pajé de pica mole,
Com uma gota desse feitiço,
Sentiu de novo renascer os brios
De seu velho chouriço!

E ao som das inúbias,
Ao som do boré,
Na taba ou na brenha,
Deitado ou de pé,
No macho ou na fêmea
De noite ou de dia,
Fodendo se via
O velho pajé!

Se acaso ecoando
Na mata sombria,
Medonho se ouvia
O som do boré,
Dizendo: — "Guerreiros,
Ó vinde ligeiros,
Que à guerra vos chama
Feroz aimoré,
— Assim respondia
O velho pajé,
Brandindo o caralho,
Batendo co'o pé:
— "Mas neste trabalho,
Dizei, minha gente,
Quem é mais valente,
Mais forte quem é?
Quem vibra o marzapo
Com mais valentia?
Quem conas enfia
Com tanta destreza?
Quem fura cabaços
Com mais gentileza?
E ao som das inúbias
Ao som do boré,
Na taba ou na brenha,
Deitado ou de pé,
No macho ou na fêmea,
Fodia o pajé.

Se a inúbia soando
Por vales e outeiros,
À dança sagrada
Chamava os guerreiros,
De noite ou de dia,
Ninguém jamais via
O velho pajé,
Que sempre fodia
Na taba na brenha,
No macho ou na fêmea,
Deitando ou de pé,
E o duro marzapo,
Que sempre fodia,
Qual rijo tacape
A nada cedia!
Vassoura terrível
Dos cus indianos,
Por anos e anos
Fodendo passou,
Levando de rojo
Donzelas e putas,
No seio das grutas
Fodendo acabou!
E com sua morte
Milhares de gretas
Fazendo punhetas
Saudosas deixou...

Feliz caralho meu, exulta, exulta!
Tu que aos conos fizeste guerra viva,
E nas guerras de amor criaste calos,
Eleva a fronte altiva;
Em triunfo sacode hoje os badalos;
Alimpa esse bolor, lava essa cara,
Que a Deusa dos amores,
Já pródiga em favores
Hoje novos triunfos te prepara,
Graças ao santo elixir
Que herdei do pajé bandalho,
Vai hoje ficar em pé
O meu cansado caralho!

Vinde, ó putas e donzelas,
Vinde abrir as vossas pernas
Ao meu tremendo marzapo,

Que a todas, feias ou belas,
Com caralhadas eternas
Porei as cricas em trapo...
Graças ao santo elixir
Que herdei do pajé bandalho,
Vai hoje ficar em pé
O meu cansado caralho!

Sus, caralho! Este elixir
Ao combate hoje te chama
E de novo ardor te inflama
Para as campanhas do amor!
Não mais ficarás à-toa,
Nesta indolência tamanha,
Criando teias de aranha,
Cobrindo-te de bolor...

Este elixir milagroso,
O maior mimo da terra,
Em uma só gota encerra
Quinze dias de tesão...
Do macróbio centenário
Ao esquecido marzapo,
Que já mole como um trapo,
Nas pernas balança em vão,
Dá tal força e valentia
Que só com uma estocada
Põe a porta escancarada
Do mais rebelde cabaço,
E pode em cento de fêmeas
Foder de fio a pavio,
Sem nunca sentir cansaço...

Eu te adoro, água divina,
Santo elixir da tesão,
Eu te dou meu coração,
Eu te entrego a minha porra!
Faze que ela, sempre tesa,
E em tesão sempre crescendo,
Sem cessar viva fodendo,
Até que fodendo morra!

Sim, faze que este caralho,
Por tua santa influência,
A todos vença em potência,

E, com gloriosos abonos,
Seja logo proclamado,
Vencedor de cem mil conos...
E seja em todas as rodas,
D'hoje em diante respeitado
Como herói de cem mil fodas,
Por seus heroicos trabalhos,
Eleito — rei dos caralhos!

José de Alencar (1829-1877)

Os filhos de Tupã (excertos)

1º Canto (A guerra)

I

Ao deserto, minh'alma! Sobre os píncaros
Da bronca penedia, enquanto o vento
Nos antros da montanha ulula e brame,
Solta a rude pocema, o canto fero,
Dos filhos de Tupã. E ruja a inúbia,
Troando pela várzea os sons bravios.

VII

Onde estão estes povos primitivos?
Que é de nossos irmãos, teus primogênitos,
De teus filhos selvagens, minha terra?
Extinguiram-se! Alguns dispersos vagam,
Pelos antros se acoutam como feras,
Escorjados, perdido o antigo lustre,
Degêneres da pura e nobre casta.
Poucos, dos ritos pátrios regando
Abraçados à cruz, à sombra dela,
Misturaram seu sangue ao sangue estranho.
Quase todos morreram defendendo
O solo que dos pais guardava as cinzas,
Os campos dos avós glória e conquista,
E a liberdade, lei, direito santo,
Mais que direito ou lei, culto profundo,
Fera religião de um povo indômito.
Em torno aos filhos seus recém-nascidos,
A cascavel coleia estremecendo
De inefável prazer. Terna se engolfa
Na delícia de os ver à imagem sua:
Ora em doces anéis toda se enrosca,
Palpitante de amor os cinge e estreita,
Porque mãe, outra vez, inda os conceba.
Mas súbito o perigo perto assoma.
Eis que das nuvens gavião, que paira,

Abate o voo as garras encrespando;
A serpente se assanha, silva, estila
O veneno; terrível brande a cauda.
[...]
Assim os filhos teus, pátria, embalaste
Na sombra das florestas, sobre as águas,
Ao rumor da cascata. No regaço
De teus vales em flor, meiga os cingias.
Mas veio enfim o sol da desventura.
Quando errantes, nas matas foragidos,
Estrangeiros na terra de seu berço,
De esmorecida a fronte reclinaram;
Abriste o seio e nele os recolheste.
Preferiste ser mãe órfã de filhos,
A ser pátria de raça vil d'escravos.

Ah! Que voz triste e grave enche o silêncio,
Pela amplidão dos ermos reboando;
Que gemido plangente e merencório
Solta a floresta das profundas crastas!
Angustiado o vento nas gargantas
Dos alcantis, ulula soluçante;
O grande rio, opresso da borrasca,
Anseia na agonia e se convulsa.
Da lufada sulfúrea ao bafo ardente,
A negra coma as árvores desgrenham.
Os mil rumores vagos, indecisos,
Que ali, aqui, crepitam pela sombra,
Quais dobres pulsações da grande artéria
Do globo, se condensam longe e longe
No lúgubre estertor da natureza.
Tu choras, pátria, choras por teus filhos.
Oh! Silêncio, minha alma, respeitemos
A dor da mãe, viúva, órfã da prole!
[...]

VIII

Eram filhos de sua virgindade
Primeiros que no seio concebera,
E inocentes o peito lhe morderam.
Eram belos como Ela. A tez morena,
Crestada ao sol, brilhava com reflexo
Do cobre incandescido pelo raio.
Negros os olhos, negros os cabelos,

Como o basalto dos rochedos pátrios:
Rosto nu que moldava o pensamento
Nas linhas do perfil. O talhe erecto,
Como os órgãos da grande cordilheira,
Qual o silvestre bambu vergava airoso;
Forma esbelta de serpe, em que se eleva
Do cedro a robustez, do tigre a força.
Almas rudes ingênuas, corpo atlético,
Fundido em bronze, esculpido na rocha,
Tinham herdado de seu Deus o nome.
Chamavam-se Tupis, heróis e filhos
De Tupã, criador e pai dos homens.

Ensinou-lhes somente a natureza,
Uma ciência – amor; uma arte – a guerra.
A terra em que nasciam, desvelada
Trabalhava por eles, mãe e escrava.
Aspro tronco brotando entre penhascos,
Ferido, em borbotões manava o leite,
Que no peito, materno, homens robustos,
Sugavam inda infantes para o mundo.
Destilava nas lágrimas douradas,
O beijoim as gomas recendentes,
Incenso o sassafrás. Perene a abelha
De rosado licor enchia os favos:
E cada sol, dos cocos sazonava
A polpa delicada e o fino creme.
As vestes encontravam já tecidas
Na casca da marima;
E na plumagem
Das aves seus ornatos de ouro e púrpura.
Uma palmeira só dava à família
Armas, sombra, alimento, fogo e vinho;
O teto da cabana, e as rijas malhas
Da rede, que embalava amor de esposo.
Raio de leite, e mel, luz e perfume,
A vida em flor, aqui desabrocha;
Os lábios a colhiam num sorriso,
Não crestada por hálito ofegante;
Das bagas do suor não rorejada.
Até na morte a vida era suave
E a terra mãe; um áspide na relva,
De veneno uma gota e vinha a noite
E dormiam do sono que não sonha.
Ai, pátria, por que a vida tão risonha

Lhes fizeste; não luta, mas enlevo?
Os olhos com teus beijos lhes cerravas,
Que não vissem além o mundo ingrato!

Eram felizes no infantil conchego
De teu grêmio. Se a folha já caduca
Do cajueiro que despira os ramos,
Alguma vez levava tristes luas,
A nova lhes trazia festa e júbilo.
A prole que em Tamandaré surgindo
Da voragem das águas, renascera,
Mais forte e vigorosa florescia.
Da haste frágil saíra uma família;
A família medrara e fez-se tribo;
As tribos dividiram-se crescendo;
E a grande raça, tronco já frondoso,
Que boiava embrião sobre o dilúvio,
Formava cem nações jovens, pujantes,
Cem nações que cem chefes dirigiam,
Reconhecendo os chefes um mais alto,
Pai dos povos na paz, senhor da guerra.

IX

Eram felizes. Quando o caso estranho
De espanto e horror encheu a raça heroica.
E porque de Tupã conjure as iras,
Manda o grande abaré, que o deus inspira,
Buscar a guerra ao cimo das montanhas,
E trazei-a da pátria ao seio virgem
Para a sede aplacar da terra amiga.
Foi então que dos cimos altaneiros
Dos Andes despenharam na planície
Quais lascas de penedo que desgalgam,
As turbas dos Oromos, gente bárbara,
Que da afronta cruel ruge vingança.

Correu a flecha, núncia do combate;
O trocano mandou às longes tabas
A voz do chefe, e os ecos responderam.
Como em ondas caudais juntando as águas
No largo e imenso leito do Amazonas
Se transformam num mar tamanhos rios,
As cem nações tupis se esgueiram, uma:
Braços de um corpo só, por mim gigante.

O prudente Iruama, o grande chefe,
Os filhos de Tupã conduz à guerra.

Em meio da campina que se alarga
Pelo deserto além, planta Iruama
O sacro maracá do povo egrégio;
A cabeça da guerra, assim chamada,
Porque nela respira a alma sombria
Do iracundo Aresky, do torvo nume,
Que odeia a paz, despreza amor e vinho;
A quem deleita a festa dos combates,
Onde beba do sangue a rubra espuma.
Da lança que empunhara, sobre o topo,
Ergue-se o vasto crânio, a fronte hirsuta,
De herói, que aos homens ensinou a guerra,
Ei-lo o tremendo vulto, o gesto aspérrimo,
Que no lenho esculpiu com rubras tintas
Do vidente abaré a arte sublime.
Os olhos coruscantes, que afrontavam
Os raios de Tupã, das fundas órbitas,
Fulminam de pavor os inimigos,
E inspiram nos Tupis a força invicta.
Quando vibrada pelo vento a lança,
Na boca hiante freme-lhe o bramido,
Como estilhas de rocha que fracassam
Era assim que rangiam do guerreiro
Os rijos dentes no furor da pugna.

Quando voa do sul a tempestade,
Antes que sobre o mar envergue as asas,
Cobre do Corcovado o largo dorso;
Mas entre a bruma surte o cimo altivo
Que domina sereno os horizontes.
O povo dos Tupis antes que arroje
Sobre o inimigo a sanha, lá rodeia
O grande Abaeté, que sobranceiro
Solta da guerra o mirahi soberbo.
Disse Iruama: — "Filhos de meu arco,
Fortes chefes e filhos de meus filhos,
E netos de Tupi, primeiro homem,
Gerado pelo vento na palmeira;
Florestas de guerreiros que eu habito;
Tupã nos ama, pois nos manda a guerra.
Da guerra vem a força para o corpo,
Como vem da torrente a força d'água.

O sol trouxe o inimigo a nossos campos
Mas há de aqui deixá-lo como a sombra
Lastrando pela terra fria e negra.
Quer Iruama e seus guerreiros queiram
Que o sol não morra sem que morra o último."

X

A voz do chefe que a vitória ordena,
Lá responde a pocema dos guerreiros.
"Tupã! Tupã! Tupã! crebro rebrama
Com possante clamor o povo e brande
Os tacapes que embatem nos escudos.
Freme a selva Tupã; e de eco em eco
Pelas fragas Tupã rolando, ao longe
Tupã retroa; além Tupã ribomba."
Soa então dos Tupis o canto bélico:
"O grande pai do céu manda a seus filhos
Inimigos sem conta, como as ondas
Manda aos rios e a flor à sapucaia.
Eles vêm nos trazer as lindas filhas
Que sonham noiva rede em nossas tabas.
Vêm de sangue orvalhar os nossos campos
Porque se enflore o pequiá da mata,
E da cor de encarnado o cardo brilhe.
Vêm dar-nos o colar dos alvos dentes;
Dos ossos o boré rijo e sonoro.
Eles vêm como a seca folha d'árvore,
Que ao tronco já não volta em que nascera
E negro pó da terra o vento a leva.
Quer Iruama e seus guerreiros querem
Que o sol não morra sem que morram todos."

"O feroz Aresky manda ao guerreiro
Inimigos valentes, como a onça
Manda ao jaguar, e o vento manda a chama,
Eles vêm dar aos velhos a vingança;
Aos mancebos trazer nome de guerra.
Vêm os voos medir às nossas flechas,
O peso do tacape que brandimos,
E do braço tupi a força inata.
Vêm do negro oitibó matar a fome,
Porque de noite os sonhos não agoure;
Eles vêm como as águas da torrente
Que no seio mais não volvem da montanha

E se perdem na areia do deserto.
Quer Iruama e seus guerreiros querem
Que o sol não morra sem que morram todos."
As guerras inimigas se desdobram
Pela imensa campina, como nuvens,
Pejadas de tufão, ígneas de raios,
Que chocando-se rompem nas chapadas
Da excelsa Ibiapaba. Um estampido
Horríssono, um fragor medonho e fero,
Voz da turba, do mar, da tempestade,
Reboa pelo espaço e vai rugindo,
Trovão da terra, estremecer os astros.

Luz em torrentes, alto o sol dardeja;
O céu resplende azul, a terra flores;
Canta a floresta hosana ao rei do dia;
Volve além majestoso o grande rio.

2º Canto (O combate)

I

Sinistra e culminante a vasta fronte
De Iruama plainava sobre o campo,
Como do Itatiaia entre a borrasca
Assoma ao longe o píncaro altaneiro
Pelo sol abrasado. E como os estos
Da procela que roçam pela face
Do gigante de pedra, imoto e plácido,
A majestade insultam-lhe, cuspindo
Um bulcão de granizo; assim das flechas
A nuvem que o inimigo arremessava
Vinha abater aos pés do grande chefe.

Engolfando no olhar profundo o vale
Viu Iruama que cedia o bárbaro,
Ao poder de seu arco, e já receia
Que lhe fuja batido, porém salvo.
Quem nunca o mesmo povo duas vezes
Vencera, porque logo o exterminava,
A vergonha temeu dessa vitória.
Levou da inúbia. A voz rugiu da guerra.
Na densa multidão de tantos povos
Se propaga o clangor, como o relâmpago.

Naquele extremo e neste responderam
Caribe e Guaranê, filhos do chefe,
Tão grandes como o pai, mas dele prole.
Eram gêmeos irmãos; gêmeos guerreiros.
Mais robusto, Caribe afigurava
Possante Ubiratã de espessa grimpa
No porte varonil. Filho da noite,
Mesto no parecer, d'alma sombria,
A noite se espelhava nos seus olhos
Como nas águas frias do Parimo;
E a lua que o banhara inda no berço
Lhe embranquecera a tez pálida e baça.
Mais alto, Guaranê enrija o talhe
Como um cedro virente ao sopro d'aura.
Filho do sol, brilhante e generoso,
O sol nascente a cútis lhe dourava
De rúbido moreno e a grande estrela
Lhe coara no rosto a galhardia.

II

No centro da batalha, junto ao chefe,
Combatia a nação estirpe e tronco
Mais que todas egrégia, primogênita,
Dos títulos a honra desdenhava.
Dizia-se Tupi; fora nobreza
Ser da grande nação guerreiro e filho.
Nela a geração pura transmitia-se
Do sangue de Tupã. Era seu chefe
Sobre todos os chefes o primeiro.
Foi este povo, então na flor da idade,
Que em remoto porvir levou as armas
De vitória em vitória às lindas praias
Onde plantou Cabral a cruz de Cristo,
E aos montes em que altiva se reclina
A cidade princesa dos outeiros.
Aí se dividira em grandes tribos,
Perdera antigos ritos e juntara
Ao nome de Tupis diversos motes.

Seguiam-se os Tamoios, que ilustravam
Gloriosa e vetusta procedência.
Ramo que da raiz brotou mais cedo,
Prezavam-se de ser os mais antigos
Depois da nação mãe. Tinham por garbo

A Constância e firmeza inabalável.
Eles foram mais tarde os vencedores
Que da serra dos Órgãos à baía
Onde abre o vasto seio a Guanabara,
Soberbos capearam. Crua guerra
Moveram contra os lusos, defendendo
A terra que tingiram de seu sangue,
Porque suor de escravo a não regasse.

Além o talhe erguiam alto e fléxil
Os fortes Goitacazes que venciam
A ema na corrida, e que à porfia
Acompanhavam pela curva margem
O curso da corrente impetuosa.
Quando nos dilatados férteis campos,
Que ao nômade Tapuia conquistaram
E deles trazem nome, a raça branca
Ousara disputar-lhes o domínio,
Provou do seu tacape a fortaleza.
Cidade que Vitória inda se chama,
Duas vezes rasada pela base,
Nos sobejos do incêndio, entre as ruínas,
De seu valor a senha guarda eterna.
Mas longe e grave destacava o busto
Dos caetés, heróis da mata virgem,
Cuja sombra alvejando o rosto fero,
No espírito coava densa nuvem.
Nenhum como eles tinha no perigo
A fria placidez, calma da rocha,
Que o raio quando a abrase, não comove.
Coube-lhes, na conquista, a longa praia
Onde arrebenta o mar, e surge airosa
Como álcion vogando sobre as ondas,
A cidade Luca do Beberibe.
Na fundação de Olinda protegeram
A nascente colônia. Erro funesto,
E bem cão remido em nobre exílio.
A terra abandonando à treda gente
Do Mearim, nas margens levantaram
Nova pátria, onde a ingênita braveza
Vinga a recente injúria e a fé traída.

Os senhores do vale, os Pitiguaras,
Cuja seta subia inda mais alto
Do que sobe o anajê cortando os ares,

Batiam-se à direita de Iruama.
Se ver lhes fora dado além dos tempos,
Quando as praias tiveram que decorrem
Do pingue Jaguaribe ao Parnaíba,
O vulto saudariam do guerreiro
Que gerar-se devia do seu sangue
Para lustre da raça e prol dos lusos.
A fama sua basta o nome puro
De Camarão, soldado cearense,
Libertador da pátria, que a bravura
Fez grande, e a cruz de Cristo fez ilustre.

Ao lado, os Tabajaras afrontavam
A sanha do inimigo. Era seu timbre
Prudência que ao valor dava realce.
Primeiros, desprezando a fresca sombra
Das matas, construíram taba agreste,
Ensinaram das terras a cultura,
O fabrico dos vasos, e a maneira
De fiar do algodão formosas teias.
Artes que transportaram na conquista
As úmidas campinas salitradas,
Que vão do Camocim ao Paraíba,
Onde pasce no meio dos rebanhos
O touro, do sertão filho bravio.

III

Seguiam a Caribe: os Guaianazes,
Formidáveis no assalto e na investida
Que ao país do Orenoco deram nome;
Os Muras que primavam na destreza
E brandiam a longa tamarana,
Arma terrível, duas armas n'uma,
Prostrando, dum só bote, dois guerreiros;
Os Omaguas, valentes lutadores,
Que o jaguar derrubavam corpo a corpo
E vergavam nos músculos possantes
Do braço, o rijo tronco da braúna;
Habitantes dos vales ensombrados
Que talha no seu curso o negro rio,
Os Ticunas ferozes, cujos golpes
Matavam sempre, não feriam nunca.
Só eles conheciam do fabrico
Do uirarê o segredo; e do veneno,

Que súbito nas veias gela o sangue,
Ervavam suas armas de combate.

Guararê conduzia os Araucanos
Robustos na peleja e mais robustos
No resistir serenos à fadiga.
Insensíveis à fome, à sede, ao sono,
Que o sol nascesse e o sol morresse em trevas
Uma, duas, três vezes, sobre o campo,
No campo os deixaria combatendo,
Se a vencer inimigos lhes restassem.
Foram depois senhores das coxilhas
E campanhas do sul, onde o gaúcho
Lança e boleia o poldro à disparada.
Os Guatós, que primeiros se arriscaram
Sobre os rios, domando a correnteza,
Cuja igara corria à flor das ondas
Qual veloz jaçanã de rubras asas;
Audazes navegantes, cujo remo
Arou do Paraguai os afluentes;
Os feros Chiriguanos que as estrelas
Geraram nos penhascos da montanha.
Povo ousado, de gênio aventureiro,
Do paranã transpondo o largo esteiro,
Tala ao torpe Charrua os vastos pampas,
E nas abas dos Andes crava a lança.

Vinham após os bravos Abatiras
De prócera estatura e nobre aspeto;
Futuros habitantes das campinas
Onde rola o Belmonte as águas d'ouro;
E os orvalhos do serro desabrocham
Flores, mas de safira e de esmeralda.
Os Jarunas, guerreiros cor da noite,
Cujo aspeto medonho espavoria
O próprio Curupira, o deus das brenhas
Os Bugres que desdenham dos escudos
Mas vestem de tapir o rijo corpo
Que nunca o sol crestou. Foram senhores
Da ilha onde a beleza é flor nativa;
Habitaram depois as matas virgens
Que orlam do Tieté as frescas margens.
O povo Ubirajara, forte e célebre
Pela terrível lança de que usava
E que nunca falhava no arremesso

O ponto que mirava. Abandonando
A taba primitiva ergueram nova
Do Tocantins nas férteis cabeceiras
Os ágeis Guaicurus, filhos da velha
E sempre jovem noiva, a mãe das águas,
Deles vêm os afoitos cavaleiros,
Que as plagas sujeitaram do Araguaia
E as infindas savanas percorriam
Velozes como o vento, sobre o dorso
Do valente corcel, amigo e pátria,
Rede, leito do amor, berço do filho,
Do filho que inda a esposa amamentava.
Aqueles são os nobres Guaianazes,
Que os lagos povoaram do deserto,
Possuíram também os lindos campos
De Goiás e mais tarde conquistaram
A soberba e gentil Piratininga,
Onde fala Tupã na voz do raio.
Deles Tibiriçá nasceu, que um dia
Há de primeiro ver a raça branca
Dos guerreiros do fogo; e Araribóia
De quem a história pátria comemora
Da fé jurada o mais sublime rasgo.

E outros povos, e tantos que se apinham
Como as vagas de areia em Mocuripe
Erguem na praia montes sobre montes.

IV

Tal era de Iruama a ingente guerra.
Os Oromos não tinham várias tribos
Ou nações; eram hordas sobre hordas
De gente, aluvião, torrente imensa,
Que rolava das abas da montanha
E lastrava, subindo sempre, o campo.
Sem ordem pelejavam; mas com ímpetos
E fúria da matéria inerte e bruta:
Manga d'água, pegão de fogo ou vento,
Pelas forças plutônicas movidos.
Como no incêndio vê-se a labareda
Enroscando lamber ao longe a várzea,
Trêmula arrepiar, volver de novo,
Até que morde as secas maravalhas,
A língua estende, lavra e após arrasta

A voragem das chamas que se alteiam,
Assim os chefes bárbaros arrancam;
E após eles a turba se arremessa.

Lá avança como a tromba no oceano
O feroz Mariraca. Das espáduas
Media o largo bojo à sumaúma,
E topava do crânio a verde palma,
Do bori que dez luas florescera.
Segue-o Ikidê, no passo e na estatura
Ingente e colossal; por onde passa
Deixa no campo um rastro de cadáveres.
Eis Mocoby, horrível esqueleto;
Assemelha uma ossada gigantesca
De fóssil mastodonte, que o dilúvio
Soterrou nas cavernas da montanha.
Urraca tem por arma um estilhaço
De rochedo à feição de um grande malho,
Que arremessa no forte da peleja,
E matando sepulta logo os mortos.
Dos heróis montanheses o mais jovem
Paoky, parece o vento do deserto
Que rugindo no bojo da floresta
Verga em torno das árvores o tope.

Naquela selva espessa de guerreiros.
Levanta cada herói o corpo hirsuto;
Grupam-se em torno dele, rijos galhos
Do formidável tronco, a fera esposa
E as mulheres que o servem. Cães selvagens
E filhos inda infantes, açulados,
Mordem latindo o bárbaro inimigo.
Assim de um velho jataí nas fendas
Que o lodo esverdeou, as rãs saltitam
Coaxando, se a borrasca se avizinha.
Avança o herói; abala-se a família;
Inimigos que tombam malferidos,
Outros que não resistem, vão ficando,
Às mulheres despojo, e pasto ao dente
Da prole que se adestra no combate.

Guerra tremenda, luta pavorosa,
Extermínio de raças que se odeiam,
Onde é cada família um só guerreiro,
E o povo um rancor só, mas grande, imenso.

V

Ao fero som da inúbia Iruama
Dos Tupis fecha o túrbido crescente
Como as pontas do arco formidável
Do Tamui pela mão do herói vergado.
Já Guaranê brandindo a igarapema,
Sua arma predileta, remo e lança,
Insígnia do senhor dos pátrios rios,
Soberbo fende a mole dos Oromos,
Como fende o cachopo a correnteza.
Ao soçobro das hordas montanhesas,
Paoki meneia a coma. Os dois guerreiros
Avistam-se de longe, ambos atraem
Dos olhos devorando, a certa presa.
Medem as almas no lampejo ardente,
Que era o corpo medido para as armas.
Caminham um ao outro. O solo foge,
Sob o passo daquele e o passo deste.
Só param quando entre eles não havia
Mais terra que a precisa à sepultura
Do vencido ou do vencedor ao leito.
Ei-los já face a face, olhos nos olhos.

Do filho de Iruama o remo, a um tempo,
E do filho dos Andes a macana
Volveram coruscando pelos ares.
Como remonta às nuvens a gaivota,
Traça o voo em espiras sobre as águas,
E mal, lobriga o peixe n'água, frecha
Do céu ao fundo abismo sobre a vítima;
Os dois braços pujantes se abateram
Velozes, porém saltam mais velozes,
Como na luta saltam duas serpes,
Retraindo-se ao golpe, os inimigos.
[...]

— A ema deu-te aos pés as leves asas;
Foge, corvo da serra, às tuas grotas.
Mais ligeira que o vento desce a morte
Da minha igarapema no sibilo.
— Serpente que rastejas pela relva,
Lhes responde Paoki, a águia dos Andes
Não volta ao ninho sem que leve a presa.

Dez vezes giram, dez se abatem rápidas,
As armas dos guerreiros sem tocá-los.
Cada golpe, porém, de um lado e d'outro,
Derroca um inimigo, fende um crânio.

Giram ainda, mas no ar se encontram,
Com as pontas dos touros que mugindo
Do meu pátrio Ceará nas belas várzeas
Travando em combate, acesa a fúria,
Marram batendo testa contra testa.
Tremem ao duro choque os dois guerreiros;
[...]
Ambos premem de novo a arma terrível
E se arrojam de novo; sentem ambos
N'alma a sede do sangue que os afronta.

De Paolei a macana ameaçadora,
Inda uma vez subiu, volveu tangida
Pelo braço possante, e esfuziando
Caiu como o corisco sobre a fronte
De Guaranê; porém certeiro o remo
No vórtice girou: rompendo o punho
Do inimigo, arrancou-lhe a arma sangrenta,
Que foi tombar ao longe, inda assassina,
Abrindo de um guerreiro o largo peito.
[...]
De seu herói cobrindo o passo invicto,
As ondas dos Tupis, cavando o leito,
Precipitam, levando tudo a rojo.

VI

Era medonha a luta sobre a margem.
Caribe e Urraca, os dois grandes guerreiros
Mais pujantes de quantos sob o passo
A terra americana estremeceram
E as matas abalaram do rugido
Pelejavam ainda. Antes que as hostes
Peito a peito no campo se esbarrassem.
Primeiros eles tinham na investida
Renhido a pugna brava e rancorosa
Que dura sempre igual, crescendo sempre.

Pupila em sangue, eschamejando fogo,
Dentes cerrados, como se já palpite

O coração trincassem o inimigo,
Negro rosto pó que arruinava a coma
Horrípila de sanha; os rijos músculos
Brandidos como as cordas sibilantes
De cem arcos vergados ponta a ponta,
[...]
Os dois heróis, maiores que eles mesmos,
A vária turba assombram dos guerreiros,
Cuja infância aos combates se embalara.
As armas remoinhando desaparecem;
Mas nas largas rodilhas de tapira
Lá repercutem golpes sobre golpes.

Enfim Caribe sápido mergulha
Sob os golpes da clava do inimigo
Súbito erige o porte musculoso;
Roda o braço, o ar sibila, ruge o peito,
E ao rugido feroz num baque troa,
Qual flanco de montanha que desaba.
O rijo tacape que topara
Da lasca do rochedo, arma de Urraca,
Sem abrir uma fenda, se espedaça
Do montanhês no crânio teso e duro.
E na mão que o brandiu só farpas restam.
Nem oscila o varão. Direto e firme
Ergue a fronte, como ergue o cimo a rocha,
Que vestígios não guarda da borrasca.
Os olhos afundaram-se nas órbitas;
As cavernas do peito se dilatam,
Bufam-lhe as ventas, farejando sangue;
Riso mordaz do puma que derriça
Da vítima inda viva as carnes palpita
E range as longas presas que se aguçam,
Lhe arregaça a mandíbula feroce:
— "Tu és forte, guerreiro das florestas,
Como pode ser forte o ipê da várzea.
Mas teu braço é madeira que decepa
De um só golpe o machado dos Oromos.
Foge, pois, ao guerreiro da montanha
Que Sumaúma fez de rija penha.
Acaso luta o lenho contra a rocha?
A serra não domina sempre o campo?"
— "Condor dos Andes, chefe dos Oromas,
Do meu tacape a dor te cega os olhos.
É mais forte que o lenho e que o rochedo;

O raio; e inda mais forte do que o raio
É de Caribe o braço que te esmaga."

Mas além nova cena descortina
O horizonte no campo de batalha.

VII

Da cascata em que o rio se debruça,
Ergue-se a calva negra de um penhasco
Plainando sobre as ondas. Ferve em torno
O grosso borbotão da branca espuma,
Alvas cãs de ancião que apenas cingem
O crânio já despido e nu dos anos.
Refracto n'água, o sol chispando os raios
Do turbilhão das vagas surto e imóvel,
De fráguas eriçado, tal parece
Zombar do arrojo humano que o respeita.
Embora; na miragem da cascata
Sobranceiro destaca o vulto esbelto
De Paracy, a mãe do grande rio,
A senhora das águas, virgem chefe
Das donzelas guerreiras do Amazonas.

Sublime o talhe à luz debuxa as formas
Da esplêndida beleza. Assoma o corpo
No fulgor que o desnuda isento e puro
Do opulento cabelo, solta à brisa
A nuvem negra assombra a fronte excelsa.
Bombeando-se as espáduas; surge altiva
A cerviz de ostentar nativo garbo.
Luxos de seiva exuberante arqueia
Turgindo o colo, e cobre como a vaga
Do oceano um abismo; os peitos saltam
Rompendo sob a derma que os constrange;
O purpúreo botão que a doce aragem
Titila, inda à babugem não se inclina
Da tenra prole, aponta o lábio amante.
Lindos braços polidos se resvalam,
Abrem lascivo berço em moles curvas;
Que os vibre a ira, afogam, serpes sabidas,
A vítima imprudente, que os irrite.
Pelo sulco das vértebras ligeiras
Corre o dorso felino que espasma
Como o tigre. A cintura aos flancos cessa

Da anca soberba os voluptuosos contornos.
Palpitando a voluta harmoniosa,
Modela a perna esbelta firme, elástica,
No salto a corça, no deslize a garça.
Verifica ternura da serpente
Soçobra-lhe a figura majestosa,
A que o sol não crestara a fresca alvura.
Os grandes olhos negros e profundos
Como túrbido mar, por noite cálida
Esfrolando em bolhões fosforescentes,
Se engolfam aos remoinhos do combate.
[...]
Curva a planta do pé sutil e breve
Prure a rocha, de alar-se impaciente.
Arfa o seio precípite; aspirando
Enfuna-se a narina e o lábio crespo
Afogam num sorriso o grito de ânsia
Que lhe ruge no peito, onde recalca.
[...]

3º Canto (A vitória)

I

Doce filha da luz, irmã da aurora,
Violeta celeste, meiga tarde;
Hora augusta e solene do mistério;
Tarde gentil, que assomas no horizonte;
Quem não te contemplara em santo enlevo!
O ermo te pressente. Mais suave
Rola manso o ribeiro sobre as lapas.
A escassa viração aflando apenas
Crepita no palmar. E o rouco múrmur
Vela com surdos ecos a cascata.
Terno eflúvio de amor, doce ressumbro
De serena quietude, inala a terra.
Ao certo pouso precedendo a sombra
O vivente ligeiro se aproxima.
Sutil passa entre as folhas o campeiro
À malhada onde à noite colhe a cerva
As flores perfumadas da aroeira.
O guaximum regouga e leve trota
Pelas orlas da mata. Foge a ema
Aos vastos areais onde nascera.
Rápida os cascavéis tange a serpente

Guiando a prole à toca onde se abrigue
Da cauã que piou. Serena paira
Sobre o pátrio rochedo a águia altaneira.
Das pombas emigrantes passa o bando
Concluída a jornada. Volve ao berço
Nas solidões do mar o corvo aquático.

O homem só, te esquece, linda tarde,
Neste imenso deserto. As grandes tabas
Dos heróis de Tupã, ermas agora,
Jazem no vale mudas e sombrias.
Dormem nas altas redes sob as árvores
As crianças de colo, que a aura embala
E as aves acalentam; porque ausentes
Seguem as mais no campo da batalha
Seus guerreiros senhores. Sobre a grama
Os irmãos que inda o peito lhes disputam,
Folgam peleja e lutam corpo a corpo.

Enquanto pressurosas no terreiro
As velhas mais dos filhos de Iruama
Enchem para o convívio as amplas talhas
Do espumante cauim; morenas virgens
Errando em bandos colhem pelo bosque
O perfumado mel que a abelha colma
Nos troncos da emburana; e o roxo suco
Do flagrante açaí, que aos lassos membros
Do guerreiro mitigue a ardente calma.

Não teme pelo amante a virgem noiva,
Nem a mãe pelo filho. Só lhes pesa
Não segui-lo ao combate, como a esposa
Que a vida lhe defende, e vinga a morte,
E sobre o corpo seu vingado expira.

Estrugem longe; ecoam pela mata
As pocemas da guerra que enfurece.
[...]

VI

Inflama-se o horizonte, ferve a chama
Que as nuvens abrasando imerge a selva.
O poente se funde em mar de fogo.
É posto o sol. No céu a luz degrada,

Voa sutil, cambia o lindo esmalte,
Por fim desbota. A sombra rara e tênue
Que lenta espreguiçava pela escarpa,
Rápida o campo alastra; mesta e pálida
Em morte-cor debuxa a natureza.
A negra mata ondula como o lago
Quando a tormenta incuba-lhe nas ondas
Densa caligem sob as torvas asas.
Candila o rio as águas, desdobrando
O lívido lençol no vasto leito.

Entre a vigília e o sono, a luz e a treva,
Oscila a criação. Do sol o ocaso
Contempla a natureza esmaecida,
Dando ao dia que expira o extremo adeus.
Como a gentil e gárrula menina
Deixa o colo materno e volve ao berço,
De ramo em ramo busca a rola o ninho.
Arrulha a juruti plangente e turturina,
Mavioso responde o terno amigo.
Cerra o cálice a flor. Lindas efêmeras
Filhas da luz, apagam-se com Ela.
E a noturna vibrando as pardas asas
Louca desfere os sussurrantes voos.

Êxtase melancólico da tarde,
Quanta saudade, quanto amor ressumbras!
Harmonia suave de harpa agreste,
Que no deserto vibra a mão de Deus,
Teu eco murmura e lá ressoa
No sombrio da mata, crebro e surdo,
Da noite que se arrasta, o treno lúgubre.

Além sobre a cascata veste a sombra
A linda estátua da guerreira virgem,
Suspensa, alerta. Longe, pelo campo,
Virá sumir rolando as negras hordas
Dos Oromos, que a maça de Iruama
Partira, como a viga da madeira
Escala do machado o rijo golpe.
Viu também Guaranê que as tribos guia
Sobre as ondas lançar a leve igara
Por que o passo do rio corte ao bárbaro.
Mas viu de esguardo. Os olhos seus cativos
Vão guerreiro egrégio cuja fronte

Desfere sobre o campo os voos d'água
É Caribe: veloz dispara e fende
Com seu povo de heróis pela campina
Talando o flanco ao fugitivo bárbaro.
Arroja-se a gentil filha da selva
Da rocha abrupta, como alada virgem,
Que sem amor finou à flor da vida
E agora errante sombra pelo bosque
Veste da lua a branca luz macia.
Um momento pairando, — na voragem
Das águas precipita; afunda e surge,
E vai, garça gentil, buscando o ninho.

VII

Reina a treva na cena triste e lôbrega.
Um longo, um só gemido pavoroso
Enche a vasta soidão. Crebro responde
O voo crepitante dos vampiros,
Os pios da coruja, e o dobre tétrico
Da itanha, que retroa sob as águas.
Brilha na sombra o mosqueado pelo
Da ariranha. Rugindo passa o tigre;
Toma o faro à carniça; é frio o sangue;
Desdenha o pasto e busca a viva presa.

Pardos vultos se esgueiram pelo campo;
Curvando o corpo, o colo distendido
Vão com trôpego passo. Os vagos olhos
Rasgam da noite o seio; pende a fronte;
Seco o lábio murmura o doce nome
Do guerreiro dileto; um eco frouxo
De voz amiga em vão perscruta o ouvido
No estertor da agonia. Aqui resvala
Em coalhos de cruor, ali tropeça
O pé num corpo que estrebucha e queda.
Aqui de um filho moribundo apenas
O corpo, já carniça, e torpes restos
Ao faminto guará a mãe disputa.
Arranca esta um membro, aquele a destra,
A destra que terror foi dos combates,
Ludíbrio então dos vermes. Pios restos
No rubro camucim recolhe a mísera.
Lá, ferido guerreiro agonizando
Entre sombras da morte inda lobriga

Sombra viva que ao peito seu reclina.
Nele, morto, inda vive o ódio aceso,
Adivinha no vulto aflita esposa
De inimigo, que busca o seu valente.
Ergue no extremo arranco um hirto braço;
Trava da presa, atrai, abraça e preme;
Estreita-se com ela e morrem ambos.

De longe horrenda velha, do Oromos
Fúria gerada, vem trilhando o campo
Qual abutre sedento; o cão felpudo
Lambe-lhe o rastro que mareja sangue.
Estancou. Jaz-lhe aos pés frio cadáver,
Em face outra mulher, que o morto carpia.
Fita, repara, avança, olha de novo.
Ah! ... seu varão senhor foi esse corpo!
Aquela... Não se engana... filha indigna,
De um guerreiro Tupi cativa outrora,
Não remira na morte a liberdade,
Amor infame fez-lhe nova pátria,
E serva concebeu do sangue inimigo.
— Mãe! Clama a filha; e a mãe tornando: Morre!
— Mãe! Suplicou, e a mãe cruel tirana
Sobre o corpo do pai imola a filha
[...]

(Duas virgens que disputam o corpo do amante e brigam)

Sobre o morno cadáver, já de bruços
O lívido semblante fita a virgem;
A mão sôfrega palpa o frio espojo;
Começa uma carícia, acaba um golpe
De novo ergue-se, irada, recalcando
Sob a planta que esmaga, a massa inerte.
Não era o seu guerreiro; mas de um bárbaro
Esquecido, sobejo, imundo e torpe.

Eis que d'avante exsurge estranha sombra.
Vulto humano também, gesto de fera.
Esgarram unhas, horripila a grenha;
O dente em riste vem já feito ao bote.
Cambir! Rugiu Cendira, e a voz rugindo
Afoga em sangue na ferida hiante
Que rasga a veia.

Castro Alves (1847-1871)

Ao dois de julho

Índio gigante adormeceu um dia:
Junto aos Andes por terra era prostrado;
Diríeis um colosso deslocado
De um pedestal de imensa serrania.

Dos ferros a tinir a voz sombria
Desperta-o... Ruge-lhe o trovão um brado.
Roçam-lhe a fronte as nuvens... sopesado
À destra o fulvo raio lhe alumia.

Foi luta de titãs, luta tremenda!
Enfim aos pés do Atlante americano
S'estorce Portugal n'angústia horrenda.

E hoje o dedo de Deus escreve ufano:
Tremei, tiranos, desta triste lenda;
Livres, erguei o colo soberano.

ANNO I - NUMERO I 500 rs. MAIO - 1928

Revista de Antropofagia

Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

ABRE-ALAS

Nós eramos xifópagos. Quási chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo fígado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só êle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (êsse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrará um Hans Staden. Êsse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

António de Alcântara Machado.

MANHÃ

O jardim estava em rosa, ao pé do Sol
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá
Deixando por tudo uma presença de agua
Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.
A gente si quizesse beijava o chão sem formiga,
A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!
As sombras se agarrando no folhedo das árvores
Talqualmente preguiças pesadas.
O Sol sentava nos barcos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,
Uma fresca tão de mão lavada com limão
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
Si eu tivesse a meu lado ali passeando
Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada
Eu lhes falava cordialmente:--Se abanquem um bocadinho
E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
Coisa assim que puzesse um disfarce de festa
No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

"Ali vem a nossa comida pulando"

(V. Hans Staden - Cap. 28)

RESOLANA

O mormaço é a fumaça da macega.
Treme o longe diluido na quentura.
O boi desce a recosta em procura da sombra
mas pára logo, abombado.
Lá no alto, voando, voando, bebendo o azul,
subindo sempre — urubú.
Feliz...
O calor queima a terra, ferve no ar.
(Memoria de marulhos
gosto de espuma limo areia branca)
A cabeça do alazão é uma chamma esbelta
cortando o campo a trote largo.
Vejo as orelhas agudas que se móvem,
sinto o corpo fremente do cavallo.

E ha tanta harmonia entre o choque dos cascos
e o meu tronco agitado na vibração febril,
que eu compreendo a gloria animal da carreira:
vou!
enrolado na força do sol.

(Rio Grande do Sul)
Do livro "Giraluz"

AUGUSTO MEYER

Poema

Ella vae sozinha, tropeçando nas colheitas.
Bate-lhe o sol nos hombros. Ella sente que um gosto humano
deflora-lhe a bocca e illumina-a de absurdos.

Parece que um choro quer sorrir dentro de si.
Parece que o sangue dentro de si quer matal-a
e jogar-lhe clarões por cima.

Aquillo é o universo que se despenha dos seus cabellos.

(Pará) ABGUAR BASTOS

UFA,
os films que assombram o mundo
REPRESENTANTE
Gustavo Zieglitz
RUA DOS ANDRADAS, 42
SÃO PAULO

Estão no Prélo

LARANJA DA CHINA
DE
Antonio de Alcantara Machado
E
MACUNAIMA
DE
Mario de Andrade

A sair brevemente

Martim-Sererê
VERSOS
DE
Cassiano Ricardo
E
Republica dos E. U. do Brasil
POEMAS
DE
MENOTTI DE PICCHIA

Vacca Christina

A vacca Christina, de madrugada,
Vem de belengue no longo da rua.
Uei,
Olha o leite da vacca Christina!

No Bango lambido de luzes escassas
Estira-se a larga madrugada molle.
Amontoa-se a garoa miuda. E lá adeante.
Roda a carroça do lixo da noite.
Uei,
Quem quer leite da vacca Christina?

E a vacca bohemia, de pata pitoca,
Vae toda faceira, enfeitada de fita
Vae ver as comadres atraz dos tabiques
Uei,
Viva as têtas da vacca Christina!

E passa a patrulha noturna da zona.
E' a hora em que o Bango cansado cochila.
Somente enche o resto da noite deserta
O belengue molango no longo da rua:
Uei,
Quem qué o leite da vacca Christina?

Jacob Pim-Pim.

Do livro a sahir: "Ai, seu Mé".

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Philosophicamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos immigrados, pelos traficados e pelos touristes. No paiz da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mappa mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

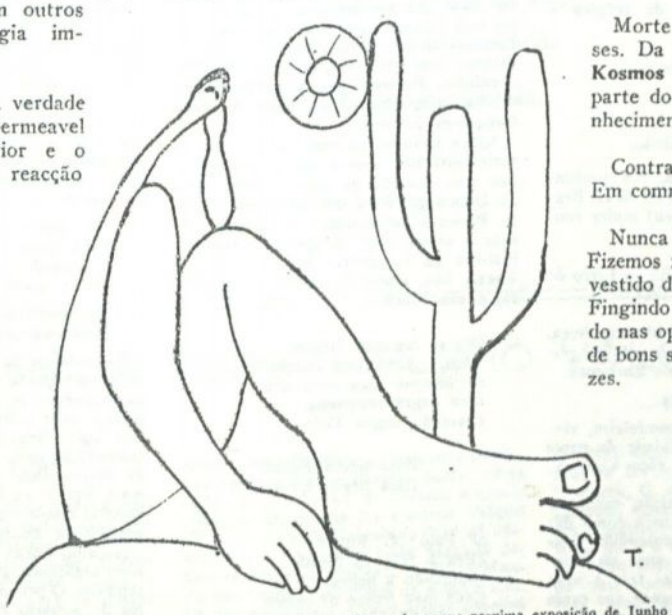
Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas efficazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria siquer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A edade de ouro annunciada pela America. A edade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Oú Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechisados. Vivemos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.



Desenho de Tarsila 1928 — De um quadro que figurará na sua proxima exposição de Junho na galeria Percier, em Paris.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analphabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

---

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instincto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação **eu** parte do **Kosmos** ao axioma **Kosmos** parte do **eu.** Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communicação com o sólo.

Nunca fomos cathechisados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A edade de ouro.
Catiti Catiti
Imara Notiá
Notiá Imara
Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens physicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o

---

Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

Continua na Pagina 7

SEIS POETAS

PEDRO-JUAN VIGNALE — Sentimiento de Germana — Buenos Aires — 1927.

Os versos são de uma ternura forte e grave. Muito differente daquêle pieguismo rimado dos poetas que sussurram no rimado dos poetas que sussurram no ouvidinho da amada. Pedro-Juan Vignale, **maestro e entomólogo**, ama á moderna. E poeta á moderna. Seus ditirambos em honra de Germana não são declarações de namorado bisonho: antes de que tem fé convencida e invencível num sentimento muito alto mas palpável. Nada de dúvidas cruciantes ou queixumes suspirados. Nenhuma alusão á morte salvadora.

Através da mulher o poeta ama a terra onde ela nasceu: esta terra. Sentir uma é sentir a outra.

En tus manos ávidas
traes
los cielos del Brasil

Ouvindo a voz **cálida de trópico** é que êle vê

esa tarde paulista
exprimirse
sobre el Tietê
hasta inundarlo

O que é positivamente lindo.

Esse contracto de poeta, tão profundamente vigoroso com o tema lírico Brasil ainda nos dará (penso eu) muita cousa ótima.

JORGE FERNANDES — Livro de poemas — Natal — 1927.

A poesia de Jorge Fernandes machuca. Deante dela fica-se com vontade de gritar como o próprio poeta na **Enchente:**

Lá vem cabeçada...

E vem mesmo. Poesia bandoleira, violenta, golpeando a sensibilidade da gente que nem o tejú brigando com a cobra: **Léxo! léxo!**

Ao lado disso uma afeição carnal e selvagem pela terra sertaneja como demonstra entre outras a explêndida **Canção do inverno.** E feitio pude de dizer as cousas. Jorge Fernandes tem a mão dura: tira lascas das paisagens que caem nas unhas dêle. **Mão de derrubar** sem duvida. Aquella mesma trabalhadeira e lirica **Mão nordestina** que dá o nome a uma de suas poesias mais caracteristicas.

Outra cousa: Jorge Fernandes fala uma lingua que nós do Sul ainda não compreendemos totalmente mas sentimos admiravel. Eu pelo menos não percebo trechos e trechos de várias poesias suas. No entanto gosto dêles. O poema **Avoêtes** por exemplo (não sei se por causa da construcção particularíssima de certas frazes) espanta como o desconhecido. E é bonito que só vendo.

O autor do **Livro de poemas** evidentemente está passando por um período doído de auto-critica de que sairá melhorado com certeza. Êle mesmo reconhece isso e caçoa de suas reminiscências parnasianas. Daí uma porção de pequenos defeitos nas vésperas de completo desaparecimento. Ou eu muito me engano.

JORGE DE LIMA — **Poemas e Essa negra Fulô** — Maceió — 1927 e 1928.

A ascensão de Jorge de Lima é uma delicia. De soneto **Acendedor de lampeões** ao poema **Essa negra Fulô.** Sujeito inteligente como poucos soube procurar e achou. Abençoado Manuel Bandeira.

Dos **Poemas** eu separo **G. W. B. R.** Gostosura de lirismo vagabundo, alegre, levado dos diabos. Dá vontade na gente de repetir a viajem tendo o poema bem guardado na memória. Separo êsse por ser o meu predileto. Mas não o único notável. **Rio de São Francisco** também me agrada bastante. **Baía de Todos os Santos, Santa Dica, Floriano-Padre Cícero-Lampeão'** igualmente têm cousas que a gente não esquece. Principalmente o primeiro. E do magnífico **Changô** pula um bodum danado, rebenta um ritmo infernal. Inútil querer resistir.

De vez em quando uma descaida sentimental ou pueril, livresca, oratória ou conceituosa que desaponta mas não assombra. Porque não é assim tão facilmente que se rompe com certos cacoetes literários. Não vê. A cousa é dura como quê. Não tem importância: Jorge de Lima está ficando cada vez mais escovado. Por isso duvido muito que em seus livros futuros apareçam versos como **Oração, Meninice, Poemas dos bons fradinhos, A voz da igrejinha** e o **Painel de Nuno Gonçalves** sobretudo.

Agora **Essa negra Fulô.** E' das cousas mais marcantes que a poesia nordestina nos tem enviado de muito tempo para cá. **Essa negra Fulô** sim. Bole com a gente. Pinica a sensibilidade da gente. Embala o sensualismo da gente. Canção e história da escravidão sem querer ser. Poesia boa, cheirosa, suarenta, apetitosa, provocadora.

Ora se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

. . . . . .

O' Fulô? O' Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô)
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?
— Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

. . . . . .

O Sinhô foi açoitar
sosinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso-Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou
foi você, negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô. Pretinha do infermo.
Essa negra Fulô.

A. de A. M.

Henrique de Resende, Rosario Fusco e Ascanio Lopes — **Poemas** — Cataguazes — 1928.

E' a gente simpática da **Verde** de Cataguazes.

Livro naturalmente desigual puxando para três lados.

Henrique de Rezende é o mais velho da turma. Engenheiro rodoviário vai anotando nas margens do caderno de medições e de cálculos os aspectos dos caminhos que êle abre

como um cordame de veias
no corpo adusto
da terra inhospita.

Não sei se como engenheiro é bom poeta. Mas sei que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construídos sobre leito bem empedrado. Nem falta o rôlo compressor de uma auto-crítica severa. E êsses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens. **A ermida** por exemplo: tão comovente e tão bonita.

Rosario Fusco é um menino. Está dito tudo: mistura timidez com audácia, brutalidade com ternura, larga o estilingue para choramingar no colo de um afecto bom. Tem talento. Quanto a isso não pode haver dúvida. Tem talento, vontade de acertar e uma desenvoltura ótima na qual a gente não pode deixar de pôr a maior das confianças. Eu gosto muito dêste poeminha — **Sala de gente pobre** — do qual tomo a liberdade de suprimir o último verso:

Um banco.
Uma mesa.
Um quadro: Nossa Senhora.....
Outro quadro: São José....

Um lampeão.
Nem ambição de mais coisas.

Os defeitos de Rosario Fusco são defeitos de quem tem dezesete anos. Em geral porque há alguns mais graves que podem virar crónicos se não forem curados logo: linguagem meio cá meio lá, quedazinha para o lugar-comum, imagem de efeito, final arranjadinho. E outros mais. Porêm eu já disse e repito que em Rosario Fusco a gente pode ter sem medo multíssima confiança.

Ascanio Lopes também é menino: menino malicioso, gozador, cheio de subentendidos. O principal defeito dêle é o mesmo de Rosario Fusco: a idade que tem. Daí, apesar dêle ser brincalhão, certas puerilidades sentimentais, o desejo criança de ser acarinhado e o tema tristeza soando falso nas poesias dêle.

A mata é grande demais para o fogo pegar caracteriza bem a sua maneira boa:

Na modorra enorme do sertão
os empregados trabalhavam nos eitos da [roça
cantando cantigas ingenuas.
Mas do lado da serra, lá longe, começou [a subir fumaça
e as chamas tamparam as arvores da [mata.
O feitor disse que era uma queimada que [saltara o aceiro.
Ninguem pensou em apagar o fogo.
No céu os gaviões gritavam assustados.

Ascanio Lopes não deve abandonar êsse seu feitio de gozador a seco.

O pessoal da **Verde** é portanto uma surpresa excellente e cuja excelência de hoje em deante não mais surpreenderá ninguêm.

A. de A. M.

POESIA

(Especial, para a **"Revista de Antropofagia"**)

FOME

Em jejum, na mesa do "Café Guarany",
O poeta antropofago rima e metrifica o amorzi-
[nho de sua vida.

Elle tem saudades de ti.
Elle quer chamar "ti" de: estranha — voluptuo-
[sa — linda querida.
Elle chama "ti" de: gostosa — quente — bôa
[— comida.

Guilherme de Almeida.

A LINGUA TUPY — PLINIO VALGADO

A LINGUA TUPY

A lingua tupy deve ser estudada com um novo criterio. A contribuição de todos os que escreveram grammaticas e diccionarios do idioma falado pelos nossos selvagens é certamente muito valiosa, e serve-nos hoje de inicio para as nossas procuras curiosas. Mas os que estudaram o tupy, nos primeiros seculos da colonização inspiravam-se num criterio arcadico, do mesmo modo que, considerando o indio, tomavam-no sob o ponto de vista da catechese. Periodo de Anchieta, depois de Montoya, de Filgueiras. E é preciso notar o caracter de utilidade pratica immediata, desses estudos, naquella época. O jesuita tinha necessidade de unificar, tanto quanto possivel, as linguas, num typo geral que servisse ao imperialismo catechista. E a necessidade da comprehensão urgente entre catechumenos e evangelizadores. Essa preoccupação utilitaria não podia ter sinão uma orientação grammatical. E sendo o typo humano dos conquistados reduzido pelo dogma á equivalencia intrinseca do conquistador, passava para um segundo plano o estudo do seu espirito e do seu instincto, e da lingua do gentio só se tomavam as conclusões finaes, formas pacificas passivas da traducção. Que o indio, como valor psychologico e social era tomado como identico ao homen europeu, não resta a menor duvida. Basta ver-se envergando o habito de Christo, e com o titulo de Dom, que lhe concede Felippe IV, o sr. Antonio Camarão, Poty de nascimento... Aliás, uma bulla papal já declarara, após a descoberta do Novo Mundo, que todos descendiam de Adão e Eva. Os que estudaram o tupy, desde aquelles tempos, não podiam ter outra orientação que não fosse a do seu seculo e a das necessidades prementes.

Muita gente depois veio estudando a lingua de nossos indios, mas com um criterio pratico. São subsidios curiosos. Abanheenga, quer dizer, lingua de homem, lingua de gente, chamavam os tupys á sua lingua. O missionario foi unificando, systematizando as pequenas modalidades no nheengatú, ou seja lingua bôa. Donde nasceu o tupy-guarany. As outras tribus ficaram falando o seu nheengahyba, lingua ruim. Ruim porque não se submettia á reducção classica do nheengatú.

O criterio scientifico para o estudo das linguas americanas procede de Martius e da sua classificação. O ramo brasileiro, que vem denominado na classificação de Frederico Muller "grupo tupy-guarany", é dividido por Martius em nove galhos. Parece-me que ha, dahi por diante, uma curiosidade maior em relação ás linguas selvagens. E em relação ao indio, tambem. Liga-se o estudo dos idiomas á propria historia do homem. Depois de Lamarck, G. de Saint Hilaire, Darwin e Spencer, estes assumptos tomam um outro aspecto. A ultima tentativa para reduzir o indio á forma européa, é, talvez, a do nosso chamado indianismo, expressão do romantismo em nossa litteratura. Mas essa preoccupação lamartinizante dos nossos poetas e romancistas teve a vantagem de chamar a attenção brasileira para o bugre, cercal-o de uma sympathia através da qual pudessemos chegar a elle e pesquizal-o melhor. E como esse movimento de Gonçalves Dias e José de Alencar representa o primeiro passo para uma comprehensão melhor do indigena, é justo perdoarmos a esses escriptores os prejuizos inherentes ao seu tempo. E é preciso tambem registrar que, no meio de muita phantazia, ha expressões fieis da psychologia selvagem em muitos trechos da poesia e do romance romanticos.

A opinião do nosso historiador Porto Seguro (Varnhagen), tão hostil á pobre raça dominada, vem logo contrabatida pela sympathia de Couto de Magalhães, de Barbosa Rodrigues, de Baptista Caetano a cuja obra podemos juntar o que tem feito Theodoro Sampaio, Candido Rondon, Alarico Silveira, e outros.

Novos aspectos nos interessam hoje na lingua dos nossos selvagens O da ori-

(Continua na pag. seguinte)

A LINGUA TUPY — (Continuação)

gem, o da sua significação como exprimindo um estagio humano, e, sobretudo, a intima communhão cosmica, essa especie de intercomprehensão, de interssensibilidade e correspondencia dos elementos idiomaticos representativos dos objectos, (substantivo) das acções (verbos) e das circumstancias, (adjectivos e adverbios) que resumem toda uma syntaxe primitiva, que prescindia de preposições e conjunções, primeiras muletas da decadencia na funcção creadora das linguas.

A hypotese onamatopaica de Heber, a das interjecções de Horne Tooke, a do poder inherente á natureza humana, de Max Muller, a materia debatida por Condillac, Leibnitz, Locke, são indicações curiosas para indagações mais remotas, e hoje, pelo menos, nos fazem meditar sobre o acervo lexico das raças que foram desapparecendo em nosso continente. A propria origem do "homus americanus", pensamento que nos perturba diante da Lagôa Santa ou dos Sambaquis de Iguape; ou na consideração phantasiosa dos chronistas das possiveis migrações transoceanicas precolumbianas; o senso das edades, a edade da nossa terra, tudo isto se prende, de certa forma, ao estudo do nosso indio e da sua lingua, e o assumpto é hoje muito mais suggestivo.

Porém, principalmente depois das hypotheses de Freud, da sua interpretação pela psychanalyse da vida social dos povos primitivos ("Totem et Tabou"); depois do cansaço das civilizações de que a Europa presente é uma grande expressão; e ao despertar de um seculo em que o senegalez confraternizou com o "poilu", e Josephina Backer lançou os requebros yankees do Zanzibar, — é depois de tudo isto que ha um novo interesse, e, portanto, deve haver um novo criterio para o estudo da nossa lingua tupy

A doutrina da equivalencia espiritual, denominação que poderemos dar ao ponto de vista catholico do inicio da colonização brasileira, assume hoje um novo aspecto. E' a equivalencia das forças originaes humanas, denominador commum de todas as raças.

A tendencia primitivista das nossas artes modernas, como das formas da civilização moderna, o proprio primitivismo desta éra nova, que Keyserling denomina a éra do chauffeur, tudo isto nos leva ás mais intimas confraternizações com o elemento humano em suas expressões iniciaes. Vem dahi a comprehensão mais perfeita que teremos da lingua dos povos primitivos.

A nossa lingua tupy, não a devemos estudar mais com um senso grammatical, philologico, mas com um senso humano. O idioma, ou os idiomas falados pelos povos americanos precolombianos representam uma verdadeira eucharistia: o homem commungando com a natureza.

E' sob este ponto de vista que devemos tomar os elementos verbaes polyrynthéticos da lingua dos nossos selvagens. Veremos desdobrar-se aos nossos olhos através de cada palavra, de cada raiz, toda a alma do nosso indio.

Tenho observado — pelos pouquissimos conhecimentos que tenho do tupy — que a onomatopéa é, de facto, a origem mais remota da linguagem dos indios. Não direi precisamente onomatopéa, segundo a presumpção de Herder, ou seja a imitação da natureza. Prefiro a onomatopéa não simplesmente representativa de percepções audltivas, mas como representação de relações entre os sentidos e os dois mundos, o objectivo e o subjectivo. Donde se origina a generalização das significações, a analogia que vae ampliando a funcção representativa dos vocabulos, ou das syllabas. Analogia que obedece a um sentido sensorial, ou a uma logica sentimental. Isso tudo estabeleceu muita confusão entre os que primeiro estudaram as linguas dos nossos aborigenes. Porque não tinha sido interpretado o sentido dessas linguas. de homens primitivos, em plena idade da pedra lascada.

Quando, com Raul Bopp, comecei a me interessar por estes assumptos, estimulados ambos pelas nossas conversas com Alarico Silveira, demos para fazer varias "descobertas". Não sei até que ponto podem ellas ter valor. Em todo o caso, são caminhos para melhores averiguações.

Por exemplo: onde entram as expressões **ta, te, ti, to, tu,** quer dizer que a cousa é dura de tinir. **Ita** — pedra, ferro; **ibitu,** — montanha, de **ibi**-terra, e **tu,** coisa dura, tesa; **cunhatan**-mulher virgem, de **cunhã**-mulher, e **tan**-coisa dura, tesa (os seios, naturalmente); **taquara**-canna de bambú, de **tá**-duro, e **quara**-ôco; **tátá**-fogo, provavelmente porque é do atricto de **coisas duras** que sáe fogo, e o indio não conhecia mesmo outro processo de fazer fogo, aliás velho processo que vinha desde os primeiros sambaquis de Iguape, ou desde o homem de Lund, ou de Ameghino, segundo a descoberta feita pelo incançavel Ricardo Croner.

Como sabemos, agua é **hy,** ou **ig.** Quem nos dirá que pedra, **ita,** não vem da circumstancia de estar sempre a pedra ligada á agua, nas minas, nas grutas, no mar, ou em lucta, ou em paz? Seixos que rolam, pedregulhos, granitos e basaltos emoldurando as cachoeiras, penedos no mar, tócas onde nascem os corregos...

Espuma é **tii.** Porque a espuma se origina de choques, de violencias. E tudo o que é forte, ardente, traz, por analogia, o **t. Tai, raiz** que arde, gengibre; **tainha,** dentes; **tatarana,** insecto que queima; **tiquira,** aguardente, pinga; **tainha,** caroço, semente (analogia de dente); **tacunhã,** membro sexual do macho (tá, duro; cunhã, mulher); **tacape,** arma de matar, etc.

A consoante **t,** lembrando tudo o que é duro, forte, violento, traz sempre idéa de atricto, como se vê em **tátá,** fogo, em tii, espuma. Por isso, **tiquira.** Pois tudo o que é **qui** significa coisa meuda. **Ti** é violencia que o fogo exerce para distillar a aguardente, que vae sahindo aos pingos, **qui.** E temos tambem **Quiriri,** ou **quiririm,** que quer dizer muitos meúdos, do mesmo modo que quirera. Como se sabe, o plural em tupy, entre suas varias formas tem a da repetição de rere, **ri-ri.**

Isto dito, vejamos Mantiqueira, o nome de nossa grande serra. **Man** quer dizer ver, enxergar. **Tiquera,** ou **tiquira,** quer dizer meudos, pequeninos, razurado, pulverizado. O indio, naturalmente, do alto da serra, via tudo diluido na distancia, via tudo **tiquera**...

E' preciso notar-se (e chamo a attenção dos meus leitores para este facto) que nem sempre se encontrará a confirmação destas hypothezes na lingua tupy. Porque tambem, com certeza, depois de feitas as expressões iniciaes, a lingua selvagem soffreu os metaplasmas a que nenhum idioma póde-se furtar. Houve, por certo, transposições, eksões, figuras de diminuição ou de augmento, modificações prosodicas sensiveis obedientes a leis climatericas, cosmicas e historicas, e de tal forma que se contavam dezenas de dialectos na época da descoberta. Accresce-te-se a isso a obra unificadora dos jesuitas, as influencias hespanholas, portuguezas, francezas e tapuyas. De modo que a documentação desta hypothese se torna muito difficil. A hypothese é apenas para mostrar o espirito que possivelmente presidiu a formação da lingua tupy.

Pa, pe, pi, po, pu, traz sempre idéa de superficie, ponta, extremidade, contacto, contorno, revestimento, limite. Sendo superficie, tambem é tudo o que se refere a plano, por exemplo a pequenez, a chateza, que se confunde quasi com a superficie. Donde **peua,** ou **peba,** que significa chato, liso. Cachorro pequeno é **yaguá-peua,** ou **yaguá-peba.** Mas exprimindo esta consonancia tambem ponta, extremidade. coisas tão relacionadas com superficie, (é a logica intima das intercorrespondencias sensoriaes) o indio chama a aza do passaro **pepu,** as mãos do homem, **po,** ou **pu,** Pela mesma razão, as cousas que revestem levam essa consonancia. Pelle é **pe,** ou **pi.** Como vimos, **re-re,** ou **riri** são formas do plural. Dahi vem **piriri,** ou **perere,** muitas pelles, porque a pelle quando irritada dá a idéa de que se multiplica em muitas pellezinhas. Pelo menos é a sensação que se tem, quando nos sentimos arrepiados. Portanto, **perereca,** ou **piririca** significam estremecer. Ligada essa idéa ao ar, ao vento, ás folhas das arvores, e finalmente a outros rumores da natureza, temos a significação tambem empregada de **sussurrar, sussurro.** Mas **pe é,** principalmente, a expressão do contacto entre os sentidos e os mundos subjectivo e objectivo. Donde a significação de superficie, de contorno, de véo ou pelle. Por isso, **petuna** (pelle ou véo preto) quer dizer noite. Mas é á noite que se repousa, que se dorme, portanto. **pituú** é o verbo repousar. E o dia em que se descança (domingo ou feriado) é para o indio tambem **pituú.** Esta consonancia, a exprime, tambem, por essas intimas analogias o **rebentar das superficies.** Assim, temos **pororoca, pipóca, pereba, puca,** (quebrar, estalo de onde **arapuca, ara**-ave; e **puca**-quebrar). Pelo que vimos, pelle piriricada quer dizer pele que salta irritada. Tudo o que salta, estrebucha, é perereca. De onde vem o Sacy-perere, ou pererég. Mais forte do que piririca, é, porém, **tiririca,** pelo que já vimos do valor de **t.** Portanto, "ficar **tiririca**", expressão que usamos tanto, dá perfeitamente idéa do estado do individuo que estremece com violencia, ou dá pulos de raiva.

Em outros artigos arranjaremos exemplos interessantes, não só do ponto de vista das analogias sensoriaes, como agora, mas das sentimentaes, que revelam operações psychologicas mais difficeis.

Hoje foi só para mostrar que a lingua tupy é uma lingua quasi em estado nascente, directamente ligada á natureza, oriunda do contacto immediato entre o homem e o mundo.

Plinio Salgado

Manifesto Antropofago

Contra as historias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem Cesar.

A fixação do progresso por meio de catalogos e apparelhos de televisão. Só a maquinária. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagonicas. Trazidas nas caravellas.

Contra a verdade dos povos missionarios, definida pela sagacidade de um antropofago, o Visconde de Cayrú: — É a mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboty.

Se Deus é a consciencia do Universo Increado, Guaracy é a mãe dos viventes. Jacy é a mãe dos vegetaes.

Não tivemos especulação. Mas tinhamos adivinhação. Tinhamos Politica que é a sciencia da distribuição. E um systema social planetario.

As migrações. A fuga dos estados tédiosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatorios, e o tedio especulativo.

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabú em totem. Antropofagia.

O pater familias e a creação da Moral da Cegonha: Ignorancia real das coisas+falta de imaginação+sentimento de authoridade ante a procuriosa.

E' preciso partir de um profundo atheismo para se chegar a idéa de Deus. Mas o carahiba não precisava. Porque tinha Guaracy.

O objectivo creado reage como os Anjos da Queda. Depois Moysés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portuguezes descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o indio de tocheiro. O indio filho de Maria, afilhado de Catharina de Medicis e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memoria fonte do costume. A experiencia pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéas tomam conta, reagem, queimam gente nas praças publicas. Suprimamos as idéas e as outras paralysias. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditar nos instrumentos e nas estrellas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracchos, e a Côrte de D. João VI°.

A alegria é a prova dos nove.

A lucta entre o que se chamaria Increado e a Creatura-illustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabú. O amor quotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorpção do inimigo sacro. Para transformal-o em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realisar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males cathechistas. O que se dá não é uma sublimação do instincto sexual. E' a escala thermometrica do instincto antropofagico. De carnal, elle se torna electivo e cria a amizade. Affectivo, o amor. Especulativo, a sciencia. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia agglomerada nos peccados de cathecismo — a inveja, a usura, a calumnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e christianisados, é contra ella que estamos agindo. Antropofagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céo, na terra de Iracema — o patriarcha João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independencia ainda não foi proclamada. Frase typica de D. João VI.°: — Meu filho, põe essa corôa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espirito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e oppressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciarias do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE.

Em Piratininga.
Anno 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.

BRASILIANA

RAÇA

De uma correspondencia de Sarutayá (Est. de S. Paulo) para o **Correio Paulistano**, n. de 15-1-927:

O Sr. Abrahão José Pedro offereceu aos seus amigos um lauto jantar commemorando o anniversario de seu filhinho José e baptizado do pequeno Fuad, que nessa data foi levado á pia baptismal.

Foram padrinhos o sr. Rachide Mustafa e sua esposa d. Jorgina Mustafa.

O Sr. Paschoalino Verdi proferiu um discurso de saudação.

POLITICA

Da mesma correspondencia:

O Sr. Rachid Abdalla Mustafa, escrivão de paz, muito tem trabalhado para augmentar o numero de eleitores.

DEMOCRACIA

Telegrama de Fortaleza (AB):

A bordo do "Itassussê" passou por este porto com destino ao norte, S. A. D. Pedro de Orleans e Bragança, acompanhado de sua esposa e filho.

S. A. desembarcou, visitando na Praça Caio Prado a estatua de Pedro II. O povo acclamou com enthusiasmo o principe. A officialidade do 23.º B. C. e a banda de musica cercada de enorme multidão, aguardou a chegada de S. A. naquella praça.

Compacta massa, acompanhou os distinctos viajantes até a praça do Ferreira, onde o tribuno Quintino Cunha fez uma enthusiastica saudação em nome da população.

Na volta para bordo, um preto catraeiro, de nome Vicente Fonseca, destacando-se da multidão abraçou o principe dizendo: "Fique sabendo que as opiniões mudaram mas os corações são os mesmos".

RELIGIÃO

Telegramma de Porto Alegre para a **Gazeta** de S. Paulo n. de 22-3-927:

Vindo de S. Paulo chegou a esta capital o sr. Sebastião da Silva, que fez o raide daquelle (Estado ao nosso, a pé, tendo partido dalli em outubro.

O "raidman" tomou essa resolução em virtude de uma promessa feita a Virgem Maria, para que terminasse a revolução no Brasil. Quando se achava proximo a esta Capital, teve conhecimento do termino da lucta, proseguindo até aqui, afim de cumprir a sua promessa.

Sebastião Antonio da Silva conta actualmente 35 annos de edade.

NECROLÓGIO

De um discurso do professor João Marinho na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro **(Estado de S. Paulo,** n. de 3-8-921):

O dr. Daniel de Oliveira Barros e Almeida nasceu num dia e morreu em outro, de doença de quem trabalha, coração cançado antes de tempo.

Entre os dois, correu-lhe a vida.

SURPRESA

Telegramma de Curityba para a **Folha da Noite** de S. Paulo, n. de 2-11-927:

Informam de Imbituba que o individuo Juvenal Manuel do Nascimento, ex-agente do correio, reuniu em sua casa todos os amigos e parentes sob o pretexto de fazer uma festa. Durante o almoço, Juvenal mostrou-se alegre e, ao terminar a festa foi ao seu quarto, do qual trouxe um embrulho contendo uma dynamite, dizendo que ia proporcionar a todos uma surpresa.

Todos estavam attentos e esperando a surpresa quando, com espanto geral, o dono da casa approximou um cigarro acceso do embrulho que explodiu, matando Juvenal e ferindo gravemente sua esposa e todas as pessoas que haviam assistido ao convite fatal.

A "Descida" Antropophaga

A "descida" agora é outra.
O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropophago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOE' DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a beleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilisado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura européa: é experiencia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e páo. Com Direito Romano, canal de Veneza, julgamento synthetico **a priori**, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilisação que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. SOMOS JAPY-ASSU':

"Ce venerable vieillard Japi Ouassou fut merveilleusement attentif, comme tous les outres Indiens lá presens aux discours susdicts á quoi il replique ce qui s'ensuit. Je m'esionis extremement de vous voir et me manqueray á tout ce ie vous ay promis. Mais ie me estonne comme il se peut faire que vous autres PAY ne vouliez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel? Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas mortels comme nous? D'ou vient que non seulement vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres François que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante et tant d'années; mais ancore que vous les empechez maintenant de se servir de nos filles: ce que nous estimions a grand honeur et grandheur, pouvans en avoir des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoire de la Mission des Péres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoicines.")

Contra o servilismo colonial, o tacape inheiguára, "gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição" (Vieira), o heroismo sem roseta de Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as caravelas e reduzindo o numero de seus tripulantes" (**Santa Rosa** — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano com a civilisação européa é paz nheengahiba. Está no Lisbôa: "aquella apparatosa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á antropophagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho."

Como se vê, facilimo ser antropophago. Basta eliminar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzizinhos que Anchieta escreveu na areia de Itanhaen: Ordenações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci na sala de jantar. E não houve ainda quem comesse Anchieta!

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquella "innocencia contente" que perdeu e que o movimento antropophago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropophago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOME'

Quando a Bahia não se chamava Bahia, muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Thomé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do demonio, não ter mais que uma mulher. Conselhos bons.

Emquanto falava, fazia nascer da terra a planta da mandioca e a bananeira que ainda hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que devia acabar, acabou com estas palavras:

—E não comam nunca mais carne de gente!

Então os indios não gostaram. Avançaram.

Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a "Revista de Antropofagia" faz questão de repetir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou tendencias;

— Ella acceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

— Ella acceita todas as criticas mas não faz critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é comilão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja vehiculo.

A "Revista de Antropofagia" não tem orientação ou pensamento de especie alguma: só tem estomago.

A de A. M.
R. B.

Luiz F. Papi (1922-2009)

Orbestiário (excertos)

8

o fetiche ictiofálico
do boto-namorador
dá ao mundo subaquático
habitado pelo ator
tucuxi donjuanesco
poderes de sedução
num enredo novelesco
que arrebata o coração
da cunhatã da ribeira
rendida ao som galante
da viola seresteira
dedilhada pelo amante
saído da funda vala
do rio para emprenhá-la

47

cauda de peixe e cabelo
corrido a Janaína
faceira e nuinha em pelo
sendo princesa combina
a graça afro-baiana
com o sestro da linhagem
ameríndio-iorubana
que traz à luz a imagem
no mar
        lagoa
            ribeiro
da uiara e iemanjá
sob nuvem de alfenim
servindo de travesseiro
ao embalo e sonho da
sereia tupiniquim

Jorge Tufic (1930-)

Cartilha indígena

O mundo está escrito.
Números, sementes,
objetos, palavras.
A palmeira são gestos,
a cobra é um nó,
lagartixa é caminho.
Índio sabe histórias
de Bena e Bari,
toca flauta de sombra,
risca lua nova de peixe,
segredos da terra
ele guarda.

Amor dos índios
planta roçado,
embala na rede.

O japá

Com a palha do babaçu
se faz a esteira da sesta,
mas palmeira que faz tudo
pra qualquer coisa se presta.

O japá cobre o produto
da igarité que o transporta,
serve também como folha
no vão que serve de porta.

Agora a rede balança
nas vigas, pra lá e pra cá;
se a luz atrapalha o sexo,
sai um pé e chuta o japá.

Canção nativa

Chãozinho de folhas
me avisa de chuva.

Com as palhas da Envira
as lembranças
tecem lembranças.

Os Pakaraós — dizem —
comeram dessa fruta.

Onde tem pupunheira
o mormaço é de gente.

Gilberto Mendonça Teles (1931-)

Aldeia global

A José Mauro de Vasconcelos

1.

No meio das tabas há menos verdores,
não há gentes brabas nem campos de flores.

No meio das tabas cercadas de insetos,
pensando nas babas dos analfabetos,
vou chamando as tribos dos sertões gerais,
passando recibos nos vãos de Goiás.

Trago o sol das férias e algumas leituras,
e trago as misérias dessas criaturas
para pôr num brinde os sinais que são
a força dos índios escutando o chão.

Venham os xerentes, craôs e crixás,
bororos doentes e xicriabás.
E os apinajés, os carajás roídos,
e os tapirapés e os inás perdidos.

Tupis canoeiros e jés caiapós,
xavantes guerreiros, fulvos caraós,
índios velhos, novos, os sobreviventes
das nações e povos mortos ou presentes.

Venham com seus mitos e lêndeas na língua.
Tragam periquitos, tartarugas e íngua.
Tragam rede suja e sexo escorrendo
(o olho de coruja fechado, mas vendo).

Vinde todos, vinde, como o curupira,
para que vos brinde no avesso da lira.
Vinde, vinde ao poema

e gritai safados
como siriema nos ermos cerrados.

2.

No meio das tabas não quero ver dores,
mas morubixabas e altivos senhores.

Quero a rebeldia das tribos na aldeia.
Nada de "poesia". Quero cara feia:
cor de jenipapo e urucum no peito,
não índio de trapo falando sem jeito.

Quero todos prontos, sabendo de tudo.
Não quero índios tontos, índios sem estudo.
Quero todos dentro de uma lei que existe
como luar no centro de seu mundo triste.

Quero ver as danças dos índios goianos,
cheios de esperanças, cercados de enganos.
Quero ouvir os gritos dos índios bororos,
cheios de mosquitos, fortes como touros.

Ouvir a risada tupi ou tapuia
na língua travada como nó de imbuia.
Sabê-los envoltos no sim do momento
e admirá-los soltos como a luz no vento.

Escutar estórias, as dicções agudas;
saber as memórias, as coisas miúdas
ditas nos gerais como quem dedilha
as cordas vocais de uma redondilha:

"— Índio caiapó
vai queimar os matos,
vai pôr cal e pó
no rumor dos fatos."

"— Índio canoeiro
vai beber cauim
e lutar ligeiro
pelo Tocantins."

"— Índio javaé
tem pirarucu?
— Índio já vai é
virar candiru."

"— Índio carajá
quer comer pipoca?
— Índio agora já
vai querer popica."

"— A onça comeu
cachorro meu um.
Berocan encheu,
e chegou pium."

3.

Mas o índio guaiá parecido fera,
olha o rio lá de sua tapera
e, cheio de doença, de fome e de mugre,
não vê diferença no comum do bugre.

Dança a aruanã, bebe muito e dorme,
e sonha a manhã como um sol enorme
queimando cachaça, como os Anhangueras.
E então acha graça sem saber deveras

que os índios goianos
(índios brasileiros)
só conhecem danos,
sendo os verdadeiros
donos desses rios, desses campos e ervas,
donos dos desvios de suas reservas.

Donos da linguagem no fundo da boca,
donos da folhagem, da raiz, da pouca
certeza doída de quem sabe a priori
que até sua vida vai virar folclore.

Walmir Ayala (1933-)

ACARIO-OCA

(Mapa lírico da cidade de São Sebastião)

As carências da língua

A língua deste gentio –
Opinou certo Gândavo –
Carece de F, L, R,
Cousa digna de espanto
Pois por isso não tem fé
Em que o coração encerre,
Nem lei, nem sagrado manto
De algum prepotente rei.

A original dedução
Do cronista diligente
Repetiu-a Frei Vicente
Do Salvador. Luxo vão
De pela língua tomar
Ao pé da letra o direito
De reger e escravizar.

Não se deu conta talvez
O pedante prosador
Que F, L, R, mais O
Faria a palavra flor:
E que de flor não carece
Nosso gentio precursor,
Pois seu solo é ébrio de flor.
Seria todo um jardim
Não fosse o tortuoso amor
Do seu selvagem confim
Que é inferno pelo verdor
Onde a orquídea é um serafim.
E a flor de jabuticaba
É o feroz adorador

De deuses rios concebidos
No puro ventre da água
Por que não pensou Gândavo
Em tirar direito à flor
Ao índio jamais escravo?

Em seu coração mirim,
Tão retórico e torcido,
Mais vale o discurso à margem
Da erudição concebido,
O processo original
De fazer alto humorismo,
Por preguiça ou por cinismo,
E assim reduzir o índio
Por sutil neologismo.

Ó carentes de poesia,
Ó supercivilizados,
Não vos dera Deus os remos
Nem a dourada energia
Com que depois vos fartastes
Não só de flor de algodão,
Mas de uma flor cor de sangue
Cravada no pau-de-tinta
De que fizestes as arcas,
Por vossos reis indolentes,
Por vossas leis dirigidas,
Por vossa fé de inclementes.

Melhor fora, com disfarce,
Querer apagar a flor
Da língua deste gentio,
Do que impor, a dura face,
Por razões de desgoverno
A arma da vossa justiça
Pelo capricho de um termo.

Balada do antropófago

Eu te corto como quem cortasse
Em duas, para ver o silêncio
A integridade de uma face.

Sorvo teu sangue e não tenho
Sede – devoro-te e não tenho
Fome – sou o algoz do homem.

Que és – inimigo – e te asso
Dividido, como se nas partes
Houvesse em cada uma um grito,

Houvesse em cada uma um fato,
Houvesse em cada uma um frêmito
Que florisse a rosa do ódio.

Dancemos (Deus vive dançando)
Enquanto cravo o dente certo
Em tua maciez deposta,

Posta de peixe, coxa
De veado, lombo manso,
De capivara – tudo és.

Eu te devoro e dançamos.
Pesas no meu estômago, inimigo.
Deste peso quero morrer,
Contigo.

Da inútil escravidão

Não, o índio não daria
bom escravo.

Bravo português Piró
fundador da feitoria,
mais que madeira, era a terra
o que queria.

Não, o índio não daria
o escravo para essa empresa –
mais certo é que morreria.

Bravo português Piró,
como em tuas mãos violentas
o manso Brasil nascia!

Com que sinal tu marcavas
a carne do índio rebelde
à tua benfeitoria
– ó falsa benfeitoria!
Era em brasas, era em brasas
o ferro com que o ferias.
Que chaga escura, Piró
naquelas carnes macias.

Estes índios já nem cantam,
já nem querem os vidrinhos
de cor com que os seduzias;
já sabem o que é traição
já sabem o que é invasão
só não sabem o sentido
dessa colonização.

Livre relato de um cronista que viu os pássaros da terra e os interpretou para El-Rei.

Quantos cocares perdidos
em poças de lama fria,
quanto sangue, quanta virgem,
que fatal desarmonia!
Eram a própria preguiça,
guerreavam, dançavam, riam,
tinham peixe, tinham caça,
pouco se lhes dava a raça
se em paraíso nasciam.

Piró, Piró, desgarrado
português posto em degredo,
empunhas armas sem medo
contra peitos desnudados.
Ó valentia
de ratos de feitoria!

E foste até bandeirante,
com mameluco a serviço;
contigo a selva, sem dono,
teve o ultraje de seu viço.

Quantos nomes: Fernão Dias
de sobrenome Paes Leme,
o outro, Raposo Tavares,
e o Bueno Bartolomeu!
Quantos nomes tão sonoros,
quantas nobrezas lançadas,
ó Luis de Brito de Almeida,
nome de governador –
quantos nomes acrescidos
definindo a mesma dor.

Matadores de gentios,
quem vos dera outro caminho
neste encargo de amargor!

Não, o índio não daria
a vós nome de senhor.
Morreu, hoje é este fantasma
nu pelas orlas marítimas,
com menos selvageria
que proscrição pela pele.

Hoje morre desgarrado
como animal sem memória,
como sonho sem linguagem.
Mas de escravo não reflete
nem imagem.

Livremente ele agoniza:
soberbamente selvagem.

Olga Savary (1933-)

*Anhangá**

Darei teu nome à minha fome,
teu nome darei à minha sede.
Darás teu nome à minha força,
à minha vertigem e ferocidade.
És Brasil, meu país e fortaleza
como se fora uma sumaumeira
a me aprisionar e tornar obsessiva,
que me dá vida e mata cadenciadamente,
a me impor leis que não são as minhas.

*Do tupi: gênio dos animais ferozes, gênio do bem.

*Cendáua**

Heráldica fera abocanhada
na mandíbula da outra fera
selvagem, lá onde a casa
da cidade finge selva,
finge mato, vira pasto,
faz da floresta apaziguada
e capim domesticado
por direito de amor e caça,
pelo ardor da língua em duas
bocas amazônicas,
fluir o acre mel da vida
no delta fingindo pássaro.

*Do tupi: lugar.

*Rudá?**

Amor é uma morte desatenta,
amor é um fruto doce e duro
deitando sombra no clitóris
e na vulva: tudo invade.
Amada te sou telúrica
com os pés na água,
terra nas mãos,
avidez de fera
e calor de estábulo,
selva amazônica.
Amor? Um deicídio.

*Do tupi: amor?

*Camanáu**

No princípio era o abismo
que sou eu e não sabia.

Diurno, não vês a noite
que me ronda e cobre
e só tu vês a manhã,
se é possível: apaixonado e impessoal,
com o rosto belo e gasto
de tanta paixão e desdém.
E eu não te possuo
porque das manhãs me evado
quando nelas deveria ter meu porto
divino, como convém a uma rainha,
tua amazônida rainha.
Nenhuma droga me embriaga
não sendo a que vem dos deuses
pela natureza que te imita
e por tua língua em fúria
porque pertencemos à raça
daqueles que mergulham no mar
como escapando a um labirinto.

*Do tupi: caça.

Affonso Romano de Sant'Anna (1937-)

A grande fala do índio guarani perdido na história e outras derrotas: moderno popol vuh (excertos)

7

ONDE teria o meu QUANDO?
QUEM teria o meu COMO?
COMO escrever o meu ONDE?
QUANDO escrever o meu QUEM?

Este é o poema-abcesso aberto
remédio & cicatriz
transbordando de suas dobras
como o enforcado vivo
se desenrola das cordas

— um poema maior que eu:

ou cresço para merecê-lo
ou me explodo
sujando todo.

Mas as escritas antigas
já não me socorrem.
Da Ilha de Páscoa às Sete Cidades
do Piauí
é tudo um grafito vão
musgos zombam com úmido sorriso
das desrazões que desesperam
as cartilhas novas ensinadas
no quadro-negro da cela
as linguagens televisadas
no museu de cera da sala
são emoções desligadas.

— Serei um tupi tangendo (de novo) um alaúde?
ou um cacique prisioneiro

tateando a caixa preta
de um cego computador?

Alguma hora devo ter sido um primitivo, mais feliz
com suas danças e cores
contemplando o inseto e as luas
olhando as aves e a chuva
sem nenhuma escrita ou traço
que se desfizesse no barro.
Agora, se índio sou
sou um moderno pataxó
como o chefe Tururin:
— quem geme é quem sente dor
quando índio fica triste
quando tiram sua família
índio começa a morrer
tocaram fogo na aldeia
índio ficou sem casa
índio ficou sem terra
ficou sem cemitério
e então
Pataxó
— comecei a morrer.

Vai ver que os antigos eram melhores
— chego a dizer
parece que houve um tempo
em que a tribo e a selva
o corpo e o verde
se mesclavam
e a água e o sangue
a pele e a terra
a sombra e o sonho
eram um texto só
— e não se escreviam poemas.

Liam-se estrelas e sementes
tempestades e vontades.
O corpo
era uma extensão da fauna e flora
rio azul-e-verde das horas
e sendo o corpo um poema, e a natureza
um livro aberto, o poema
não tinha letra
— o sangue era a própria história.

Mas isto era o poema-ontem
não essa angústia-agora.

— Há ainda o eterno e a hora?
o dentro e o fora?
— Estaria o meu poema
se dissolvendo
com seus relógios na história?

Ou é um sermão montanhoso
multiplicando seus pães
para um povo que o ignora?

Da pedra lascada
passamos a poluir o urânio
gerando cogumelos na linha do horizonte
hoje sabemos mais de ontem e do amanhã
— e não despertamos felizes. Escapamos
de alguns vírus e balas
e só alcançamos a eternidade

— no fogo das cicatrizes.

15

Houve um tempo em que poesia havia.
E havendo poetas
havia
o tempo do canto
e o tempo
da alegria.

Hoje
— quem o escutaria?

Deveria eu como um grego tardio,
já que retardado Jeremias
continuar clamando:
— Orfeu! rolai os dados de tuas pedras
no deserto para uma nova Tebas.

o cacique tomava chá com seu corpo pintado.
o pajé dançava com a casca do
gambá.
você brincava com meu caralho
Macunaíma & Alice no país da
Cobra Grande.
mesma estrutura narra-ação &
barroco elétrico pinçando
estilhaços de visões.
palmeira de cobre.
meu cu como bandeira
do navio pirata
a lua começa a cantar.

("éruptions de joie,
Qui font rire le Ciel,
muet et ténébreux")
Baudelaire

há 50 mil anos
atrás
o primeiro xamã
olhou a fogueira
dos seus olhos
sob a luz
vulcânica do
crepúsculo
cantou um poema
primaveril
com a garganta azul
da alma
& no seu tambor
de peles & folhas
inventou o ritmo
de nossos corações

Lamento do pajé Urubu-Kaapor

antes
de desaparecer
no
túnel
das nuvens
chega o vento
a caixa do céu
se abre
a estrela
no olho às
vezes
é o
coração que bate
estou sozinho
no topo
dos hemisférios

Menino curandero: poema coribântico (excertos)

III

Je tuerait les rôdeurs silencieux danseurs de la nuit
René Crevel

um corpo lunar penetra no
quarto saído do mar
noite imemorial onde jogam
os elementos
é gavião, é o menino *curandero*
& tem mil anos
sua dança celebra o mundo
sua risada corta a ilha
em dois pedaços
rosa de névoa entre os
espectros
corpo de garoto por onde
passa o Império Romano
sangue onde navegam piratas,
estrelas turvas, bosques,
telescópios

VI

Viva resta la dolce
persuasione di una fitta
rete d'amore ad
inquietare il mondo.
Sandro Penna

rico de asas
o menino xamã
incorpora o gavião
escuta a luz do monte
fica nu & deita impassível na Terra
é dele o tambor feito de Tíbias
& a estrela mais límpida na
cabeça

Graça Graúna (1953-)

Canção peregrina

I
Eu canto a dor
desde o exílio
tecendo num colar
muitas histórias
e diferentes etnias.

II
Em cada parto
e canção de partida,
à Mãe Terra peço refúgio
ao Irmão Sol, mais energia
e à Irmã Lua peço licença poética
para esquentar tambores
e tecer um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.

III
As pedras do meu colar
são história e memória
são fluxos de espírito
de montanhas e riachos
de lagos e cordilheiras
de irmãos e irmãs
nos desertos da cidade
ou no seio da floresta.

IV
São as contas do meu colar
e as cores dos meus guias:
amarelo
vermelho
branco
negro
de Norte a Sul
de Leste a Oeste

de Ameríndia ou de LatinoAmérica
povos excluídos.

V
Eu tenho um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.
Se não me reconhecem, paciência,
haveremos de continuar gritando
a angústia acumulada
há mais de 500 anos.

VI
E se nos largarem no vento?
Eu não temerei,
não temeremos,
pois antes do exílio
nosso irmão Vento
conduz nossas asas
ao círculo sagrado
onde o amálgama do saber
de velhos e crianças
faz eco nos sonhos
dos excluídos.

VII
Eu tenho um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.

Poema I

O guarani

Sepé Tiaraju foi um guerreiro
defendeu com a vida o rincão
da caça, da pesca e do plantio
do guarani contra a invasão.

Da real história poucos sabem
o que se deu no século dezoito.
Sepé Tiaraju morto em combate
em nome da cultura do seu povo.

Junto a mil e quinhentos guaranis
afirmando que "esta terra já tem dono"
na luta contra o mal ele morreu.

Mas contam lá em São Miguel
quando a noite parece mais pituma
o guerreiro Sepé vira uma estrela.

Poema II

Almas peregrinas

Entre as histórias mais belas
do Rio Grande do Sul
é impossível esquecer
a canção de amor e morte
de Pulquéria e Tiaraju.

Na antiga São Miguel
com a lua por testemunha
em meio a flores silvestres
onde pousam tantos pássaros
se encontram os amantes.

É um amor tão bonito
que Ñanderu nos faz ver
o que há de mais sagrado
na história de Pulquéria
e o seu amor por Sepé.

Foi na Guerra das Missões
que o amado parente
enfrentou as duras penas
e as lágrimas de Pulquéria
deram luz a uma nascente.

Diz a lenda que Pulquéria
no rio ainda se banha
enquanto o guerreiro amado
segue o Cruzeiro do Sul
quando a noite é mais pituma.

Bernardo Vilhena (1949-)

Ouvido ao acaso nº 477

avenida atlântica
interior de um táxi

chofer: padres mortos
famílias destruídas
guerras, milhares de mortes
tudo isso pra vestir o índio
e hoje, é o que se vê

Eliane Potiguara (1950-)

Ato de amor entre povos

BOCA VERMELHA, guerreiro das cordilheiras
cansado... Repousava adormecido sob o orvalho.
Abriram-lhe os olhos rubros raios solares,
aromas silvestres, canções da mata.
Era Cunhataí — trêmula — errante das águas,
envolta em folhagens, flores mas sem abrigo...
Cantou-lhe em voz alta e compassada
uma canção de amor... Mas sem destino
(porém ele nada dizia e tudo entendia).

— Desperta JURUPIRANGA!
Vem me ver que hoje acordei suada.
Benzo
com o sumo de minha rosa aberta, enamorada,
as manhãs de delírio, completamente cansada.

Vem, que te sonhei a noite toda:
puro, te revelando nas águas do Orenoco,
sorrateiro, espreitando o massacre de Potosi.
Vem, que te sonhei na noite pela PAZ
e teus dedos velozes, a guarânia, tocavam
as vitórias felizes do Império Inca.
Teu rosto estranhava a luz que me envolvia,
porque — recuperado — todo o estanho eu trazia.

Vem, que vou me pintar com urucum
vou me encher de mil colares
pra te esperar pro ritual.

Tenso
está meu corpo ofegante e
penso
no teu cheiro de homem,
no teu corpo de homem,
que me assanha e me esquenta.

Me senta a teu lado,
me toca c'oas mãos
poéticas, tão grandes e musicais.

Me espera na hermosa Ponta Porã
e faz tua amante se sentir cunhã.

Me roça
me faz a palhoça
pra eu morar.

Chacal (1951-)

Papo de índio

veiu uns ômi di saia preta
cheiu di caixinha e pó branco
qui eles disserum qui chamava açucri
aí eles falarum e nós fechamu a cara
depois eles arrepitiram e nós fechamu o corpo
aí eles insistirum e nós comemu eles

Ailton Krenak (1953-)

O meu pai
que é o fogo,
ele queima sem cessar,
o meu pai que é o fogo,
ele queima sem cessar
ele queima, queima, queima
queima, queima sem cessar
ele queima o que já foi
ele queima o que será...
ele queima, queima, queima
queima, queima sem cessar.

André Vallias (1963-)

Totem

sou guarani kaiowá
munduruku, kadiwéu
arapium, pankará
xokó, tapuio, xeréu

yanomami, asurini
cinta larga, kayapó
waimiri atroari
tariana, pataxó

kalapalo, nambikwara
jenipapo-kanindé
amondawa, potiguara
kalabaça, araweté

migueleno, karajá
tabajara, bakairi
gavião, tupinambá
anacé, kanamari

deni, xavante, zoró
aranã, pankararé
palikur, ingarikó
makurap, apinayé

matsés, uru eu wau wau
pira-tapuya, akuntsu
kisêdjê, kinikinau
ashaninka, matipu

sou wari', nadöb, terena
puyanawa, paumari,
wassu-cocal, warekena
puroborá, krikati

ka'apor, nahukuá
jiahui, baniwa, tembé
kuikuro, kaxinawá
naruvotu, tremembé

kuntanawa, aikanã
juma, torá, kaxixó
siriano, pipipã
rikbaktsá, karapotó

krepumkateyê, aruá
kaxuyana, arikapu
witoto, pankaiuká
tapeba, karuazu

desana, parakanã
jarawara, kaiabi
fulni-ô, apurinã
charrua, issé, nukini

aweti, nawa, korubo
miranha, kantaruré
karitiana, marubo
yawalapiti, zo'é

parintintin, katukina
wayana, xakriabá
yaminawá, umutina
avá-canoeiro, kwazá

sou enawenê-nawê
chiquitano, apiaká
manchineri, kanoê
pirahã, kamaiurá

jamamadi, guajajara
anambé, tingui-botó,
yudjá, kambeba, arara
aparai, jiripancó

krenak, xerente, ticuna
krahô, tukano, trumai
patamona, karipuna
hixkaryana, waiwai

katuenayana, baré
menky manoki, truká
kapinawá, javaé
karapanã, panará

sakurabiat, kaingang
kotiria, makuxi

maxakali, taurepang
aripuaná, paresi

iranxe, kamba, tuxá
tapirapé, wajuru
mehinako, kambiwá
ariken, pankararu

sou guajá, djeoromitxi
koiupanká, tunayana
ikolen, dow, wajãpi
amawáka, barasana

kubeo, kulina, ikpeng
ofaié, hupda, xipaya
suruí paiter, xokleng
tupiniquim, kuruaya

zuruahã, galibi
tsohom-dyapa, waujá
xukuru, kaxarari
tuyuka, tumbalalá

borari, amanayé
hi-merimã, aikewara
kujubim, arikosé
arapaço, turiwara

kalankó, pitaguary
shanenawa, tapayuna
coripaco, kiriri
kaimbé, kokama, makuna

matis, karo, banawá
chamacoco, tenharim
tupari, krenyê, bará
wapixana, oro win

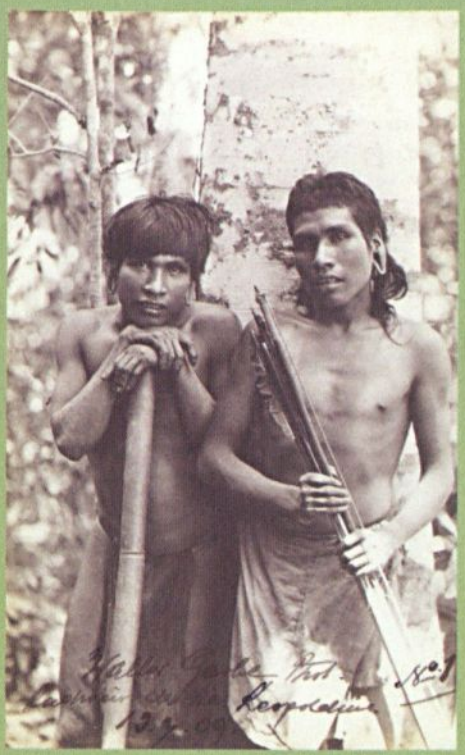
sateré mawé, guató
xetá, bororo, atikum
ye'kuana, tiriyó
canela, mura, borum

[Artefatos indígenas: armas 04]. Gravura. Coleção Comissão Científica de Exploração do Ceará, Seção Etnográfica, [1859-1861].

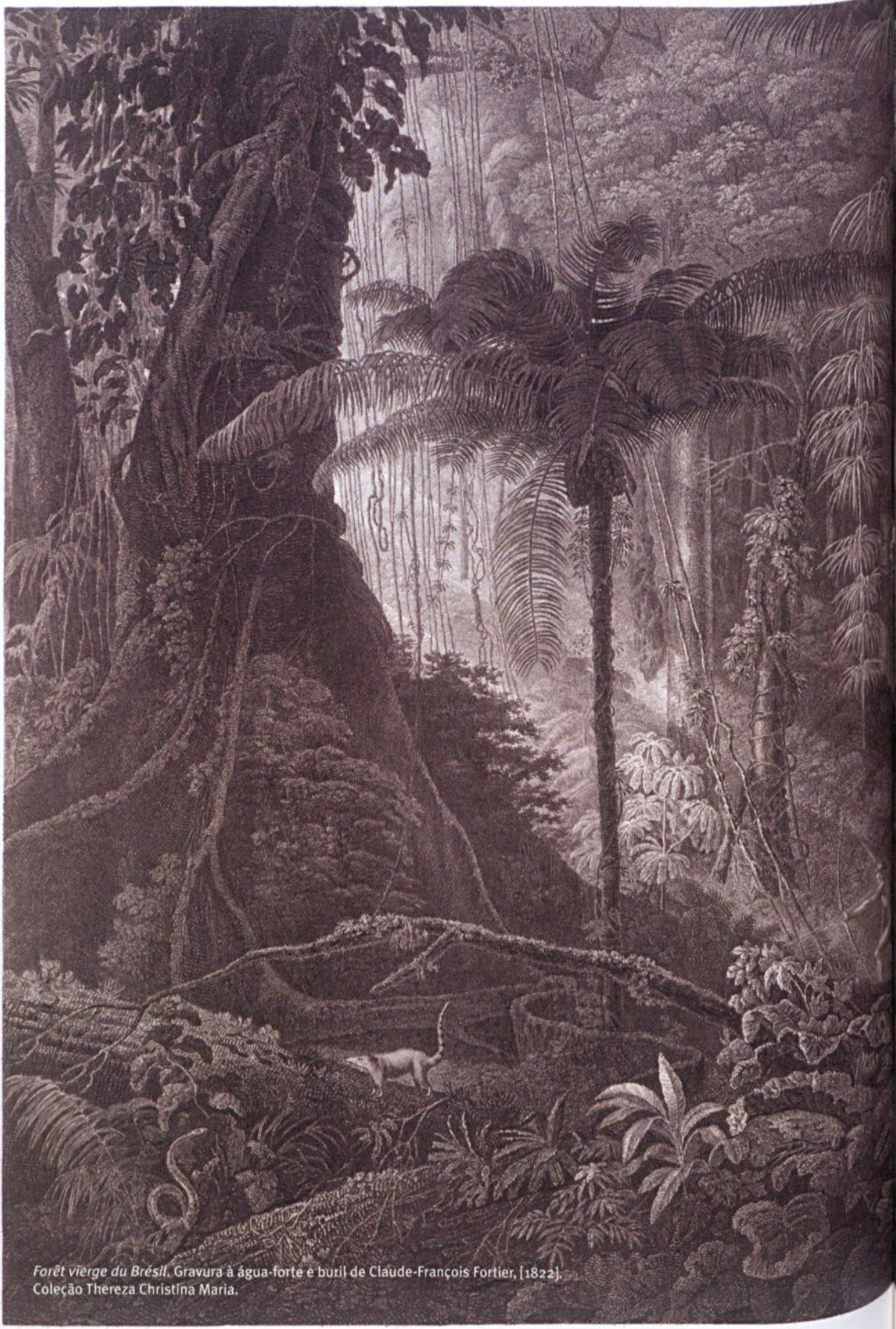
Bivouac am Xingú. Litogravura. In: *Skizzen zu dem Tagebuch von Adalbert Prinz von Prussen*, do príncipe Adalberto da Prússia, 1842-1843.

Chef camacan mongoyo. Litogravura de Charles Étienne Pierre Motte. In: *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, tomo I, de Jean Baptiste Debret, 1834.

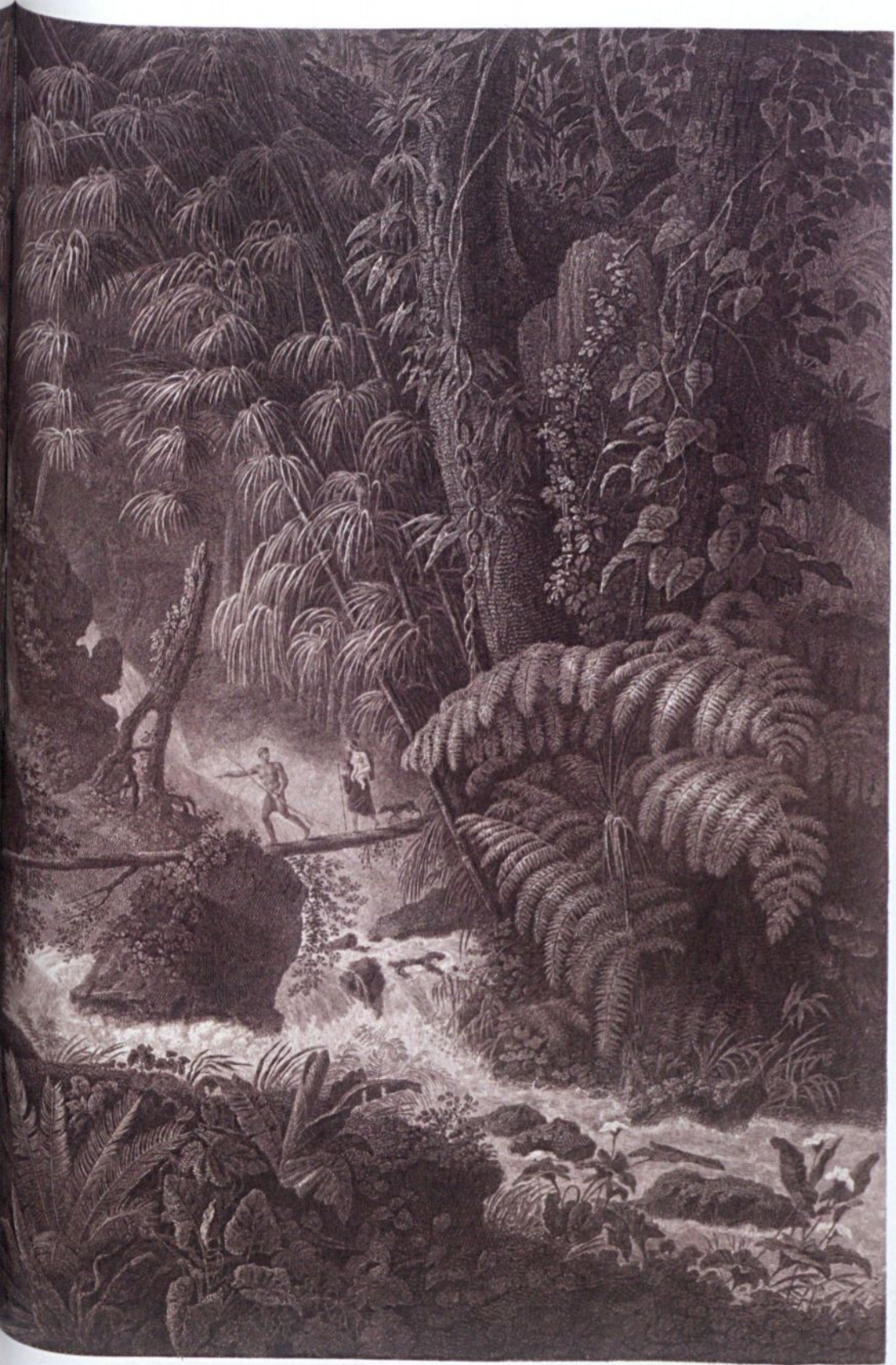
Femme camacan mongoyo. Litogravura de Charles Étienne Pierre Motte. In: *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, tomo I, de Jean Baptiste Debret, 1834.



[Índios botocudos]. Fotografia em papel de gelatina de Walter Garbe, 1909.



Forêt vierge du Brésil. Gravura à água-forte e buril de Claude-François Fortier, [1822]. Coleção Thereza Christina Maria.



Cleaning the roots. Desenho. In: *Travels in the north of Brazil*, de James Wells Champney, 1860.

Cabocle (Indien civilisé). Litogravura de Charles Étienne Pierre Motte. In: *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, tomo I, de Jean Baptiste Debret, 1834.

[Artefatos indígenas: adornos 01] e *[Artefatos indígenas: adornos 21]*. Gravura. Coleção Comissão Científica de Exploração do Ceará, Seção Etnográfica, [1859-1861].

[Aves amazônicas]. Desenho de Ernesto Lohse. In: *Álbum de aves amazônicas*, de Emilio Goeldi, 1900-1906.

Lúcia Sá

Entrevista realizada por Sergio Cohn

Sergio Cohn: Fale um pouco sobre o livro *Literaturas da floresta* e como começou seu trabalho com o tema.

Lucia Sá: A minha pesquisa começou com uma tese de mestrado sobre os romances *Maíra*, do Darcy Ribeiro, e *Quarup*, do Antonio Callado. Foi um trabalho bastante convencional, mas depois eu saí para fazer o doutorado em literatura comparada na Universidade de Indiana, nos EUA. O meu projeto era comparar a imagem do índio na literatura brasileira e na literatura hispano-americana. A saída do Brasil foi importante porque acabei tendo contato com outras linhas teóricas sobre textualidade ameríndia, o que fez mudar o rumo da minha pesquisa. Eu deixei de lado a questão da imagem do índio na literatura para focar na forma que a textualidade ameríndia estava sendo apropriada por escritores no Brasil e na América do Sul. Mas América do Sul pensando nas terras baixas, porque os Andes são outra história.
E o desafio foi pensar nesses textos como literatura. Eu sou uma pessoa de estudos literários, essa é a minha formação, então eu decidi usar esse instrumental para analisar os textos. Gordon Brotherston, que era professor na Universidade de Indiana, foi um interlocutor importante naquele momento. Ele escreveu vários livros sobre literatura indígena que foram fundamentais para o meu trabalho. No entanto, quando apresentei o projeto para ele, ele falou que não era possível, que eu não poderia usar os mesmos mecanismos de análise da literatura ocidental para trabalhar a literatura ameríndia. Mas eu segui em frente. E então eu comecei a estudar os textos que deram origem ao *Macunaíma*, do Mário de Andrade, e que haviam sido coletados pelo Koch-Grünberg, para tentar entender do que essas histórias tratavam. Mas, ao mesmo tempo, eu queria lidar com os elementos da análise literária, personagens, noções de espaço e questões de divisão de mundo e linguagem. E foi juntando os elementos etnográficos com as ferramentas tradicionais da análise literária, e pensando no que havia de diferente na forma de contar histórias daqueles cantos, e sobretudo no que havia de belo, de instigante e de comovente, que comecei a desenvolver o projeto que acabou virando o livro *Literaturas da floresta*.

SC: Recentemente, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro defendeu que não é possível compreender os mitos indígenas se não atentarmos para o valor

literário deles. Ou seja, se não fizermos uma tradução literária deles, atentando para a forma do dizer e não apenas para o conteúdo. O que vai contra a maneira de como tradicionalmente esses textos são tratados na antropologia. Você concorda com ele?

LS: Eu concordo perfeitamente com Eduardo Viveiros de Castro. O trabalho do Lévi-Strauss nas "Mitológicas" é imensamente importante, é um trabalho que eu respeito, de certa forma é impossível fazer o trabalho que a gente faz sem elas. No entanto, o reduzir das histórias ou dos mitos, como ele chama, a pequenos mitemas, a pequenos esqueletos de história, foi uma coisa que sempre me incomodou. Nesse sentido, estar em Indiana foi importante também, porque lá existe o departamento de Folclore, que é muito importante, onde eu cheguei a conhecer o Dell Hymes, que foi lá dar uma palestra, e o Jerome Rothenberg. E os trabalhos deles com etnopoesia e os limites da textualidade foram muito importantes para mim. É claro que são trabalhos de uma época, e de certa forma os estudos, tanto antropológicos quanto de etnopoéticas, vêm se desenvolvendo bastante nas últimas décadas. Mas os trabalhos deles foram muito importantes no sentido de respeitar a forma como esses textos eram contados de um ponto de vista oral, e também de perceber o que havia de literário naqueles textos. Eu nunca me preocupei com a questão da performance em si, embora eu respeite as questões colocadas pelo Dell Hymes, mas na tradução desses textos, na transcrição desses textos para o português, por exemplo, ou para uma linguagem ocidental, deve haver um respeito pelo texto em si, pelo que o texto diz, pelo fato de que são textos tão poéticos como os textos de outras culturas sobre as quais estamos mais acostumados a pensar como produtoras de poesia.

SC: O Ezra Pound tem uma frase interessante, onde ele diz que normalmente todo período de grande transformação na literatura é precedido de um grande período de ampla tradução e descoberta de outras culturas. O Brasil ainda tem um trabalho escasso com as literaturas ameríndias. Você acha que esse contato pode causar transformações na literatura brasileira?

LS: Eu acredito que sim. Esse contato já causou transformações na literatura brasileira nos poucos momentos em que aconteceu. E nos poucos momentos em que aconteceu foi sempre do ponto de vista dos escritores em si. Eu acho que a crítica e a historiografia literária estão tremendamente atrasadas. Agora, com o trabalho do Sérgio Medeiros, do Pedro Cesarino, isso está mudando radicalmente. Mas é só nos últimos anos, na última década, que isso vem acontecendo. Até então, a historiografia literária brasileira e a crítica literária brasileira não tinham acompanhado o que muitos escritores brasileiros tinham feito, que era entrar em contato fecundo com estas poéticas.
É o caso do *Macunaíma*. Eu falo muito do *Macunaíma* porque o que o Mário de Andrade fez em 1928 para a literatura brasileira abalou a estrutura de como contar uma história. E, na verdade, foi uma contribuição para toda a literatura latino-americana, porque isso só vai acontecer bem mais tarde no resto da América hispânica. Ele só pôde fazer isso graças à leitura das narrativas coletadas pelo Koch-Grünberg. E o Mário de

Andrade fala isso, havia uma forma de ver o mundo, o próprio fato de o herói ser uma figura que não era heroica no sentido tradicional, uma figura que desafiava as noções de herói, e que ao mesmo tempo não era um anti-herói, era uma figura muito mais complicada, muito mais ambígua. Foi isso que o moveu a escrever o *Macunaíma*. Então o livro é fruto desse contato. Isso é um exemplo, que a gente conhece bem, mas há outros. *Maíra* é um grande romance ainda pouco lido, porque o Darcy Ribeiro é mais reconhecido como antropólogo, mas merecia mais respeito como escritor. Agora, se a gente pensa na possibilidade de um movimento fecundo, de um movimento grande de traduções de cantos e narrativas indígenas ocorrendo agora, isso poderia causar realmente uma grande mudança na forma não apenas de fazer literatura, como colocado na belíssima frase de Pound, mas também de ver o mundo. Por exemplo, eu acho que uma coisa que as poéticas indígenas revelam – eu estou dando um exemplo só, teriam mil outras possibilidades – é uma forma bastante diferente de equacionar a relação entre o ser humano e o que a gente chama de natureza, o mundo ao nosso redor. A forma como elas trabalham isso é completamente diferente. Se a gente for pensar nas histórias de criação, a nossa história de criação mais citada, que é a Bíblia, se baseia numa diferenciação radical e que não pode ser mudada entre o ser humano e os animais ou a natureza. Nas poéticas indígenas isso não acontece. Os bichos não só falam e as árvores muitas vezes falam, discutem, mas eles influenciam, mudam a trajetória das coisas, das narrativas, mudam a forma de o ser humano ver as coisas. Por exemplo, as pequenas narrativas etnológicas que falam sempre da transformação, elas apresentam uma forma radicalmente diferente de contar uma história, onde a natureza nunca é para ser contemplada, ela é a protagonista, ela muda, ela está sempre em transformação nestas histórias.

SC: Qual a sua opinião para não ter havido um trabalho mais sistemático sobre literatura indígena no Brasil?

LS: Eu não saberia responder. Desconfio que, já durante o romantismo, os indianistas românticos se depararam, praticamente de imediato, com uma atitude cínica, irônica, com um ceticismo em relação ao projeto deles, ao que estavam fazendo. Havia todo um projeto de ridicularizar qualquer tentativa de se levar a sério o índio, desde o projeto romântico. Por quê? Isso é uma coisa que eu também me pergunto. Talvez uma das questões seja que existe uma narrativa evolucionista, em que o índio é a infância, é o passado, e que precisa ser superado se nós quisermos nos desenvolver, e esta narrativa ganhou muita força a partir do século XIX. De certa forma ainda está presente, as pessoas continuam achando que o índio é o sinal de atraso no país. A esquerda e a direita, de certa forma, se juntaram aceitando essa narrativa, o que é uma infelicidade. E existe outra questão bastante espinhosa que permeia o tema indígena, que é a questão da terra. No momento em que você começa a respeitar o índio, a respeitar a cultura indígena, começa a dar valor para a cultura indígena de uma forma geral, você está a um passo muito pequeno de reconhecer os direitos dos índios à terra. E esta é uma questão muito complicada no Brasil.

SC: Em *Iniciação à Literatura Brasileira*, que o Antonio Candido escreveu em 1997, há uma frase exemplar da ausência de relação da crítica brasileira com a questão indígena: "No país primitivo, povoado por indígenas na Idade da Pedra, foram implantados a ode e o soneto, o tratado moral e a epístola erudita, o sermão e a crônica de fatos." Uma frase surpreendente, para um acadêmico que estava numa universidade por onde passaram nomes como Lévi-Strauss e Roger Bastide...

LS: É verdade. E essa ausência de relação vai influir profundamente nas análises dos textos. O próprio fato de que se continua a fazer estudos sobre o *Macunaíma*, ignorando-se o que se sabia que eram as fontes do livro, já é impressionante. Quantos estudos sobre *Macunaíma* existem em que as pessoas não se deram ao trabalho de ler o Koch-Grünberg? Imagine qualquer outra fonte, imagine alguém analisar um texto literário que se saiba baseado em um texto anterior, digamos a Bíblia ou um mito grego, e ignorar o texto original? É impensável. E no entanto, em relação às fontes indígenas, estudos e estudos são feitos sem que se remeta aos originais. Não é apenas o caso do *Macunaíma*. Com Gonçalves Dias ocorre o mesmo. É uma poesia que foi muito maltratada pela crítica que sempre simplesmente se limitou, de uma forma bastante preguiçosa, porque não tinha paciência de ir ler os cronistas que tinham sido a fonte da sua obra, a dizer que as noções de heróis e de vingança tinham a ver simplesmente com o medievalismo coimbrão, o medievalismo europeu. Quando na verdade muito do que estava ali, embora traduzido de uma forma bastante tradicional de poesia da época (os conceitos, a visão de mundo, o jogo com a linguagem), de certo modo, tinha muito mais a ver com os cronistas dos tupinambás. O Gonçalves Dias estava bebendo nas fontes dos cronistas, com todos os limites que essas fontes têm. A leitura que o Florestan Fernandes faz desses cronistas em *A função social da guerra na sociedade tupinambá*, você poderia dizer que ele se baseou no Gonçalves Dias. São 400 páginas do Florestan Fernandes que demonstram que o estudo que o Gonçalves Dias fez dos cronistas foi bastante cuidadoso. No entanto, há quantos estudos que falam que a visão de vingança do Gonçalves Dias é meramente medieval, como se a literatura medieval permitisse esse tipo de vingança? Não existe nenhum caso de um pai que deseja a morte do próprio filho, como no "I-Juca Pirama". Isto não é medieval, isso tem a ver com uma sociedade guerreira baseada em vingança, que é a sociedade tupinambá.

SC: O Silvio Romero declara, e vários críticos importantes aceitam, que no romantismo brasileiro o índio na verdade é uma forma disfarçada de retratar o negro sem tocar na questão da escravidão. Como você vê isso?

LS: É uma interpretação tortuosa. O Silvio Romero tinha todo um problema com a questão indígena. É tortuosa por várias razões. Em primeiro lugar, porque ignora a escravidão indígena, que continuou existindo pelo menos até o século XIX, para não se dizer que ainda existe escravização agora, em lugares da Amazônia... Um livro como o do John Manuel Monteiro, *Negros da terra*, e outros estudos históricos que vêm sendo feitos nos últimos 20 anos

são muito importantes para entender o tema. É claro que não podemos ignorar que em vários autores românticos, como em José de Alencar, há a ausência mesmo do elemento negro, e quando pensamos que o Alencar era um antiabolicionista, de certa forma, a situação se agrava. É imperdoável. Mas o que Silvio Romero faz, e que vários críticos repetem, é um erro também: dizer que a maioria dos indianistas ignorou a escravidão negra e utilizou o índio simplesmente como uma metáfora, um mecanismo de substituição, e que o índio é um símbolo negativo, que ele não existe, é igualmente imperdoável, e precisa ser revisto. É importante refletirmos sobre o motivo dessa negação da importância da literatura ameríndia e da beleza da literatura ameríndia na cultura brasileira. E uma das coisas que eu penso muito a respeito é a facilidade com que se usa o termo romântico para qualquer descrição positiva da cultura ameríndia. Se alguém fizer uma descrição positiva dos índios, é romântico. Se fizer uma descrição negativa, eu não sei o que seria. Talvez realista? Por que isso? É evidente que o uso da palavra "romântico" aqui, como adjetivo, é depreciativo.

SC: Outra questão que tem sido levantada nos últimos tempos é a da autoria. Se você pega livros como o que a Josely Vianna Baptista lançou recentemente, e que traz transcriações de cantos dos mbyá-guarani, o *Roça barroca*, não há na capa a referência de que aqueles poemas são na verdade cantos ameríndios, há apenas o nome da Josely. O mesmo acontece com o livro do Alberto Mussa de adaptação de um mito tupinambá, *Meu destino é ser onça*. A referência está no livro, mas não na capa. Como ver isso? Há menor necessidade de referenciar autoria aos índios do que a outras culturas?

LS: Sim. Na reapropriação dos cantos ameríndios está implícita uma linguagem quase que econômica. Essa linguagem aparece explicitamente em alguns casos, quando se fala que os cantos indígenas são matérias-primas, e não obras em si. Isto é, eles são matéria-prima para a grande tradução poética de um "poeta verdadeiro", que constituiria a obra final. O "poeta verdadeiro" é o nosso poeta, e o indígena, ele fornece a matéria-prima antropológica e não a poesia, de acordo com essa linguagem econômica, digamos assim. Essa é uma tradição antiga. O Darcy Ribeiro criticou, por exemplo, a forma como os salesianos utilizaram o material bororo na *Enciclopédia bororo*. Para o Darcy, aquilo tinha que estar com o nome dos índios, porque tem o saber deles. Mas o mais assustador é que ainda continua acontecendo, embora, de forma geral, hoje em dia tenha-se mais cuidado.

SC: Nos últimos anos, foram publicados importantes livros de tradução de cantos ameríndios no Brasil, em edições muito bem cuidadas, bilíngues, com amplos estudos de referência. Ao mesmo tempo, são livros que obrigam um grande fôlego do leitor, o que acaba limitando o público. Como unir a difusão desses cantos com a qualidade do trabalho?

LS: Eu acredito que as duas coisas precisam ser feitas ao mesmo tempo. De um lado, a contextualização é importante, e cada vez mais o trabalho dos antropólogos está sensível às questões estéticas. Há uma preocupação crescente dos antropólogos em traduzir

mais cuidadosamente os textos e contextualizar, e isso é fundamental. Ao mesmo tempo, eu não vejo por que não se publicar os textos ameríndios, os cantos ameríndios, como poesia com mínima ou nenhuma contextualização. E apontar apenas as fontes, apontar os textos que contextualizem. Esses cantos possuem uma beleza em si que pode ser desfrutada mesmo que a gente não entenda completamente o contexto em que foram produzidos. A gente volta para os gregos, ou para qualquer outro contexto cultural, e desfruta deles sem ter que necessariamente remeter para especialistas. Você tem antologias de poesia grega com muitas notas de rodapé, dizendo qual era exatamente este ou aquele tema, neste ou naquele contexto. Mas você tem também antologias que não colocam isso, e nem por isso os poemas se perdem, não podem ser lidos com prazer, ser conhecidos por um número maior de pessoas. Acredito que as duas coisas precisam acontecer ao mesmo tempo, não são mutuamente excludentes.

Existe esse debate no campo das artes visuais: se devemos colocar objetos indígenas em museus de arte, como objetos de arte que são, belíssimos por sinal. Esteticamente, são altamente valiosos. Ou se só devemos colocar esses objetos em museus etnográficos, que contextualizam dentro desta ou daquela cultura. Eu acredito que as duas coisas devem ocorrer, e que os museus etnográficos têm errado muitas vezes, pela não valorização das características artísticas do objeto. A mesma coisa na antropologia: existe toda uma história da antropologia que ignora a poética indígena enquanto poética. Não é o caso de todos os antropólogos, e a antropologia recentemente tem tentado corrigir isso. Por outro lado, acredito que cabe à poesia e aos poetas e estudiosos de poesia chamar a atenção para a poética mesmo. O que pode ser feito com ou sem contextualização, dependendo do caso.

Traduções

Três poemas de John Keats

FORÊT OUVERTE LE LONG DU MUCURI. GRAVURA DE CH. LALAISSE. IN: *BRÉSIL, COLOMBIE ET GUYANES*, DE FERDINAND DENIS E M. C. FAMIN, 1846.

John Keats

John Keats nasceu em Londres a 31 de outubro de 1795. Ao lado de lord Byron e Percy Bysshe Shelley, foi um dos principais poetas da segunda geração do movimento romântico inglês, cujos primeiros representantes são William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. A poesia de Keats é caracterizada por um imaginário sensual de caráter panteísta. Introspectivo, metafísico, visionário da alma e da linguagem, nas palavras de Augusto de Campos, é dele a frase de que "se a poesia não surgir tão naturalmente quanto as folhas de uma árvore, é melhor que não surja mesmo". O poeta faleceu em Roma, Itália, vitimado pela tuberculose a 24 de fevereiro de 1821, tendo pedido que se gravasse na lápide a sentença: "Aqui jaz alguém cujo nome foi escrito na água."

Apresentamos ao leitor três poemas de Keats. O primeiro é o soneto "Bright star", dedicado à grande paixão de sua vida, Fanny Brawne, de quem foi noivo. Em 2009 se lançou um filme, dirigido por Jane Campion, com o título desse soneto e baseado nos três últimos anos da vida do poeta inglês. No Brasil, o filme recebeu a tradução de *Brilho de uma paixão*. Os dois outros poemas apresentados pertencem ao ciclo das quatro Odes, quando Keats atinge grande altura poética.

Bright star, would I were steadfast as thou art —
Not in lone splendour hung aloft the night
And watching, with eternal lids apart,
Like nature's patient, sleepless Eremite,
The moving waters at their priestlike task
Of pure ablution round earth's human shores,
Or gazing on the new soft-fallen mask
Of snow upon the mountains and the moors —
No — yet still steadfast, still unchangeable,
Pillow'd upon my fair love's ripening breast,
To feel for ever its soft fall and swell,
Awake for ever in a sweet unrest,
Still, still to hear her tender-taken breath,
And so live ever — or else swoon to death.

Fosse eu imóvel como tu, astro fulgente!
Não suspenso da noite com uma luz deserta,
A contemplar, com a pálpebra imortal aberta,
— Monge da natureza, insone e paciente —
As águas móveis na missão sacerdotal
De abluir, rodeando a terra, o humano litoral,
Ou vendo a nova máscara — caída de leve
Sobre as montanhas, sobre os pântanos — da neve,
Não! mas firme e imutável sempre, a descansar
No seio que amadura de meu belo amor,
Para sentir, e sempre, o seu tranquilo arfar,
Desperto, e sempre, numa inquietação-dulçor,
Para seu meigo respirar ouvir em sorte,
E sempre assim viver, ou desmaiar na morte.

Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos

Brilhante estrela, fosse eu imóvel ao teu modo —
Não no isolado esplendor na altura sem nome
A espiar com aberta e eterna pálpebra todo
O mover das águas, tal um Ermitão insone
E paciente, no místico labor leve
Da ablução ao redor de humanos litorais,
Contemplando a nova máscara de neve
Que tombou sobre montanhas e pantanais —
Não — porém firme neste sempre imutável ar,
Aninhada ao maduro seio da paixão,
A sentir dele sempre o suave, macio arfar,
Desperta sempre na doce inquietação,
Para ainda ouvir seu meigo alento bem forte,
E assim viver — ou desfalecer na morte.

Tradução de Afonso Henriques Neto

Ode on Melancholy

I

No, no, go not to Lethe, neither twist
  Wolf's-bane, tight-rooted, for its poisonous wine;
Nor suffer thy pale forehead to be kiss'd
  By nightshade, ruby grape of Proserpine;
Make not your rosary of yew-berries,
  Nor let the beetle, nor the death-moth be
    Your mournful Psyche, nor the downy owl
A partner in your sorrow's mysteries;
  For shade to shade will come too drowsily,
    And drown the wakeful anguish of the soul.

II

But when the melancholy fit shall fall
  Sudden from heaven like a weeping cloud,
That fosters the droop-headed flowers all,
  And hides the green hill in an April shroud;
Then glut thy sorrow on a morning rose,
  Or on the rainbow of the salt sand-wave,
    Or on the wealth of globed peonies;
Or if thy mistress some rich anger shows,
  Emprison her soft hand, and let her rave,
    And feed deep, deep upon her peerless eyes.

III

She dwells with Beauty — Beauty that must die;
  And Joy, whose hand is ever at his lips
Bidding adieu; and aching Pleasure nigh,
  Turning to poison while the bee-mouth sips:
Ay, in the very temple o Delight
  Veil'd Melancholy has her sovran shrine,
    Though seen of none save him whose strenuous tongue
  Can burst Joy's grape against his palate fine;
His soul shall taste the sadness of her might,
  And be among her cloudy trophies hung.

Ode sobre a melancolia

I

Não, não! Não vás ao Lete; e, o vinho, o mosto
  não faças com a raiz aconitina;
nem te sofras a ser beijado o rosto
  por Beladona: uva de Proserpina.
Não fies teu rosário em taxos frutos,
  nem com besouro ou falena atra acorra
    tua Psiquê; nem com a coruja calma
partilhes teus pesares mais ocultos;
  pois, da sombra a sombra virá, em modorra,
    a adormecer-lhe a insone angústia da alma.

II

Mas quando a Melancolia cair,
  como nuvem de pranto que se espalha
por toda a flor pendida pra fornir,
  vestindo o verde outeiro com a mortalha
de abril; deglute o teu pesar na rosa
  matinal; ou no arco-íris: salsa areia
    de uma onda, ou sã peônia globular;
ou se tua amada se mostrar nervosa,
  prenda-lhe a mão; e, instando o que ela anseia,
    mergulhe fundo ao fundo desse olhar.

III

Com o Belo habita; e o Belo há de morrer
  E, mão nos lábios, a Alegria acena
dizendo adeus; e arqueando está o Prazer,
  que aspiração da abelha até envenena.
Ah! E veladamente a Melancolia
  no templo do Deleite pôs o altar;
    só vista a quem, com a língua contra o céu
da boca, esfaz a uva da Alegria.
  Dessa tristeza sua alma irá provar,
    pondo entre os turvos mais esse troféu.

Tradução de Wagner Schadeck

Ode on a Grecian Urn

I

Thou still unravish'd bride of quietness,
Thou foster-child of silence and slow time,
Sylvan historian, who canst thus express
A flowery tale more sweetly than our rhyme:
What leaf-fring'd legend haunts about thy shape
Of deities or mortals, or of both,
In Tempe or the dales of Arcady?
What men or gods are these? What maidens loth?
What mad pursuit? What struggle to escape?
What pipes and timbrels? What wild ecstasy?

II

Heard melodies are sweet, but those unheard
Are sweeter; therefore, ye soft pipes, play on;
Not to the sensual ear, but, more endear'd,
Pipe to the spirit ditties of no tone:
Fair youth, beneath the trees, thou canst not leave
Thy song, nor ever can those trees be bare;
Bold lover, never, never canst thou kiss
Though winning near the goal — yet, do not grieve;
She cannot fade, though thou hast not thy bliss,
For ever wilt thou love, and she be fair!

III

Ah, happy, happy boughs! that cannot shed
Your leaves, nor ever bid the Spring adieu;
And, happy melodist, unwearied,
For ever piping songs for ever new;
More happy love! more happy, happy love!
For ever warm and still to be enjoy'd,
For ever panting, and for ever young;
All breathing human passion far above,
That leaves a heart high-sorrowful and cloy'd,
A burning forehead, and a parching tongue.

IV

Who are these coming to the sacrifice?
To what green altar, O mysterious priest,
Lead'st thou that heifer lowing at the skies,
And all her silken flanks with garlands drest?
What little town by river or sea shore,

Or mountain-built with peaceful citadel,
Is emptied of this folk, this pious morn?
And, little town, thy streets for evermore
Will silent be; and not a soul to tell
Why thou art desolate, can e'er return.

V

O Attic shape! Fair attitude! with brede
Of marble men and maidens overwrought,
With forest branches and the trodden weed;
Thou, silent form, dost tease us out of thought
As doth eternity: Cold Pastoral!
When old age shall this generation waste,
Thou shalt remain, in midst of other woe
Than ours, a friend to man, to whom thou say'st,
"Beauty is truth, truth beauty", — that is all
Ye know on earth, and all ye need to know.

Ode sobre uma urna grega

I

Inviolada noiva imersa na quietude,
  Filha do silêncio e do tempo lento,
Flórea historiadora que dás por virtude
  Lição mais doce que do verso o fermento:
Que lenda folha-em-franjas visita tua forma
  Humana ou divina, ou ambas nunca hesitantes
    Na Tessália ou na Arcádia toda em folhagens?
Que mortais e deuses são esses? Que virgens relutantes?
  Que louca perseguição? Que fuga se conforma?
    Que flautas e tambores? Que êxtases selvagens?

II

Doces as melodias que se ouvem, porém mais doces
  São aquelas inaudíveis. Tocai, flautas,
Não para o ouvido, sim, carinhosas vozes,
  Canções para o espírito, sem som, sem pautas:
Jovem cantor, não é possível o esquecimento
  De tal música, e assim a árvore permanece;
    Ousado amante, se o teu beijo ardente
Não atinge o fim, não há de haver lamento;
  Ela também não muda em corpo e mente,
    E sempre a terás no amor que não arrefece.

III

Ah, feliz ramagem, jamais hás de perder
  As folhas, nem verás fugir a Primavera;
Feliz melodista, infatigável ser
  A renovar a canção em qualquer era;
Amor mais feliz! mais feliz, feliz amor!
  Sempre ardente, para sempre a ser fruído
    Em palpitante sopro de eterna vida;
Acima da paixão humana e seu clamor
  Que deixa o coração farto, ensombrecido,
    A fronte em fogo e a língua ressequida.

IV

Quem são esses chegando para o sacro ofício?
  Oh arcaico sacerdote, para que verde altar

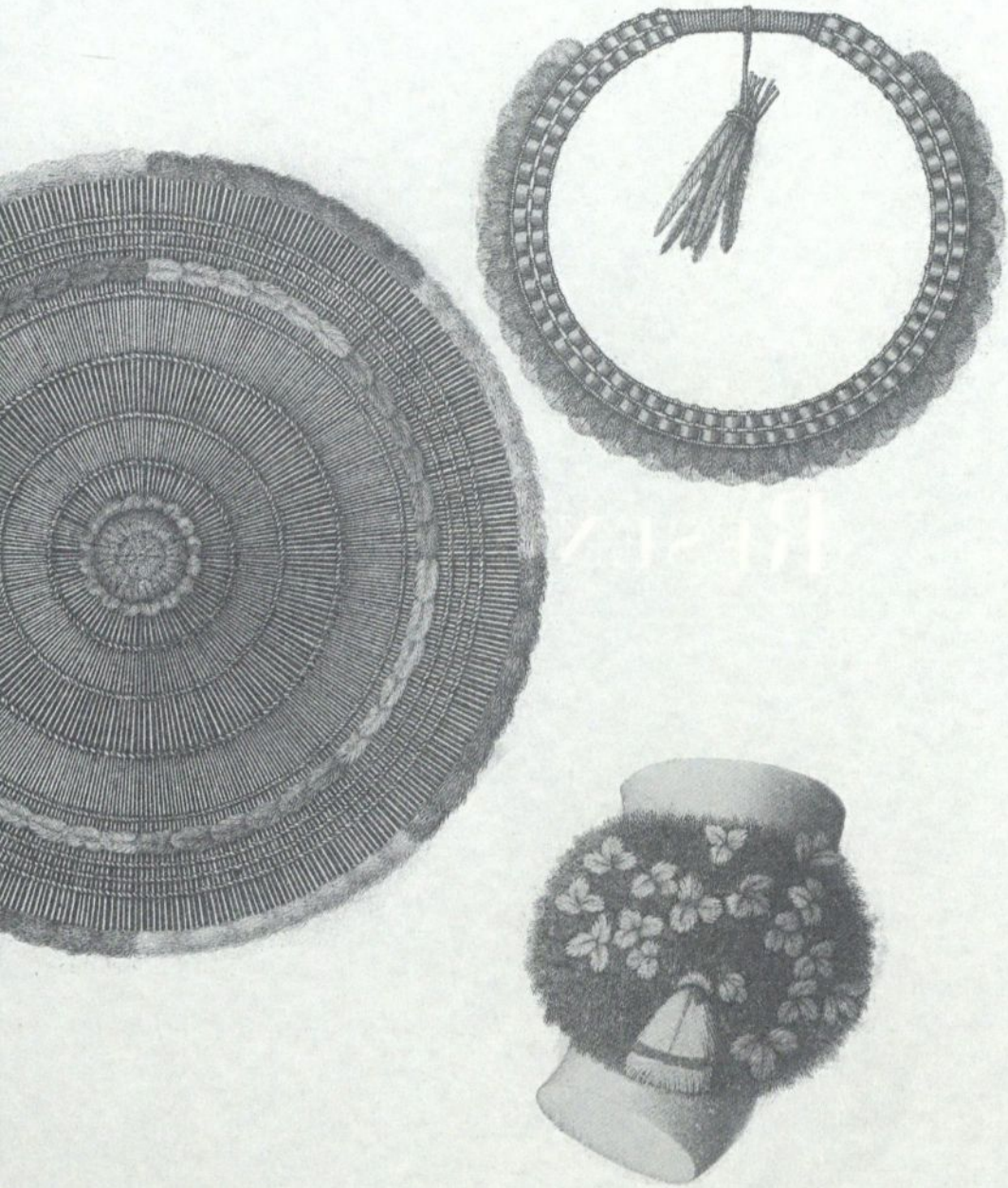
Conduzes o novilho do sacrifício,
Com grinaldas sobre os flancos, sempre a brilhar?
Que aldeia junto ao rio ou à beira-mar,
Com a montanha qual pacífica cidadela,
Na piedosa manhã se esvaziou de sua gente?
Ah, triste aldeia, nas ruas só o silêncio há
De habitar; nenhuma alma irá explicar porque ela
Inteira se despovoou, desoladamente.

V

Ática forma! Alto porte! Composição
De homens de mármore e virgens que se ornamenta
Com ramos de selva e ervas calcadas no chão;
Tu, silenciosa forma, que atormentas
A mente igual a eternidade: Fria Pastoral!
Quando o tempo esta geração arruinar,
Tu ficarás, em meio ao infortúnio geral,
Amiga a redizer a tantos com presteza:
"A beleza é a verdade, a verdade, a beleza"
— E é tudo o que se precisa saber afinal.

Tradução de Afonso Henriques Neto

Resenhas



[ARTEFATOS INDÍGENAS]. DESENHO EM NANQUIM. COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, [17--].

Wilmar Silva: Estilhaços no lago de púrpura *e* Arranjos de pássaros e flores

Claudio Willer

A nova edição de *Estilhaços no lago de púrpura* (originariamente pela editora Anome, de Belo Horizonte, em 2006; agora em parceria da 7Letras e Anome) enseja observações sobre o modo como esse poeta – e ativo difusor da poesia – prossegue uma tradição e ao mesmo tempo a inova.

Nesse livro, assim como em *Arranjos de pássaros e flores*, celebra a fusão do "eu" com o mundo, a integração com a natureza. O poema é objeto análogo, em relação de equivalência e não apenas descrição de algo.

Em *Estilhaços no lago de púrpura*:

> eu anfíbio, escavo um rastro na
> memória do chão apenas para
> suspender as plantas que colhem nos
> pés a trilha dos chacais de onde você
> exala em sombras, eu com este olhar
> de espadas e meus cílios de areia e
> minhas retinas que entornam pela
> estrada

Em *Arranjos de pássaros e flores*: "eu, diedro é meu sangue dentro da pele onde idioma é memória nos ouvidos, piar de nhambu quando mastigo rubi-tomate separo sementes para o almoço de ceres".

Precede-o uma das "escrituras" gnósticas encontradas no colossal acervo de Nag Hammadi, "O Trovão – Intelecto Perfeito". Hino ou exortação por uma voz feminina, consiste na repetição do *eu sou*, conferindo-lhe qualidade litúrgica e, evidentemente, poética:

> Pois eu sou a primeira: e a última
> Sou eu a venerada: e a desprezada.
> Sou eu a meretriz: e a santa.
> Sou eu a esposa: e a virgem.
> Sou eu a mãe: e a filha.
> Eu sou os membros de minha mãe.
> Sou eu a estéril: e a que tem muitos
> [filhos.
> Sou eu aquela cujo casamento é
> [magnífico; e a que não se
> [casou.
> Sou eu a parteira: e a que não dá à
> [luz;

Sou consolação: de meu próprio
[trabalho.
Sou eu a noiva: e o noivo.

Nas oito páginas que "O Trovão – Intelecto Perfeito" ocupa na edição brasileira de *As escrituras gnósticas*, por Bentley Layton (edições Loyola), vai expondo, de ponta a ponta, oximoros ou antinomias, pares de atributos e condições opostas – primeira-última, venerada-desprezada, mãe-filha. E inversões de sequência temporal: "meu marido é quem me gerou". Também há transgressão de tabus: "Sou eu a mãe do meu pai: e a irmã do meu marido". O princípio lógico da identidade e não contradição é atacado por todos os flancos. Percebe-se a mão de alguém que conhecia filosofia; e que se empenhou em subverter esse conhecimento: "a voz cujos sons são tão numerosos" e "o discurso cujas imagens são tão numerosas"; ao mesmo tempo se diz síntese de significante e significado, "a fala: de meu próprio nome".

Oximoros e antinomias, sendo típicos da Antiguidade tardia e com afinidade com outros textos ainda mais antigos, ao mesmo tempo soam modernos. "O Trovão – Intelecto Perfeito" parece precursor de muito da poesia contemporânea, em sua lógica do "isto é aquilo". Partilha características de outros textos das mesmas fontes. Todos, expressões, como observa Layton em sua edição de escritos gnósticos, de um "entendimento não-discursivo" que viria a ser a própria experiência mística, a gnose: é o conceito gnóstico de salvação, identificada ao conhecimento, à superação da dicotomia de sujeito e objeto. Como é dito em outra das "escrituras", o "Zostrianos": a "pessoa que se salva é a que procura compreender e, assim, descobrir a si mesma e ao intelecto".

Definições negativas de um princípio ou instância divina não foram exclusividade gnóstica. Encontram-se no *Corpus hermeticum*, manifestação da doutrina iniciática contemporânea do gnosticismo, cuja tradução e divulgação no Renascimento teve enorme influência. No *Asclépio*, o mais substancioso dos livros do *Corpus hermeticum*, "Deus é uma esfera inteligível, cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma".

Com todos os cuidados quanto a generalizações sobre o que seria "ocidental" e "oriental", mesmo assim a expressão por antinomias, a valorização do "entendimento não-discursivo" e da superação de opostos são características de doutrinas e sistemas filosófico-religiosos da Índia e China: religião védica, budismo e taoísmo. Octavio Paz, em *O arco e a lira*, comenta a troca dos *isto é aquilo* em vez de *isto ou aquilo*:

> O pensamento oriental não sofreu desse horror ao 'outro', ao que é e não é ao mesmo tempo. [...] Todas essas doutrinas reiteram que a oposição entre isto e aquilo é, simultaneamente, relativa e necessária, mas que há um momento em que cessa a inimizade entre os termos que nos pareciam excludentes.

É o pensamento analógico, contraposto à lógica do discurso. Corroboram-no trechos (melhor dizendo, poemas) do *Tao-Te-Ching*, de Lao-Tsé.

Antinomias reaparecem pela voz de Rumi, poeta e místico persa do século XIII, expoente do sufismo e criador da ordem dos dervixes dançantes: "O homem de Deus não é de ar nem de

terra. / O homem de Deus não é de fogo nem de água. / O homem de Deus é um mar ilimitado. / O homem de Deus faz chover pérolas de um céu claro." E através de são João da Cruz, com seu famoso preceito: "Para vir ao que não és / hás de ir por onde não és"; e da sua "noite escura da alma": a mesma "escuridão luminosa" já vislumbrada pelo pseudo-Dionísio Areopagita.

Todos atendem ao ensinamento expresso em outro texto gnóstico, *O evangelho segundo Filipe* (também publicado na coletânea aqui citada, de Layton), com orientações para o adepto; recomendações sobre o modo de alcançar a gnose, através da superação da distinção entre ser e perceber, a representação e seu objeto:

> As pessoas não podem ver coisa alguma no mundo real, a não ser que se tornem essa mesma coisa. No reino da verdade, não é como os seres humanos no mundo, que veem o sol sem ser o sol, e veem o céu e a terra e assim por diante sem ser eles. Antes, se você viu qualquer coisa lá, você se tornou aquela coisa...

É possível comparar esse *logion* gnóstico com a importante passagem de Baudelaire sobre "arte pura", em um texto inacabado e publicado postumamente, "A arte filosófica": "O que é a arte pura segundo a concepção moderna? É criar a magia sugestiva que contenha ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista."

Baudelaire é o poeta em cuja obra antinomias, contrastes, choques de opostos, têm importância especial. Um dos exemplos é o "Hino à beleza"; outro, "O Heautontimoroumenos": "Eu sou a faca e o talho atroz! / Eu sou o rosto e a bofetada! / Eu sou a roda e a mão crispada, / Eu sou a vítima e o algoz!" É possível observar, comparando-o aos versos de "O Trovão – Intelecto Perfeito" e os demais trechos de escrituras e hinos religiosos, bem como de poetas-místicos aqui citados, a passagem do abstrato para o concreto, do geral para o particular, do sagrado para o profano.

Em um passo adiante, Vicente Huidobro, em *Altazor*, confundiu todas as hierarquias, do transcendente e imanente, celestial e mundano, universal e particular, da esfera do sujeito e do mundo dos objetos:

> Sou vaga-lume e vou iluminando os
> [ramos da selva
> [...]
> E não sou só vaga-lume
> E sim também o ar em que voa
> [...]
> E logo sou árvore
> E mesmo árvore mantenho meus
> [modos de vaga-lume
> [...]
> Agora sou roseira e falo em
> [linguagem de roseira
> [...]
> Sou rosa de trovão e ressoo meus
> [pigarros
> [...]
> Meu meu é todo o infinito.

É a mesma confusão proposital estabelecida em *Estilhaços no lago de púrpura* e também em *Arranjos de pássaros e flores*. Parece um Huidobro frenético, multiplicado, em trechos como este: "onde sou tempestade limo as unhas para cozer um inverno e hibernar cães, punhais, cernes de cedros para uma cama / eu este que habita as espreitas da solidão / [...] / eu todopiscoso aguardo

uma noite menos insone". Mas há um terceiro termo adicionado por Wilmar Silva ao "eu" e a todas as coisas que compõem a natureza e o cosmos: o "você". Por isso, e pelo tom de exaltação em seus poemas, pode ser adicionado à categoria do "misticismo do corpo", apresentada por Norman Brown em *Life against death*.

Sem dúvida, a poesia de Wilmar Silva também apresenta relação de continuidade com outro místico do corpo, exemplar no registro das antinomias e da proclamação do "eu sou": Roberto Piva. Em seu "Poema vertigem" de *Ciclones*, alterna o sagrado e o profano; ou promove uma sacralização do profano e uma correlata profanação, através de um "eu" expandido, total:

> Eu sou a viagem de ácido
> nos barcos da noite
> Eu sou o garoto que se masturba
> na montanha
> [...]
> Eu sou o Tambor do Xamã
> (& o Xamã coberto
> de peles e andrógino)
> Eu sou o beijo de Urânio
> de Al Capone
> Eu sou uma metralhadora em
> estado de graça
> Eu sou a pomba-gira do Absoluto.

Integram a confraria dos modernos neopagãos, poetas para quem, citando Rimbaud, "eu é um outro" – ou, antes, são muitos outros. Recriando o panteísmo, restauram a natureza animada; prosseguem a iluminação vivida por Gérard de Nerval ao escrever o soneto "Versos dourados", que o levou a proclamar que "tudo é sensível", pois "Cada flor é uma alma em Natura nascente; / Um mistério de amor no metal reside dormente; / [...] / À própria matéria encontra-se um verbo unido... / [...] / Quase sempre no ser obscuro mora um Deus escondido".[1]

Em Wilmar Silva, o panteísmo é celebrado através de uma intensa e colossal orgia, da qual tudo – o "eu", o "você", a natureza, o universo – participa.

---

1 Utilizei a tradução de Contador Borges, na abertura de *Aurélia* (Iluminuras).

*A poesia de José Santiago Naud**

Floriano Martins

José Santiago Naud (1930) é talvez o poeta de melhor convívio com o espectro cósmico e mítico nos meandros de uma lírica brasileira. A sua poesia é intensamente religiosa e une o sagrado ao espírito humano, assimilando diferenças, polindo confluências, evocando os elementos visíveis e invisíveis, nostálgicos e visionários, díspares e consensuais, para uma festa de sentidos muito além da simplificação esquemática de nossa tradição, que se satisfaz, sob certos aspectos, em opor Drummond a Cabral, logo descartando o primeiro. Santiago Naud, ao contrário, bem sabe o poder da soma e também nisto nos dá uma grande lição. Sua poesia faz surgir entre nós todos os nomes da Musa, seus truques de linguagem, máscaras rituais e vestes íntimas do espírito. Nada lhe escapa em nossa memória de testemunhos poéticos. Recorre a todos os elementos a seu dispor, mergulhando e trazendo à tona figuras inquietas de sonhos e visões. Não em termos de sinal de conquista, antes pautado pela generosidade, por um rigor expansivo.

Da maneira que ele próprio refere em um poema do livro *Ofício humano* (1966), "Querer ter é avareza". Trata-se de uma poesia que elude os vícios da posse. Sua excelência está no convívio. Porém tal convivência se fortalece justamente ao mesclar ciclos, ao povoar o poema de silêncio e vozerio, ascetismo e sensualidade, suspeições e clarezas. Mesmo ao dizer de Jorge de Lima que "provavelmente, com Carlos Drummond de Andrade, é o poeta brasileiro mais presente em minhas inquietações poéticas", mesmo aí, sabemos a força da abrangência, pela própria profundidade do ato poético dado à luz de nossa lírica por ambos os poetas. E tal menção cumpre ainda com o notável ofício de chamar a atenção para a importância da obra de Jorge de Lima, dentre as vozes mais fundamentais da poesia em língua portuguesa, porém, não sem violenta injustiça, quase de todo esquecido das novas gerações brasileiras.

Esta carência de influência orquestrada por um silêncio que une o relapso ao intencional é algo que também se verifica em relação à

* Resenha da obra *Fábrica de ritos*. Brasília: Thesaurus, 2011.

própria circulação da obra de Santiago Naud. Deficitária em grande parte pela ausência de distribuição fora de Brasília, cidade onde seus livros vêm sendo editados nos últimos 30 anos. Aspecto agravado pela condição esgotada da maior parte dos livros e pela ausência em meio editorial brasileiro de alguns de seus principais títulos, publicados no exterior: *Conhecimento a oeste* (Portugal, 1974), *Dos nomes* (Argentina, 1977), *HB Promontorio milenario* (Panamá, 1983) e *Piedra azteca* (México, 1985). Este último, um desses exemplos engrandecedores de qualquer tradição lírica e, no entanto, do total desconhecimento de leitores brasileiros, sem esquecer que entre esses leitores se encontram também nossos poetas, de toda estirpe e inquietude.

Piedra azteca – com seu trevo de cinco pétalas, sua arquitetura de cinco cantos ou capítulos – abriga em suas nervuras um interessante diálogo com o Drummond aqui já referido, sucedendo-o em sua evocação dos mitos urgentes. Diálogo amplificado em surpreendente direção com outro poeta, o mexicano José Gorostiza, portas abertas à altura e à síntese de duas poéticas entranháveis, medulares e transcendentes, configurando um particular rito de convivência entre duas culturas, realçado pela própria residência de Santiago Naud em ambos os países. O extenso poema que compõe o livro – cuja superfície aponta na direção de uma visita ao mito ou celebração do milagre de Guadalupe – reflete um domínio alquímico, onde a Pedra de Roseta transfigura-se na forma de uma obsidiana, por sua vez transmudando-se, a cada canto, em faca, punhal, fio, língua, borboleta, sem perder o espírito mineral, mas adentrando círculos e profundidades em busca de novos contrários que possa remir unificando. Viagem plena das formas que se descobrem e restaram no convívio. Viagem insolente da ressurreição após cada sítio extraviado, "assim como alguém passa / depois de tudo perdido / e leva o nome trocado". A própria construção do poema, ao recorrer a uma prática de espirais no entalhe de palavras e sentidos, modula um instigante desafio entre o repetir e o refletir, desdobrando-se em múltiplos sentidos alcançados a partir da ação de um verbo no outro.

Piedra azteca confirma a condição visionária da poética de Santiago Naud, enlaçando-se no esplendor de suas imagens com um livro que lhe é vizinho no tempo, *HB Promontorio milenario*, luminoso colóquio com uma pintura homônima do panamenho Adriano Herrerabarría. Acerta Mario Augusto Rodríguez, ao dizer que se trata de "uma obra de alucinantes sensações interiores, que parece desafiar a interpretação do espectador, com o denso conteúdo de um passado transido de valores culturais, em permanente rumo até o futuro".[1] Também aqui o tema definido e evocado transfigura-se e gera novos matizes. A densidade florestal da pintura de Herrerabarría frutifica nas mãos do verbo de Santiago Naud, na forma de uma vegetação espiritual: "este eterno segredo / das dobras do tempo, / a madeira apodrecida gotejando em convulsão / o sêmen desprezado, os ódios ressentidos / [...] / e o ritual iludindo / os livres, que não somos". Uma vez mais se encontra plenamente postulada a vertigem criativa apontada

1 "Un cuadro y un poema", artigo de Mario Augusto Rodríguez publicado no jornal *La República*, Panamá, em 25 nov. 1983.

em *Piedra azteca*, o episódio barroco da viagem de "um olho dentro do olho / de outro olho / no outro, original". Tive a oportunidade de conhecer parte da obra do artista panamenho que, de alguma maneira, entranha e descortina substanciosa fatia da poética de Santiago Naud. Ao destacar estes dois livros, contudo, o fiz menos movido pela intenção de diferi-los dos demais do que pela simples razão de se tratarem de livros até aqui não publicados no Brasil.

Estou de acordo com o poeta quando afirma não haver em sua poesia reorientações ou rupturas em termos essenciais de suas inquietudes. Suas transformações internas conduzem-se pelo mito das metamorfoses e não pela perda de guia, norte ou solidez. Ele próprio confirma:

> As leituras posteriores, as experiências vitais, a leitura de outros poetas e, principalmente, o estudo da mitologia universal me foram desvelando os símbolos que eu havia fixado inconscientemente em versos e que pertencem não ao meu inconsciente, pois vinham de algo maior – um inconsciente coletivo, quem sabe?[2]

Em preciosa complementação, avulta que

> a forma, a sintaxe e a lógica que busquei, a par de se comprometerem com a linha histórica, com a poesia escrita em língua portuguesa, enraízam no primeiro livro e tratam, nos subsequentes, de esclarecer a emoção que, subjetivamente, me justifica como consciência individual ou membro específico do grupo a que pertenço. Seria uma atividade solar, busca da luz que faz uno o diverso, e vice-versa.

A obra de José Santiago Naud foi tecida de forma visionária, obsessiva e profética. Toda ela transcorre sempre em busca daquele que até hoje se configura como seu livro essencial e misterioso, que jamais se mostrou na íntegra, sabendo guardar-se parcialmente em mistério, idêntico mistério que o poeta tornou componente queimante e inestimável de sua poética. Refiro-me a *Cara de cão*, cujas parcelas publicadas até então – *Dos nomes* (1977), *Vez de Eros* (1987), *Memórias de signos* (1994) e *Os avessos do espelho* (1996) – repercutem intensa relação entre memória e antevisão de mundo. Relação desfiada como uma viagem incansável, onde o poeta se sente "trespassado pelo Verbo / e salivado por seres estranhos". De uma margem ou outra do tempo, há toda uma colheita de imagens que são resíduos que foram se acumulando ao longo da vida do próprio poeta, o que naturalmente inclui antecedentes e utopias, ancestralidade do ser humano e potencialidade de sua errância sobre a terra.

Tais resíduos se multiplicam e repetem, configurando o estilo, mas essencialmente anotando um fundamento que não se limita ao jogo semântico, cuja advertência caprichosa encontramos em um verso que diz: "toquei de novo o nome / em que tudo outra vez se pode repetir", sendo esta a autêntica vibração alquímica da poesia de Santiago Naud. Não à toa, o poeta aclara:

---

2 "A organicidade da poesia brasileira não encontra correspondência na crítica literária", entrevista concedida por Naud a Danilo Gomes. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, em 10 jun. 1978.

> Para mim a poesia corporiza um ato supremo de ociosidade e trabalho. É como deixar-se levar na correnteza da vida, com todo o seu mistério de maravilhas e horror, ou lavrar como o ouro nas profundezas da terra, precipitação mineral de pureza máxima e infensa ao tempo, às traças ou à ferrugem.[3]

As associações apanhadas nessa profusão mineral de sons, imagens, sentidos, entretecendo-se sem rejeitar contradições, dissonâncias, desvarios, encontram neste poeta uma rara expressão de grandeza que é, ao mesmo tempo, o retrato mais terrível da condição humana. O erótico entrançado com o vozerio encoberto das ruas e becos, o coloquial exposto de forma ostensiva, provocativo em sua luxúria, porém jamais percebido como uma vulgaridade. Dispor-se ao perigo magnífico de lembrar ao angelical seu alcance terreno. Interligar os contrários por analogias arriscadas. Não limitar-se ao lírico, ao mesmo tempo sem deixar de ser profundamente lírico. Poesia complexa na mecânica sinfônica em que está tecida, porém fluente na opção de sua entrega. Seus códigos não são fechados, indecifráveis. A sucessão de mistérios que destaca não a torna incomunicável, ao contrário: alimenta a fome do leitor por impulsos de participação, convívio, aprendizagem, com este campo insondável que é tão tangível e intangível quanto a vida de cada um de nós.

Ao mesclar mundo prosaico e atmosfera fantástica (o mundo prodigioso da imaginação), Drummond alcançou mais do que ninguém na poesia brasileira um grau de sensibilidade que nos permitiu rever nossas ideias acerca do real e seu suspeitoso estado contrário. Santiago Naud recolheu bem a lição e deu-lhe, entremeando sequência e consequência, um sabor singular, ao dissipar outra fronteira, a que separa o lírico do épico. Em *Vez de Eros*, livro que recorda a tessitura de um labirinto, uma de suas passagens assim se inicia: "Ponho um dragão no teu vestido! / Por baixo do pano a tua pele eriça / e enrija, estremecida, / e vai um pouco abrindo / os abismos da infância". Na forma de um dragão ali está posto o real, o imaginário, o lírico e o épico. A infância provocada é a da própria espécie humana. A subjetividade é uma fonte inestimável de acesso ao coletivo. Todo este livro, por exemplo, nos ensina que é plenamente possível romper as barreiras entre gêneros sem precisar contestar tradição alguma, e sem promover tal atitude à condição de uma vanguarda, ocasional como qualquer uma.

O próprio poeta gosta sempre de recordar que a improvisação dos repentistas foi o primeiro impulso a levar-lhe à escrita. Por ali sentiu as primeiras essências dos pomares da língua, o português de uma margem e outra do Atlântico. Raros poetas no Brasil entregam-se a este mergulho em duas águas com a intensidade com que o faz Santiago Naud. Não há retórica em seu diálogo com esta nossa contradição linguística. Assim a defino, porque na língua é que se encontram as raízes de nossas ambiguidades. No fundo, talvez não seja a cultura portuguesa que rejeitamos e sim a língua. A rejeição isoladamente não constrói uma realidade. A improvisação em Santiago Naud alcança um particular

3 Preâmbulo do livro *Antologia pessoal*, de José Santiago Naud. Brasília: Thesaurus, 2001.

sentido de entrega ao mistério. Ela própria, com sua organização nervosa ou sua energia organizada, reconhece as estações rítmicas, semânticas, os planos de reconhecimento de leitos ou estratégias de transposição de cursos, inquietudes, decepções. Trata-se de uma poética caudalosa, porém consciente de sua volúpia, e com um inestimável aproveitamento estético desse espírito irrefreável.

Recordo isto movido por uma carta que em 1963 lhe enviou Drummond. Ali dizia: "Sua poesia tem esse dom de extensibilidade; ela prolonga os temas e as visões, não se satisfaz com o mistério captado." A extensão do verso em Santiago Naud reflete a intensidade com que incorpora domínios e demônios da linguagem. É um refinamento, antes de ser um desmazelo. O verso longo, por alguma inadvertência, foi excomungado no Brasil como uma heresia. Em parte, vem daí a rejeição irreflexiva que nossos poetas cultuam em quase sigilo em relação à poesia que se faz na América hispânica. Não se pode opor Celan a Rilke tomando por fórum a extensão do verso. A síntese, quando evocada com um metro nas mãos, pode expressar simplesmente uma falta do que dizer. A linguagem, a forma de expressão, legítima ou afetada, independente do metro.

É fato que a poesia de Santiago Naud "prolonga os temas e as visões". De alguma maneira recorre a uma fonte barroca que é a mesma que animava a poesia de Drummond. Ou de Jorge de Lima. Ou de Murilo Mendes. Dá-lhe, no entanto, tratamento distinto à nascente. Já não lhe cabe ser deliberado ou irrevogável em uma instância mítica ou social, lúcida ou delirante. Não se sente incomodado com uma estrutura vigente em isolado. Quer romper com a própria natureza humana e não apenas com uma parcela de seus caprichos. Eis a franca ousadia desta poesia. Por isto que não importa – sinceramente não importa – opor seus méritos ou equívocos aos rumos traçados por seus pares geracionais. Poetas brasileiros nascidos na década de 1930 constituem – segundo meu entendimento – o mais alto grau de nossa perspectiva de entrada em um ambiente internacional insultado pelo conhecido ciclo das vanguardas. Alguns desses poetas corrigem com naturalidade os equívocos de nosso Modernismo, e o fazem com uma propriedade ainda hoje não considerada, cuja raiz é a mesma de todas as nossas volubilidades.

A poesia de Santiago Naud nos diz que somos parte de alguma coisa. Que não avançamos enquanto não identificamos a origem. Que as mil cabeças do mito, qualquer que seja ele, não podem refletir pura e simplesmente uma sujeição à história. Que temos que percebê-la, recebê-la da maneira como se apresenta, porém com o espírito preparado para que salte dentro de nós, que se descubra em nós, que faça parte de nós, as mil cabeças sendo nossas, as nossas. O verbo se lança nu no espaço, exposto às variações e dissidências. Estamos todos em um grande salão. Até mesmo as ilusões semânticas confidenciam sua fragilidade e seguem na festa. Estamos sem disfarce. Todos somos filhos da mesma urgência. Os símbolos ganham um novo diapasão. Mas que ninguém se iluda. O mistério tem outro nome. Sempre.

Biografias

Affonso Romano de Sant'Anna [Belo Horizonte, MG, 1937], poeta, cronista e ensaísta, ajudou a organizar a I Semana de Poesia deVanguarda (BH/1963), a Expoesia (1973), fundou a revista *Poesia Sempre*. Entre seus livros, destaca-se *Que país é este?* (poesia), *Barroco do quadrado à elipse* (ensaio) e *O enigma vazio* (ensaio). Sua poesia está em *Poesia Reunida*.

Afonso Henriques Neto [Belo Horizonte, MG, 1944] é poeta e professor. Atual editor da revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional, publicou, entre outros, os livros *Restos & estrelas & fraturas* (1975), *Tudo nenhum* (1985), *Abismo com violinos* (1995), *Ser infinitas palavras* (2001) e *Uma cerveja no dilúvio* (2011).

Ailton Alves Lacerda Krenak [região do Médio Rio Doce, MG, 1953], ambientalista e escritor, pertence à etnia indígena crenaque. Foi deputado e participou da Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição de 1988. Publicou a narrativa "O Eterno Retorno do Encontro" no livro *A outra margem do ocidente*, organizado por Adauto Novaes (1999).

André Vallias [São Paulo, SP, 1963] é poeta visual, designer gráfico e produtor de mídia interativa. Tem textos publicados em diversas antologias, entre elas, *Media poetry: an international anthology* (1996) e *Céu acima: para um tombeau de Haroldo de Campos* (2005). Publicou *Heine, hein? Poeta dos Contrários* em 2011.

Basílio da Gama [São José do Rio das Mortes, MG, 1741-Lisboa, Portugal, 1795] participou da efervescência do arcadismo na literatura portuguesa, revelando seu talento na obra emblemática *O Uraguai* (1769). Condenado ao degredo em Angola, ocupou cargos na administração do marquês de Pombal. Autor de *A declamação trágica* (1772) e *Os Campos Elíseos* (1776).

Bernardo Guimarães [Ouro Preto, MG, 1825-1884] foi jornalista e crítico literário. Célebre pelo romance *A escrava Isaura* (1875), sua obra também contemplou a poesia. Escreveu ainda *O seminarista* (1872), *A ilha maldita* (1879) e *Folhas de outono* (1883).

Bernardo Vilhena [Rio de Janeiro, RJ, 1949], poeta e letrista de música popular brasileira, é fundador e editor das revistas *Ponte* e *Malasarte*. Publicou, entre outras obras, *O rapto da vida* (1975) e o livro de poesias *Atualidades atlânticas* (1979).

Carlos Fausto [São Paulo, 1963] é antropólogo, professor universitário, documentarista e fotógrafo. Publicou *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia* (2001), *Os índios antes do Brasil* (2000) e coeditou *Time and memory in indigenous Amazonia* (2007), com Michael Heckenberger.

Castro Alves (Antonio Frederico de Castro Alves) [Curralinho, atual Castro Alves, BA, 1847-Salvador, BA, 1871] passou para história como o "Poeta dos Escravos". Sua obra inclui *Espumas flutuantes* (1870), *Os escravos* (1883) e ainda a peça *Gonzaga ou A Revolução de Minas* (1875).

Chacal (Ricardo de Carvalho Duarte) [Rio de Janeiro, RJ, 1951] é poeta e letrista. Publicou, entre outros livros, *Boca roxa* (1979), *Tontas coisas* (1982), *Drops de abril* (1983), *Comício de tudo* (1986), *Letra elétrika* (1994), *Posto Nove* (1998), *A vida é curta para ser pequena* (2002), *Belvedere* (2007).

Claudio Willer [São Paulo, SP, 1940] é doutor em Letras, poeta, ensaísta e tradutor. Sua obra inclui a coletânea e a tradução de *Uivo, Kaddish e outros poemas*, de Allen Ginsberg (1984), e *Estranhas experiências* (2004). É coeditor da revista eletrônica *Agulha*.

Eliane Potiguara [Rio de Janeiro, RJ, 1950] é professora, escritora, poeta e escritora indígena, remanescente dos potiguaras. Escreveu *A terra é a mãe do índio* (1989), *Akajutibiro, terra do índio potiguara* (1994), *Metade cara, metade máscara* (2004), *Sol do pensamento* (2005) e *O coco que guardava a noite* (2012).

Ferdinand Denis (Jean Ferdinand Denis) [Paris, França, 1798-1890] foi historiador, bibliotecário e escritor, especialista em história e cultura portuguesas e do Novo Mundo, sobretudo do Brasil. Publicou, entre outros, o livro *Le Brésil, ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitans de ce royaume* (1822), em parceria com o pintor Hippolyte Taunay, e *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane* (1825).

Floriano Martins [Fortaleza, CE, 1957] é poeta, tradutor, ensaísta e editor. Entre seus títulos mais recentes encontram-se *Tres estudios para un amor loco* (2006), *Duas mentiras* (2008), *Teatro imposible* (2008) e *A alma desfeita em corpo* (2009). Dirige a revista eletrônica *Agulha*.

Gilberto Mendonça Teles [Bela Vista de Goiás, GO, 1931], poeta e crítico literário, é autor dos livros de ensaio *Sortilégio da criação* (2005) e *Discursos paralelos* (2011) e dos livros de poesia *Álibis* (2000) e *Linear G.* (2011), entre outros.

Gonçalves Dias (Antonio Gonçalves Dias) [Caxias, MA, 1823-1864] foi advogado, jornalista, etnógrafo, teatrólogo e poeta indianista da geração romântica. Publicou, entre outros, *Primeiros cantos* (1846), *Segundos cantos* (1851), *Cantos: coleção de poesias* (1857), *Os timbiras* (1857) e *Dicionário da língua tupi* (1858).

Gonçalves de Magalhães (Domingos José Gonçalves de Magalhães) [Rio de Janeiro, RJ, 1811-Roma, Itália, 1882], conhecido também como visconde do Araguaia, foi médico, professor, diplomata, político, poeta e ensaísta. Escreveu *A alma e o cérebro* (1876), *Comentários e pensamentos* (1880) e *Os indígenas do Brasil perante a História* (1860), entre outros.

Graça Graúna (Maria das Graças Ferreira) [São José do Campestre, RN, 1948] é escritora e educadora universitária, autora de *Tessituras da terra* (2001), *Tear da palavra* (2007), *Criaturas de Ñanderu* (2010) e *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013).

Gregório de Matos Guerra [Salvador, BA, 1636-Recife, PE, 1695] foi advogado e um dos maiores poetas barrocos do Brasil. Não publicou nada em vida. Entre 1923 e 1933, Afrânio Peixoto reuniu a totalidade de sua obra em seis volumes, sob o título de *Obras de Gregório de Matos*.

Joaquim Norberto de Souza e Silva [Rio de Janeiro, RJ, 1820-Niterói, RJ, 1891], funcionário público, poeta, romancista e historiador da literatura brasileira, foi autor de *Modulações poéticas: precedidas de um bosquejo na história da poesia brasileira* (1841), *Amador Bueno ou A fidelidade paulistana: drama em cinco atos* (1855), *Cantos épicos* (1861).

John Keats [Londres, Inglaterra, 1795-1821] foi um dos maiores nomes da segunda geração romântica da poesia inglesa. Autor de vastíssima produção literária, que inclui as publicações *Poemas* (1817) e *Endymion* (1818).

Jorge Tufic [Sena Madureira, AC, 1930], filho de libaneses, mudou-se para Manaus aos 15 anos de idade. Poeta, ficcionista e ensaísta, estreou em 1956 com *Varanda de pássaros*, ao qual se seguem mais de 50 livros.

José de Alencar [Fortaleza, CE, 1829-Rio de Janeiro, RJ, 1877] foi jornalista, político, advogado, dramaturgo e ficcionista, cujos romances marcaram a formação da identidade brasileira. Entre suas obras destacam-se *O guarani* (1857), *Iracema* (1865), *O gaúcho* (1870), *Senhora* (1875) e *O sertanejo* (1875).

José de Santa Rita Durão, frei [Cata Preta, MG, 1722-Lisboa, Portugal, 1784] iniciou seus estudos com os jesuítas no Rio de Janeiro. Ingressou na Ordem de Santo Agostinho e formou-se em teologia. Seu poema épico *Caramuru* (1781) exalta as terras brasileiras e é considerado um dos precursores do indianismo na literatura brasileira.

José Eisenberg [Hunterdon, EUA, 1968] é professor universitário, cientista político e coordenador-geral do Centro de Pesquisa e Editoração da Biblioteca Nacional. Entre suas publicações, destacam-se os livros *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno* (2000) e *A democracia depois do liberalismo* (2003).

José Santiago Naud [Santiago, RS, 1930], formado em Letras Clássicas, tradutor e professor universitário aposentado. Publicou entre outros títulos *Pedra azteca* (1985), *Antologia pessoal* (2001) e *Fábrica de ritos* (2008).

Lucia Sá [São Bernardo do Campo, SP, 1960] é professora universitária e autora de *Life in the megalopolis: Mexico City and São Paulo* (2007) e *Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana* (2012).

Luiz F. Papi [Governador Valadares, MG, 1922-Rio de Janeiro, RJ, 2009] foi jornalista, poeta e escultor. Escreveu, entre outros, os livros de poesia *Arado branco* (1957), *Poemas do ofício: dos homens, dos deuses* (1964), *Os artífices da morte, da cinza, da vida* (1967), *Este ofício* (1976) e *Desarvorárvore* (1982).

Olga Savary [Belém, PA, 1933] é poeta, ficcionista, tradutora, crítica literária e ensaísta. Publicou, entre outros, *Espelho provisório* (1970), *Sumidouro* (1977), *Altaonda* (1979), *Magma* (1982), *100 hai-kais* (1986) e *Repertório selvagem: obra reunida* (1998).

Pedro de Niemeyer Cesarino [São Paulo, SP, 1977] é antropólogo especializado em etnologia indígena e nas relações entre antropologia, arte e literatura. Tem publicado artigos em diversas revistas acadêmicas e textos literários e é autor de *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia*.

Péricles Eugênio da Silva Ramos [Lorena, SP, 1919-São Paulo, SP, 1992] foi poeta, crítico literário, antologista, filólogo e tradutor. Escreveu *Sol sem tempo* (1953), *Lua de ontem* (1960), *Futuro* (1968), *Poesia quase completa* (1972) e *A noite da memória* (1988).

Roberto Piva [São Paulo, SP, 1937-2010] foi poeta, autor de *Paranoia* (1963), *Piazzas* (1964), *Abra os olhos e diga ah!* (1975), *Coxas* (1979), *Vinte poemas com brócoli* (1981), *Antologia poética* (1985), *Ciclones* (1997).

Sergio Cohn [São Paulo, SP, 1974] é poeta e editor. Publicou quatro livros de poesia, reunidos em *O sonhador insone* (2012). Organizou diversos títulos, entre eles a caixa *Poesia.br* (10 volumes, 2013), com um dos volumes dedicado aos cantos ameríndios.

Wagner Schadeck [Curitiba, PR, 1983] é formado em Letras, pós-graduado em Desenvolvimento Editorial, professor e poeta. Publicou o poema "Fábula", na *Revista da Oficina de Análise e Criação Literária*, 2011, reeditada em 2013.

Walmir Ayala [Porto Alegre, RS, 1933-Rio de Janeiro, RJ, 1991] foi poeta, escritor, tradutor, crítico de arte e colaborador de jornais e revistas. Sua obra inclui *Cantata* (1966), *Poesia revisada* (1972), *A pedra iluminada* (1976), *Estado de choque* (1980) e *Águas como espadas* (1983).

Wilmar Silva [Carmo do Paranaíba, MG, 1965], poeta e *perfomer*, publicou *Arranjos de pássaros e flores* (2002), *Cachaprego* (2004), *Estilhaços no lago de púrpura* (2006), *Z a zero* (2010), além de organizar e participar de várias antologias poéticas. É curador do projeto de leitura Terça Poética, em parceria com a Secretaria de Cultura de Minas Gerais.

POESIA SEMPRE

N° 1 – América Latina
Nº 2 – Portugal
Nº 3 – Estados Unidos
Nº 4 – Alemanha
Nº 5 – França
Nº 6 – Itália
Nº 7 – Espanha
Nº 8 – Israel
Nº 9 – Grã-Bretanha
Nº 10 – Rússia
Nº 11 – Dossiê Borges
Nº 12 – Poesia do Descobrimento
Nº 13 – Dossiê Cruz e Souza
Nº 14 – Poesia Clássica do Irã
Nº 15 – México
Nº 16 – Dossiê Carlos Drummond de Andrade
Nº 17 – Japão
Nº 18 – Dossiê Ferreira Gullar
Nº 19 – Dossiê Augusto de Campos
Nº 20 – Dossiê Adélia Prado
Nº 21 – Dossiê Manoel de Barros
Nº 22 – Romênia
Nº 23 – Angola e Moçambique
Nº 24 – Árabe Contemporânea
Nº 25 – Suécia
Nº 26 – Portugal
Nº 27 – China
Nº 28 – Peru
Nº 29 – Sérvia
Nº 30 – Polônia
Nº 31 – Mística e Poesia
Nº 32 – Poesia Contemporânea do Irã
Nº 33 – Hungria e Índice Geral
Nº 34 – Poesia Híndi Contemporânea
Nº 35 – Islândia
Nº 36 – Minas Gerais

Poesia Sempre – Ano 19 – Número 37
2013
Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional

ISSN 0104-0626

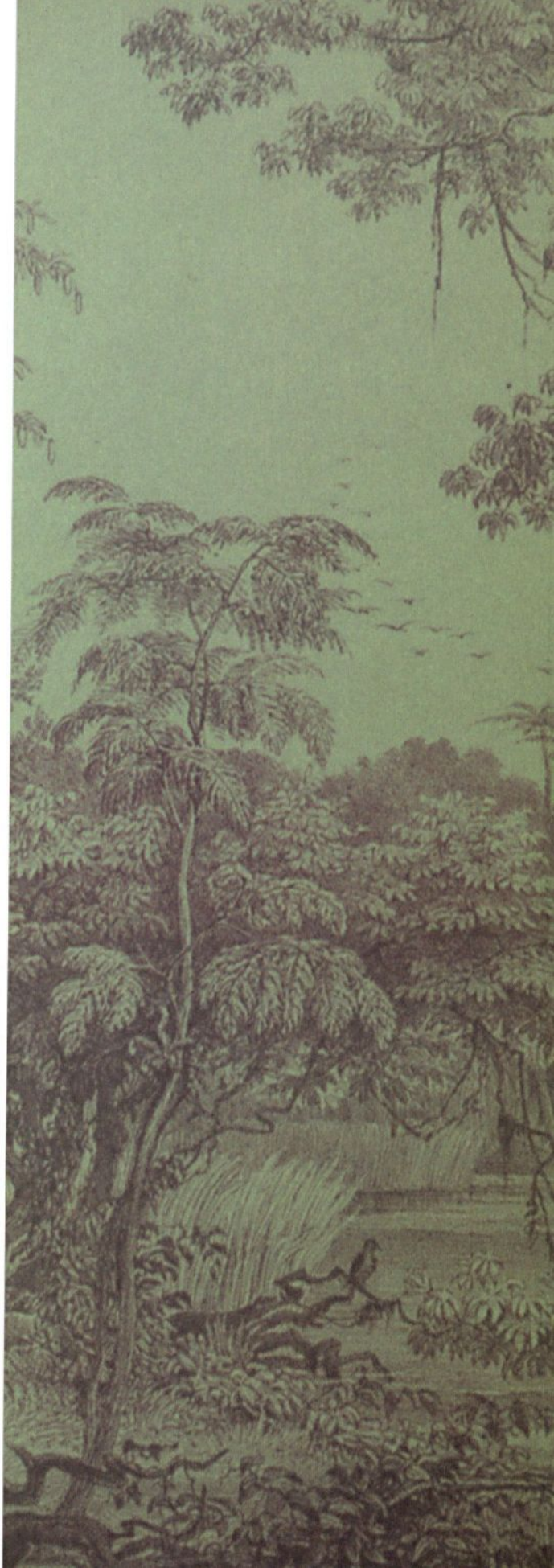
I. Literatura – Periódicos. 2. Literatura – História e crítica – Periódicos I. Biblioteca Nacional (Brasil).

CDD 808.8

As imagens utilizadas na revista Poesia Sempre pertencem ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, salvo aquelas com indicação de proveniência. São publicadas somente imagens autorizadas. Não sendo identificados os detentores, os interessados devem se manifestar. As opiniões nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.
As cópias fotográficas de páginas das edições antigas de livros e periódicos receberam tratamento digital.

Revista Poesia Sempre
Fundação Biblioteca Nacional
Av. Rio Branco, 219, 5º andar
Rio de Janeiro RJ
20040-008
poesiasempre@bn.br

Impresso pela Editora e Papéis Nova Aliança Ltda.
Composição em Bauer Bodoni
Capa em papel cartão Supremo 300 g/m²
Miolo em papel Pólen Soft 80 g/m²



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

ISSN 0104-0626

9 770104 062006